



NO FUNDO DO AMOR

TERA LYNN CHILDS



“Este livro me arrebatou na primeira página, e não posso esperar para mergulhar em sua continuação! Eu simplesmente adorei!”

—Alyson Noël, autora da série Os IMORTAIS.



NO FUNDO DO AMOR

TERA LYNN CHILDS

Tradução de Otávio Albuquerque





A água me acalma. É como chocolate, ou chá quente, ou sorvete de doce de leite. Depois de um dia difícil, eu tranco a porta do banheiro, encho a banheira de estilo antigo da tia Rachel com água bem quentinha e saís de banho e então mergulho em um mundo onde todos os meus problemas derretem.

Às vezes, isso não é o bastante.

— Você falou com ele?

Segurando o telefone no ombro, pego um punhado de bolhas de sabão e as sopro por cima da minha barriga. Prefiro ignorar a pergunta, né? Ainda mais porque nenhuma de nós vai gostar da resposta.

— Lily... — Cutuca a Shannen.

Enquanto as bolhas caem na água e se dissolvem em espuma, solto um suspiro.

Tudo o que eu queria neste banho era me esquecer do desastre que meu dia tinha sido — o que incluía o assunto abordado pela Shannen —, mas parece que não vai dar. Ainda que eu já esteja um pouco mais tranquila agora do que quando entrei na água vinte minutos atrás, nada vai conseguir apagar essa memória da minha mente.

É uma pena que os saís de banho não possam mudar o passado.

— Não — admito, soltando um grunhido de frustração. — Não falei com ele.

— Mas a gente tinha combinado! — diz ela, parecendo irritada. — Você ficou de falar com ele na aula de trigonometria quando o Kingsley fizesse a classe trocar os trabalhos.

— A gente combinou mesmo — concordo eu. — Mas...

— Mas o que, Lily? — me interrompe ela. — O seu tempo está acabando.

— Eu sei disso. — E como sei. A areia da minha ampulheta está escoando rápido; a formatura já está logo aí.

Encosto a cabeça para trás na linda borda curva da banheira e deixo meus cabelos escorrerem até o chão. Um emaranhado loiro que se recusa a ficar arrumado. Seria melhor ter uma esponja-do-mar na cabeça de uma vez, já que não existe quantidade de condicionador e *antifriz* no mundo que consiga domar os efeitos da umidade aqui da Flórida.

— Mas o Kingsley fez a gente trocar os trabalhos de outro jeito — explico. — A gente teve que passar os trabalhos para trás em vez de para os lados.

Ouçó a Shannen grunhir e imagino a expressão de revolta em seu rosto.

— Odeio quando ele vai nessas oficinas de reciclagem para professores — diz ela. — Ele sempre volta cheio de ideias novas que nunca, nunca dão certo.

— Eu sei — concordo, tentando continuar nessa conversa com a vã esperança de que ela... e eu... vamos esquecer o assunto original. A gente se vira como pode. Eu não teria nenhum problema em jogar o Kingsley na fogueira para escapar de outro sermão da Shannen. — Foi a maior zona — eu me endireito um pouco, ganhando confiança na minha estratégia. — Aqueles gêmeos trocaram de lugar, e a maior parte da classe acabou dando nota nos próprios trabalhos. E depois o Kingsley até deu parabéns por todo mundo ter tirado notas tão altas.

Boas notas são uma coisa rara para mim. Shannen é uma das primeiras da classe e tenta me ajudar, mas eu claramente não estou aprendendo muita coisa por osmose, ou por associação, ou seja lá como isso se chama. O que eu posso fazer se essas matérias todas parecem estar em outra língua para mim? Meu cérebro simplesmente não foi feito para estudar. A única aula na qual eu vou bem é a de artes — e só porque a sra. Ferraro gosta de mim. Todas as outras poderiam muito bem ser física nuclear avançada.

Além do que, nos últimos tempos, a gente vem se concentrando mais no Baile da Primavera do que na lição de casa da próxima semana. Agora que faltam tão poucos dias para a festa (só três na verdade), isso parece ser um assunto muito mais urgente do que um trabalho de literatura sobre *A revolução dos bichos*.

Agora, no entanto, eu preferia falar sobre a lição de casa. Ou produtos de beleza. Ou bandos de águas-vivas assassinas. Qualquer outra coisa que não aquela pergunta. Tento recorrer ao meu plano... de novo. A última coisa

que preciso agora é a Shannen me dizendo mais uma vez que...

— Você é uma covarde, Lily Sanderson.

... eu sou uma covarde.

Filha de uma cavalinha.

Mexo a nadadeira do meu rabo e jogo os sais de banho de limão por cima dos meus ombros. Essa é a mesma bronca que eu venho ouvindo toda semana nos últimos três anos. Outra pessoa por aí já teria se enchido dessa conversa e ganhado coragem para superar isso. Mas o problema é que... ela tem razão. Eu sou uma covarde.

Especialmente quando o assunto é Brody Bennett.

Nós, sereias, somos muito covardes mesmo. Manter nossa existência em segredo absoluto na verdade exige essa covardia. Se não fugirmos ao primeiro sinal de qualquer barco na água, podemos acabar saindo na capa de uma revista sensacionalista qualquer. Somos uma espécie mais acostumada a fugir, mesmo.

Mas com o Brody, meu instinto de fuga chega a níveis ridículos. Eu posso fazer todos os planos do mundo, me sentir totalmente preparada para ir até o final, mas assim que ele aparece, eu travo. Quando estou com muita sorte, consigo no máximo continuar respirando, então me declarar para ele é simplesmente impossível. Os hormônios são cruéis demais.

Ainda assim, ser lembrada o tempo todo da sua própria covardia pode levar você à loucura. Por um segundo — meio segundo, na verdade —, penso em pôr para fora a *única* coisa que a faria deixar esse assunto de lado. Mas eu já ouvi muitas histórias.

Eu sei o que acontece quando um ser humano descobre que uma sereia é uma sereia. A Shannen é como uma irmã para mim, mas não posso correr esse risco. Não posso pôr minha vida, minha família e meu reino inteiro em perigo só para escapar de uma conversa desagradável. Por mais que eu queira muito confessar tudo, meu dever vem antes da nossa amizade.

A Shannen entenderia.

Então, em vez de revelar meu segredinho sujo — que, aliás, nem está mais tão sujo, porque minhas barbatanas estão brilhando, limpinhas, com suas escamas verdes e douradas na água salgada —, recorro à triste verdade.

— Eu tentei, Shan. — Deixo minha cabeça cair para trás contra a porcelana da banheira com um bem merecido *tump*. — Juro que tentei. E dessa vez, eu cheguei muito, muito perto. Respirei fundo, disse o nome dele e...

— E aí?

— Aí o Quince Fletcher jogou uma bolinha de papel na minha testa.

Precisei de cada gota do meu autocontrole — e do sinal do intervalo — para não levantar da minha cadeira e pedir desculpa para o Brody, enquanto pulava por cima dele para socar o Quince até virar um purê de alga-marinha. Os marinhos são um povo pacífico, mas aquele menino iria aprender uma bela lição se eu estivesse com o tridente do papai. Já pensei em várias formas muito criativas de calar a boca do Quince.

— Que maldito — diz a Shannen. — Parece que nasceu para atrasar sua vida.

— Pois é! — Esfrego distraída a esponja pelas minhas escamas. — Por que ele faz isso? Sei lá, parece que a única coisa que ele faz da vida é mexer naquela moto horrível e me atormentar.

O pior é que eu nem sei por que ele insiste tanto em me azucrinar. Não é como se eu tivesse feito nada para ele além de ter me mudado para casa ao lado da dele. No início, nós quase ficamos amigos... mas ele começou a me tratar como uma inimiga.

Os meninos são muito menos complicados no oceano.

— Aquele... — Um *bipe* interrompe a Shannen. — ... precisa tomar vergonha na cara!

— Espera. — Eu me endireito na banheira. — Tem outra pessoa me ligando.

A tia Rachel já se cansou de me ver estragando o telefone lá de cima na água do banho coisa de três aparelhos atrás. O substituto mais recente nem tem identificador de chamada, e ela jurou que é o último que vai comprar. Se este pifar, nunca mais vou poder falar ao telefone na banheira. Então tomo todo cuidado para não deixar o aparelho cair, enquanto aperto o botão para mudar de chamada.

— Alô?

— Você devia fechar as cortinas antes de tomar banho, princesa — diz uma voz grossa e irônica.

— O quê?! — disparo eu, meio irritada e assustada, enquanto me endireito na banheira.

A toalha mais próxima está bem dobradinha sobre o vaso... do outro lado do banheiro. Com um movimento brusco, me jogo de lado, caindo no chão de ladrilhos gelados, e mergulho na direção da toalha. Enquanto a jogo por cima das minhas barbatanas, escuto uma gargalhada pelo telefone do outro lado da linha. Enfurecida, pego o aparelho do chão.

— Fantástico! — berra ele, ainda rindo. — Eu sempre me divirto com você, princesa.

Aaarrgh! Bato o telefone várias vezes no chão na esperança de que isso estoure os tímpanos dele.

— Por quê?!? — Meu coração, disparado como a barbatana de um peixe em fuga, desacelera enquanto olho primeiro para o telefone, que sofreu algumas avarias com meu ataque de raiva, e depois para as cortinas bem fechadas cobrindo a janela do banheiro. Enquanto ponho o telefone de volta na minha orelha e ignoro as gargalhadas que ainda saem do fone, pergunto: — Por que você gosta tanto de me atormentar assim?

— Por quê? — consigo dizer Quince entre suas gargalhadas. — Porque é muito fácil!

Pegando a toalha agora ensopada, eu a jogo contra a parede ao lado da porta e a vejo escorrer devagar para dentro do cesto de roupa suja. A gata da tia Rachel, a Prithi, mia de susto do outro lado da porta.

— Você... — esbravejo eu, subindo de volta na borda da banheira. — ... é nojento... — eu me viro e afundo devagar — ... e desprezível... — mesmo morna, a água ainda está ótima. — ... feito um verme marinho gosmento.

Encaixo o telefone entre a cabeça e o ombro antes de abrir as mãos embaixo d'água para elevar a temperatura de volta a um ponto mais relaxante.

Ele ri mais uma vez antes de responder.

— Essa é nova.

— E tenho mais um monte se você quiser — rebato, enquanto me encosto de novo contra a borda da banheira e fecho os olhos. — Quer ouvir algumas?

A água salgada me engole, acalmando meus nervos tensos. Pelo menos um pouco.

— Outro dia — diz ele. — Talvez outro dia.

— Seu peixe-bolha... — murmuro, fechando os olhos e me imaginando em casa, com as águas mornas da corrente do Golfo passando à minha volta, enquanto flutuo sob meu lugar favorito do oceano... o recife raso ao leste de Thalassínia, onde uma floresta de gorgônias e corais me oferece a camuflagem perfeita para ficar horas e horas à toa, vendo os barcos pesqueiros coloridos passando na superfície.

Esse lugar é meu paraíso. Nunca levei ninguém até lá, nem meu pai. Estou guardando isso para alguém especial. Para o Brody.

Quando sinto saudade de casa, fico me imaginando com ele nesse lugar.

— Admita, princesa — diz o Quince com o que só ele deve achar ser um tom de provocação. — Se não fosse por mim, você morreria de tédio.

— Se não fosse por você... — respondo, querendo estar separada por mais de cinco metros e duas janelas dessa peste — ... eu teria um par para o Baile da Primavera!

Ele fica calado. Sinto um arrepio na nuca.

— Um par? — rebate ele.

Arregalo os olhos de repente.

Falei mais do que devia. A água reaquecida me deixou relaxada *demais*. Não posso abaixar minha guarda nem por um segundo quando falo com o Quince.

— Você ainda não está gamada por aquele besta do Benson, está?

— Bennett! — esbravejo eu, antes de me tocar. — Digo, não sei do que você está falando.

— Acho que sabe sim...

— Aliás... — declaro eu, decida. — Nem sei por que ainda estou falando com você.

— Você está falando comigo... — diz ele antes que eu tenha tempo de voltar para a Shannen — ... porque eu posso ajudar você a conquistar seu namoradinho.

— Ah, claro! — exclamo eu, dando risada. Como se esse infeliz que só me atormenta fosse me ajudar. Como se ele *pudesse* me ajudar. — Essa foi boa, Quince.

— Bom, tudo bem — lamenta ele, como se eu tivesse feito a escolha errada. — Quando você deixar esse seu orgulho todo de lado, sabe onde me encontrar.

Claro, na casa ao lado, tentando me espiar no banheiro.

— Eu bem que queria não saber — digo eu. — Mas, viu! Como você sabia que eu estava no banho? — Ouço só o silêncio do outro lado da linha. — Alô?

Baiacu! Eu é que queria ter desligado na cara dele desta vez.

O telefone apita, me lembrando de que a Shannen ainda está na linha. Eu sabia que ela não ia desistir tão fácil. A gente ainda não tinha terminado a conversa sobre como foi convidar o Brody para o baile. Ela nunca perde nenhuma oportunidade para falar o quanto estraguei tudo e o que eu posso fazer melhor na próxima vez.

Eu até ficaria irritada com isso, mas ela é minha melhor amiga humana.

Aperto o botão no telefone.

— Voltei.

— Quem era?
— Ninguém — respondo, sem exagerar.
— O Quince — diz ela, e não é nem uma pergunta.
— Enfim, tanto faz — digo, batendo, toda distraída, minha barbatana na outra ponta da banheira. — Só termine logo a sua bronca para eu poder ir para cama.

Ela ignora meu comentário rabugento.

— O que ele queria?

— O mesmo que sempre... me atormentar.

Não é como se eu fosse contar para ela sobre a proposta que ele me fez... nem que ele estava tentando me espiar no banho. Depois de três anos morando ao lado desse perverso, já desisti de implorar à tia Rachel para a gente se mudar. Daqui a algumas semanas, vou voltar a Thalassínia para terminar meus estudos e aprender a governar junto com meu pai. Nunca mais vou precisar ver a cara do Quince, e ele não vai ser mais nada para mim além de uma memória terrível, mas distante.

— Ele devia estar querendo alguma coisa...

Como não estou a fim de falar sobre o Quince, volto para o único assunto que pode desviá-la dessa conversa.

— Acho que vou falar com o Brody amanhã, antes da aula.

Ela muda de foco na mesma hora.

— É bom mesmo — diz ela. — O tempo está acabando. O baile é na sexta, já.

— Sim, eu...

— Só faltam três dias.

— Eu sei disso. — Eu me sento, virando de lado contra a porcelana, enquanto puxo a tampa do ralo. — Mas é que ele acabou de terminar com a Courtney, e não sei se ele já está a fim de jogar a linha de volta no mar atrás de outra pessoa.

Eu praticamente consigo sentir o suspiro de reprovação dela.

— Estou cansada demais para discutir essas suas metáforas marinhas — diz ela. — E você já escolheu sua fantasia?

A água rodopia pelo ralo abaixo, deixando uma fina camada de espuma salgada sobre minha pele e escamas enquanto escorre.

— Não — respondo eu, jogando um pouco de água no peito para tirar as bolhas. — Eu já disse que não vou fantasiada. Isso é uma babaquice. Não sou mais nenhuma a... — paro antes de dizer “alevim”. Mesmo depois de três anos em terra, ainda é difícil não usar minhas gírias do mar. — Não sou mais nenhuma criança.

— Mas vai ter que ir — insiste Shannen. — A festa é à fantasia. É uma tradição do Maresia.

— Vou pensar em alguma coisa — digo, só para acalmá-la.

A água gorgoleja, enquanto o último restinho começa a desaparecer pelo ralo.

— Tem que ser alguma coisa a ver com o tema “fundo do mar”.

— Não, eu...

— Já sei! — dispara a Shannen, cheia de empolgação na voz. — Já sei do que você pode ir.

— Sério? — pergunto eu, distraída, enquanto pego uma toalhinha na borda da banheira para enxugar o resto de sabão das minhas escamas. — Do quê?

— Você devia ir de... — ela faz uma pausa dramática — ... sereia!

Deixo o telefone cair. Então corro para pegá-lo antes que o último centímetro de água frite seus circuitos. A tia Rachel ficaria uma fera se eu quebrasse mais este.

— Não — digo eu, enquanto a água escorre pelo telefone e ouço os estalinhos das faíscas elétricas dentro dele. — Não, acho que não seria boa ideia.

— Imagine só! Nós *duas* devíamos ir de sereias! — diz ela. — Vamos discutir isso amanhã no almoço.

Coloco o telefone ainda pingando na base, com os fios esticados sob a porta do banheiro até a tomada no corredor, e afundo de volta na banheira vazia.

Deixando a Shannen, o Quince e o Brody de lado — embora do Brody seja meio difícil me esquecer —, eu me concentro na minha transformação. Na maioria das vezes, mudo de forma sem muito esforço. Mas quando estou longe do mar, acabado usando muito pouco meus poderes. Reaquecer a água da banheira. Gelar meu suco no café da manhã. Mudar de forma para o banho algumas vezes por semana. Quando estou no mar é diferente. Às vezes, eu me sinto mais perto de casa quando me concentro na transformação.

Usando os poderes mágicos do meu povo — poderes concedidos por Capheira, uma das ninfas do mar de Poseidon e nossa ancestral —, imagino as escamas iridescentes se dissolvendo por completo e sendo substituídas

por minha pele rosada. Droga, eu bem que poderia ter nascido com um belo bronzeado, não é?

Mesmo assim, é ótimo sentir minhas pernas de volta. Depois de passar os primeiros catorze anos da minha vida com barbatanas, é incrível quanto consegui me acostumar à minha forma terrestre. Com três anos vivendo em terra, já me sinto como se tivesse nascido assim. Acho que é porque minha mãe era humana.

O que ela diria se me visse aqui, deitada na banheira da irmã, sonhando com o menino que eu amo? Será que ela ficaria orgulhosa? Desapontada? Feliz por eu estar me entregando à minha parte humana? Acho que nunca vou ter como saber.

Enquanto mexo os dedos dos pés com as unhas pintadas de verde-limão, ouço um chiado e um estouro alto antes das luzes se apagarem.

A Prithi mia lá fora.

— Lily! — grita a tia Rachel da sala. — Você andou usando o telefone na banheira de novo?

Cubro o rosto com as mãos. Já nem sei mais se eu devia mesmo ter saído do mar. O colégio pode ser ótimo para humanos, mas não é lugar de uma sereia.



Qualquer detalhe fica mais claro em um espelho de banheiro. Ainda mais de manhã. Ainda mais sob o clarão das lâmpadas fluorescentes da tia Rachel.

A luz forte ilumina minha pele, já clara, fazendo as sardas do nariz e dos ombros saltarem ainda mais em contraste. A esponja-marinha loira na minha cabeça está parecendo mais um chapéu de algodão-doce do que cabelo.

Abro minha gaveta de maquiagem, puxando com tudo as bandejas cheias de produtos para frente. As meninas humanas devem aprender a passar maquiagem no jardim da infância, porque mesmo depois de três anos de treino, a única coisa que eu consigo mais ou menos usar é *gloss*. Mas mesmo isso nem sempre dá muito certo.

Tiro a tampinha do rosa luminoso e passo o pincelzinho pelos lábios.

— Lily! — grita a tia Rachel lá de baixo. — Seu pai mandou uma mensagem para você.

Espantada, eu me descontrolo e faço um risco gosmento rosa na minha bochecha antes de deixar o pincel cair na minha camiseta e depois nas costas peludas da Prithi.

Que ótimo. Passei duas horas escolhendo a roupa perfeita para convidar o Brody ao baile e agora vou ter que me trocar.

— Já estou indo! — grito de volta, enquanto tiro o pincel dos pelos da Prithi para lavar na pia. Por sorte, a maior parte do *gloss* ficou na minha camiseta, então ela não se sujou muito.

Depois de uma rápida olhada para a janela com as cortinas fechadas — talvez fosse melhor grampeá-las no lugar —, tiro minha camiseta azul-escura de gola canoa funda, atravesso o corredor encolhida e pego uma blusinha substituta de última hora. Depois, bem quando começo a descer a escada, ouço a tia Rachel dizendo:

— Bom dia, Quince. O que o traz aqui?

Fico paralisada. O que ele está fazendo aqui? Escondida atrás da porta da cozinha, tento escutar a conversa.

— O entregador do jornal errou o alvo de novo.

Dou uma espiada e o vejo entregando o *Diário de Maresia* para a tia Rachel. Mas ele não me engana. O Quince não é tão bonzinho assim. Ele deve ter vindo aqui com algum novo plano para me humilhar. A Prithi chega do meu lado e começa a se enroscar em volta dos meus pés. Bom, eu é que não vou ficar aqui me escondendo feito um peixe-leão covarde. Endireitando os ombros, contorno o batente da porta e entro na cozinha.

— Bom dia, tia Rachel. — Sorrio para ela, enquanto vou até a bancada e me sirvo um suco de laranja. A caixa está fora da geladeira há algum tempo, então ponho minhas mãos em volta do copo para gelar o líquido.

Faço tudo isso como se Quince nem estivesse ali.

— O Quince trouxe o nosso jornal — explica ela. — O entregador jogou lá na varanda deles de novo.

Solto uma bufada. Tenho certeza que ele provavelmente só pegou o jornal da *nossa* porta para fingir que veio aqui devolver. Só para disfarçar o que realmente quer. É bem a cara dele.

— Quer tomar café da manhã, Quince? — Oferece ela, abrindo o jornal para começar sua leitura matinal. — Pegue um copo de suco de laranja para ele, Lily.

Bem quando estou prestes a dizer onde ele pode enfiar o suco de laranja, ele diz:

— Eu já tomei café, sra. Hale. — Quase derrubo meu suco recém-gelado. Estranho, ele nunca perde uma oportunidade de me atormentar. Quando me viro para descobrir por que, ele está bem na minha frente. — Mas... — continua ele, me encarando com seus irritantes olhos azul-claros — mas posso tomar um suco de laranja, sim.

Por que justo ele tem esses olhos com a mesma cor das águas de Thalassínia? Rangendo os dentes, eu me viro de volta, jogo um pouco de suco em um copo e o enfio na mão dele.

— Pronto.

— Obrigado. — Ele pega o copo, pelo visto sem nem perceber que eu por acidente o gelei até quase congelar, mas não dá nem um passo atrás, e apenas vira o suco gelado de um gole só. Ele abre aquele seu sorriso arrogante. — Ah, era disso mesmo que eu precisava.

— Ótimo — esbravejo eu. — Então agora você pode...

Minha sugestão de que ele deveria sair voando pela porta se perde na minha garganta quando seu olhar desce até minha boca. Seu sorriso ganha um ar mais malicioso, enquanto ele ergue a mão lentamente até a minha bochecha. Fico paralisada. O que é que está acontecendo?

Ele passa a ponta dos dedos na minha pele e depois os ergue para vê-los mais de perto.

— Parece que você se borrou um pouquinho, princesa.

Ele vira a mão e me mostra o *gloss* rosa luminoso que tirou do meu rosto.

— *Aaargh!* — berro eu de frustração e o empurro com toda a força que tenho.

Obviamente, eu me esqueço de que ainda estou com o copo de suco na mão e acabo derrubando tudo em cima de nós dois. Ele joga a cabeça para trás e cai na gargalhada.

Prithi rosna para ele. Boa menina.

— Lily! — protesta tia Rachel. — Mas o que foi isso?!

Antes que eu consiga me defender — qualquer um que ouvisse meu lado da história me daria razão —, ele diz:

— Foi culpa minha, sra. Hale. — Ele pisca para mim. — Eu mereci. — Em seguida, ele se vira para a tia Rachel e diz: — Minha mãe pediu para agradecer à senhora pelo bolo de limão orgânico. Ficou uma delícia. — Ele sorri. — Nós comemos tudo no mesmo dia.

Tia Rachel fica corada.

— Então vou ter que fazer mais.

Ela vive mandando coisas como biscoitos e cozidos para o Quince e para a mãe dele. Teve uma vez que eu perguntei por que, e ela me deu uma resposta enigmática sobre vizinhos ajudarem vizinhos, mas depois descobri que ela só fazia isso porque a mãe do Quince tinha dificuldades para pagar as contas com o salário mínimo que ganha na fábrica onde trabalha. Eles são um típico retrato de uma família de mãe solteira com um pai fracassado. A tia Rachel pode não estar muito melhor com seu ateliê de cerâmica, mas ela gosta de dividir o que tem.

— Por mim, seria ótimo, sra. Hale — diz ele, agora com um sorriso gentil. Maldito fingido. — Vejo você na escola, princesa.

Deixando a tia Rachel toda contente — e eu enfurecida —, ele sai pela porta dos fundos. Como ele *sempre* consegue fazer isso? Eu fico me sentindo uma idiota, e ele sai como um peixe-anjo perfeito.

— Que menino bonzinho — murmura tia Rachel, voltando a ler o jornal. — Meio estranho... mas muito bonzinho.

Ela tirou as palavras da minha boca. Só que eu diria infernal em vez de bonzinho.

A umidade grudenta do suco de laranja finalmente começa a atravessar minha blusinha.

— Ugh, preciso ir me trocar — digo, olhando para a minha roupa. — De novo.

Dou meia-volta para subir a escada quando ouço a tia Rachel dizer:

— Não se esqueça do recado do seu pai.

Ah, é. A mensagem do papai.

Eu tinha até me esquecido disso com toda essa história do Quince, do suco de laranja e...

— Espera — digo, ao pensar em uma coisa. — O Quince não viu a... hã... — Faço um gesto ondulante com a mão, enquanto aponto para o rolo verde-pálido de papel-marinheiro feito de uma fibra à prova d'água com cera e polpa de alga, que estava em cima da mesa da cozinha.

— O quê? — pergunta a tia Rachel, olhando por cima do jornal com uma cara confusa.

Em seguida, eu me dou conta.

— Ah, não, claro que não. A gaivota mensageira já tinha ido embora antes de ele chegar.

Bom, pelo menos de um desastre eu escapei. Não é como se desse para explicar uma gaivota entrando pela janela da nossa cozinha com um pergaminho amarrado na perna. Ainda mais quando essa mensagem vem selada com o brasão real do rei de Thalassínia.

Além disso, por sorte, o fato de a Prithi ter ficado se enrolando em mim lá em cima quando a gaivota apareceu acabou evitando uma bagunça enorme de garras e penas pela cozinha toda.

Pego a mensagem e a enfio dentro do sutiã antes de correr escada acima para buscar minha roupa reserva número três. Talvez eu consiga aproveitar um pouco dessa breve onda de sorte para o meu plano de falar com o Brody.

— Oi, Brody — digo, tentando fingir que não tinha ficado vinte minutos ali, esperando, só por saber que ele chegaria antes da aula para dar uma olhada nos vídeos da equipe de jornalismo que a gente gravou ontem. Ele se senta na cadeira ao meu lado na cabine de edição.

— E aí, Lily? — diz ele, sem tirar os olhos da tela que mostra o material bruto do seu último programa.

Meu coração estremece. Sempre que ouço a voz dele, eu me sinto como se tivesse encostado em uma enguia-elétrica. Pequenas faíscas elétricas percorrem todos os meus nervos, deixando meu corpo totalmente em choque. O que talvez explique por que perco o controle e não consigo formular pensamentos coerentes, muito menos falar nada compreensível.

Com a atenção dele completamente focada na tela de edição, aproveito para admirar... hã, digo, observar um pouco. Depois de três anos, já conheço cada pedacinho dele de cor. Lábios curvos que deixariam qualquer cupido orgulhoso, sempre com um sorriso confiante aberto. Cabelos deliciosamente cacheados, cor de chocolate extraescuro, que na maioria das vezes ainda está úmido depois do treino de natação logo de manhãzinha. Os olhos dele são os mais lindos que já vi na vida, com um tom castanho-dourado claro e que brilham quando ele olha direto para você.

O que em geral não acontece muito comigo.

Mas isso vai mudar. Porque eu tenho um plano. E uma pergunta muito importante para fazer. Agora mesmo.

— A filmagem ficou legal — digo, tentando desviar sua atenção da tela por um instante.

— É... — diz ele, sem parecer muito contente. Ele pega um fone e o coloca de lado na orelha como um músico em um estúdio de gravação. Meu coração tropeça de novo. — Por que minha voz saiu tão fraca?

Ele ainda não olhou para mim.

— Ah... — respondo eu, com a voz mais confiante que consigo, ou seja, *não muito* perto do Brody. — Os microfones novos estavam meio desregulados. O Ferret pode consertar isso na pós-produção.

— Que bom — diz ele, enquanto joga o fone em cima da mesa e se vira para mim.

O sorriso dele me deixa atordoada — de um jeito gostoso. Eu sei que isso é o amor. O que mais poderia me fazer suar, sorrir e quase desmaiar, tudo ao mesmo tempo?

Ele bem que poderia perceber isso também.

Mas é claro que isso nunca vai acontecer se eu não fizer minha pergunta. E vai ser agora.

— Então... — começo eu, hesitante. — Você vai ao...?

— Seus olhos são lindos, Lily. — Ele inclina a cabeça de lado, como se para me ver melhor. Ou como se estivesse reparando pela primeira vez que eu *tenho* olhos.

Sinto um calor nas minhas bochechas pálidas, mesmo sabendo que não deveria me empolgar demais. Brody vive fazendo comentários assim. No começo, achei que era porque ele gostava de mim, mas ele faz isso com todo mundo. Faz parte do charme dele.

Sabendo que devo estar com a cara vermelha feito um peixe-palhaço, engulo o nó na minha garganta e tento continuar.

— Sei que você e a Courtney acabaram de terminar... — Começo de novo. — Mas eu queria saber se...

— Ah, sim, finalmente. — Ele se inclina para trás na cadeira, com as mãos atrás da cabeça, e olha para o teto. — Eu já não aguentava mais tanta encheção. Ela vivia me infernizando para comprar flores para ela, cortar meu cabelo ou trocar de roupa. Nem acredito que aguentei dois anos inteiros disso.

Nem eu.

Por outro lado, passei os últimos vinte e dois meses ouvindo as reclamações dele. Nunca entendi por que ele começou a ficar com ela, aliás. A Courtney pediu para ele a levar ao *La Piscina* no primeiro encontro. Ele torrou oitenta contos no jantar e ainda acabou a noite levando um tapa na cara (só porque não quis ir andando com ela até em casa).

Mas tudo isso terminou. *Eles* terminaram. Chegou a minha vez. E vai ser agora!

Eu não tenho mais nenhuma desculpa, e o Baile da Primavera é a oportunidade perfeita. Não é nada muito formal, nem um grande compromisso, como a formatura. Seriam só dois amigos (será que somos amigos?) curtindo juntos, dançando e bebendo limonada. Não tem nada de errado nisso, certo?

Então, por que minhas mãos estão tremendo feito algas em um maremoto?

Finalmente, juntando as minhas últimas gotas de coragem, pergunto:

— Você quer ir ao baile comi...?

— Ora, ora, ora... — diz uma voz grossa da porta. — Vocês dois deveriam se beijar logo de uma vez e parar de enrolação. Esse suspense todo me dá até coceira!

Minhas bochechas pegam fogo.

— Boa, Fletcher — diz o Brody, rindo. Ele me cutuca, como se o Quince tivesse acabado de fazer a piada mais engraçada do mundo. — Até parece que a Lily se interessaria por um mulherengo feito eu.

Vejo o Quince na porta, de braços cruzados como um super-herói musculoso e, graças a um mínimo de higiene, imagino eu, usando uma camiseta diferente daquela que eu sujei de suco. Ele me encara com seus olhos claros e

firmes, erguendo suas sobrancelhas loiro-escuras, me desafiando em silêncio a dizer alguma coisa.

Eu o encaro de volta.

— Pois é... — digo, forçando uma risada. — Até parece.

Enquanto eu e o Quince continuamos nos encarando — sem que o Brody perceba nada —, o sinal da aula toca.

— Tenho que ir — diz Brody, que pega sua mochila e vai até a porta. No último instante, ele se vira e pergunta:

— O que você ia me perguntar, Lily?

Vejo o Quince abrindo um sorrisinho de canto de boca. No entanto — para a minha surpresa —, ele não diz nada do que eu sei que está passando pela sua cabeça. Ele só continua me encarando, me desafiando a convidar o Brody para o baile bem na frente dele.

Uma plateia é a última coisa da qual eu preciso.

Não quero nem pensar na humilhação que seria. Ainda mais se o Brody disser não. O que é o mais provável. Afinal, ele me vê como amiga. Uma colega da equipe de jornalismo e coordenadora do time de natação. *Talvez* ele até já tenha percebido que eu sou uma menina — mesmo porque eu não sou uma tábua —, mas tenho certeza de que ele nunca pensou em mim desse jeito. Como uma menina que poderia estar interessada por um menino. Por ele.

Ele provavelmente daria risada da minha cara.

Se ele for me dar um fora, é melhor que ninguém veja, pelo menos.

Para não recuar na nossa disputa de olhares, respondo sem desviar os olhos do Quince.

— Eu... hã... falo com você depois.

— Tudo bem — diz Brody. — Até mais, Fletcher.

— Beleza — responde ele, sorrindo. — Até mais. — E então pisca para mim.

Essa foi a gota d'água.

Enquanto Brody sai pela porta, indo para a primeira aula — a de economia —, eu pulo da cadeira e parto para cima do Quince, soltando um urro de frustração.

— *Aaargh!* — Tento dar um soco, mas ele me pega pelos pulsos e me segura com facilidade. — Por quê?! — grito. — Por que você gosta tanto de estragar minha vida?

Continuo gritando com o Quince, tentando me soltar. Trabalhar com motos deve fortalecer muito os músculos, porque ele nem parece estar se esforçando para não deixar que eu dê uma surra nele.

Juro que nunca fui violenta assim. As sereias são mais esquentadas em terra firme mesmo, mas sempre que estou perto do Quince sinto vontade de quebrar *tudo*. Começando pelo nariz dele...

— Relaxa, princesa — diz ele, com sua irritante voz tranquila. — Eu só não deixei que você cometesse um grande erro.

Isso chama minha atenção.

— Como assim?

— Convidar o Benson para o baile assim...

— Bennett! — eu o corrijo automaticamente.

— ... só ia fazer você levar um não na cara.

Seguro minha fúria por coisa de três segundos antes de desmoronar. Que ótimo. Já é ruim o suficiente saber no fundo do seu coração que o menino dos seus sonhos não te quer; mas ouvir um estranho dizendo isso é pior do que mascar coral.

Tudo bem, talvez eu não seja uma líder de torcida de parar o trânsito como a Courtney. Meu nariz é meio comprido e minha pele é clara demais para pegar um bronzado — não bate muito Sol no fundo do mar. Meu cabelo, como já lamentei antes, é um desastre. Meu corpo até que não deixa a desejar, mas também não é nada digno de um catálogo de lingerie. Sou sardenta demais, meus olhos são muito grandes e tenho a coordenação de um polvo gigante. Talvez o Quince tenha razão. Eu nunca conseguiria...

— Não fique assim... — diz ele, como se soubesse no que eu estava pensando, com sua voz ainda mais suave. — Não deturpe minhas palavras.

— Como assim?

— Eu não estava dizendo que você não tem nenhuma chance com o Brody — ele finalmente solta meus pulsos e dá um passo atrás. — Você só é boa demais para um babaca feito ele.

— O que você estava dizendo, então? — rosno eu, ignorando seu segundo comentário.

— Convidar o Brody para o baile não é a melhor forma de chamar a atenção dele.

— Ah, é? — esbravejo. — O que você sabe disso?

— Porque eu sei... — diz ele, se sentando casualmente em uma cadeira da cabine de edição, como se estivesse à vontade ali — ... que ele não está procurando um par.

— E como é que você sabe disso?
— Porque a Courtney me falou.
— Ah, claro. — Eu me sento na minha cadeira. — Por que ela falaria com você?
Ele estica suas longas pernas cobertas pela calça jeans e põe uma de suas botas de motoqueiro em cima da outra.
— Algumas meninas *gostam* de conversar comigo.
— Só as que têm cérebro de água-viva — murmuro.
— Enfim... — continua ele — ... quando o Bens... — quando começo a corrigi-lo, ele ergue a mão e volta atrás.
— Quando o Bennett terminou com a Courtney, ele disse que queria ficar solteiro um tempo, para aproveitar a liberdade e essas baboseiras todas. Ele vai sozinho ao baile. — Reviro os olhos. Como se eu fosse acreditar em alguma coisa que esse verme-marinho diz. — Bom, tudo bem, pode convidar então — diz ele.
— Vou convidar mesmo.
— Só depois não diga que eu não avisei.
Eu me levanto, pegando minha mochila e a jogando por cima do ombro.
— Pode ficar tranquilo.
O sinal da última chamada toca, enquanto saio para o corredor. *Baiacu!* Se eu chegar atrasada de novo na aula de governo americano, minha nota — que já não está lá uma maravilha — vai ficar ainda pior. Mais uma coisa pela qual eu posso culpar o Quince Fletcher.



— Vai logo lá! — A Shannen me empurra para fora da fila do almoço. — Antes que esses moleques atrás da gente sentem com ele.

Olhando por cima do meu ombro, vejo que ela tem razão. A turma do Brody — os caras do time de natação e as meninas da equipe de torcida — está toda atrás da Shannen na fila, bem onde eu estava até agora há pouco. No refeitório, vejo Brody sentado sozinho na mesa de sempre.

Se eu quiser falar com ele, é melhor fazer isso agora. Não vou ter outra chance.

Respirando fundo, entrego minha bandeja para a Shannen, abro caminho entre o amontoado de gente em volta dos caixas e vou até a mesa do Brody. Ele nem percebe quando chego ao seu lado, então limpo a garganta. Ele se vira para mim, e todas as palavras de repente somem da minha cabeça. O Brody é como uma maré alta que leva meus pensamentos embora como gravetos na praia.

Por um instante, volto ao momento em que o vi pela primeira vez. Foi naquela tarde antes do meu primeiro dia no Colégio Maresia. Estava nervosa, cheia de medos e com saudade de casa, e pensei em desistir. Eu era uma sereia, uma menina do mar! O que eu iria fazer em uma escola terrestre? Aquilo não tinha como acabar bem.

Então deixei um bilhete para a tia Rachel e fui para a praia. Deixei minhas roupas embaixo do píer e entrei na água, determinada a nadar de volta para casa.

Em seguida, alguma coisa mergulhou na minha frente, e quando as bolhas se dissiparam, vi um garoto nadando sob as ondas. Ele era claramente humano, mas nadava como se o mar fosse sua casa. Ele era *parte* do mar.

Esse momento mudou minha vida. Se um menino terrestre podia se sentir tão à vontade na água, eu com certeza conseguiria aguentar alguns meses em terra. Afinal, eu era metade humana e queria saber mais sobre o mundo da minha mãe.

Foi também nesse momento que me apaixonei pelo Brody. Foi por ele que fiquei no Maresia o colegial todo, em vez de só um ano como tinha planejado no começo. Ele vai ser o meu par do mar.

Claro, eu nunca imaginei quando era pequena que algum dia traria um menino humano para conhecer minha família, mas tenho certeza de que o papai vai ver que o Brody nasceu para viver na água. E o Brody vai adorar Thalassínia.

Já está mais do que na hora de dizer o quanto gosto dele.

Sorrindo, ele diz:

— Oi, Lily. — Ele enfia uma garfada de macarrão na boca. — E aí?

— *Hm...* — murmuro, com minha voz trêmula de repente como uma enguia-elétrica em alta voltagem. — Sabe aquilo que ia te perguntar hoje de manhã?

— Ah, sim. — Ele engole a comida e pega outro bocado. — Pode falar.

— Bom, é que eu...

— Olha, isso tem a ver com aquela matéria especial sobre os preços extorsivos nas máquinas de lanches da escola? — As sobrancelhas dele se juntam sobre seus olhos castanho-dourados. — Eu chequei os valores com três fornecedores independentes.

Adoro esse jeito dedicado do Brody e o quanto ele se empolgou com essa matéria; mas será que cobrar dez centavos por um chiclete é mesmo extorsivo?

— Na verdade é sobre o Baile da Primavera — desembucho. — Como você e a Courtney terminaram, eu estava pensando se você não queria...

Minhas palavras se perdem quando vejo os olhos dele se enchendo com alguma coisa que se parece perigosamente com dó. Não, não, não. Isso não é um bom sinal.

Ele deixa o garfo no prato e se levanta.

— Ah, Lily — diz ele, com um tom realmente triste. — Você sabe que eu te adoro, mas...

Nenhuma frase na história da civilização começando com “Eu te adoro, mas...” acabou bem.

— Claro — digo às pressas, ansiosa para acabar logo com a minha humilhação. — Não tem problema. — As lágrimas começam a se formar nos meus olhos. — Esqueça o que eu disse.

Eu me viro para sair correndo, mas Brody pega meu braço.

— Escuta... — diz ele, me puxando de volta. — Preciso de um tempo sozinho agora. Só para entender o que eu realmente quero da minha vida pela primeira vez em dois anos. Eu não estaria sendo sincero com você nem com qualquer outra menina se aceitasse.

Sei. Ele só é bonzinho demais para dizer que não sairia nem amarrado com alguém como eu.

— Tudo bem — digo, fungando e torcendo para que as lágrimas não transbordem dos meus olhos. — Eu entendo, é claro.

E é claro que eu preciso sumir daqui. Chorar no refeitório do colégio só dá em uma coisa: fofoca. E a maioria das pessoas por aqui já me acha meio doida. Não tenho por que engrossar essa onda.

— Mas olha... — diz ele, pondo a mão no meu queixo para erguer minha cabeça. — Promete que dança uma música comigo? — Abro um sorriso fraco. — Promete?

Aceno a cabeça. E então, de repente, os caras da natação e as meninas de pompons cercam a mesa. Aproveitando a confusão, saio de fininho e corro para o banheiro mais próximo.

Não sei o que é pior: o Brody ter dito não ou perceber que o Quince estava certo. Por que é que ele sempre tem razão?

Como é hora do almoço, os corredores estão vazios e consigo chegar ao banheiro feminino sem ser vista. Entro na última cabine e caio em longos minutos de choro. É como se alguém tivesse arrancado meu coração ainda batendo, pisado em cima dele várias vezes com uma bota toda suja e depois o enfiado de volta no meu peito. Todos os medos que me fizeram passar três longos anos em silêncio tinham sido escancarados para todo mundo ver. Brody nunca vai me amar. O único motivo pelo qual eu ainda estava em terra firme tinha acabado de evaporar como a espuma do mar na areia.

Minhas lágrimas finalmente secam. Meus olhos estão vermelhos e inchados, mas pelo menos sem o brilho dourado com o qual ficariam no fundo do mar. Ainda assim, não há água gelada no mundo que os faça voltar ao normal. É como ter uma placa de neon na cara gritando: “Ela acabou de chorar feito uma louca no banheiro!”. Quase caio no choro de novo quando percebo que todo mundo vai ficar se perguntando o que aconteceu comigo. Ou pelo menos quem ainda não ficou sabendo da humilhação que eu passei.

Foi então que tive uma ideia. A Shannen usa lente de contato. Aposto que ela tem um colírio guardado no armário dela.

Enxugando a água do rosto, saio pelo corredor, indo até os armários.

E aí dou de cara com Quince Fletcher.

— Acredita em mim agora? — pergunta ele.

Ele está encostado na parede bem em frente ao banheiro feminino. Pela expressão arrogante em seu rosto, aposto que estava ali só esperando eu sair para poder se gabar.

— Não enche.

Tento dar a volta, mas ele dá um passo para o lado e bloqueia a passagem.

— Saia da minha frente!

— Eu fiz uma pergunta.

— E eu não quis responder. — Dou um passo para a esquerda, mas ele faz o mesmo. Volto para a direita. E ele também.

Por que ele não me deixa em paz? O que foi que eu fiz para merecer tanta encheção?

Percebo que minhas lágrimas ainda não acabaram na verdade. Elas estão voltando, prontas para cair de novo se o Quince não sair da minha frente.

— Admita — insiste ele. — Eu estava certo.

— Não — rebato, fungando. — Você estava errado... *sniff*... só estou chorando... *sniff*... porque estou muito feliz. — As lágrimas entendem essa mentira como uma deixa e começam a escorrer pelas bochechas.

— Por favor, princesa... — diz ele. — Você não precisa chorar por aquele fracassado.

Isso só me faz chorar ainda mais. Nós dois sabemos quem é a fracassada aqui.

Praguejando baixinho, Quince coloca os braços em volta de mim e me aperta. Parece até um abraço.

— Não chore — sussurra ele no meu ouvido. — Por favor.

Não sei se foi por ouvir essas palavras ou por estar com meu rosto escondido contra o peito largo dele, mas agora desabo de vez. Três anos acumulados de ansiedade e amor platônico tinham chegado ao seu ponto de ebulição, e eu

estava soltando tudo na camiseta dos Motoqueiros da Costa Oeste.

— Calma... — sussurra o Quince. — Ele não vale a pena.

Sniff, sniff, sniff.

Não consigo parar. Perdi totalmente o controle das minhas emoções. Só consigo pensar que o Brody me odeia e que estou aqui buscando consolo com meu pior inimigo. Minha vida com certeza não tem como piorar.

Ao longe, abafado pelo peito do Quince e pelo som do meu choro, escuto um sinal. Demoro até entender que é o fim do horário do almoço.

Ouçó Quince praguejando e de repente me vejo sendo empurrada contra a minha vontade de volta para o banheiro, entrando em um pequeno espaço fechado.

Através dos olhos inchados e cheios de lágrimas, vejo que estamos em uma cabine do banheiro. Risadinhas ecoam pelos azulejos brancos à nossa volta uma fração de segundos antes de o Quince se sentar no vaso e me puxar para o seu colo.

— Erga os pés! — murmura ele em tom de urgência. Sem discutir, encosto as solas dos chinelos na porta da cabine.

Dois pares de saltos altos passam por nós, fazendo um barulhão contra o piso.

— Você viu como ela saiu correndo do refeitório? — pergunta uma menina toda empolgada.

— Aposto que ele pôs aquela doida de cabelo bizarro no lugar dela.

Sinto meu estômago se revirando.

Talvez elas estejam falando de alguma outra menina de cabelo bizarro que foi humilhada hoje no refeitório. O Maresia é um colégio muito grande. Com certeza deve ter mais alguém que...

— Como se alguém feito ela tivesse alguma chance com Brody Bennet.

Não. Sou eu mesma.

As malditas lágrimas — que o espanto tinha secado — voltam a escorrer pelas bochechas.

— Isso é para ela aprender a não dar em cima do namorado dos outros — diz a primeira voz.

Arregalo os olhos.

— É a Court...

A mão do Quince tapa a minha boca. Seu outro braço está em volta da minha cintura, e ele está me puxando com força contra seu peito.

— *Shiu...* — sussurra ele baixinho no meu ouvido.

Aceno a cabeça, tentando entender como foi que me meti nessa situação e torcendo para que minha obediência faça o Quince me soltar. Mas ele não solta.

— Ela se veste tão bem quanto uma palmeira — diz a outra menina.

— Ah, por favor — responde a Courtney, vulgo “recém-ex-do-Brody”, e chego até a achar que ela vai me defender. — Pelo menos as palmeiras usam cores combinando.

Em meio a uma névoa de lágrimas, olho para as minhas roupas. Não entendo o que pode ter de errado com a minha camiseta amarelo-ovo e minha saia tule turquesa. E os chinelos rosa-choque combinam com os corações da camiseta. Tudo bem, este era o meu Plano C para hoje, mas eu não estava me achando tão mal assim.

— Rosa e amarelo? — continua a Courtney. — O que ela pensa que é? Um pirulito ambulante?

A outra menina — provavelmente a Tiffany, a fiel escudeira da Courtney — dá risada.

— Pelo menos ela se esforça. Daquela amiga dela, nem isso dá para dizer.

Ergo a cabeça e me esqueço da minha humilhação na mesma hora. Ninguém fala da Shannen perto de mim sem ouvir o que merece.

— Aquela que só anda de calça jeans e camisa polo? — diz Courtney, com uma voz cheia de veneno. — Alguém devia avisar a ela que eles estão vendendo minhas roupas usadas bem baratinho no brechó do Exército da Salvação.

Agora chega.

Pulo para frente, tentando abrir o trinco e pondo os pés no chão, mas o Quince tem reflexos de gato. Antes que meus dedos consigam encostar no metal, ele segura meus braços e os puxa com força para trás. Ele estica as pernas, empurrando meus pés pelos calcanhares de volta no lugar para que qualquer um que olhe para a abertura sob a porta da cabine veja só seu jeans e suas botas.

— Não — sussurra ele no meu ouvido, quase sem erguer a voz. — Ela não vale a pena.

Reflico sobre isso por um segundo, concluindo que ele provavelmente tem razão — por mais que eu odeie admitir isso. A Courtney ainda deve estar chateada por ter levado um pé do Brody logo antes do baile. Acho que posso tolerar esses comentários mesquinhos. Mas depois, enquanto relaxo um pouco e absorvo aquele silêncio repentino, alguma coisa bizarra acontece. Começo a reparar em coisas. Coisas estranhas e perturbadoras.

Como o peito quente do Quince contra as minhas costas.
E como a respiração dele faz cócegas na minha orelha e me dá arrepios.
E como o braço dele agora está logo embaixo do meu peito.
Todo esse silêncio deve estar mexendo com a minha cabeça, porque, por um segundo — meio segundo só na verdade —, eu quase começo a gost...
Ele aperta os braços, rápido e com força, em volta da minha barriga.
— *Uugh* — solto um grunhido.
Por que diabos ele...?
— *Ai, credo...* — reclama Courtney.
Ah, que ótimo. Agora estou mais do que humilhada... estou com prisão de ventre.
Por sorte, antes que as coisas piorem ainda mais — não consigo imaginar como, mas sei que seria possível —, o último sinal toca e elas por fim terminam e vão batucando com seus saltos pelo chão até a porta.
Enquanto saem, ouço a Tiffany dizer:
— Você viu as botas daquela menina na cabine?
— Vi, sim — diz a Courtney com desdém, e completa erguendo a voz: — Deve ser aquela menina toda machona do time de futebol. Imagina o que a mãe dela deve achar?
Meu Deus, como a Courtney é um verme-marinho.
As vozes delas se afastam, e eu e Quince ficamos em meio ao silêncio do banheiro vazio. Mesmo assim, ele ainda não me solta.
Talvez ele esteja bravo pelo que ela disse sobre suas botas.
Não sei por que, mas me sinto forçada a consolá-lo.
— Suas botas não são *tão* feias assim. Ela só achou que você era a Em... — Antes que eu consiga terminar, ele cai na gargalhada, quase me derrubando no chão nojento do banheiro. — O quê...?! — solto enquanto escorrego para a esquerda.
Ele me abraça com força, sem me deixar cair. Depois de mais alguns segundos tentando me segurar, enquanto o Quince ri sem parar atrás de mim, ele finalmente me solta e me ajuda a ficar de pé.
— Desculpa, princesa — diz ele, ainda sentado no vaso. — Mas é que essa foi boa demais.
Eu me viro naquele espaço apertado e olho feio para ele.
— Bom, ainda bem que você vê graça em ser humilhado. Mas eu não gosto quando falam mal de mim e...
— Ah, por favor — diz ele, com um sorriso irritante iluminando seu rosto bronzeado. Ele tem aquele tipo de rosto que se transforma totalmente quando sorri. Sério e fechado num segundo, e divertido e brincalhão no outro. — Você não sacou qual é a dela? — Devo estar parecendo confusa, e estou mesmo, porque ele explica: — Ela só está com ciúme.
— Ah, claro — digo eu, me lembrando do incidente no refeitório. — Como se eu estivesse roubando o Brody bem debaixo do narizinho todo perfeito dela.
Apertada contra a parede, tento abrir a porta da cabine. Eu preciso sair dali, ir para um lugar aberto, para longe dele. Mas a cabine é tão pequena e o Quince ocupa tanto espaço que é impossível fazer isso com ele sentado no vaso.
— Levante daí.
Ele obedece, mas fica na frente da porta. Quase em cima de mim, ele diz:
— Por mais que você não acredite, não vou esfregar na sua cara que te avisei — até parece. — Na verdade... — diz ele, se inclinando sobre mim para encostar o antebraço na parede em cima da minha cabeça. — ... eu vou até ajudar você.
Neste exato momento, uma grande ajuda seria sair desta cabine de banheiro. O Quince está muito em cima de mim, me dando uma sensação estranha de sufocamento. As paredes cobertas de pichações parecem estar me esmagando. Gotas de suor se formam na minha testa.
— Quero sair — esbravejo, ignorando a oferta de ajuda. — Está fedido aqui.
Faço uma cara para deixar claro que ele é a fonte do mau cheiro, por mais que ele na verdade esteja cheirando a couro e creme dental de menta. Mas ele não fica ofendido como um cara normal ficaria. Na verdade, ele só abre aquele sorriso arrogante e chega mais perto de mim. Então, quando já estou achando que ele vai prensar o corpo inteiro contra mim, ele pula para o lado, junto ao vaso, e sai de frente da porta.
Abrindo a porta com tudo, saio da cabine e respiro fundo o ar não impregnado de Quince.
— Como eu estava dizendo... — continua ele, saindo logo atrás de mim. — Vou ajudar você a fisgar o seu peixão para o baile.

— Mas... — rebato, enquanto o oxigênio volta a arejar meu cérebro. — Mas ele quer...

— Ele não sabe o que quer.

Apoiada com as costas na beira da pia, cruzo os braços e aceno a cabeça para mostrar que estou ouvindo. Ainda que em maior parte eu só esteja aliviada por ter saído daquela cabine e estar a alguns metros de distância do Quince.

— Para chamar a atenção do Ben... — ele limpa a garganta — ... nett, você vai precisar fazer alguma coisa especial. Surpreendente. — Ele sorri. — Chocante.

— E o que você me sugere? — pergunto, cética.

Ele enfia a mão no bolso traseiro do jeans, esticando sua camiseta, que fica bem justa contra seu peito. De um ponto de vista meramente estético, admito que ele tem um peito bonito. Deve ser por causa de todas aquelas horas que passa tentando consertar sua moto e pelo trabalho de meio período que ele tem no depósito de madeira. E é verdade que ele tem um cabelo loiro-escuro muito fofo e enormes olhos azuis que me fazem lembrar de casa. Se não fosse tão babaca, o Quince até que seria um cara bem bonito.

— Podemos conversar melhor no estacionamento depois da escola — diz ele.

Então, sem falar nada, ele se vira de repente e sai do banheiro. O que diabos ele quis dizer com isso? Ainda estou franzindo a testa e tentando entender o que acabou de acontecer — eu *não* estava olhando para o peito dele! — quando ele enfia a cabeça de volta para dentro do banheiro.

— Quer saber por que achei tão engraçado o que a Courtney falou? — Encolho os ombros, esperando ele dizer que só vai me contar depois da aula também. Se é que vou me dar ao trabalho de ir me encontrar com ele. Não espero nenhuma resposta. Mas o forte do Quince é ser inesperado. — Foi ela quem me deu estas botas.

Ele me abre um sorriso rápido e depois vai embora.

E agora eu tenho o resto do dia para decidir se me arrisco a aceitar sua oferta de ajuda. Daqui três horas e... ergo meu pulso para ver a hora.

Baiacu! Já estou quase quinze minutos atrasada para a aula de artes. A Shannen deve estar preocupada comigo. Saio para o corredor, pensando se devo ou não me encontrar com o Quince no estacionamento depois da aula. A sra. Ferraro provavelmente nem percebeu que ainda não cheguei.



— Ele fez o quê? — grita Shannen, enquanto recorta uma foto do Brad Pitt para usar em sua colagem.

— Fale mais baixo! — resmungo. Não preciso que a classe inteira fique sabendo sobre o que aconteceu no banheiro. Já me basta todo mundo estar falando sobre o que rolou no refeitório.

Ela abaixa a voz, agora quase sussurrando:

— Ele prendeu você numa *cabine do banheiro*?

— Sim.

Na verdade, ele meio que me salvou, por mais que eu nunca vá admitir isso em voz alta.

Encontro a foto de um golfinho em uma *National Geographic* e arranco a página. Estamos fazendo uma “colagem autobiográfica” usando recortes de revistas e catálogos. Até agora, já separei um cenário marinho, dois peixes-palhaço e uma tiara de brilhantes da Neiman Marcus, uma loja de departamentos que eu adoro. Por sorte, a sra. Ferraro gosta de coisas abstratas. Ela não vai achar nada de estranho na minha colagem desde que eu invente alguma explicação convincente para cada um dos elementos.

— Sabe... — murmura Shannen, olhando atentamente para a foto que acabou de recortar. — O Quince se parece um pouco com o Brad. Cabelos loiro-escuros, queixo bem definido, lindos olhos azuis. Eu não me importaria em passar uma ou duas horinhas presa com ele numa cabine de banheiro.

Eu me recuso a comentar isso. Quince Fletcher tem tanto a ver com o Brad Pitt quanto um pepino-do-mar com o rei de Thalassínia.

— Ele vive usando aquelas camisetas justas de motoqueiro, e adoro como os jeans dele são esfarrapados bem nos lugares certos...

— Já chega! — Lambuzo com cola a foto do meu golfinho por trás e a espremo na minha colagem com força. — Não estamos falando sobre *ele*. Tudo bem?

— Tudo bem — diz Shannen, assustada, ajeitando um cacho de seu cabelo castanho-escuro atrás da orelha. — Por que você colou esse golfinho de ponta-cabeça?

Tá, tudo bem, eu me distraí um pouco.

— Porque ele está nadando de costas.

A Shannen encolhe os ombros e volta para sua colagem. Mas eu sei bem que o assunto ainda não acabou. Ela não é do tipo que desiste fácil.

Ainda assim, estou pensando mais na oferta de ajuda do que no Quince em si.

Eu não enfrentava um conflito tão grande assim desde que o papai me perguntou se eu queria morar uns tempos com a tia Rachel. Naquela época, eu tinha acabado de descobrir que a mamãe era uma terrestre. Estava tendo que lidar com um lado meu totalmente novo que tinha vindo à tona de repente. O papai então me disse que ela tinha uma irmã que vivia em terra, a oeste do nosso reino. A tia Rachel já sabia tudo sobre nós, sobre mim, e quando o papai comentou que eu tinha descoberto a verdade, ela sugeriu que eu estudasse um pouco em terra. Na mesma escola onde minha mãe tinha se formado.

Ele me perguntou o que eu queria fazer, mas eu sinceramente não sabia. Uma parte de mim estava louca para descobrir tudo o possível sobre minha mãe. Ela tinha morrido há muito tempo, e a chance de aprender mais sobre ela era muito interessante. Mas outra parte minha estava morrendo de medo só de pensar em ir para um mundo totalmente estranho. Eu sou uma sereia... uma criatura do mar. Meu lugar é no oceano.

No final das contas, a curiosidade venceu o medo.

Estou sentindo agora aquele mesmo turbilhão de emoções. Além da oferta bizarra do Quince, ainda não estou conseguindo pensar direito depois de todo aquele negócio de “eu te adoro, mas...”.

Solto um suspiro, enquanto recorto uma foto de uma menina com um cabelo loiro armado.

— E então... — diz Shannen, depois de colar um monte de corações rosa recortados de um anúncio de perfume

em volta da cabeça do Brad Pitt. — Você vai falar com ele?

— Com quem? — Como estou expulsando Quince dos meus pensamentos, nem imagino de quem ela está falando. Ou pelo menos é isso o que eu estou *tentando* fazer.

Ela me dispara um olhar como quem diz “não tente me enganar, sou sua melhor amiga e te conheço muito bem”.

— Não sei... — digo, deixando meus ombros caírem.

— Vamos pensar nas suas opções. — Ela deixa a tesoura na mesa e empurra sua colagem de lado para poder chegar mais perto de mim. — Opção A: você faz as coisas do seu jeito, como fez no almoço, e acaba chegando aos mesmos resultados de sempre.

Balanço a cabeça fazendo uma careta. Não estou a fim de passar por aquilo de novo, muito obrigada. Está bem claro que nunca vou conseguir fisgar o Brody sozinha.

— Muito bem — diz ela. — Opção B: você se arrisca a acreditar que o Quince, que até onde a gente sabe é um menino e tem informações privilegiadas sobre a ex-namorada do seu grande amor, possa mesmo te ajudar.

Passo a mão no cabelo. Meus dedos ficam presos entre o emaranhado de cachos, e tenho que sacudir a mão para me soltar.

— Isso me traz duas perguntas — digo com um ar distraído, colando os peixes-palhaço como se estivessem montados na barriga do golfinho. — Primeiro, ele vai mesmo me ajudar ou esse é só mais um truque para me atormentar? E segundo, se ele for mesmo me ajudar... por que ele faria isso?

A Shannen abre um sorriso seco.

— Só tem um jeito de descobrir a resposta para essas suas duas perguntas.

Olhamos uma para a outra, eu resignada, ela como se aquilo não fosse nada.

— Falando com ele — dizemos nós duas juntas.

Meu estômago está tão embrulhado como um mar de ressaca que nem dou risada quando a Shannen diz que falar a mesma coisa ao mesmo tempo pode dar azar.

Estou apostando todas as minhas fichas no Quince Fletcher.

Não tenho como ter mais azar.

* * *

Ao longo dos quinze minutos que passo esperando o Quince no estacionamento, minha imaginação tenta em desespero pensar em que tipo de plano ele vai me propor.

Talvez ele queira pagar o Brody para sair comigo. Isso é pouco provável, já que o Quince e a mãe dele não têm lá muito dinheiro sobrando. Talvez ele vá sugerir que *eu* pague para o Brody sair comigo. O que é uma má ideia por vários motivos, especialmente porque eu sou ainda mais dura do que o Quince. Não é como se fosse fácil arrumar um emprego de meio período com uma certidão de nascimento de Thalassínia.

Ah! Talvez o Quince me ajude a sequestrar o Brody para deixá-lo amarrado no meu porão até perceber que me ama. Pouco provável também. Essa ideia tem duas grandes falhas. Primeiro, é o tipo de coisa que só funcionaria nos romances antigos que a tia Rachel lê. E segundo, porque eu nem tenho um porão.

Tudo bem, isso já está ficando ridículo. Vou contar até vinte e, se ele não aparecer até lá, vou embora daqui.

A moto do Quince chega roncando quando eu já estava em dezessete. Eu devia ter desistido no dez.

Uma sacola plástica vem voando pelo ar e me acerta bem no peito. Por instinto, eu a agarro antes que ela caia no chão. Sinto uma coisa mole e macia dentro dela.

Ah, não. É uma corda e um capuz, não é? Ele vai querer mesmo sequestrar o Brody. Respiro fundo e tento conter minha imaginação. Olho feio para o Quince. Se ele não tivesse me feito esperar tanto tempo, eu não teria pensado em coisas tão ridículas assim.

— O que é isto? — pergunto, enquanto tento encontrar a marca de alguma loja na sacola, mas só vejo a frase “VOLTE SEMPRE”.

— A sua fantasia — diz o Quince, abrindo um sorriso.

— Como é que é? — Desço da calçada meio com medo e chego mais perto da moto. Já ouvi histórias terríveis de que peças saem voando dessa lata velha. — Minha fantasia?

— Para o baile. — Ele pega a sacola de volta e a abre, tirando lá de dentro uma blusa branca de babado e uma saia de tule multicolorida.

— De dançarina espanhola? — rebato, sem ter nada realmente contra essa ideia a não ser o fato de ter sido dele.

— Não — diz ele, piscando para mim. — De pirata.

— O quê...?

— Fiquei sabendo por uma fonte muito confiável que o Bennet vai ao baile de pirata. Essa é a parte um de dois da Operação Surpreender e Chocar. Ele vai ficar maluco quando vir que você foi de pirata também. — Ele ergue a fantasia para me mostrar. — Uma menina pirata para um babac...

— Tudo bem! — esbravejo, pegando a fantasia de volta. A Shannen vai aprovar, porque isso tem a ver com o tema “fundo do mar”. Enquanto guardo as roupas na sacola, pergunto: — E se não servir em mim?

Ele volta a abrir aquele seu sorriso arrogante.

— Querida... — diz ele com uma voz arrastada. — Fiquei com você uns bons dez minutos no meu colo hoje. Vai servir, sim.

Eu tinha passado a tarde inteira tentando apagar essa memória da minha cabeça. Não que eu tenha conseguido. Fiquei sentindo aquele cheiro de couro e creme dental de menta por toda parte. O cheiro do Quince.

Sinto minhas bochechas ardendo, mas estou determinada a não deixar que ele me abale.

— E qual é a parte dois desse plano?

— *Hmm...* — Ele esfrega as mãos uma na outra. — O choque. A melhor parte. — Acho que não vou gostar da parte dois. — Às nove e meia, o Brody vai receber um bilhete pedindo para ir se encontrar com a Courtney na biblioteca, como se ela quisesse devolver o anel de formatura dele. — Ah, com certeza não vou gostar da parte dois. — Só que não vai ser a Courtney quem vai estar lá quando ele chegar. Vai ser você. — Eu odeio a parte dois. — E aí você dá um beijo nele. Chocante, não acha?

Não, eu odeio o Quince. Adorei a parte dois.

Não a parte do beijo — que tipo de sereia ele acha que eu sou? —, mas só de pensar nas possibilidades. Eu e o Brody. Sozinhos. No escurinho da biblioteca. Talvez eu finalmente consiga arrumar coragem para dizer que gosto dele. E talvez, se ele mostrar um pouquinho de interesse em mim também, posso ir ainda mais longe. Para o Brody, eu contaria tudo.

— Eu... eu... — Não, isso não está saindo direito. — Como eu vou saber se isso...?

— Confie em mim. — Ele dá a partida na moto. — É só você aparecer na biblioteca às nove e meia. Vou cuidar do resto.

Em seguida, ele resmunga alguma coisa que não consigo ouvir direito, mas pesco as palavras “idiota” e “lição”. Mas estou tão empolgada que nem me importo.

Erguendo as botas do asfalto, o Quince acelera e sai rasgando do estacionamento.

Meu estômago está todo embrulhado. Só consigo pensar nos “*e se*” dessa história toda.

E se tudo isso for só uma brincadeira?

E se não for?

E se o Brody me odiar?

E se ele não me odiar?

E se tudo acontecer de acordo com o plano e eu me declarar para o Brody amanhã às nove e meia da noite na biblioteca?

Esse é o “*e se*” mais assustador de todos.

Antes que eu consiga sair do lugar, pensando no que isso significaria para o meu futuro, para o *nosso* futuro, o Quince volta roncando com sua moto para o estacionamento e derrapa até parar na minha frente. Por que ele nunca consegue simplesmente ir embora como uma pessoa normal?

— Aliás... — diz ele, me olhando nos olhos. — Você sempre guarda bilhetes no seu... *hã, bolsinho particular?*

— No meu...?

Ele desvia o olhar para o meu peito e volta rápido para os meus olhos.

Arregalo os olhos e seguro a mochila na minha frente. No meio de toda aquela loucura hoje de manhã, acabei me esquecendo completamente da mensagem do papai.

— Seu pervertido!

Ele só pisca para mim e sai acelerando de volta para a rua. Será que me enganei ou ele estava mesmo com as bochechas meio vermelhas? Duvido muito. O Quince nunca sente vergonha de nada. Quando ele some de vista e já não consigo mais ouvir o ronco da sua moto, deixo a sacola no chão e enfio a mão no meu sutiã.

Enquanto volto andando para casa, parto o selo real e desenrolo o bilhete.

EMITIDO PELO GABINETE DO
REI NÁUTILO DE THALASSÍNIA

Querida Lily,

A festa de dezesseis anos da sua prima Dosinia será neste final de semana. Ela com certeza adoraria contar com sua presença. Além disso, estou com muita saudade. Que tal vir passar alguns dias em casa?

*Com amor,
papai*

Vai ser difícil. Porque enfim, eu adoro a Dosinia... em geral (às vezes ela só sabe falar de meninos e é meio chata) e amo meu pai. Mas com alguma sorte, se tudo der certo amanhã à noite, vou passar o resto do final de semana com o garoto dos meus sonhos. Nenhuma festa de aniversário em todos os sete mares poderia ser melhor do que isso.

—E aí, falou com ele? — pergunta Peri antes mesmo que eu consiga me transformar em meio às águas turvas sob o píer de Maresia.

Quando saí de Thalassínia, nós combinamos de nos encontrar uma vez por semana em algum ponto entre a terra e o mar. Como os calendários marinhos e humanos não são iguais, ela nada até a costa para me ver toda quinta à tarde, o que equivale à sexta no mar. Ela é a minha conexão com o oceano quando não tenho tempo de voltar para casa — coisa que não faço há quase três meses.

Além disso, a Peri me conhece melhor do que ninguém. Ela é tipo uma psicóloga particular.

— Sim, falei, sim — digo, me virando na direção da voz dela.

— Parabé...

— E ele me deu um fora.

— Ah, poxa... — diz ela, chegando mais perto. — Sinto muito.

Assim que vejo aquele rosto tão cheio de carinho — sua boca repuxada com a sombra de um sorriso triste, seus olhos ternos e gentis —, desabo de novo. As lágrimas voltam, se dissolvendo na água salgada, e eu me consolo um pouquinho ao pensar que, em meio às sombras embaixo do píer, a Peri pelo menos não conseguiria ver meus olhos reluzindo.

Relembro por um segundo a dor da minha rejeição. Só por um breve instante, deixo aquele sofrimento me inundar de novo, pensando no quanto eu tinha sido boba por ter alguma esperança, mas então empurro tudo de volta para o fundo da minha cabeça.

Não era sobre isso que eu queria conversar com ela. Toda essa história de chamar o Brody para o baile já acabou, e eu agora tenho outros motivos para pedir os conselhos dela.

— Não quero falar sobre isso — digo eu. — Preciso conversar sobre o que rolou depois.

Ela pega as minhas mãos e as aperta para me reconfortar.

— Claro, conte tudo.

E eu conto.

Enquanto nadamos mais para o fundo, deixando a praia cheia de pessoas para trás rumo à segurança da barreira de corais algumas milhas náuticas mar adentro, conto a ela todos os patéticos detalhes do meu dia desde o incidente da bolinha de papel até finalmente convidar o Brody para o baile no almoço, minha humilhante crise de choro e como o Quince Fletcher — o *Quince Fletcher*, veja só você! — apareceu para me ajudar. A Peri já conhece a minha tempestuosa história com esse baiacu, então fica tão surpresa quanto eu ao saber disso.

— E depois, ele se ofereceu para me ajudar! — exclamo eu, parando na borda oeste do recife. — Ele bolou um plano. Vou ficar esperando na biblioteca durante o baile e ele vai fazer o Brody ir lá para eu dar um beijo dele.

— Um beijo? — diz Peri, espantada. — Mas você não vai beijar ele assim, vai?

— Não, é claro que não — garanto eu. — Não sou idiota. Mas vai estar escurinho e talvez eu finalmente arrume coragem para confessar ao Brody que gosto dele.

A Peri fica mais do que aliviada ao saber que não vou dar um beijo de surpresa ou à força no Brody. Posso ser uma menina apaixonada, mas tenho caráter. Eu nunca ficaria com alguém assim.

— Parece ser um bom plano — diz ela. — O que poderia dar errado?

Nem pergunto como ela sabia que tinha alguma coisa me incomodando — depois de mais de dez anos sendo minha melhor amiga, ela praticamente consegue ler meus pensamentos.

— Bom, o plano é do Quince — explico eu. — Não confio nele.

— Isso não é nenhuma novidade.

— Eu sei. — Passo as mãos por uma pequena moita verde de cabelo-de-sereia, deixando a alga sedosa escorrer pelos meus dedos. — O problema é que... eu *quero* confiar nele desta vez.

Peri nada até atrás de mim e começa a trançar meu cabelo com um ar distraído. Adoro quando ela faz isso, porque em terra, meu cabelo não consegue ser transformado em nada além de um arbusto loiro. Mas assim que eu nadar de volta para Maresia, a trança vai ficar seca demais e se desfazer. Momentos como esse são o único alívio que tenho da bagunça que é meu cabelo.

— Então o seu medo é que ele esteja preparando a maior peça de todos os tempos só porque está se oferecendo para ajudar você com o seu maior sonho? — diz ela.

— Isso!

Eu ainda não tinha pensado nisso assim, mas era justamente esse o meu medo.

Ela passa as pontas dos dedos na pele logo abaixo do meu pescoço, e percebo que ela está massageando minha marca marinha — um símbolo parecido com uma tatuagem com o qual todas as sereias nascem e as identifica como filhas do mar. Imagino o símbolo, um círculo de ondas em volta de uma flor estilizada verde-limão, combinando com as minhas escamas. A da Peri, pelo que já vi, é acobreada. A do papai é azul-marinho.

Quando uma sereia está em forma terrestre, essa marca é a única coisa que a distingue de um ser humano comum.

— Não consigo imaginar como isso poderia acontecer. — Depois de terminar a trança, Peri nada de volta até a minha frente. — Você só vai ficar esperando na biblioteca, não é? — Eu aceno a cabeça. — Então não vejo como ele poderia virar essa situação contra você — diz ela, inclinando sua linda cabeça morena para o lado. Mesmo em terra, seus cabelos castanhos longos e sedosos caem como lindas ondas sobre suas costas. Sereiazinha de sorte... — Não é mesmo?

— Eu sei. — Balanço a cabeça devagar. — E é isso o que está me deixando nervosa.

Porque não seria a primeira vez que o Quince faz alguma coisa totalmente inesperada. Mas ela tem razão. A esta altura do campeonato, não tenho mesmo nada a perder.

— Ah, quase me esqueci! — diz Peri com um gritinho, pegando as minhas mãos. — Tenho uma coisa para te mostrar!

Ela me puxa pela borda do recife, descendo mais para perto do leito marinho, onde a luz do Sol começa a ficar para trás. Quando chegamos à areia do fundo, Peri me leva até a entrada de uma pequena caverna que parece ser apenas um pouco maior do que uma toca de caranguejos. Sem dizer mais nada, ela solta minha mão e entra no buraco. Ela desaparece recife adentro.

Não fico nada surpresa. Peri adora encontrar lugares secretos, ainda como esse, totalmente escondidos de tudo.

Nadando atrás dela, entro no buraco e me vejo dentro de um túnel muito estreito. Ainda bem que não sou claustrofóbica, nem tenho medo de... enfim, morrer afogada. Depois de uns três metros, o túnel desemboca em uma caverna enorme.

— Nossa — digo eu, realmente espantada.

O lugar era lindo.

Mesmo totalmente coberta pelo recife, a caverna era cheia de luz. Flutuo até a parte de cima. O teto na verdade é uma camada de coral fina como papel que lembra um coral maciço quando vista por cima, mas ainda assim deixa a luz do Sol passar. É como uma claraboia.

— Veja só as paredes — diz Peri, desviando minha atenção do teto quase translúcido.

Eu me viro para baixo e analiso as paredes da caverna, que são cobertas por um arco-íris de estrelas-do-mar. Estrelas alaranjadas, vermelhas e amarelas se sobrepondo como um papel de parede com os tons do pôr do Sol ao longo do coral.

— Nossa, vou querer fazer igual nas paredes do meu quarto! — digo.

Peri sorri, nadando até a parede coberta de estrelas-do-mar e passando seus dedos pelas costas espinhentas daquelas criaturinhas.

— Achei mesmo que você fosse gostar.

Nossa, como sinto falta dela. Sem esses nossos encontros semanais, acho que eu nunca teria conseguido aguentar tanto tempo em terra. Por sorte, isso não vai ser para sempre.

— Assim que eu voltar... — digo, tentando pensar positivo sobre o futuro — ... quero decorar meu quarto todo com um monte de estrelas-do-mar.

— Legal! — responde ela. — Agora você só precisa conquistar logo esse seu namoradinho terrestre para poder voltar para casa então. — Ela diz isso em tom de brincadeira, mas sei que no fundo está falando sério.

Ela sente a minha falta tanto quanto eu sinto a dela.

— Claro, eu prometo — digo para ela. E para mim mesma. Também quero voltar para a vida que eu sempre planejei.

E amanhã à noite, no baile, vou fazer tudo acontecer.



A tia Rachel consegue tirar o que parecem ser duzentas e trinta e oito fotos de mim antes de eu sair para o baile, e acho que a Prithi apareceu miando em umas duzentas e trinta delas. Eu também estou empolgada, claro, mas acho que as primeiras cem já tinham capturado cada detalhe possível de mim para a posteridade.

— Seu pai vai adorar essas fotos — diz ela, tirando mais algumas.

Vendo meu reflexo no espelho da sala, não consigo ter tanta certeza assim. Depois de tirar a saia e a blusa do pacote surpresa do Quince, encontrei alguns acessórios no fundo da sacola. Brincos de argola dourados de pressão. Uma bandana vermelha. Uma cinta de couro marrom que na verdade era uma espécie de corpete de amarrar pela frente. Se o papai me visse assim, aposto que bateria seu tridente no chão com tanta força que acabaria causando um pequeno tsunami, tenho certeza. Não sei de onde tiraram essa ideia de que as sereias nadam por aí fazendo *topless*. Não tem nada a ver. É por isso mesmo que nós inventamos a parte de cima dos biquínis.

Solto a blusa na cintura e a ergo alguns centímetros para passar pela avaliação da tia Rachel. Ela nunca me deixaria sair de casa com um decote tão ousado assim.

— Você está parecendo uma princesinha pirata — diz ela, guardando a câmera e chegando mais perto. Vejo aquele mesmo olhar triste em seu rosto e percebo que ela está pensando na minha mãe de novo.

Eu nunca conheci minha mãe, mas já vi fotos. Sei que puxei meus cachos loiros dela — por mais que os dela nunca ficassem armados como os meus. Sei que ela vivia sorrindo. Sempre na praia ou na piscina. E sei que, até três anos atrás, sempre achei que ela fosse uma sereia. Quando descobri que ela era humana, foi como se todo o meu mundo tivesse desabado, como uma onda quebrando na praia. Imagine como seria descobrir aos catorze anos que você foi adotada e seus pais verdadeiros são o rei e a rainha da França (tá, eu sei que a França não tem mais reis, mas é só um exemplo!). Foi bem esse o tipo de espanto, confusão, surpresa e empolgação que eu senti.

Alguns marinhos odeiam os terrestres. Eles veem os humanos como uma praga que assola os mares e deveria ser expulsa do oceano por seus abusos. Mas eu não. Nem o papai, é claro, que até se apaixonou por uma terrestre. Sempre tive certa curiosidade pelos seres humanos e sua cultura — eu sei, isso é bem “*A pequena sereia*” da minha parte... —, mas quando descobri que eu era metade humana, esse meu interesse ficou ainda mais pessoal. Quanto mais eu vivo entre eles, mais me sinto integrada em terra. Já nem penso mais neles como terrestres (o termo dos marinhos para definir os humanos). Essa conexão que sinto hoje nunca vai se perder. Meu lugar é no oceano, mas viver em terra tem suas vantagens (como o Brody, a tia Rachel, a Shannen e também, claro, *gloss*). Além disso, em terra eu me sinto mais próxima da minha mãe.

A tia Rachel agora está me olhando com aquela mesma cara que fez quando apareci aqui na porta dela pela primeira vez. Com uma alegria melancólica.

— Obrigada — digo eu baixinho.

— Com essa maquiagem toda, parece que você tem vinte e cinco anos. — Seus olhos, verdes como os meus, se enchem de lágrimas, mas ela sorri, como se estivesse tentando disfarçar. — Você está igualzinha à sua mãe.

Antes que ela caia no choro, chego mais perto e lhe dou um abraço apertado. Por mais que ela às vezes fique triste em me ver, por lembrar tanto da minha mãe, acho que nós duas gostamos dessa nova forma que encontramos para pensar nela. Para a tia Rachel, sou a herança viva de sua irmã. Para mim, a tia Rachel é um álbum de recortes sobre a vida da minha mãe.

Ficamos ali por alguns minutos até eu ouvir uma buzina lá fora.

— É a Shannen — digo, já saindo. — Preciso ir.

— Divirta-se, Lily.

— Obrigada, tia — digo, sorrindo. — Esta noite vai ser especial, tenho certeza.

Ela franze as sobrancelhas com uma expressão preocupada.

— Você não vai fazer nenhuma loucura, vai? — diz ela, analisando meu rosto. — Tome cuidado, você não é

como as outras meninas.

Como se eu não soubesse.

A buzina toca de novo.

— Não vou fazer nenhuma loucura — digo. — Prometo — embora nossas definições de loucura não sejam exatamente as mesmas. Antes que a tia Rachel consiga dizer mais alguma coisa, dou um beijo rápido na bochecha dela e saio correndo pela porta. — Eu te aviso quando chegar.

A Prithi mia em protesto pela minha partida.

Fom-fom!

— Não vá fazer nada antes da hora, hein? — diz a tia Rachel, enquanto desço pulando os degraus da varanda.

Antes da hora? Eu dou risada, correndo até o carro. Estou esperando há três anos por esta noite. Até uma lesma marinha seria mais rápida do que eu.

— Adorei a fantasia! — diz a Shannen, enquanto chego mais perto. Pela janela do passageiro, vejo que ela está vestida de... quem adivinha? Sereia. — Com quem você arrumou isso?

— Bom, na verdade, eu...

— Comigo.

Meu corpo todo fica tenso.

Falando em lesmas marinhas...

Eu já devia ter imaginado que ele não perderia a chance de me zoar. Eu me viro na direção daquela voz. Sob a penumbra do anoitecer, nem vejo onde ele está. Mas então, ele se mexe e eu o enxergo encostado na varanda, a poucos metros de mim, com aquele sorriso prepotente de canto de boca que o deixa com uma cara de baiacu folgado. Que é exatamente o que ele é.

No entanto, eu já tinha concordado com a Shannen e a Peri que seria melhor deixar que ele me ajudasse — seja lá como isso fosse possível.

— Isso... — resmungo. — Foi com o Quince.

— Você ficou uma piratinha muito linda, princesa.

Abro a boca para responder, mas então percebo... que talvez tenha sido um elogio. Ou pelo menos o mais próximo disso que o Quince já conseguiu chegar.

O educado seria até agradecer.

Eu me viro e abro a porta do carro com tudo.

— Sabe — diz ele com sua suave voz aveludada. — Você poderia ir ao baile comigo. Só para o Benson ficar com um ciúminho.

Essa sugestão me deixa tão atordoada que nem corrijo o nome do Brody. Fico paralisada, com a mão na porta do carro. Em seguida, sinto um calor nas minhas costas e percebo que ele está bem atrás de mim.

Minha pele começa a formigar.

Ele ainda está cheirando a creme dental de menta, mas em vez de couro, o outro cheiro agora é de alguma coisa... mais rústica. Como o jardim da tia Rachel depois da chuva.

— *Hm*, não... — gaguejo. — Não, obrigada. Vamos seguir o plano original.

Sinto alguma coisa roçando na minha nuca.

— Você que sabe, princesa — sussurra ele no meu ouvido.

O calor se afasta, e percebo que ele foi embora. Meu corpo todo fica arrepiado pelo frio que me ataca de repente. Sem me virar para trás, abro a porta e me sento no banco do carona.

— Vamos indo — digo, meio sem fôlego.

Quando percebo que a Shannen ainda não ligou o carro, viro de lado. Ela está olhando para mim. Será que minha maquiagem está estranha? Eu até tinha conseguido — com ajuda da tia Rachel — passar um pouco de rímel direitinho. Mas talvez eu tenha me borrado, enquanto ela tirava as fotos ou coisa assim. Abaixo o quebra-sol para me olhar no espelhinho. Não, ainda está tudo certo. Talvez ela só não esteja acostumada a me ver de maquia...

— O que foi aquilo? — pergunta ela.

Ah. *Aquilo*. Como não faço ideia do que foi *aquilo*, não tenho muito como responder. Só acho que o Quince gosta de brincar com a minha cabeça. Nunca entendi qual é a dele mesmo.

— Nada — digo a ela. — Ele só queria me deixar nervosa.

Ela passa mais alguns segundos me olhando antes de encolher os ombros e sair com o carro. Ela sabe que o Quince é um cara difícil de entender.

Durante todo o caminho até a escola, meu estômago fica se revirando como um mar revolto no meio de uma tempestade. Não sei se vou aguentar até o final da noite. Depois, quando já estamos entrando no estacionamento,

vejo o Brody descendo do carro, vestido — bem como o Quince tinha dito — de pirata. Pela primeira vez em três anos, vê-lo me deixa mais calma em vez de agitada.

Percebo então que vai dar tudo certo. O Brody vai ser meu par do mar e nosso futuro juntos irá começar esta noite. Não tem como dar errado.



A biblioteca está toda escura e vazia quando entro pela porta dupla de vidro às nove e quinze. Eu sei que ainda é cedo, mas quero ter um tempinho para me acalmar e me preparar. Passei a última hora dançando e conversando com meus amigos, tentando me divertir apesar da minha ansiedade que só ficava cada vez maior. Daqui apenas quinze minutos, vou me declarar para o menino pelo qual estou apaixonada há o que parece ser minha vida inteira.

Preciso de um tempo para refletir.

Passei três anos admirando o Brody de longe. Sempre fui apaixonada por ele, mas ele mal sabia quem eu era. Às vezes, chego até a me perguntar por que gosto tanto dele assim. Sei lá, nós nunca tivemos nenhuma conversa muito profunda que não fosse sobre o time de natação ou a equipe de jornalismo.

Talvez seja pelo charme dele. No meu primeiro dia no Maresia, entrei no refeitório com as pernas bambas, sem ter com quem me sentar. Enquanto analisava aquele cenário estranho, em busca de algum lugar vazio para comer, perdi o equilíbrio e caí, jogando minha bandeja cheia de comida bem no colo do Brody. Em vez de ficar bravo, gritar ou me humilhar (como *certos* garotos), ele só deu risada e me ajudou a limpar a bagunça. Ele é um daqueles caras que consegue fazer todo mundo — até uma sereia desengonçada em seu primeiro dia em um colégio humano — se sentir especial.

Ou talvez seja pelo jeito como ele parece estar confortável em qualquer situação. Esteja onde estiver, o Brody sempre consegue se encaixar, e para um terrestre que vai precisar ir para o fundo do oceano, acho que esse é um traço de personalidade crucial.

E o fato de ele nadar tão bem é um grande ponto positivo para ser meu par do mar.

Seja lá por qual motivo for, meu coração dispara sempre que o vejo, e não tenho como negar isso. Nem quero. Meu corpo e meu coração sabem de coisas que meu cérebro nem sempre entendem muito bem.

Os quinze minutos passam voando. Antes que eu perceba, já estou olhando fixamente para o relógio, enquanto os ponteiros marcam nove e meia. Nove e trinta e cinco. Nove e quarenta.

Às nove e quarenta e cinco chego à conclusão de que ele não vai aparecer. Em vez de entrar em pânico, tento ser racional. Talvez seja melhor assim. Afinal, ele achava que ia se encontrar com a Courtney. Ele claramente não está a fim de falar com ela direito nem para pegar seu anel de volta. Isso quer dizer que ele já superou o fim do namoro. Certo?

Em seguida, quando eu já estava engolindo essa desculpa, uma sombra aparece na porta.

Meu coração pula dentro do meu peito, fica paralisado por uns bons dez segundos e depois volta a bater mais rápido do que nunca.

Ele apareceu. Ele realmente apareceu.

Não estou nem aí se ele veio para encontrar a Courtney — ele está aqui e eu estou prestes a ter a maior oportunidade da minha vida.

Sob a luz fraca que vem do corredor, consigo ver a bandana vermelha na cabeça dele. Fico só olhando, maravilhada, enquanto ele atravessa a biblioteca, passando entre o mar de mesas e vindo direto até meu cantinho escondido. Ele anda como uma corrente marinha nas profundezas do oceano — com um ritmo suave e poderoso. É como se eu estivesse o vendo caminhar pela primeira vez.

E então, ele chega bem à minha frente.

Consigno ver apenas seus contornos, mas tenho a sensação de que ele está olhando diretamente nos meus olhos.

Fale com ele! É por isso que você está aqui. Abra a boca, forme as palavras certas e...

Sinto as mãos dele me pegando pela nuca e, antes que eu consiga pensar em qualquer coisa, ele inclina a cabeça e nossos lábios se tocam. Por uma fração de segundo, fico com medo de que ele esteja achando que eu sou a Courtney. Mas assim que o calor de seus lábios macios se espalha pelos meus, todos os meus pensamentos se dissolvem. O que sobra é apenas a minha paixão. Uma faísca elétrica percorre minhas veias, fazendo com que cada

pedacinho do meu corpo se concentre naquela boca tão deliciosa.

O instinto me domina, e ergo os braços para pegá-lo pelo pescoço e o puxar mais para perto. Passo os dedos em sua bochecha, sentindo a aspereza de um rosto com a barba por fazer. Solto um gemido incontrollável que sai das minhas profundezas e o puxo ainda mais para perto.

Ele inclina a cabeça um pouco de lado, abre mais a boca, passa a língua pelos meus lábios e então... se afasta.

Minha cabeça está girando. Meus pulmões gritam por oxigênio. Sinto meu corpo começando a se transformar, como se eu estivesse na água e precisasse das minhas guelras, mas então balanço a cabeça, recobrando um pouco do controle, e impeço a transformação.

Minhas emoções também estão uma loucura. Além da minha própria mistura de alegria e paixão, graças ao novo laço que acabamos de forjar, sinto um pouco da dele também.

— Nossa — digo eu. — Isso foi...

Não consigo nem encontrar a palavra certa.

Mas ele sim:

— Incrível.

Meus olhos se abrem e fico totalmente alerta. Essa não é a voz do Brody. Na verdade, parece mais o...

— Aposto que o Benson nunca te daria um beijo assim.

— Como foi a festa, querida? — pergunta a tia Rachel quando chego enfurecida em casa.

— Ótima — esbravejo eu, batendo a porta atrás de mim. — Perfeita.

Eu ignoro o “Ai!” que vem lá de fora, seguido por uma pancada forte.

— Lily! — grita ele. — Deixa eu entrar!

A tia Rachel olha para mim.

— Algum problema?

— Não — respondo, toda meiga. — É claro que não.

Bang, bang.

— Deixa eu explicar!

— É o Quince?

— Sei lá — digo, já subindo a escada para o meu quarto.

Bang! bang!

— Eu não estava querendo te beijar!

Fico paralisada, com um pé erguido em cima do próximo degrau e meu coração disparado no peito. Posso sentir o olhar da tia Rachel ardendo nas minhas costas.

— Ah, Lily... — diz ela, espantada. — Você não...

Eu me viro para ela.

— Não — desembucho, sentindo as lágrimas prestes a cair. — *Eu* não fiz nada. — Desço a escada batendo o pé, vou até a porta e a abro com tudo e então aponto o dedo cheio de fúria para o pesadelo fantasiado de pirata parado lá fora. — Foi *ele* quem fez!

O peste, achando pelo visto que o fato de eu ter aberto a porta era um convite, dá um passo adiante. E eu fecho a porta com ainda mais força.

— *Ai!*

Espero que ele tenha quebrado o nariz.

— Lily, *por* favor... — diz ele como se estivesse com a mão no nariz... vitória! — Só me deixe *explicar*...

Eu fecho o trinco.

— Vou para o meu quarto — anuncio e volto a subir a escada.

— Ah, mas não vai, não — diz a tia Rachel, me pegando pelo braço enquanto passo por ela. — Você vai ter que se explicar, garotinha.

Por um segundo, continuo firme como uma rocha, totalmente calma e prestes a dizer para a tia Rachel me deixar em paz. Mas depois, todas as emoções e bizarrices dessa última meia hora — desde o momento em que dei uma joelhada no meio das pernas do Quince até bater a porta na cara dele pela segunda vez — voltam borbulhando à tona e eu caio no choro.

— Era para ter sido tudo perfeito — digo, me virando para ela. — Eu ia dizer para o Brody o quanto gosto dele, e ele ia ver o quanto fomos feitos um para o outro, e nós íamos começar a nossa vida juntos — engulo o nó na minha garganta. — Era para ter sido perfeito.

— Ah, minha garotinha inocente — sussurra a tia Rachel, enxugando com carinho uma lágrima na minha

bochecha. Ela balança a cabeça como se estivesse decepcionada comigo, o que não é nada justo porque a culpa de toda essa bagunça não foi minha. Eu sou a vítima dessa situação.

— Era para ter sido perfeito — berro de novo, dissolvendo a expressão triste no rosto dela. — Até *ele* estragar tudo. *Ele* apareceu na biblioteca no lugar do Brody. *Ele* me beijou até as minhas barbatanas se arrepiarem. *Ele*... — grito para ser ouvida lá de fora — arruinou minha vida toda!

Em seguida, antes que a tia Rachel consiga dizer seja lá o que está por trás daquele olhar de espanto, solto meu braço de suas mãos e corro para o meu quarto.

Já chega, cansei dessa história de ser humana. Vou voltar para o oceano. Onde é o meu lugar. A vida em terra firme é complicada demais, e os terrestres — um deles em especial — não merecem confiança (a não ser pela tia Rachel, é claro. E a Shannen. E o Brody. E talvez pela minha professora de Artes...). Não sei por que achei que conseguiria me virar neste mundo.

Ajoelhada no chão, espio por baixo da saia de cama de palha, procurando uma sacola com as minhas coisas. Mas não encontro. Então me levanto com um pulo e bato a cabeça na mesinha de cabeceira, derrubando minha luminária em forma de palmeira e dando um susto na Prithi que estava cochilando na cama entre meus bichinhos de pelúcia. Tanto faz também. Não preciso de sacola nenhuma. Não tenho nada para levar comigo mesmo.

Claro, meu quarto está cheio de coisas aleatórias que fui juntando ao longo dos últimos três anos, mas não vou precisar de nada disso em Thalassínia. A água acaba com qualquer coisa feita em terra. Além do mais, o que eu quero é me esquecer de que o mundo humano existe.

Bom, de tudo, menos do Brody...

— Lily...

O que ele está fazendo aqui?

Não, tia Rachel. Ela deve ter deixado o Quince entrar para...

A maçaneta começa a girar, mas eu mergulho e tranco a porta bem a tempo.

— Lily, por favor... — repete ele com uma decepcionante voz de quem não quebrou o nariz. — Por favor, só me deixe explicar o que aconteceu.

— Não! — Pego um golfinho de pelúcia na minha cama, fazendo a Prithi pular para o chão, e o jogo com tudo contra a porta. O impacto mal faz barulho, mas fico me sentindo melhor. — Suma daqui!

Miau!

— Eu juro que estava tentando ajudar você a fisgar o Ben... — ele limpa a garganta — ... net. — Ele agora começa a murmurar: — Achei que se você passasse mais do que dez minutos com ele, perceberia o quanto ele é um babac...

— Não quero falar com você — grito e jogo uma baleia orca de pelúcia contra a porta. E uma lagosta. E um cavalo-marinho.

Achando que é uma brincadeira, a Prithi sai correndo atrás da minha artilharia. Ela agarra o cavalo-marinho e se esconde embaixo da cama.

— Eu só estou tentando dizer que dei o bilhete para ele. Era para ele ter aparecido. — Ouço o Quince limpando a garganta de novo. — Mas depois... *aham*... eu vi que ele estava dançando com... *aham*... a Kiran Siman... *aham*... e achei que devia... *aham*... ir ver como você estava. Droga, minha garganta está toda seca.

Ele continua tentando limpar a garganta até ter um ataque de tosse.

Que maravilha. Ele está com a garganta seca. Fecho meus olhos com força, mas não adianta mais. A transformação já está acontecendo.

— Enfim... — diz ele quando consegue parar de tossir por um instante. — Você parecia estar tão... ansiosa ali no escuro. — A voz dele agora parece triste, mas talvez seja só um efeito colateral da transformação também. — Como se estivesse esperando o melhor momento da sua vida.

Cof, cof, cof.

Olho para a deprimente pilha de bichinhos de pelúcia amontoados em frente à porta. Ele tem razão, é claro. Eu estava esperando o momento mais perfeito da minha vida.

E ele tinha estragado tudo.

Disparo outra saraivada de criaturas marinhas de pelúcia contra a porta.

— Eu não estava... — uma estrela-do-mar — ... esperando... — um tubarão — ... *você!*

Os bichinhos da minha cama já acabaram. Estou prestes a pegar um travesseiro quando ouço um baque na porta pelo lado de fora. Parece ser o barulho de uma testa batendo contra a madeira.

— Eu sei — grunhe ele, que tosse algumas vezes antes de dizer: — Só não consegui evitar.

Sinto um desespero tão forte em sua voz, que quando ele volta a tossir, acabo pondo uma das mãos na porta como

se isso pudesse curá-lo. Mas eu sei que não vai, porque ele não está doente. Ele só está se transformando. E eu não posso simplesmente fugir disso. Ou dele.

Até a Prithi sai de baixo da cama e solta um miadinho para a porta.

— Água... — digo baixinho.

Segue-se uma longa pausa de silêncio até que ele pergunta:

— Como é?

— Água — repito eu. — Você precisa tomar água.

— É só uma tosse — insiste ele. — Lily, eu só quero que você entenda por que eu...

— Vá pedir um copo d'água para tia Rachel.

— Eu estou bem aqui, querida — diz ela.

Que ótimo, uma testemunha para a minha humilhação.

— Me escute, por favor — pede ele, com uma voz completamente rouca.

Se ele não beber um pouco d'água logo — *muita* água, aliás —, vai acabar perdendo a voz para sempre. Não que eu tenha algum interesse em ouvir o que ele tem para dizer, mas uma parte de mim quer saber por que justo *ele*, o cara que mais adora me atormentar, me beijou.

— Tia Rachel... — digo, ignorando seu pedido. — Pegue um copo d'água para o Quince.

— Claro — diz ela. Pelo seu tom de voz, vejo que ela percebeu a seriedade da situação.

— De água com sal — digo eu, suspirando.

— Certo — diz ela, e então a ouço descendo a escada.

— Com sal? — pergunta o Quince. — Por que diabos você quer que eu beba água salgada?

— É uma longa história.

A Prithi solta um miado carinhoso.

Um silêncio pesado cai entre nós.

— Do que você está falando? — pergunta ele.

— Escute... — digo, encostando a testa na porta. — Tome a água. Volte para casa e tome um banho. Um banho de água *salgada*. Você vai se sentir melhor...

— Não — rebate ele. — Não vou embora até você me explic...

Antes de conseguir terminar, ele tem um violento ataque de tosse.

— Não estou no clima para isso agora — digo, sentindo o cansaço na minha voz. Depois de um dia confuso como este, o Quince tem é sorte de eu não estar fazendo picadinho dele agora.

— Tudo bem — diz ele baixinho. — Desde que você prometa conversar comigo amanhã.

Ah, nós vamos conversar, sim. Quando encostou seus lábios nos meus, ele não tinha a menor ideia do que estava fazendo. Ele pode não gostar do que vai ouvir, mas nós vamos conversar. Porque para consertar o que fez, ele vai ter que se apresentar à corte real de Thalassínia. Ou seja, meu pai.

— Prometo, sim — e quando ele volta a tossir, digo: — Só volte para casa e tome um banho.

Como é que eu fui me meter nessa confusão?

E como é que eu vou sair dela?

Parece que vou ter que voltar para casa no final de semana de qualquer jeito.



“*Me encontre no parque em frente à praia às três.*”

Passei esse bilhete por baixo da porta na varanda do Quince logo de manhã e sumi de vista. Ter passado a noite em claro não tinha me ajudado muito a clarear as ideias e eu precisava de um dia livre para pensar em como iria explicar... bom, *tudo*... para ele.

Enquanto o Sol avança no céu atrás de mim, fico sentada, olhando para o mar, ainda sem saber como vou lidar com essa situação.

Como você conta para um cara que é uma sereia? E que ele está virando um tritão também? Passei três anos sonhando em como seria contar tudo para o Brody, mas isso é muito diferente. O Quince é diferente.

Ele chega sem dizer nada atrás de mim, mas sinto sua presença. Na areia, no ar. Em todos os lugares. Por um instante, deixo a tensão — ou talvez seja só a ligação, ainda não acredito que estou ligada ao Quince Fletcher — faiscar entre nós. Sempre ouvi dizer que a ligação era uma coisa muito viciante. Mas nunca imaginei esse tipo de conexão física que estou sentindo.

Será que ele está sentindo a mesma coisa?

— Você acredita em outros mundos? — pergunto por fim.

— Como é? — rebate ele, rindo baixinho. — Tipo planetas alienígenas, você diz?

— Não, outros mundos aqui na Terra mesmo — explico. — Mundos que você não consegue ver. Mundos que você nunca imaginou que existiam, mas estavam lá esse tempo todo.

Ele senta na areia ao meu lado, apoiando os braços sobre seus joelhos dobrados.

— Que conversa é essa, princesa?

Uma onda quebra à nossa frente. Princesa. Isso quase me faz sorrir. E chorar.

— Olhe para areia — digo, apontando para o chão em volta dos nossos pés. — Está vendo todas essas conchinhas?

— Sim...

— Elas se chamam coquinas.

— Eu sei, elas vêm com as ondas...

— Isso é o que todo mundo acha — digo, balançando a cabeça. — Veja mais de perto.

Outra onda quebra na praia, revelando um arco-íris de coquinas. Enquanto observamos, elas afundam rapidamente de volta na areia.

— *Nossa!* — O Quince se inclina para frente, pega um punhado de areia e fica analisando o que tirou do chão como um garotinho revirando o leito do mar atrás de lesmas marinhas.

— Elas não vêm com as ondas — explico. — Elas vivem embaixo da areia.

Uma onda menor chega à praia, fraca demais para expor as coquinas enterradas na areia.

— Olhe para água. — A onda volta para o mar. — Está vendo essas borbulhinhas? — O Quince agora olha para a camada de água cobrindo a areia. — São as coquinas que fazem isso. — Outra onda quebra na praia, expondo novamente o arco-íris de conchinhas. — Mesmo escondidas, elas afetam o mundo que a gente vê.

— *Nossa* — diz o Quince, com uma voz cheia de espanto. — Que demais.

— Elas vivem em outro mundo, escondido, mas que causam borbulhinhas no mundo que você conhece. No mundo que você vê.

Sem me virar, percebo que o Quince está olhando para a areia como se ela fosse uma criatura viva agora. O que é quase verdade. Isso é um bom sinal, eu acho. Pelo menos ele não disse nada tipo “ah, grande coisa” ou “e daí?”. Então talvez ele não receba tão mal minha revelação. Certo? Espero que sim.

— É mais ou menos assim... — digo, engolindo meu nervosismo — ... que Thalassínia é.

— Thala... o quê? — diz ele, se virando para mim.

— Thalassínia — digo, me virando para ele também. — O meu reino.

Ele até que reage bem, porque só pisca três vezes antes de conseguir recuperar a fala.

— Seu reino? — repete ele. — Do que você...?

— Eu não sou uma menina comum — continuo olhando em seus olhos confusos sem hesitar. — Eu sou uma...

Agora que finalmente chegou o momento de contar a alguém a verdade sobre mim, percebo que isso é muito mais difícil do que eu imaginava.

O sigilo é algo crucial para o mundo marinho. Além do instinto de fugir assim que um ser humano aparece, nós também mantemos nosso mundo cuidadosamente camuflado. A não ser por algumas poucas exceções — como a Estrada de Bimini^[1] e aqueles templos submarinos no litoral do Japão —, nossos prédios se parecem com formações naturais. Em certos casos, até podemos alterar a memória de um ser humano pouco confiável que tenha visto nosso mundo. Não é uma experiência divertida, mas é um preço justo a ser pago para manter em segredo a existência de Thalassínia e dos outros reinos marinhos. Se as pessoas descobrissem que nosso mundo existe e soubessem que somos reais e não as criaturas fantasiosas de seus mitos antigos, teríamos sérios problemas. Pesquisadores. Jornalistas. Agências governamentais capazes de destruir reinos inteiros. Todos eles viriam bater nas nossas portas — ou melhor, nadar nas nossas águas — em um piscar de olhos. Nosso mundo tão tranquilo se transformaria em um turbilhão caótico e a paz que cultivamos ao longo dos séculos se perderia. Não é como se os marinhos sonhassem com esse tipo de coisa.

Tudo o que aprendi em termos de instintos e regras desde que nasci me forçam a esconder nosso segredo dos terrestres a qualquer custo, mas a verdade é que agora não tenho escolha. Aquele beijo tornou este momento inevitável.

Se fosse com o Brody, seria tão mais fácil. Passei três longos anos esperando para contar a verdade a ele. Mas para o Quince? Não foi bem para isso que eu tinha me preparado.

Ele arqueia as sobrancelhas, fazendo uma cara de quem está muito, mas muito pensativo. E as coisas começam a se encaixar em seu cérebro.

— Sabe... — diz ele, parecendo um tanto cético. — Aquele banho de água salgada me fez melhorar na mesma hora ontem à noite.

— Sério?

— E não fiquei com a garganta ardendo depois de beber a água salgada. Na verdade... — ele estreita os olhos — ... nunca tinha tomado nada tão refrescante.

Aham.

— Que bom.

Estou achando que nem vou precisar contar nada para ele. Talvez a ligação já esteja nos ajudando a pensar melhor juntos.

— Aliás, pensando bem — diz ele. — Você vive tomando uns banhos bem demorados.

— Ei! — berro de repente mais ofendida do que ansiosa. — Você é mesmo um perverso...

— Lily... — diz ele, com uma voz agora estranhamente séria. — Tem mais alguma coisa que você queria me dizer?

— Bom, na verdade... — respondo, agora já sem conseguir encarar-lo. — Tinha mais uma coisa, sim...

Quando percebe que não vou terminar, ele diz:

— E o que é...?

Abaixo a cabeça e murmuro para dentro o que tenho a dizer. Pelo amor de Poseidon, isso é muito mais difícil do que eu tinha imaginado.

— Como é? — pergunta ele, pegando meu queixo e me forçando a olhá-lo nos olhos. — Não ouvi nada, parece que você falou só para a areia.

— Eu disse que... — Eu me solto dele e o encaro com toda a firmeza que consigo fingir. — Eu sou uma sereia.

Ele fica meio boquiaberto. De repente, me pego olhando para os lábios dele, os mesmos que me beijaram ontem à noite. Eles são muito bonitos. Eu nunca tinha reparado antes — mesmo porque eles em geral só são usados para me atormentar —, mas eles são lindos e carnudos, mas sem serem delicados demais. Meio parecidos com os do Brad Pitt mesmo, como a Shannen tinha dito. Não é à toa que foi tão gostoso...

Santa cavalinha, o que é que deu em mim? Por que eu estou sonhando... Não. Não, não e não. Eu *não* estou sonhando com o beijo do meu arqui-inimigo! Devo estar ficando doida mesmo. Tenho coisas mais importantes para pensar no momento.

— Hmm... — grunhe o Quince, como se tivesse acabado de ver um macaco montado em um golfinho ou alguma coisa assim. Depois, ele dá risada. — Isso explica essa sua obsessão pelas coisas do mar!

Ele continua rindo. Faço uma cara feia. Não há nada de engraçado nesta situação.

— Bom, mas não é só isso, meu caro. — Eu o empurro pelo peito, fazendo-o cair de costas na areia. — Você está se transformando em um tritão agora também.

Ele começa a rir ainda mais.

— Qual é a graça?

— Ah, sabe como é, Lily... — diz ele. — A vida tem dessas ironias — fecho ainda mais a cara. Ele é um maluco. Talvez eu devesse ter deixado que ele morresse com a garganta sec... — Eu nem sei nadar.

Que ótimo. Enfio as mãos entre meus cabelos e abaixo a cabeça. Por que eu estou surpresa? O Quince nunca fez nada para facilitar minha vida mesmo. Thalassínia fica quarenta e cinco milhas náuticas ao leste daqui, e esse baiacu nem sabe nadar. O Sol já está quase se pondo no horizonte. Não temos tempo a perder.

— Bom, você vai ter que aprender — digo, me levantando com um pulo. — E rápido.

— Calma lá, princesa. — Ele para de rir por tempo suficiente para ficar de pé. — Eu não me dou muito bem na água. Prefiro andar sobre rodas.

— Isso não importa agora — digo, indo até a água enquanto chuto meus sapatos para fora dos pés.

— Como assim não importa? — resmunga ele.

— Escute. — Eu me viro para ele, pondo as mãos na cintura. — Temos muito pouco tempo. Não quero ficar de bobeira em alto mar depois de escurecer.

Quando o Sol se põe, o oceano vira um campo de batalha. As maiores e mais cruéis criaturas saem de suas tocas, e algumas delas gostam de devorar sereias. Nadar à noite sem escolta é a mesma coisa que pular dentro da boca de um tubarão.

— O que é que está acontecendo aqui? — diz ele, cruzando os braços.

Estou vendo que não vou chegar a lugar nenhum com ele sem explicar algumas coisas antes.

— Quando você me beijou ontem à noite, nós formamos uma ligação e você começou a se transformar em um marinho, a se preparar para viver imerso em água salgada, elevando os níveis de sal na sua pele para compensar... foi por isso que aquele banho foi tão bom. E as glândulas salivares na sua garganta se transformaram em guelras para você conseguir respirar embaixo d'água.

— Espera aí...

— A química do seu sistema linfático está se transformando para poder regular sua flutuação. — Tento não rir quando penso no pobre Quince boiando na água, enquanto o arrasto até Thalassínia.

— Minha flutuação está ótima, eu só...

— Ah, e essa ligação... — complemento antes que as coisas fujam de controle. — É uma conexão químico-hormonal-emocional que pode bagunçar um pouco seus sentimentos. Então não vá ficar todo sentimental comigo. Nós não estamos nos apaixonando um pelo outro de verdade, mesmo que a gente comece a achar que sim.

Esse é um bom conselho para mim também.

Não consigo imaginar nada pior do que pensar que estou apaixonada pelo Quince. Isso me deixaria tão envergonhada que eu nunca mais teria coragem para sair do mar.

— Tudo bem... — diz ele. — Mas e...

— Não temos tempo — eu o interrompo de novo. Estou gostando de finalmente conseguir dar a última palavra com ele. — Posso te explicar mais detalhes depois. Primeiro, temos que levar você até a corte real de Thalassínia para que o rei possa fazer um ritual de separação o quanto antes, para tipo, *semana passada* se der. Agora vamos indo.

Ele parece espantado. Totalmente espantado. Nunca imaginei que algum dia *eu* deixaria o Quince Fletcher chocado. E agora que esse dia finalmente chegou, nem tenho tempo para aproveitar. Preciso romper essa ligação antes que as emoções comecem a confundir meu raciocínio, antes que a marca marinha dele comece a se formar no início do próximo ciclo lunar e o processo se torne irreversível.

Tic-tac, tic-tac.

— Deixa eu ver se entendi bem — diz ele, tentando se recuperar. — Eu vou virar um sereio só porque beijei você?

— Nunca pedi para você me beijar — rebato.

Ele fecha a cara e eu me arrependo do meu comentário ácido. Ele também nunca pediu para que nada disso acontecesse. Ele não tinha como saber no que estava se metendo.

— Tecnicamente... — explico — ... você está se transformando em um tritão. — Ele me olha com uma cara de quem não está interessado em *termos técnicos* no momento. — Olha, será que dá para a gente se esquecer do que aconteceu nos últimos dias e se concentrar no que precisamos fazer agora?

Ele encolhe os ombros, ainda mal-humorado a julgar pela sua cara fechada. Mas não tenho tempo para me preocupar com o biquinho dele agora. Sozinha, eu conseguiria nadar de Maresia até Thalassínia em menos de duas horas. Mas com esse menino metido a motoqueiro para me atrasar, só com muita sorte vamos conseguir chegar lá antes de o Sol se pôr, o que não deve demorar.

— Não podemos ficar em alto-mar depois que escurecer. Achei que teríamos mais tempo, mas eu não esperava que você não soubesse nadar. — Eu me viro e volto a descer em direção à água, enquanto desabotoo meu short. — Venha comigo.

Com a água já na minha cintura, tiro o short e o jogo para a praia, ao lado dos meus sapatos e do Quince, boquiaberto, que ainda não saiu do lugar.

— Vamos logo! — grito.

Hesitante, o Quince por fim começa a andar, tentando soltar o cinto de sua calça larga.

— *Não, não* — digo. — Pode ficar de calça mesmo.

— Mas você...

— Eu vou me transformar — explico. — Minhas barbatanas vão crescer. Você não é um marinho de verdade ainda. Você vai conseguir respirar e falar embaixo d'água, mas não vai virar um tritão.

E assim que a separação espiritual for realizada, isso nunca vai acontecer.

— Ah... — Solta ele, com os olhos meio confusos, como se não tivesse entendido nada.

Mas tudo bem, vou ter tempo de sobra para explicar tudo depois.

— Mas tire a camiseta — ordeno eu. — Ela só vai te deixar mais pesado e nos atrasar.

Sem ter o que falar, o Quince pega sua camiseta do programa *Miami Ink* e a tira por cima da cabeça. Sua pele reluz sob o Sol quente, enquanto ele joga a camiseta de lado, bem em cima do meu short. Meu senhor lagostim, como ele tem um peito lindo. Ele não é todo sarado, nem nada, mas forte o bastante para encarar o que der e vier. Fico só imaginando como ele ganhou esses músculos trabalhando na madeireira, erguendo toras e tábuas para esculpir esse peito perfeito e uma barriga de tanq...

— Gostou do que viu, é?

Desvio os olhos na mesma hora. Fui pega no flagra. Mas pela sua cara, acho que ele não vai reclamar. Balanço a cabeça devagar, sem conseguir ser muito convincente. É a ligação. Só pode ser a ligação. O que mais poderia...

Ele dá um passo à frente.

— Não! — berro. — Nós temos que, *hã...* ir logo.

Ele para e tem a ousadia de dar risada.

A ligação já está bagunçando minhas ideias. Se a gente não sair logo daqui para fazer essa separação de uma vez por todas, vou me meter em uma grande — tudo bem, *imensa* — encrenca.

Tiro a calcinha com um gesto rápido e a jogo ao lado do meu short e dos meus sapatos na praia. Estou só de blusinha agora, que é tudo o que vou precisar depois da minha transformação.

Ele fica olhando para a água onde estou, como se estivesse tentando enxergar alguma coisa embaixo da superfície, apesar da distorção.

— Tome vergonha, menino!

Com um movimento lento e cadenciado, seus olhos sobem até minha blusinha molhada — pairando na água um pouco acima dos meus peitos — e por fim chegam ao meu rosto enfurecido.

Sinto minhas bochechas ficando vermelhas.

— Se a gente tivesse tempo, você iria tomar um tapão por isso! — esbravejo.

— Você não me assusta, princesa — responde ele com um sorriso.

Decidindo que é melhor ignorar esse comentário, pergunto:

— Você pode ir guardar nossas coisas na sua moto?

A última coisa que eu quero é voltar para cá depois e perceber que minhas roupas sumiram e vou ter que voltar para casa usando uma tanga de escama (quando transformo só a parte de baixo do meu corpo para criar uma tanguinha, o que pode até ser ótimo para resolver problemas do dia a dia, mas andar de moto já seria difícil o bastante para mim com um short normal — e não estou a fim de tentar com o traseiro coberto de escamas escorregadias). Eu costumo fazer isso para cobrir minhas partes íntimas na areia embaixo do píer, mas acho melhor não sair andando pela praia seminua na frente do Quince.

Ele ergue uma sobrancelha.

— Você *tem* como guardar coisas na sua moto, não tem? — provoco eu.

Ele parece estar prestes a fazer outro comentário engraçadinho, mas depois apenas encolhe os ombros e leva nossas coisas para o estacionamento. Ele volta alguns segundos depois, guardando suas chaves em um bolso de

velcro nas calças. Elas devem ficar a salvo ali dentro.

Hora de voltar ao trabalho.

— O primeiro passo é aprender a *aquaspirar* — digo, enquanto ele chega perto de mim na água.

— O que é isso?

— Respirar água.

Ele franze as sobrancelhas loiro-escuras sobre seus tempestuosos olhos azuis. Ele não está acreditando. Bom, quem estaria? Não é como se respirar líquido fosse uma coisa normal e cotidiana para os seres humanos. Na verdade, é algo tão anormal que os cérebros das pessoas costumam fazer de tudo para impedir que elas inalem água, inclusive relutar até a morte. Literalmente.

— Venha comigo. — Mergulho sob as ondas, revelando minhas barbatanas, com meu corpo agora coberto da cintura para baixo com escamas verde-limão e douradas. As guelras se abrem na minha garganta, e eu respiro fundo.

O Quince não sai do lugar.

Volto para a superfície.

— O que foi?

— Me dê um beijo.

— Quê?!

Foi justamente isso o que nos meteu em toda essa confusão.

— Me dê um beijo — repete ele, chegando mais perto. — Eu confio em você, mas como vou saber? Se esse vai ser meu último fôlego, quero que valha a pena.

Em seguida, antes que eu consiga reagir, dizer qualquer coisa ou escapar, ele me pega pela cintura, me puxa mais para perto e cola sua boca na minha. Por instinto, jogo meus braços em volta do pescoço dele e me seguro com toda a minha força. É igualzinho ao beijo de ontem à noite, só que agora eu sei quem estou beijando. E desta vez, a ligação intensifica todas as minhas emoções. Só consigo pensar nos lábios dele passando pelos meus e em ficar assim para sempre.

Por sorte, ele ainda não foi tão afetado pela ligação. Ele provavelmente tem mais experiência do que eu no ramo do amor. Bom, seria difícil alguém ser *menos* experiente do que eu, né?

Ele me solta, me deixando toda ofegante.

— Tudo bem — diz ele com uma voz meio rouca. — Agora estou pronto.

Enquanto ele mergulha na água, eu me recomponho o suficiente para dizer:

— O primeiro fôlego é o mais difícil.



—Você precisa respirar.

O Quince balança a cabeça, tampando a boca com as mãos.

— Se você não respirar, vai acabar morrendo — explico.

Ele encolhe os ombros, como se preferisse morrer a respirar água. Bom, não vou deixar que ele se afogue antes que nossa ligação seja rompida. Já ouvi histórias sobre marinheiros que perderam a pessoa a quem estavam ligados. Eles continuam sentindo a ligação para sempre, sabendo que nunca mais verão seus pares de novo. Sem uma intervenção mágica, alguns acabam ficando loucos.

E eu não quero ficar louca pelo Quince Fletcher.

Ele começa a tentar voltar para a superfície, mas antes que ele consiga reagir, subo atrás dele e o agarro em volta da barriga com meus braços.

— Sinto muito — digo. — Mas esse é o único jeito.

Em seguida, antes que ele consiga fazer qualquer coisa, eu o aperto com toda a minha força. O último restinho de ar em seus pulmões é espremido para fora e sobe borbulhando até a superfície. Ele começa a se debater, se revirando e tentando se soltar dos meus braços. Eu o aperto ainda mais forte.

Ele fica com o corpo mole. Por um instante, chego a pensar que ele desmaiou.

— Respire — ordeno, enquanto afrouxo minha pegada e giro até ficar de frente para ele.

Ele está com os olhos arregalados. Tentando se aproveitar da situação, ele pega impulso no chão e se joga rumo à superfície. No último instante, pulo em cima dele e fico prensando-o de costas contra o leito arenoso do mar.

— Sei que é difícil — digo, por mais que na verdade não saiba. Sempre respirei embaixo d'água normalmente.

Mas imagino que seja muito difícil acostumar seu cérebro com isso.

— Confie em mim — digo, olhando nos olhos dele.

Ele pisca uma vez e então acena a cabeça devagar.

Fico só observando, enquanto ele abre a boca, hesita por um instante e depois enche o peito com a água do mar. Uma expressão de incerteza ilumina seu rosto, enquanto o líquido passa por suas guelras recém-adquiridas pela primeira vez. Ele prende o fôlego por um momento e então solta. Em seguida, ele respira de novo. E de novo.

— Perfeito — digo, sorrindo. — Você já está respirando direitinho.

Ele sorri de volta, com uma cara de “nossa, graças a Deus ainda estou vivo”. Ele meche a boca como se estivesse tentando dizer alguma coisa.

— Ah, eu tinha me esquecido disso — digo. — Conversar embaixo d'água é diferente.

Ele parece confuso. E tenta falar de novo.

— O som não se propaga muito bem através das guelras. Você precisa usar outro nível das suas cordas vocais. — Aponto para a parte logo acima do pomo de adão dele. — Aqui, mais alto.

Ele fica só me olhando, ainda confuso — mas respirando como se tivesse nascido no mar.

— Tente imitar uma menina falando.

“Não!”, diz ele só com os lábios, balançando a cabeça.

Como os meninos são bobos.

— Sua voz não vai sair *igual* à de uma menina — garanto a ele. — Porque o som viaja mais devagar na água e fica mais grave. É só usar um tom mais agudo...

— Tipo assim? — diz ele, com uma voz superfina.

— Talvez um pouco menos — sugiro eu.

— Assim? — pergunta ele, agora com sua voz normal.

— Perfeito — digo, sorrindo.

Por um instante, fico pensando em como tudo isso teria acontecido — ou melhor, como *vai* acontecer — com o

Brody. Assim que eu explicar essa bagunça toda para o papai, e a ligação for desfeita, vou voltar para cá e confessar tudo ao Brody. E não vou gaguejar dessa vez. Ele ainda é o meu verdadeiro amor.

Aposto que ele não é nem de longe tão teimoso quanto o Quince.

— Sabe... — diz ele, com aquela pavorosa voz aveludada. — Você está numa posição muito comprometedora.

Só então percebo que ainda estou em cima dele, forçando-o contra a areia para não escapar.

Sinto a mão dele descendo pela minha cintura até a minha...

Com um ágil movimento das barbatanas, empurro a mão dele para longe.

— Pode parar, mocinho — digo, dando risada. — Chega de brincadeira. Temos que ir para Thalassínia agora mesmo.

— Tudo bem — diz ele, se sentando na areia. Ele parece estar levando tudo isso muito bem. — Como vamos fazer para chegar até lá?

Eu me viro de costas e aponto para a minha anca.

— Se segure aí.

— Você está brincando...

— Eu posso nadar a mais de vinte milhas náuticas por hora — quase tão rápido quanto um golfinho em velocidade máxima. — E você?

Ele resmunga alguma coisa sobre andar no banco do carona, mas depois me pega de cada lado da cintura.

— Segure firme — digo. — E tente ficar o mais reto possível.

Não estou acostumada a nadar por aí arrastando um cara desse tamanho. Provavelmente vou demorar o dobro para fazer a viagem assim. O que significa que mal vamos ter tempo de chegar em casa antes de anoitecer.

Pegando impulso com as minhas nadadeiras, disparo para o leste, rumo às Bahamas. Agora, tenho todo o caminho de quarenta e cinco milhas náuticas para me preocupar com o que meu pai vai dizer quando vir meu passageiro.

Aposto que não vai ser nada do tipo “Bem-vindo à nossa família!”

Para olhos destreinados (humanos), Thalassínia parece ser apenas um conjunto de recifes de coral e formações vulcânicas. Não há nenhuma linha reta ou forma geométrica capaz de revelar que essas estruturas na verdade são marinhas (Entendeu? Marinhas, feitas pelos *marinhos*... ah, enfim). Por sorte, nosso reino é muito antigo e todos os seus prédios estão totalmente cobertos de corais, algas, gorgônias que os camuflam ainda mais contra os olhos humanos. Além disso, com estrelas-do-mar, ouriços marinhos e anêmonas em posições estratégicas, Thalassínia fica praticamente invisível.

A menos que você saiba o que está procurando.

As formas orgânicas têm um padrão rítmico. O brilho bioluminescente que ilumina o reino à noite pode ser visto a quase um quilômetro de distância. E se você se olhar com atenção para a maior estrutura no centro do vale, poderá ver a bandeira de Thalassínia, formada por um campo de gorgônias azuis e algas verdes, que cobre o palácio real. A minha casa.

Mesmo com medo de encontrar meu pai — já posso até ouvir os gritos dele, “No que você estava pensando?” —, estou empolgada em voltar para casa. Não vejo minha família desde as férias de inverno. Há quase três meses. Isso é muito, muito tempo para uma filha do mar.

— Lá está — digo, parando assim que chegamos ao alto da colina com vista para o vale. — Essa é Thalassínia.

O Quince se solta da minha cintura e flutua até o meu lado. Ignoro o calafrio que me arrepia ao perder o calor de seu corpo: faz muito frio no fundo do mar, é só isso. Giro as mãos, espalhando energia pela água à nossa volta para elevar a temperatura.

Até hoje, em três anos desde que nos tornamos vizinhos, nunca tinha visto nada parecido com espanto no rosto do Quince. Ele é mais do tipo *causa* espanto. Mas agora, vendo meu reino pela primeira vez, ele fica boquiaberto e de olhos arregalados com uma bem merecida expressão de choque no rosto. Se essa não fosse a situação mais sinistra em toda a história do reino marinho, eu até sentiria uma espécie de prazer pessoal por ter deixado o Quince sem palavras.

— Vamos indo — digo, saindo nadando na frente para que ele volte a se segurar em mim. — Quanto antes a gente for até lá, antes vou me livrar de você.

— Por que, princesa? — diz ele, lançando seus braços fortes em volta da minha cintura. — Estou começando a achar que você não gosta muito de mim.

— Só agora, é? — murmuro, enquanto volto a nadar.

Quando eu já estava achando que ele ia voltar a ficar calado do jeito que eu tinha gostado tanto no caminho até aqui, ele diz:

— Deve ter sido legal.

— O quê?

— Crescer aqui — diz ele. — Deve ter sido legal.

Eu nunca tinha pensado nisso, na verdade. Não era como se crescer aqui tivesse sido uma opção minha. Ou pelo menos eu não *achava* que havia outra opção. Mas, sim, acho que foi legal em vários sentidos. O oceano é o meu lar, e sempre fico encantada com sua beleza. E eu amo meu pai mais do que tudo, mas talvez minha infância não tenha sido lá muito ideal. Meu pai não era só meu pai; ele também era o rei. Crescer como a filha do rei — sua única filha, sua única herdeira — fez com que eu vivesse protegida e vigiada, quase como uma prisioneira, ainda que para o meu próprio bem, é claro. Isso fez com que eu fosse pressionada desde que aprendi a nadar para agir como uma princesa perfeita, encontrar meu par do mar e forjar minha ligação antes de fazer dezoito anos para não perder meu lugar na sucessão do trono, enquanto meu pai espantava todos os meninos dos sete mares, insistindo que nenhum deles era bom o suficiente para a sua garotinha. Adoro meu pai, meu reino e meu futuro como rainha, mas teve várias vezes em que eu quis simplesmente sair nadando daqui sem olhar para trás.

Talvez tenha sido por isso que abracei a oportunidade de ir morar com a tia Rachel por um tempo. Talvez tenha sido por isso que meu pai me sugeriu essa ideia, para que eu aproveitasse um pouco da liberdade antes de sair de casa e conquistar minha independência.

— Está tudo bem com você, princesa?

Quase tinha me esquecido desse fardo nas minhas costas.

— Estou sim — esbravejo. — Só estou tentando me lembrar do caminho.

Ele não precisa saber que as sereias têm um sentido de navegação nato, parecido com o das borboletas. Eu conseguiria voltar para casa de olhos vendados se você me soltasse de um barco em qualquer ponto do oceano.

Entrando pela fronteira superior do reino — a corrente do Golfo nos arrastou um pouco mais ao norte do que eu tinha planejado —, passo sobre os subúrbios, com suas casinhas de coral todas iguais, jardins de algas bem cuidados, brinquedos nos quintais e um cavalo-marinho da família na garagem. Depois dos subúrbios, atravessamos as áreas comerciais e industriais. Tento resistir à tentação de parar para dar uma olhadinha na minha loja favorita, a Bolhas & Borbulhas — eles vendem as joias de conchas mais lindas do mundo e sabonetes naturais deliciosos. Mas vou ter tempo de sobra para ir lá. *Depois* da separação.

Mais perto do centro, ficam os bairros mais antigos e ricos. Muitos dos moradores dessa área central trabalham no palácio. A família da Peri mora aqui, pertinho do complexo real, em uma casa de três andares com um sino de barco na cobertura. O quarto dela fica no andar mais alto e tem uma janela voltada de frente para a minha, do outro lado do jardim do palácio. Nós ficávamos trocando mensagens por bolhinhas até altas horas depois do horário de dormir.

Chegando ao complexo real, eu desacelero. Meu coração dispara como um tubarão partindo para o ataque. Estou quase tão nervosa em contar ao papai o que aconteceu quanto estava quando fui convidar o Brody para o baile. Quase.

— Essa é a sua casa? — pergunta o Quince. — Que chique.

O complexo real é impressionante.

E devia ser.

Uma cerca baixa de recifes contorna a área — é mais uma delimitação do que uma barreira, já que qualquer um poderia simplesmente passar nadando por cima. Thalassínia e os outros reinos marinhos estão em paz há muitos anos, e meu pai tem uma política de manter o palácio sempre de portas abertas, então não há do que se proteger.

O portão principal — um par de torres de coral cobertas com algas e esponjas marinhas — marca o fim da Grande Avenida Thalassiniana. Os seres humanos conhecem essa formação como a Estrada de Bimini. Caçadores de tesouros e investigadores de mitos acreditam que ela é um vestígio da Atlântida. Mas não, na verdade, é só uma superpomposa “passarela real”. Meu tatara-tatara-tatara-tataravô era meio ególatra e queria forçar todos os marinhos a nadarem uma milha náutica para chegar ao seu trono. Até seus próprios guardas. O que explica por que ele foi devorado por uma lula-gigante, enquanto eles ainda estavam na metade do caminho. Por sorte, nossas habilidades de liderança melhoraram muito desde então.

Do outro lado do portão, fica o jardim real, um vasto cenário com algas, corais, esponjas, gorgônias e anêmonas nas cores do arco-íris. A torre onde fica meu quarto tem vista para o jardim, eu adorava ficar vendo como ele mudava de cor ao longo das estações. Como agora é primavera, há pontos reluzentes de rosa e amarelo entre as porções azuis, verdes e marrons de sempre. É impossível não sentir a energia da primavera vendo um campo de anêmonas vermelhas embaixo da sua janela.

No centro de tudo isso, fica o palácio, uma imensa formação vulcânica mais ou menos na forma de uma estrela, com cinco torres de coral, uma em cada ponta. Por força do hábito, olho para a minha janela na torre sudoeste. Fico

surpresa ao ver a luz acesa. A equipe de limpeza deve estar fazendo hora extra. O papai sempre deixa meu quarto prontinho, caso eu decida voltar para uma visita.

— Aliás... — digo, enquanto nos aproximamos dos portões. — Antes de a gente entrar, você precisa saber de uma coisa.

Por mais que eu quisesse manter meu título real em segredo, não vou ter como resolver essa situação sem que o Quince descubra a verdade. Talvez se eu mesma contar tudo agora, ele consiga ficar de boca fechada lá dentro.

— O que foi, princesa?

— Eu não sou uma sereia qualquer — explico. — Eu sou uma...

— Princesa Lily!

Engulo um grunhido, enquanto um dos guardas sai às pressas de sua estação na torre à nossa direita e fica em posição de sentido à minha frente. Ele ergue três dedos abertos sobre sua testa para bater continência.

— Capitão Craca — grita ele por cima do ombro. — A princesa voltou para casa!

— Boa noite, Agulhão — respondo eu, escondendo minha irritação como uma boa princesa e respondendo a saudação para que ele relaxe. Não que ele aceite. Ele está empolgado demais. Acho que era querer demais mesmo entrar no palácio sem sermos vistos, fazer a separação e voltar para Maresia sem que ninguém além do papai tivesse nos visto. — Como vai o senhor?

Com quase noventa anos, o Agulhão já está chegando à idade de se aposentar — os marinhos vivem muito tempo —, mas se depender do papai, isso nunca vai acontecer. É como se ele fosse parte da nossa família, não só da guarda real.

— Muito bem, obrigado, princesa — responde ele, ainda em posição de sentido. — Mas que surpresa inesperada receber sua visita.

Você nem imagina o quanto, Agulhão.

O Craca sai da torre, endireitando o colarinho da jaqueta de seu uniforme, enquanto vem às pressas até o lado do Agulhão.

— Já informei o palácio — anuncia ele.

Mas acho que o Agulhão nem ouviu o que o Craca disse, porque finalmente percebeu o que estou trazendo nas minhas costas. Ele arregala os olhos ao se dar conta do que está acontecendo e depois abre um sorriso. Um sorriso do tipo “nossa, acabei de ganhar na loteria”.

— Ah, princesa... — diz ele, que fica todo meloso e vem correndo para dar um abraço em mim e até no Quince também. — Estou tão feliz por você. Seu pai vai ficar muito empolgado.

Claro que vai. Quando eu disser que quero uma separação. Se ele não aprovou nenhum dos outros marinhos que me paqueraram antes, isso porque muitos deles eram de famílias reais, aposto que ele vai ficar mesmo muito empolgado em expulsar o Quince daqui.

— Minha nossa — diz o Craca. — Minha nossa, minha nossa! — E então corre de volta para a torre, provavelmente para mandar uma mensagem bolha para o palácio com a novidade.

Que ótimo! Por que eles têm que fazer esse estardalhaço com tudo? Depois de ter passado esse tempo vivendo como uma menina normal, plebeia e quase invisível em Maresia, já tinha até me esquecido de como cada detalhezinho da minha vida aqui vira um espetáculo imenso. Eu estar com o Quince não é nenhuma notícia fantástica. É um erro. Um azar. Nada de mais. Ele é só um menino comum. Um menino comum grosso, nojento e irritante. Que chega perto do meu ouvido e sussurra:

— O que você queria me dizer mesmo? — Ele faz uma pausa, com seus lábios quentes perto da minha orelha, deixando meu corpo todo arrepiado, antes de completar: — Hein, *nobre princesa*?

Vou pagar *caro* por isso.

Margarida, a governanta do palácio, nos recebe na porta.

Em vez de nos levar até o escritório do papai, onde ele passa quase todas as horas do dia, e às vezes algumas da noite, ela nos guia até o salão de baile. Ela está reluzindo de alegria como um peixe-lanterna. Para uma fofoqueira nata como ela, eu aparecer aqui com o Quince deve ser a coisa mais espetacular do mundo. A notícia vai se espalhar pelo reino todo em alguns minutos. Bom, pelo menos não vou ficar aqui depois para aguentar esse caos. Nós vamos falar com o papai... ou melhor, *eu* vou falar com o papai. Se o Quince abrir a boca, aposto que vai acabar levando uma pancada de tridente na... espera aí, por que estou dizendo isso como se fosse uma má ideia?

Enfim, depois de explicar tudo para o papai, ele vai concordar em fazer a separação em um piscar de olhos, e eu e o motoqueirinho aqui vamos ser escoltados de volta para a terra firme antes do amanhecer. E dependendo dos deuses do mar, o Quince ainda vai sair dessa com um olho roxo por tudo o que fez.

— Lily!

Eu me viro e vejo o papai descendo do andar de cima.

Nem tinha percebido o quanto estava com saudade até agora. Por um instante, fico muito feliz ao vê-lo. Ele está com sua postura majestosa de sempre, com seus cabelos grisalhos mais curtos do que da última vez que o vi. Hoje ele está usando seu uniforme da Marinha de Thalassínia — um paletó azul-claro decorado com botões de pérola e uma série de divisas militares na forma de fitas e conchas —, a imagem perfeita de um grande rei. A não ser pelo sorriso que se abre no rosto dele ao me ver.

— Papai! — grito eu, disparando para perto dele na base da rampa. Ele me abraça, formando uma concha forte e protetora à minha volta. Encosto minha bochecha no pescoço dele, enquanto ele esfrega a dele na parte de cima da minha cabeça. Sempre me sinto tão segura nos braços dele. Nada pode me machucar aqui.

— Estava com saudade — murmura ele contra os meus cabelos. — Você não devia ficar tanto tempo fora de casa.

— Eu também estava com saudade, papai — respondo, me afastando para poder ver aquele rosto lindo. Os traços da maturidade em volta dos olhos dele me parecem mais intensos do que da última vez. — É que ando tão ocupada com a escola e a equipe de jornalismo que mal ando tendo tempo nem para dormir.

— Mas o importante é que você veio. — Ele me solta e sorri, agora parecendo mais jovem.

Perto das portas do salão de baile atrás de nós, o Quince dá uma tossida. Alta. Fecho os olhos e ranjo os dentes. Eu sabia que ele não ia conseguir ficar quieto.

— Papai, esse é o...

Meu pai já sai nadando antes que eu possa terminar. Saio com tudo para não deixar que ele mate o Quince antes que eu consiga explicar tudo, mas em um piscar de olhos, ele já está na frente do Quince, estendendo os braços na direção dele. Ah, não, o papai vai estrangular ele! *Antes* de fazer a separação!

— Papai, não! — grito eu, nadando para tentar interferir. — Ele não...

Mas então, fico boquiaberta.

O papai não está estrangulando o Quince, e sim dando um *abraço* nele!

Flutuo atônita pelo resto do caminho, totalmente chocada enquanto vejo meu pai abraçando a maior praga da minha vida, que olha por cima do ombro do papai e dá uma piscadela para mim. Bom, se o papai não vai estrangular o Quince, eu vou.

— Qual é o seu nome, meu jovem? — pergunta o papai, soltando o Quince e voltando à sua imponente postura de rei marinho.

— Fletcher, senhor — responde ele. — Quince Fletcher.

Só esse baiacu mesmo para se fingir de educado e bom moço na frente dos outros.

— Muito bem, Quince Fletcher. — O papai põe um braço por cima dos ombros do Quince e o outro sobre os meus, dando um abraço apertado em nós dois juntos. — Bem-vindo à nossa família!

— Não acredito que ele disse isso — resmungo eu pela quatrilionésima vez. — Não acredito que ele *disse* isso. Não *acredito* que...

— Eu já entendi — me interrompe Peri. — Você está em um estado de incredulidade. Será que dá para a gente deixar isso de lado e seguir em frente?

Acho que já sei qual foi a última palavra complicada que Peri aprendeu.

— Mas Peri... — reclamo eu. — O papai... *gostou* dele.

Do outro lado do salão de baile lotado, vejo o papai apresentando o Quince para os membros do conselho real, os dez marinhos mais poderosos de Thalassínia depois do próprio rei. Todos estão sorrindo, dando risada e acenando a cabeça como se estivessem mais felizes do que nunca.

Enquanto eu estou aqui mais desconsolada do que nunca.

Nada nas últimas vinte e quatro horas saiu de acordo com os meus planos. Primeiro, o baiacu do Quince me enganou para ir até a biblioteca — como se eu fosse cair naquele papo de “ah, é que o Brody estava ocupado demais dançando”. Depois, ele me deu um beijo. *Depois*, disse que não sabia nadar! E agora convenceu o papai e toda a corte real de Thalassínia — *toda* a corte! — de que ele é o meu par do mar perfeito!

— Por que você não contou para o seu pai que foi um acidente? — pergunta Peri.

— Eu tentei — digo, lembrando aqueles momentos caóticos no salão. — Mas antes que eu conseguisse dizer qualquer coisa, ele abriu as portas do salão de baile e... — cubro o rosto com as mãos. — Bom, você ouviu o que ele disse.

— Quem não ouviu?

— *Minha filha está namorando!* — bradou ele para todos os membros da corte ali reunidos para o aniversário de dezesseis anos da minha prima Dosinia. Eu tinha até me esquecido totalmente dessa festa. Por que isso teve que acontecer justo hoje? (Ah, espera aí, é da *minha* vida que estamos falando, então é claro que as coisas tinham que ser assim.) O estardalhaço dos convidados deve ter ativado os sistemas de alerta de tsunami nos dois lados do Atlântico. Depois, antes que eu pudesse fazer qualquer coisa, nós já estávamos sendo levados pelo salão, ganhando abraços e parabéns de todo mundo.

Quando o tio Portuno puxou o Quince para um abraço apertado, escapei até a mesa do bufê. Pouco depois, Peri me tirou de trás da torre de docinhos marinhos. Para a minha surpresa, ninguém tinha vindo atrás de mim. Todos pareciam estar mais interessados em conhecer o Quince.

— Depois da festa... — digo eu. — Prometo que te explico tudo assim que a festa da Dosinia acabar.

— Quanta consideração da sua parte — diz uma voz seca atrás de mim. — Você deveria ganhar o prêmio de Melhor Prima do Ano.

Eu me viro e vejo a Dosinia flutuando sob uma grinalda de algas, com os braços cruzados em frente ao seu peito decotado — talvez com algumas esponjas por dentro do vestido para dar mais volume —, olhando feio para mim. Mesmo sendo vinte e dois meses mais nova do que eu, ela sempre agiu como se fosse superior. Sempre rancorosa. Como se o principal objetivo da minha vida fosse estragar a dela, embora fosse mais o contrário, na verdade.

— Pena que você não conseguiu esperar para aparecer *depois* da minha festa — esbraveja ela.

— Desculpa, Dosi — digo, mesmo sabendo que ela não vai me perdoar. — Eu não queria estragar sua festa. Juro que tinha me esquecido de que era hoje. — Percebo que disse a coisa errada quando os olhos dela, profundamente azuis, cercados por uma grossa camada de delineador de lula, se estreitam com uma expressão ameaçadora. — Não era bem isso o que...

— Que bom saber que as datas mais importantes da minha vida não aparecem na sua agenda — esbraveja ela. — Vou me lembrar disso no seu próximo aniversário.

Com uma batida da nadadeira, ela passa nadando por mim e pela Peri, jogando uma bandeja cheia de camarões

pela água à nossa volta. Hoje não é meu dia. Ou minha semana. Ou minha vida.

Não, infelizmente, esta é *sim* a minha vida.

— Não es quente com a Dosinia — diz Peri, tentando me acalmar como uma melhor amiga sempre faz. — Ela passou a semana toda irritadinha feito uma bruxa do mar. A minha mãe quase a mandou ir fazer aquele vestido com outra pessoa. E você sabe a paciência que a minha mãe tem.

A mãe da Peri é praticamente uma santa, mas a Dosi consegue tirar até uma tartaruga-marinha do sério.

— Mas ela tem razão — digo, em maior parte para mim mesma. Como sua única prima, eu devia ser como uma irmã para ela. — Hoje é a grande noite dela. E eu estraguei tudo.

Eu estou mal mesmo. Esta festa era muito importante para ela, seria sua apresentação oficial à corte e um convite para que algum marinho comesse a cortejá-la — não que a Dosi já não venha saindo com meninos há anos, mas agora seria oficial. E não vão faltar pretendentes, tenho certeza. Primeiro porque ela é a sobrinha do rei. Levando em conta o jeito como o papai espantou todos os *meus* possíveis pretendentes, isso é o mais próximo do trono que a maioria dos jovens marinhos vai chegar. E segundo, porque ela é linda. A Dosi tem um belo cabelão loiro-caramelo, barbatanas rosa e roxas, lábios carnudos reluzentes e olhos que poderiam hipnotizar qualquer menino em menos de vinte segundos, e aposto que vai conseguir ficar com quem ela bem quiser do reino.

Esta noite deveria ter sido especial para ela, mas esse baiacu motoqueiro de ombros largos, sorriso charmoso e...

— Aí eu a puxei para dentro da cabine do banheiro, bem no meu colo — diz o Quince, alto o suficiente para que eu escute do outro lado do salão de baile.

Todos os convidados, ouvindo atentamente a história, caem na gargalhada. Até o papai.

— Eu vou matar esse menino — digo a Peri, saindo com tudo em direção ao grupo.

Enquanto me aproximo, o ouço dizendo:

— Depois, mesmo com o rosto lavado de lágrimas, ela não parava de...

— Então aí está o senhor! — grito por cima do que ele estava para dizer. Nado para perto dele, passando um braço em volta da cintura dele, apertando-o com força e cravando minhas unhas nas costelas dele. — Que tal deixar os membros do conselho dar os parabéns pelos dezesseis anos da Dosinia? Você pode contar suas histórias depois.

Disparo um olhar para ele, deixando claro que esse “depois” quer dizer “nunca”. Não que ele entenda meus toques. Ele abre aquele sorriso confiante que eu tanto odeio, coloca um de seus braços fortes sobre os meus ombros e me aperta de volta, prendendo minha atenção com seu olhar, enquanto diz:

— Como você quiser... *nobre princesa*.

Sorriso rangendo os dentes, esperando que a aquela plateia se disperse para dizer a ele o que eu realmente quero. Mas aposto que ele até já imagina.

Quando estamos quase sozinhos, digo:

— Não me envergonhe na frente do meu povo. Sou uma princesa da família real e não quero que fofocas sobre a minha vida pessoal se espalhem pelos sete mares.

Ele amolece o olhar, e toda aquela prepotência convencida se esvai.

— Desculpa, eu não queria...

— Bom, então fique quieto — insisto. — Talvez você nunca mais veja essas pessoas, mas eu vou ter que passar o resto da minha vida aqui e não quero ninguém rindo de mim pelas costas ou duvidando da minha integridade.

— Desculpa — diz ele, parecendo ser sincero. — Não vou fazer de novo.

— Ótimo.

Não sei muito bem como lidar com um Quince humilde. Ainda mais quando alguma coisa me diz que ele realmente está arrependido. Fico até espantada por um instante — mesmo sabendo que é a ligação que está criando essa empatia, isso me parece tão... natural.

— O resto da sua vida, sério? — pergunta ele, chamando minha atenção.

— Como é?

— Você vai voltar mesmo para cá? — pergunta ele, escondendo com cuidado suas emoções. — Quando? Depois de se formar?

— Provavelmente.

— Aí estão os meus peixinhos! — diz o papai, chegando com seus dois conselheiros mais próximos logo atrás.

Ainda não consegui entender por que ele está tão contente. Sério mesmo. Todos os outros tritões para quem eu sequer olhei mais de duas vezes ganharam um interrogatório e ameaças de deportação para a Fossa das Marianas — o equivalente no mundo marinho às minas de sal da Sibéria. E agora o Quince aparece aqui, esse menino prepotente e idiota, e o papai está praticamente comemorando.

Por que desta vez foi diferente?

Agora ele vai ficar chateado quando souber que foi tudo um grande erro. É melhor esclarecer as coisas agora mesmo, antes que ele se apegue demais.

— Papai, preciso falar com você...

— Temos que cuidar da papelada antes — me interrompe ele. — São só alguns formulários e termos que você e o Quince... — diz ele, abrindo um sorriso orgulhoso para o Quince — ... precisam assinar antes da cerimônia de oficialização.

— Mas papai...

— É melhor resolver isso de uma vez — continua ele. — Meus conselheiros já prepararam os documentos.

— Papai...

— Mas só vai levar alguns minutos.

— Pa...

— Nós podemos ir para o meu escritório agora mesmo e...

— Foi um erro! — grito, bem mais alto do que queria, mas foi porque ele não estava me ouvindo. O que mais eu podia fazer?

Além do mais, deu certo. O papai parou de falar. E de sorrir também. Na verdade, ele está ficando sério... ou melhor, bravo.

Só então me dou conta de que o salão inteiro à nossa volta caiu em silêncio. Nem a corrente está mais fazendo barulho nenhum, enquanto eu sinto todas as atenções voltadas para mim. Fecho os olhos com força. Todos os convidados acabaram de ouvir meus gritos... e agora estão ansiosos para ver o que vai acontecer.

— Já para o meu escritório — berra o papai. — Agora!

Ele sai batendo as barbatanas, esperando que a gente vá junto. Olho feio para o Quince, porque mesmo que ele não soubesse no que estava se metendo, isso é tudo culpa dele. O Badejo e o Garoupa, os conselheiros do papai, pegam o Quince, um por cada braço, e o levam porta afora para o saguão, e eu fico para trás, completamente sozinha em uma sala cheia de pessoas me encarando. Enquanto me viro para ir atrás deles, vejo Peri olhando para mim do outro lado do salão. Ela sorri com um ar solidário, sabendo que eu estou encrencada. Em seguida, sem dar atenção às dezenas de olhos concentrados em mim, saio nadando pela porta e vou para o escritório na torre do papai.

Eu tinha vindo preparada para enfrentar a fúria do meu pai. Mas não esperava que essa fúria viesse pelo fato de eu não querer me ligar a um terrestre. Talvez seja a lua cheia o que está deixando todo mundo meio maluco.

Não consigo pensar em absolutamente nada que possa tornar esta situação ainda pior.

O papai está flutuando de um lado para o outro, formando até um redemoinho, quando entro em seu escritório. O Quince está sentado em uma das cadeiras voltadas para a enorme mesa do meu pai. Por mais que os marinhos na verdade não usem cadeiras — para que sentar se você pode apenas boiar na água? —, elas são um vestígio cerimonial da corte de Poseidon.

Enquanto nado até a outra cadeira logo ao lado, o Quince sorri para mim, como se pedindo desculpa. Minha raiva por ele arrefece um pouco. (É sempre mais difícil eu continuar brava embaixo d'água.) Ele entrou nessa confusão desavisado como todo mundo aqui, mas posso sentir que ele está mal por ter me metido nessa enrascada.

Que maravilha, a ligação já está me passando todas as emoções dele. Daqui a pouco, já vou começar a ler os pensamentos dele também. Precisamos resolver logo isso antes que o limite entre o real e o que é causado pela ligação fique confuso demais.

— Papai... — tento começar. — Eu...

— Silêncio!

Afundo na cadeira ao lado do Quince. Como filha do rei, acabei aprendendo há muito tempo a ficar de boca fechada quando ele está irritado.

O papai respira fundo algumas vezes, e isso parece acalmá-lo. Em seguida, com uma expressão mais tranquila no rosto, ele se acomoda na bela cadeira ornamentada atrás de sua mesa. Vejo que ele está segurando os braços curvados da cadeira com tanta força que os nós de seus dedos estão todos brancos, mas seu rosto está totalmente calmo.

Ele está tentando agir como o pai de sempre, mas posso ver que Sua Alteza Real Rei Náutilo está se esgueirando logo abaixo da superfície.

— Por favor, me explique como isso... — diz ele, apontando para nós dois — ... foi um erro?

— Bom, papai, é que tem um menino que...

— Não — me interrompe ele. Em seguida, apontando para o Quince, ele diz: — Quero que ele me explique o que aconteceu.

O Quince se inclina para frente na cadeira e acena a cabeça, como se soubesse o que está acontecendo. Que bom então, porque eu não sei. Deve ser uma coisa de menino.

— Foi tudo culpa minha, senhor — diz ele, com um tom todo respeitoso. — Sua filha estava esperando se encontrar com outro rapaz, mas quando vi que ele não ia aparecer, decidi eu mesmo ir falar com ela.

Olho, boquiaberta, para o Quince. Quem é esse cara aqui no escritório do meu pai? E o que ele fez com o motoqueiro irritante que eu trouxe para Thalassínia? Esse cara aqui fala direitinho e é todo respeitoso e educado. Nada a ver com o Quince que eu conheci em terra firme.

Talvez a água esteja amolecendo-o um pouco também.

— E o beijo? — resmunga o papai.

Faço uma careta. Será que existe alguma tortura pior no mundo do que ouvir o primeiro cara que você beijou — eu ainda não consigo acreditar que, pelo resto da minha vida, meu primeiro beijo sempre vai ter sido com o Quince Fletcher — contar para o seu pai como foi que tudo aconteceu? Os seres humanos deveriam agradecer aos céus por poderem guardar isso em segredo.

— Perdão, senhor — diz o Quince. — Acho que não me sentiria confortável em discutir os detalhes de um momento tão particular assim. Mas posso garantir que a culpa de toda a situação foi exclusivamente minha. A Lily não tinha como saber que eu iria beijá-la.

Solto o fôlego em um redemoinho de alívio. Vou ter que agradecer ao Quince por essa. No fundo, para ser sincera, eu até queria saber o que ele achou do beijo. Eu fiquei com as barbatanas arrepiadas — porque *achei* que fosse o Brody. Mas e ele? Será que foi só mais um beijo?

O papai continua calado e apenas acena a cabeça. Com os cotovelos apoiados nos braços da cadeira, ele junta os dedos embaixo do queixo. Seus tempestuosos olhos cinzentos estão como um ar distante, e percebo que ele está tentando pensar no que fazer. Bom, isso eu já sei. Realizar o ritual de separação para que eu e o Quince possamos voltar para casa e para as nossas vidas normais.

Mas não que eu vá dizer nada.

— Tudo bem, vou fazer a separação — por fim diz o papai. Em seguida, antes que eu possa soltar um gritinho de alegria, por mais que já estivesse esperando isso, ele complementa: — Amanhã à noite.

— O quê? — rebato eu, embasbacada.

— Vocês conseguem passar a noite sem maiores complicações? — pergunta ele ao Quince, ignorando meu espanto.

— Sim, senhor — responde o Quince, acenando a cabeça.

— Pode ir, meu jovem — diz o papai, acenando para que o Quince vá embora. — Gostaria de falar com a minha filha em particular.

O Quince se empurra para fora da cadeira e tenta cruzar a sala a nado em direção à porta. No entanto, como já tinha dito antes, ele não sabe nadar, então acaba apenas saindo boiando lentamente pelo caminho com o impulso que tomou ao sair da cadeira. Fico com vergonha só de olhar. Quando já não estou aguentando mais, levanto também e vou até o lado dele.

— Você tem que pegar impulso na água — explico. — Com a mão assim.

Demonstro uma braçada simples. Ele me imita, mas a água passa direto pelos seus dedos.

— Junte os dedos. — Pego a mão dele e mostro como ele precisa fazer para conseguir pegar algum impulso. — Agora tente assim.

Desta vez, ao dar a braçada, ele sai do lugar — girando em círculo, porque pegou impulso só com um braço, mas ainda assim já foi um progresso. Ele tenta de novo com as duas mãos, agora sim avançando rumo à porta. Ele olha para trás por cima do ombro enquanto sai nadando, disparando um sorriso indecifrável para mim. — Obrigado, princesa.

Não sei bem dizer como, mas acho que não foi para zombar de mim. Fico olhando, enquanto ele chega até a porta e sai para o corredor, onde o Badejo e o Garoupa tentam carregá-lo de novo. A última coisa que vejo antes da porta ser fechada é o Quince se soltando deles, enquanto diz:

— Relaxem, eu me viro.

Nem percebo que estou sorrindo até me virar para o papai, mas então fico totalmente séria.

— Papai, você não pode achar que ele...

— Não quero falar sobre aquele jovem — diz ele, saindo de trás da mesa e me puxando para um abraço. — Assim que eu fizer a separação, você vai voltar correndo para a superfície. Eu queria que a gente passasse um tempo juntos antes de você ir embora.

Só o papai mesmo para conseguir me derreter com a única frase que poderia me fazer aceitar sua decisão. Esse

pedido me faz perceber que já estou longe de casa há muito tempo e o quanto sinto falta do mar. Se fosse o Brody quem tivesse me beijado aquela noite, nós poderíamos ficar aqui para sempre.

Fico pensando por um instante em qual será a reação do papai quando eu finalmente trazer o Brody para casa. Será que ele vai ficar tão empolgado quanto ficou com o Quince?

— Me diga uma coisa... — Relaxo na cadeira, deixando a curiosidade me vencer.

— Claro — responde ele na mesma hora.

— Por que você gostou dele? — Confio muito no julgamento do papai, então realmente não entendi por que ele estava tratando o Quince como o genro perfeito. Fiquei com uma pulguinha atrás da orelha, pensando que talvez o papai tivesse visto alguma coisa nele que eu nunca tinha percebido. — Por que você recebeu o Quince de braços abertos depois de ter se esforçado tanto para espantar tantos outros meninos marinhos antes?

O papai puxa de lado um cacho loiro do meu cabelo que tinha caído sobre os meus olhos.

— Porque achei que você tivesse escolhido o rapaz — diz ele. — Todos aqueles outros marinhos bobos tinham vindo atrás de você, então era difícil saber o que eles realmente queriam. Mas foi você quem trouxe esse jovem para cá, um terrestre que nunca teria como entender sua posição na nossa sociedade. Ele não tinha como ser só mais um aproveitador atrás de um título de nobreza.

— Ah... — digo eu baixinho. Não sei por que uma parte de mim está decepcionada. Não é como se eu estivesse esperando que ele fosse me dizer que o Quince era o par do mar perfeito para mim, nem nada. Além do mais, isso é uma boa notícia, porque a situação vai ser a mesma com o Brody. Eu deveria estar aliviada.

Ou melhor, eu *estou* aliviada. Isso é ótimo. O baiacu e eu vamos passar a noite aqui, vou curtir um pouco com o papai e depois vou voltar para Maresia sabendo que quando eu finalmente trazer o Brody para cá, ele vai ser recebido de braços abertos.

Enquanto volto a me aninhar no pescoço do papai, pergunto:

— Você me leva na Bolhas & Borbulhas?

Ele solta um longo suspiro, mas sei que está só se fingindo de irritado. O papai adora me mimar sempre que volto para casa.

— Só se você prometer deixar pelo menos um *pouco* do estoque na loja desta vez — diz ele. — Você não vai ter como levar tanta coisa para a casa da sua tia.

— Tudo bem — brinco eu. — É só eu deixar o que eu não der para levar no meu quarto aqui.

O papai limpa a garganta e se afasta um pouco de mim.

— Sim, precisamos falar sobre o seu quarto. — Meu quarto? Falar o que sobre o meu quarto? — Com todos os convidados que vieram de longe para o baile da Dosinia, tivemos que... — ele faz uma pausa, como se estivesse procurando as palavras certas — ... ser criativos para acomodar todo mundo.

— Como assim criativos? — pergunto, não gostando nada do rumo dessa conversa.

— Depois de certas reformulações necessárias e alguns convidados de última hora, apenas um dos nossos quartos de hóspedes está vago. O Quince terá que ficar no quarto disponível, é claro. Mas infelizmente... — diz ele — ... você não poderá ficar sozinha no seu.

—Deixa eu ficar com você! — imploro à Peri. — Vai ser igual quando a gente era alevim e eu ia dormir na sua casa!

— Não vai dar — diz ela. — Minha família inteira está ficando em casa. Já estou dividindo meu quarto com três primas minhas.

Reviro os olhos para cima e enfio a cara em um monte de anêmonas rosadas — de um tipo especial inofensivo cultivado pelo paisagista real só para os jardins do palácio. Elas não têm cheiro, mas seus tentáculos aveludados acariciam minha bochecha como se fossem de seda. Eu preciso me acalmar, ou vou enlouquecer. E justo quando achei que as coisas não tinham como piorar.

— Ela vai me matar assim que eu fechar o olho! — reclamo eu.

— Não vai, não.

— Você não sabe como é, Peri — insisto. — Ela me odeia. Essa é a oportunidade pela qual ela passou a vida inteira esperando.

— Você é uma princesa — diz Peri, como se isso fosse me ajudar. — A Dosinia sabe que matar você seria alta traição. Ela pode até tingir seu cabelo de roxo, mas não vai te matar.

Só a Peri mesmo para tentar ser racional em uma situação como esta. Dividir o meu quarto — o *meu* quarto — com a Dosinia seria como morar junto com um grande tubarão branco devorador de sereias.

Eu e a Dosinia deveríamos ser mais próximas. Quando éramos pequenas, nós deveríamos ter nos unido contra os nossos primos. O Kitt e o Nevis eram (e ainda são) infernais e viviam pondo caranguejos-aranha nas nossas camas e águas-vivas nos nossos sanduíches. Mas por mais que eles a maltratassem também, a Dosi sempre gostou mais deles do que de mim e preferia brincar com eles. Nunca entendi por quê.

— Acho que vou dormir aqui no jardim — sugiro. — A gente já fez isso antes.

— Fala sério, Lily. — Peri pega um ramo de alga e coloca atrás da minha orelha. — Com a corrente da primavera forte como está agora, você vai acordar no triângulo das Bermudas.

— Isso é tão injusto. — Eu sei que estou exagerando, mas não ligo. — O quarto é *meu*!

— Pare com essa choradeira. — Peri tira minha cabeça das anêmonas. — Você ainda nem me contou todos os detalhes picantes sobre o seu novo amiguinho terrestre. — Ela olha para o portão do palácio, onde o Agulhão e o Craca estão ensinando o Quince a pilotar um marenóvel (que é tipo um carrinho de golfe, mas movido a água). — Ele é bonitinho.

— Claro que *não*! — esbravejo. Peri me olha como quem diz, “você está brincando, né?”. — Tudo bem — resmungo eu, irritada com ela e um pouco comigo também. — Ele não é feio. — Ela ergue uma de suas elegantes sobranceiras castanhas e curvadas. — Ele... — Estreito os olhos na direção do Quince, enquanto o marenóvel sai andando e o joga para trás, dando uma cambalhota pela água. Em vez de ficar irritado ou reclamar, ele se levanta dando risada. Aquele enorme sorriso sincero reluz sob a bioluminescência do jardim. Quando percebe que estou olhando, ele me faz dois sinais de positivo com as mãos, como se fosse o cara mais bacana do mundo. — Ele tem um certo charme — por fim digo eu, e a muito, muito custo, complemento: — Ele tem um sorriso bonito.

Não tão bonito quanto o do Brody, claro, mas ninguém teria como competir nisso.

— Esse cara é uma tentação — diz Peri, olhando para o Quince de cima a baixo como se ele fosse uma torta de amora-marinha. Depois, ela se vira para mim, me encarando com seus olhos verde-acinzentados. — Mas até onde eu sabia, você estava gamada no Brody, o ás da natação. Como você acabou ficando com o seu vizinho?

Faço um resumo rápido de tudo para ela; mas sem falar que senti um arrepio nas barbatanas, ou que os lábios dele eram quentes e gostosos, ou que ele me pediu outro beijo antes de mergulhar na água, ou que ele nem precisou se esforçar muito para me *convencer* disso. Quando termino, ela fica sem dizer nada. Ela apenas pega mais um ramo de alga, começa a flutuar de costas e o deixa pairar com a corrente.

— E então? — digo.

— E então o quê? — responde ela.

— Você não acha isso um pepino-do-mar gigante? — Por que minha melhor amiga não está concordando comigo que essa é uma situação terrível? Ela não deveria estar chocada com o que ele fez e dizendo que o certo seria mandar dois golfinhos levarem o Quince para o Ártico? Saio do meio das anêmonas e me viro para ficar flutuando em cima dela. — Eu já te contei as histórias do que ele faz. Como daquela vez que ele passou uma semana inteira me seguindo de moto na ida e na volta da escola... sem dizer nada, só roncando o motor uns três metros atrás de mim pelo caminho todo. Que ele bate a porta do meu armário *toda vez* que passa por mim. E ele sempre dá um jeito de estragar qualquer progresso que eu faço com o Brody. Sei lá, você não acha que ele é o maior verme que já nadou nestas águas? Ele está sempre sendo idiota, grosso e...

— Flutuando bem atrás de você — diz Peri, sem tirar os olhos de seu ramo de alga.

Fico paralisada. Talvez ela só esteja brincando. Ou enganada. Ou...

— Falando de mim, *nobre princesa*?

É claro. Fecho os olhos e respiro fundo antes de me virar.

— Quince, eu...

— Relaxe — diz ele, dispensando minhas desculpas. Ele está bancando o durão, mas posso ver em seus olhos, posso sentir que ele se magoou mais do que está admitindo. Estou *sentindo* isso. Mas ele não abaixa a guarda. — Aquele marenjão é uma bela máquina. — Ele aponta para o portão, onde o Agulhão e o Craca agora estão tentando levar o veículo de volta para a garagem da torre.

— Pois é — concordo eu, tentando compensar meu fora sendo toda gentil. — Você leva um tempo para se acostumar. O segredo é soltar a embreagem bem devagar.

Ele abre outro daqueles sorrisos brilhantes.

— Vou me lembrar disso da próxima vez.

A Peri boceja alto atrás de mim.

— Bom, hora de voltar para casa — diz ela. — Preciso pôr minhas priminhas na cama.

— Você precisa ir agora mesmo? — Eu me viro, implorando com meus olhos para ela ficar. Para não me deixar sozinha com o Quince.

— Preciso, sim — diz ela com um olhar como quem diz: “não posso salvar você sempre”. — Além do mais, depois da festa da Dosi e da sua... — ela encolhe os ombros olhando para o Quince — ... volta, estou exausta. Vou desmaiar de sono assim que chegar em casa.

Em seguida, antes que eu tenha tempo de discutir, implorar ou fazer alguma chantagem, ela se despede com um aceno e sai nadando. Eu a vejo indo embora pelos portões. Não é como se eu nunca tivesse ficado sozinha com o Quince antes, mas agora é diferente. Agora ele sabe a verdade sobre mim — toda a *nobre* verdade —, e não sei como vou conseguir olhar para ele.

Por fim, eu me viro.

— Eu...

— Eu estou morto também — diz ele, antes que eu consiga verbalizar meus pensamentos, me salvando de dizer alguma besteira. — Seu pai disse que você iria me levar para o quarto da estrela-do-mar.

— Claro — digo, sentindo meu estômago se acalmar um pouco. Não sei por que estou me sentindo mal por ele estar facilitando as coisas para mim. Afinal, eu não quero mesmo ficar com ele, certo? — Fica um andar abaixo do meu quarto, na torre sudoeste.

Nadamos em silêncio até a entrada principal do palácio. Isso demora um pouco porque ele quer nadar sozinho, mas ele está melhorando. Ele aprendeu a combinar a braçada simples do estilo peito com o impulso de pés do nado borboleta. Claro, ele é muito mais lento do que eu, mas fez um progresso impressionante para um terrestre que nem sabia nadar até hoje de manhã.

Sinto que ele está se esforçando de verdade para tirar o melhor desta situação. O que só me deixa ainda pior por ter falado mal dele para a Peri.

— Acho que me expressei mal... — explico, quebrando o silêncio enquanto cruzamos o saguão principal rumo à minha torre. — Eu não acho que você é idiota, nem grosso. Bom, não idiota pelo menos. Você é meio grosso às vezes, mas isso não é desculpa para eu...

— Lily. — Não sei bem o que interrompeu minha tentativa de desculpa. Talvez tenha sido sua voz firme, ou o fato de ele ter usado meu nome verdadeiro para variar. De um jeito ou de outro, fico calada na mesma hora. — Não tem problema. — Ele não olha para mim enquanto fala, então fico me sentindo ainda mais como uma lesma marinha. — Sério. Eu sei que você não pediu por nada disso tanto quanto eu. Você tem todo o direito de estar

irritada.

— Eu... — nem consigo acreditar no que ele disse. Foi tão... gentil. — Obrigada. Mas eu sinto muito mesmo. Só quero conseguir aguentar até amanhã e fazer a separação para que a gente possa voltar para as nossas vidas normais.

— E voltar para o Brody.

— Sim — digo, ignorando a frieza em sua voz e a tensão que de repente toma seu corpo. — Voltar para o Brody. Voltar para Maresia. Voltar tudo como era antes do baile de ontem. Não tem a ver com você — explico eu. Não só com ele, pelo menos. — É uma coisa minha. Só isso.

O Quince para de nadar e olha bem nos meus olhos.

— Eu entendo, princesa. Entendo mesmo — diz ele, curvando um canto da boca com um sorriso insolente. — Eu quero voltar ao normal também.

Percebo que há muita coisa nas entrelinhas dessa última frase, mas não sei bem o quê.

Passamos vários segundos só olhando um para o outro, como se nós dois estivéssemos tentando entender o que realmente está acontecendo. Pela primeira vez, até tento usar a ligação para entrar na cabeça dele e descobrir o que ele está sentindo. Eu me concentro no Quince e abro meu coração para ele.

Fico surpresa ao perceber nele um desejo muito mais intenso do que qualquer coisa que eu esteja sentindo. Será que isso tudo é saudade de casa?

Fico ainda pior por ter me irritado tanto. Ele só beijou a menina errada, e em um piscar de olhos, foi arrancado de sua vida em terra firme. O mínimo que eu posso fazer é ajudá-lo a se divertir enquanto ele estiver aqui.

— Bom, onde fica esse tal quarto da estrela-do-mar? — pergunta ele, estourando nossa bolha de tensão.

Sem dizer nada, eu me viro e saio nadando até minha torre, sabendo que ele vai me seguir.

— Aqui — digo eu. Com uma rápida girada da maçaneta, abro a porta e entro no que sempre foi um dos meus quartos favoritos do palácio. Tenho uma espécie de paixão por estrelas de todos os tipos — talvez porque seja impossível ver as estrelas aqui no fundo do mar. Você tem que nadar até a superfície para vê-las brilhando lá no alto. Além de todos os acessórios previsíveis em forma de estrelas-do-mar, este quarto tem um teto bioluminescente cheio de estrelas. Enquanto saio flutuando para o meu quarto, viro de costas na água e olho para as estrelas lá no alto, o que me deixa com um pouco de saudade da terra firme.

Mas, como eu agora sei, não tanto quanto o Quince.

— Isto é mesmo um quarto? — pergunta o Quince, vindo atrás de mim. — Cadê a cama?

— Ali. — Aponto para um móvel em forma de concha no meio do cômodo.

— Ah, tá... — Ele nada até ela e olha para a cama com um ar desconfiado. Claro, não é uma cama *box* comum de molas, mas se eu me acostumei a dormir em um colchão reto, ele pode muito bem passar uma noite em uma concha curvada. Em seguida, enquanto ele se vira meio desajeitado para analisar o resto do quarto, seu olhar para em uma escultura no canto. — Nossa!

— É linda, não é? — pergunto. Nadamos juntos até a complexa coluna feita com todas as variedades de conchas azuis encontradas no mar. As minhas favoritas são as bolachas-do-mar, que marcam o azul escuro da escultura com pontos mais claros, quase da cor do céu.

Hesitante, ele passa a mão pelas curvas da coluna, como se pudesse despedaçar as conchas sem querer. Em seguida, prendo a respiração quando ele se demora com as pontas dos dedos sobre uma das bolachas-do-mar.

— É um azul tão clarinho — diz ele. — Nunca tinha visto bolachas-do-mar dessa cor.

Tento ignorar o fato de que ele está se concentrando na minha parte favorita da escultura. Em vez disso, tento ser didática.

— Elas são muito coloridas por natureza — explico. — É que quando elas morrem, vão perdendo a cor até ficarem quase brancas como as que vemos na praia.

— Então estas aqui... — ele toca em uma delas com delicadeza — ... estão vivas?

— Não — digo sorrindo ao pensar em uma escultura viva. É uma ideia muito legal, mas manter essas criaturinhas vivas no lugar assim seria impossível. — O escultor só tratou as bolachas-do-mar para que elas não perdessem a cor. Ele usa uma técnica de congelamento instantâneo que preserva tudo, desde bolachas-do-mar e ouriços marinhos até algas da cor do arco-íris.

— Que incrível — diz ele, virando seu olhar maravilhado para mim. — Você é incrível.

Não, penso eu, sou só uma sereia comum. Mas quando ele olha para mim assim, quase me *sinto* incrível mesmo.

— Pode dormir até tarde — solto eu, meio mal por de repente estar me sentindo tão bem nessa situação. Quanto mais ele dormir, menos tempo vou passar pensando no que dizer para ele. E menos chances eu vou ter de falar alguma coisa insensível ou idiota. — Eu encontro você antes da cerimônia amanhã à noite. Até lá, pode ficar esperando aqui e...

— Espera... — me interrompe ele. — Você acha que eu vou passar o dia todo mofando aqui no seu quarto de hóspedes? De jeito nenhum! Se esta vai ser minha única chance de explorar um reino submarino na vida, não vou desperdiçar a oportunidade. Eu quero ver... tudo.

— Fala sério, Quince — digo, tentando ser racional. — Você não pode simplesmente sair nadando por Thalassínia, entrando nas casas e...

— Eu sei — diz ele, chegando perto de mim, tão perto que posso sentir o calor de seu corpo na água.

— Mas você pode me mostrar seu reino.

— Ah, não — balanço a cabeça. A última coisa que eu quero é passar mais tempo com ele. Ainda mais com a ligação mexendo com as nossas emoções, ou pelo menos com as minhas. Eu já estou me amolecendo toda com ele, mesmo *sabendo* que é só por causa da ligação.

— Por favor, princesa — murmura ele, chegando ainda mais perto. — Estou levando toda essa história muito na boa até agora. Acho que mereço um passeio particular com você.

Meus ombros desabam. Ele me pegou agora. É verdade, ele *está* levando tudo muito na boa. Sem reclamações, ataques de pânico ou até de descrença. E se eu estivesse no lugar dele — se fosse eu o jovem motoqueiro no fundo do mar —, também iria querer conhecer todo o reino.

— Tudo bem — aceito. — Vou levar você para um passeio real.

Ele sorri, e eu tenho que me esforçar para não sorrir de volta. Formar uma ligação ainda mais forte com o Quince não é uma boa ideia.

— Encontro com você no salão de café da manhã — sugiro. — Podemos começar por lá.

Saio nadando antes que aquele sorriso me afete. Já estou quase na porta quando ele diz:

— Boa noite, nobre princesa.

Sem me virar, respondo:

— Boa noite, Quince.

Enquanto subo para o meu quarto, fico tentando entender por que eu e o Quince estamos nos dando tão bem agora. Claramente, a ligação pode fazer milagres.

Encontro a Dosinia flutuando em frente ao meu quarto — *nosso* quarto, me lembro, soltando um grunhido — quando chego ao alto da escada, como se ela estivesse ali me esperando.

— Foi dar um beijo de boa noite no seu parzinho do mar? — Ela cruza os braços e joga o quadril para o lado. — Ele até que é bonitinho, acho. Se você gosta de terrestres, claro.

— Pode parar, Dosi — digo, a empurrando de lado para entrar no quarto. — Não estou no clima para isso agora.

— Ah, problemas no paraíso? — Ela vem às pressas atrás de mim, flutuando enquanto eu nado até minha cômoda e abro a última gaveta à procura de uma camiseta para dormir.

A gaveta está cheia de blusinhas cobertas de lantejoulas, pérolas e *glitter*. Essas coisas com certeza não são minhas.

— Onde estão as minhas roupas? — esbravejo. Abro as outras três gavetas e vejo que todas elas também estão tomadas pelas roupas cheias de frufus e ousadinhas até demais da Dosinia. Essa menina não tem a mínima noção mesmo.

— Ai, desculpa — entoa ela, nadando até a cama para se acomodar no colchão esponjoso. — Mas eu tinha que pôr as minhas roupas em *algum* lugar.

— E onde estão as minhas? — repito, fechando a cara.

Ela aponta para o enorme baú de viagem embaixo da minha janela. Esse foi um presente que ganhei do papai quando fiz doze anos. Ele o encontrou em um navio afundado e mandou restaurá-lo para resistir à água e não se desmanchar com o tempo. Abro as trancas douradas brilhantes, levanto a tampa e encontro tudo o que estava na minha cômoda, jogado ali em uma enorme pilha bagunçada. Como não estou com a mínima energia para brigar, só pego uma blusinha e vou para o banheiro.

Mas a Dosi vem atrás de mim.

— Ele não faz muito o seu tipo — diz ela pela porta aberta. — Você sempre curtiu uns caras mais certinhos e metidos a populares. Mas esse aí parece que sabe como se meter em encrenca sem se esforçar muito.

Ela parece estar... intrigada. Eu realmente não estou no clima para isso.

— Desencana, Dosi — imploro, enquanto me encolho atrás da cortina do chuveiro e troco de blusinha. — Ele só vai passar mais um dia aqui. Nem vale a pena você começar com isso.

— Se você *está* falando, tudo bem.

Quando saio, vejo que ela foi embora. Dou uma olhada rápida no quarto e a vejo fechando meu baú com força.

Ela é tão alevim.

— Por que você teve que voltar para casa justo hoje?

Não consigo ver os olhos da Dosi porque ela está de costas para mim, mas percebo pelo seu tom de voz que ela está prestes a cair no choro.

Quando uma sereia chora no mar, não é como em terra firme. As lágrimas só se dissolvem à sua volta e se misturam com a água salgada. O único sinal de que ela está chorando aparece nos olhos. Independente de qual seja a cor dos olhos de uma sereia, quando ela chora, eles ganham um tom brilhante igual ao de suas escamas. Sei por experiência própria que as minhas ficam douradas. E as da Dosinia ficam rosa-choque. Como o canteiro de anêmonas no jardim lá embaixo.

— Eu não tive escolha — explico, chegando mais perto por trás dela. — Precisei trazer o Quince para cá o quanto antes para poder fazer a separação e continuar com a minha vida. Foi só um... azar que tenha sido hoje. — Ponho a mão no ombro dela, ao lado da marca marinha cor-de-rosa em seu pescoço. — Eu não queria estragar sua festa.

Ela ri e se solta da minha mão.

— Estragar? — diz ela, como se eu tivesse dito algo ridículo. — Você está brincando? Foi o evento social do ano.

Ela se vira e me olha nos olhos por uma fração de segundo antes de disparar rumo à cama e se acomodar onde sempre foi o *meu* lado. Mas em vez de discutir — sobre a cama ou a festa —, só me deito no outro lado e fico quieta. Além do mais, como vou discutir com uma menina que está com os olhos mais brilhantes do que a Lua?

O Quince olha para o bufê do café da manhã no salão de banquete principal como se quisesse sair nadando dali. Não sei qual é o problema. O cardápio está incrível. Temos montes de ovas de enguia, gorgônias torradas, fatias de alga em conserva e várias frutas locais misturadas com algumas frutas de terra firme — nosso reino tem um acordo comercial com alguns fornecedores humanos que adoram as conchas gigantes e outros itens que temos para oferecer. E para quem gosta de sushi — desafio você a encontrar uma sereia que não goste de sushi! —, nós temos todos os tipos de *niguiris*, *makis* e *inaris* que você possa imaginar.

Pego um prato e começo a me servir com as iguarias marinhas.

— Você pode me explicar o cardápio, princesa?

Olho feio para ele, pronta para rebater qualquer insulto que ele esteja prestes a soltar, mas ele parece estar realmente confuso com o bufê.

— Você não come sushi, come? — suponho.

— Não se eu puder evitar.

Revirando os olhos, aponto para as ovas de enguia e gorgônias torradas.

— Pegue um pouco daquilo então — digo, enquanto pego uma colherada de frutas e jogo no prato dele. — Isso deve sustentar você por hoje sem recorrer a peixe cru.

Ele me olha com uma cara de alívio e enche o prato com as minhas recomendações, mas não tenho a coragem de dizer a ele o que aquilo realmente é. Ele provavelmente devolveria tudo.

Assim que sentamos à mesa e ele aprende a usar os palitinhos marinhos, o equivalente do fundo do mar aos palitinhos japoneses, ele me pergunta:

— Qual vai ser nossa programação?

Encolho os ombros, enquanto mergulho meu *maki* apimentado de atum no molho grosso de gengibre antes de levar essa delícia à minha boca. Fecho os olhos na mesma hora e me concentro no gosto picante e azedinho na minha língua. Existem muitos restaurantes japoneses em terra firme, e alguns são até bem bacanas, mas nada se compara aos pratos preparados pelo mestre *sushiman* real. Sinto meu corpo estremecer com um êxtase gastronômico.

— É tão bom assim, é?

Abro os olhos de supetão. Em meio ao meu deleite, acabei me esquecendo do Quince — de tudo à minha volta, aliás, a não ser desse puro prazer em forma de sushi.

Mastigo e engulo rápido. Sabendo que minhas bochechas devem estar vermelhas, fico com a cabeça abaixada e pego outra peça com meus palitinhos marinhos.

— Sim — respondo, sem dizer mais nada.

Sinto o Quince se ajeitando ao meu lado.

— Então vou ter que experimentar. — Olho para ele, surpresa. Ele parece estar falando sério. — Sei lá, né? Se uma coisa consegue deixar uma menina tão contente assim... — diz ele, dando uma piscadela — ... eu tenho que pelo menos experimentar.

Minhas bochechas agora estão praticamente pegando fogo. Ele me olha com uma intensidade desconcertante, enquanto ofereço o rolinho mergulhado no molho de gengibre que eu estava prestes a comer para ele. Para o Quince.

Sem tirar os olhos de mim, ele se inclina para frente e abre a boca. O rolinho apimentado de atum desaparece entre seus lábios carnudos e dentes brancos. Ergo os olhos na mesma hora, ansiosa para ver sua reação. Vejo uma série de emoções passando pelo seu rosto. Desconfiança. Expectativa. Fascínio. E por fim, com um movimento rápido, ele engole e abre um sorriso meio forçado.

— Bom... — O sorriso vacila. — Não é a pior coisa que eu já comi.

— Ah... — digo, sem saber ao certo por que estou aliviada. — Legal.

— Mas acho que vou ficar só com os ovos e as torradas mesmo.

Terminamos o café da manhã em silêncio. Fico nervosa, espiando o Quince pelo canto do meu olho, com medo de que ele perceba que o “catchup” que está pondo em seus ovos na verdade é geleia de pepino-do-mar, mas ele devora os frutos do mar como se fosse um hambúrguer com fritas de sua lanchonete favorita. Do outro lado da mesa, a Dosinia está nos observando com todo cuidado, tentando fingir que não está nem aí, enquanto todos os outros membros da corte — desde o papai até o Agulhão e o Craca — olham para nós dois juntos com grande fascinação. Fico me sentindo como um peixinho dourado em um aquário, por mais que já estivesse muito bem preparada para enfrentar essa reação quando por fim me ligasse a alguém. Só que agora estou presa no meu aquário com o terrestre errado.

Sem conseguir colocar mais nem uma ova de enguia na minha boca com todas essas dezenas de olhos observando cada movimento meu, levanto da mesa.

— Vamos indo? — pergunto para o Quince, sem nem esperar que ele responda antes de puxá-lo para longe das últimas uvas de sargaço em seu prato. Em terra firme, ele pode ser mais forte do que eu, talvez três vezes mais, mas embaixo d’água, tenho a grande vantagem de uma enorme cauda robusta e anos de experiência em como usá-la de forma eficiente.

Eu o puxo para fora do salão de banquetes antes que ele consiga protestar.

— Está com pressa, princesa?

— Sinto muito. — Na verdade, estou me sentindo é aliviada, mas como o arrastei para fora da mesa, acho que deveria dizer isso. — Eu só não estava mais aguentando ficar lá com todo mundo de olho em tudo o que a gente fazia. Não gosto muito de ser o centro das atenções.

— Mas você não está acostumada? — pergunta ele. — Sei lá, você é uma princesa. Não foi sempre assim?

Chegando ao saguão principal, eu por fim o solto para que ele continue nadando sozinho.

— Não assim — explico. — Eles estão todos empolgados demais por causa da ligação.

Com um gesto inconsciente, passo os dedos pelos meus cabelos. E como os fios não estão emaranhados, eles acabam deslizando com facilidade.

— Mas por que isso tem tanta importância? — pergunta ele. — Sei lá, não é como se tivesse sido seu primeiro beijo, não é?

Meu corpo fica paralisado da cintura para cima. Ainda estou batendo a cauda, ainda pairando até a porta, mas sem mexer mais nada.

— Bom...

Fico totalmente congelada. Fecho os olhos com força, como se isso pudesse me levar para longe de toda essa situação. Como se eu pudesse fingir por um instante que só vim para casa fazer uma visita tranquila, sem estar ligada ao Quince. Como se eu pudesse ignorar a mistura de espanto e orgulho (o que é mais irritante ainda) que estou sentindo nele.

— Eu não tinha ideia, Lily. Se eu soubesse, teria...

— Deixa para lá — esbravejo, voltando a nadar. Não estou mais aguentando esse Quince todo gentil. Eu consigo me virar com o Quince grosso e irritante de antes, mas não sei lidar com essa nova versão. — Já passou. Acabou. Não dá para mudar o que aconteceu — e então, bem baixinho, eu murmuro: — Por mais que a gente queira.

Ele fica calado por um instante, talvez em choque com o que eu disse, mas levando em conta a minha sorte, aposto que ele só deve estar acumulando a raiva antes de explodir. Quando chegamos à entrada do palácio, ele pega meu braço com uma de suas mãos quentes e me faz parar.

— Por que a ligação fez com que eles prestassem mais atenção em você? — pergunta ele.

Talvez seja por eu não perceber nenhum sinal de sarcasmo na pergunta, ou porque lidar com esse Quince todo gentil e educado está me deixando confusa, ou porque a ligação está amplificando não só todas as emoções entre nós, mas as sensações físicas também, e o calor da mão dele no meu braço está tão, tão gostoso — espera, do que eu estava falando mesmo? Ah, é. A pergunta. Não sei por que, mas dou uma resposta totalmente sincera.

— Porque neste mundo, uma ligação equivale ao casamento. — Fico surpresa ao ver que ele não demonstra nenhuma emoção; seja no rosto ou pela nossa conexão mágica. — E porque sou uma princesa e a herdeira do trono. Um dia, vou ser rainha. Eles acham que eu escolhi você como nosso futuro rei, e estão tentando entender se estou maluca, apaixonada ou se só sou idiota mesmo.

Vejo um pequeno repuxão no rosto dele e um olhar protetor que me puxa. Quero mergulhar nessas lagoas azuis como o mar do Caribe e nunca mais voltar. Isso me deixa assustada.

Justamente por isso, me solto da mão dele e viro para o outro lado.

Enquanto abro a porta, ouço o Quince dizer:

— E você queria que tivesse sido com o Brody.

Por que senti um arrepio quando percebi que o Quince está com ciúme? Poderia ser de medo... ou empolgação (o que me assusta ainda mais).

Por sorte, nem tenho tempo para tentar responder.

— Princesa Lily! — Vejo o Agulhão nadando pelo saguão até nós. — Esperem! O seu pai pediu que você fique com ele na corte hoje — diz ele, todo esbaforido.

Santa merluza! Tinha esquecido que o papai queria passar o dia comigo.

— Ah, bom, eu só ia levar o Quince para conhecer o reino — digo. — Ele queria...

— Relaxa — diz o Quince. — Eu me viro sozinho. Pode ir ficar com seu pai.

Por mais que essa resposta pareça ter sido tranquila e desencanada, não vejo nenhum sinal de tranquilidade na rígida tensão que ele está emanando. Acho que isso não tem nada a ver com eu ficar com o papai, mas sim com o que eu disse sobre o Brody. Esse ciúme velado acaba me comovendo.

— Não se preocupe, o rei conseguiu uma substituta, senhor Quince — diz o Agulhão. — A prima da princesa se ofereceu para levá-lo conhecer o reino.

Aproveitando a deixa, a Dosi aparece no saguão e nada até o Quince, pegando-o pelo braço e olhando bem nos meus olhos enquanto diz:

— O prazer é meu.

— Então ótimo — diz o Quince, virando para a Dosinia com um sorriso charmoso. Meu santo peixe-espada, o que é que eu estou fazendo? Eu aqui, toda comovida com o ciúme do Quince como se pudesse ser *verdade*! Só pode ser a ligação. A última coisa que o Quince vai sentir por mim é ciúme.

Enquanto eles saem pela porta da frente, ignoro o embrulho no meu estômago. Depois do ritual de hoje à noite, o Quince vai voltar a ser só mais um verme marinho para mim. A Dosinia que faça bom proveito dele.

A sala do trono de Thalassínia é espetacular: uma câmara imensa em forma de domo com tochas cor de âmbar (na verdade, são algas bioluminescentes dentro de bolas de vidro) que banham todos os cantos com uma luz quente. O teto é coberto por complexos entalhes de coral com monstros do mar, deuses antigos, sereias e tritões, decorados com uma bela camada de ouro e sombras de carvão. Com o brilho das tochas, o ouro reluz e as sombras ficam mais intensas, criando uma sensação de profundidade nos entalhes.

O piso é um lindo mosaico de ladrilhos perolados que representa a fundação de Thalassínia. No centro de tudo, Poseidon aparece entregando seu tridente a Cafeira para que ela possa tatuar seus descendentes com a marca dos marinhos, dando a eles a habilidade de assumir a forma humana. Ela, por sua vez, estende as mãos ao seu povo, que aparece à sua volta em vários estágios diferentes dessa transformação — alguns na forma terrestre, outros na marinha, e outros ainda como terrestres cobertos por algumas escamas. Um dos tritões, meu muitas e muitas vezes tataravô, aparece estendendo uma de suas mãos para seu povo e com a outra encostada no leito do mar. O lugar onde ele está tocando é exatamente onde o palácio foi construído. Exatamente o centro da sala do trono.

Sentir essa conexão com nosso passado ancestral e nossas origens mitológicas sempre me dá um arpieozinho.

— Senti sua falta, filha — diz papai enquanto se senta no trono. Ele faz um gesto para que eu me sente na cadeira menor à sua direita. — Você passou muito tempo longe de casa.

— Desculpa, papai. — Nado até ele, mas não me sento onde ele indicou. Em vez disso, fico flutuando aos seus pés, como eu fazia quando era só uma sereiazinha. — A vida em terra firme às vezes é muito agitada. A vida lá parece voar em supervelocidade em comparação ao ritmo tranquilo daqui de Thalassínia.

Ele batuca os dedos no braço folhado a ouro de seu trono.

— Eu me lembro bem da perpétua urgência que domina o mundo dos terrestres. Talvez seja porque suas vidas sejam mais curtas do que as nossas. É como se eles precisassem aproveitar muito mais o tempo que têm.

— Pode ser — digo, sem necessariamente concordar. Os seres humanos poderiam ter um ritmo mais tranquilo se quisessem. Se vivessem tanto quanto nós, eles provavelmente continuariam fazendo a mesma coisa, só que por mais tempo. Isso é um sintoma do mundo que eles construíram.

— O que você tem na sua agenda para hoje? — pergunto. Embora seja domingo em terra firme, hoje é o equivalente a segunda-feira aqui em Thalassínia. Nosso calendário é baseado no ciclo lunar, e a lua cheia de sexta — e os dois dias antes e depois — foi nosso final de semana. Em geral, as segundas-feiras do papai são muito agitadas.

— Preciso mediar uma disputa entre criadores de lagostas agora de manhã — explica ele. — Mas fora isso, estou livre. Talvez possamos ir fazer compras à tarde.

— Ah, você quer que eu dê uma saída e volte depois da reunião? — pergunto, não muito empolgada com a ideia de ouvir dois criadores de lagosta discutindo para saber quem tem o direito de levar seu rebanho pastar na colina do

Caranguejo-Ferradura.

— Não! — O tom sério do papai me faz olhar para ele. — Gostaria que você participasse. Um dia, você terá que cuidar desse tipo de coisa. Você precisa aprender.

Sinto uma onda de pânico. Não estou pronta para isso. Bom, eu sempre soube que meu destino seria assumir o trono e governar Thalassínia como minha família vem fazendo há muitas gerações. Mas não estou pronta para isso *agora*.

— Por favor. — O papai aponta de novo para a cadeira à sua direita. — Sente-se no trono da rainha.

Meu coração desacelera e o pânico se esvai, sendo substituído por um vazio triste.

— Eu... — Olho para o papai e depois para a versão menor de seu trono. O trono feito para a mulher do monarca. O trono feito para a minha mãe.

Não posso sentar lá.

De novo não.

Uma vez, quando eu tinha uns oito anos, o papai me deixou ficar brincando na sala do trono enquanto ele fazia uma reunião com seu conselho no salão de conferências. Depois de explorar cada centímetro do teto entalhado e do piso de mosaico, peguei minhas bonecas Oceanistas — que são tipo as nossas Barbies aqui no fundo do mar — e sentei no trono da rainha para brincar de desfile de moda. Quando o papai voltou e me viu ali, ficou com uma expressão triste no rosto, e seus olhos ganharam um brilho azul-marinho igual ao de suas escamas. Eu me lembro até hoje daquele olhar triste quando descobri, anos depois, que aquele deveria ter sido o trono da minha mãe.

Nunca mais cheguei perto dele desde então.

Ele me olha com uma expressão ansiosa, esperando que eu me sente ao seu lado. Acho que nós dois sabemos por que não estou conseguindo sair do lugar.

— Eu nã... não posso — por fim digo eu.

A expressão no rosto do papai se entenece.

— Ela iria gostar muito. — Ele sorri como se estivesse revivendo uma memória feliz. — Ela teria ficado tão orgulhosa de ver você assumindo o trono.

Se estivéssemos em terra firme, eu provavelmente ficaria irritada. Enfurecida com o fato de ele ter memórias dela que o fazem sorrir. Essa é uma alegria que nunca vou ter. Em terra firme, meu temperamento não é atenuado pelo poder tranquilizante da água. Sou muito mais... volátil. Mas aqui no mar, minha raiva se transforma em tristeza.

— Como ela era? — pergunto eu.

— Ela era... — Ele abre um sorriso ainda maior, e percebo que ele está mergulhando ainda mais em suas memórias. — Contagante. Sempre sorrindo, sempre dando risada. Era impossível não se deixar levar pela alegria daquela mulher.

Queria ter herdado isso dela. Mas talvez isso não seja algo que se possa herdar... acho que o único jeito de aprender seria convivendo com ela. Eu nunca nem vi o sorriso da minha mãe.

— Ela era uma mulher incrível.

— Você faria tudo de novo? — pergunto. — Mesmo sabendo como tudo iria acabar, você ainda escolheria ficar com ela?

O papai me pega pelas mãos e me coloca em seu colo. Eu me sinto como uma sereiazinha de oito anos de novo, brincando de Oceanista no trono. Ele me acolhe com seus braços enormes e me puxa para perto de seu peito.

— Sem pensar duas vezes — diz ele baixinho. — E sei que sua mãe diria o mesmo.

Por mais que eu não possa sentir as lágrimas, sei que estou chorando.

— Você sente falta dela? — pergunto. — Você ainda sente a ligação, mesmo agora que ela já não está mais aqui?

— Sim, sinto muito a falta dela — diz ele, apertando meus ombros. — Sua mãe fazia parte de mim, e essa parte foi embora junto com ela, quando morreu. — Ele me afasta um pouco, para que eu o olhe nos olhos. — Mas não por causa da ligação. Sua mãe e eu nunca nos ligamos.

— Como é? Por que não? — digo eu, espantada.

— A situação era complicada — explica ele. — Eu não contei a verdade para ela desde o começo. Sendo rei, eu precisava ser muito cuidadoso na escolha da minha esposa, ainda mais se ela fosse uma terrestre. Eu não queria forçá-la a abandonar a vida que tinha em terra. Depois, quando percebi que ela era mesmo a mulher da minha vida e contei a ela toda a verdade, sua avó ficou muito doente. Sua tia Rachel estava viajando na época, trabalhando naquela organização humanitária, Corpo da Paz, então foi sua mãe quem precisou ficar cuidando dela.

Pensar na mamãe deixando sua própria vida de lado para cuidar da vovó doente enche meus olhos com mais lágrimas. Ela era uma pessoa tão boa. Acho que nunca vou chegar à sua altura.

— Nesse meio tempo, você nasceu.

— Papai!

— Bom, não é porque não tínhamos nos unido oficialmente que não éramos comprometidos e não sentíamos atração um pelo outro. Nós éramos jovens e estávamos apaixonados — explica ele. — Não precisa se escandalizar.

Ah, mas estou escandalizada, *sim*. Comparado a isso, meu beijo acidental com o Quince não é quase nada na escala dos escândalos.

— Enfim... — continua ele. — Pouco depois de você nascer, sua avó morreu. — Ele olha para o nada, com uma expressão vazia no rosto. — Nós estávamos com tudo planejado. Depois do enterro, sua mãe levaria você até a praia. Eu e ela forjaríamos nossa ligação e... bom, o problema é que isso nunca aconteceu.

Essa é a parte da história que eu já conheço. Enquanto ia para o enterro da vovó, um bêbado bateu no carro da minha mãe. O idiota saiu sem nenhum arranhão, mas minha mãe foi arremessada pelo para-brisas bem na frente de um carro vindo na outra direção. Eu estava presa em segurança em uma cadeirinha no banco de trás. Na verdade, minha mãe foi a única vítima desse acidente que envolveu cinco veículos.

— Às vezes... — diz o papai, voltando ao presente — ... fico feliz por não termos nos ligado. É um pequeno consolo pensar que meu sofrimento não foi intensificado por uma ligação rompida.

Do outro lado da sala, uma das duas enormes portas douradas se abre, e o Manguenzal, que é o secretário real do papai, enfia a cabeça para dentro.

— Sua alteza... — diz ele, abaixando seus olhos com toda reverência. Meu pai não é do tipo que exige coisas assim, mas o Manguenzal é meio obcecado pelo protocolo real. — Os querelantes chegaram.

— Só um instante, Manguenzal.

— É claro, sua alteza.

Quando o Manguenzal fecha a porta, vejo o papai balançar a cabeça.

— Esse homem insiste em se comportar como um cidadão de segunda classe.

— Bom, é que você às vezes é muito intimidador — respondo. — E você anda com esse seu tridente enorme.

Nós dois rimos um pouco, o que alivia a tensão na sala. Em seguida, o papai diz:

— Por favor, sente-se no trono, Lily.

Nado para fora do colo do papai e desço até o trono da minha mãe. Ninguém se senta em sua almofada esponjosa há anos. De alguma forma, quando me lembro de tudo o que o papai disse sobre como ela era uma pessoa tão altruísta, me parece ser pior ver seu trono abandonado do que sentir que estou usurpando seu lugar. Enquanto me viro e me acomodo no trono que deveria ter sido dela, penso comigo mesma: “Isso é para você, mamãe.”

O papai aperta minha mão antes de gritar:

— Manguenzal! Mande-os entrar!

Endireito meus ombros e me preparo para a minha primeira aula como governante aprendiz. Se esse vai ser meu futuro, é melhor eu começar logo.

O que talvez você não saiba sobre os criadores de lagosta — especialmente se você for um terrestre e nem imaginava que esse tipo de coisa existia — é que eles fedem à lagosta. Se você só viu lagostas cozidas ou já esperando para serem comidas em um daqueles aquários em restaurantes de frutos do mar, com as pinças presas por elásticos e tudo, você não tem ideia do quanto as lagostas podem ser fedidas. Elas fazem um curral parecer um jardim de rosas.

Por isso mesmo, depois de passar a maior parte do dia ouvindo dois criadores debatendo seus direitos sobre pastagens e tentando resolver se um deles tinha ou não remarcado algumas cabeças do outro, tudo na sala do trono ficou fedendo à lagosta — inclusive o papai, o Manguenzal e eu.

Por sorte, a Margarida logo chamou a equipe de limpeza, que soltou um pequeno cardume de peixes-cirurgiões — parentes distantes daqueles peixinhos que comem o limo dos aquários — e conseguiu neutralizar o cheiro em alguns minutos. Acho que meu cabelo ainda está meio com um cheirinho de lagosta, mas não quero nenhum peixe-cirurgião raspando minha cabeça.

Quando a limpeza na sala do trono termina, já é quase noite. Quase hora da minha separação — e o Quince e a Dosinia ainda não voltaram.

Quando escurece e a luz que chega até aqui lá da distante superfície é substituída pelo brilho luminescente do sistema de iluminação do palácio, começo a me preocupar. Não por voltar para casa no escuro, porque vamos ser escoltados pela guarda real do palácio, mas temos aula amanhã cedo e uma viagem de três horas de volta para casa pela frente — por mais que o Quince já esteja nadando melhor, ele ainda não aguenta meu ritmo. Fora isso, precisamos passar pela cerimônia de separação, que inclui uma sessão obrigatória de terapia de casal. É só uma formalidade, mas ainda assim é algo que leva um certo tempo. Lembra-se quando comentei que os marinhos levam a vida com um ritmo muito mais devagar? Pois é, isso vale para as cerimônias também.

Fico nadando em círculos em volta do trono. E se eles não voltarem? E se a Dosinia estiver fazendo o Quince de refém como vingança por ter estragado a festa dela? E se ele foi devorado por um tubarão? E se...

— Relaxe, filha — diz o papai. — Eles já vão voltar. Não há nada que você possa fazer para que eles cheguem mais rápido.

— Eu sei — esbravejo. — Mas eu tenho uma prova terrível de trigonometria amanhã e ainda não estudei nada!

— Esse tempo em terra firme deixou você muito suscetível ao estresse dos seres humanos. — Ele se acomoda de volta em seu trono, tranquilo como se estivesse vendo um jogo de escamabol. — Relaxe. Se eles ainda não tiverem voltado dentro de uma hora, mandarei a guarda procurá-los.

— Uma hora? — Isso me parece uma eternidade. — Não dá para esperar tanto! Temos que...

As portas da sala do trono se abrem, e o Manguenzal anuncia:

— A senhorita Dosinia e o senhor Quince retornaram.

— Até que enfim!

Batendo as nadadeiras com força, disparo pela sala, chegando às portas assim que o Quince e a Dosinia aparecem. Eles estão rindo e de mãos dadas.

— ... e aí ela gritou e cuspiu água-viva mastigada em cima da mesa toda! — diz a Dosinia. Ela e o Quince caem na gargalhada... rindo de um mico que eu paguei! Bom, se é assim, eu posso entrar nesse jogo também então.

— Não comece, Dosi — digo, nadando até ela e estreitando os olhos. — Ou vou ter que contar da vez em que você achou que o monstro do lago Ness estava escondido no seu armário.

O Quince, ainda quase chorando de tanto rir — só eu percebo isso porque os olhos dos seres humanos não brilham embaixo d'água — diz:

— Relaxe, princesa. Ela falou só de brincadeira.

— Ah, claro — digo, ainda olhando feio para a Dosinia.

Como se ela fizesse qualquer coisa “só de brincadeira”. Ela ainda está irritada comigo por eu não a ter convidado para a minha festa do pijama quando fiz doze anos. Guardar rancor é o que ela faz de melhor.

— Você não sabe rir de si mesma, Lily? — pergunta ela em tom de deboche. — Que triste.

— Enfim... — Dou as costas para ela e pego a mão do Quince. Chega de enrolação. — Nós temos que fazer separação.

Enquanto nadamos em direção ao trono, o Quince grita para trás por cima do ombro:

— Obrigado pelo passeio, Dosi!

Aperto a mão dele com a minha. Como ele tem a cara de pau de usar o apelido dela assim, como se eles fossem amigos? Ou... algo mais.

— De nada — responde a Dosi. — Quem sabe você possa ficar mais tempo aqui da próxima vez que beijar uma sereia.

Ele ri. Ela ri. Eu o puxo com mais força em direção ao trono.

Que babaca. Ela sabe que romper uma ligação com um ser humano é algo permanente. Ele ficará imune — a todas as sereias, não só a mim. Não é como se eu estivesse pensando em beijar o Quince por acidente de novo, mas sei muito bem que ele nunca mais vai ter como aparecer de novo aqui na corte.

— Não vai ter uma próxima vez — murmuro. Em seguida, me viro para o papai e digo: — Vamos acabar logo com isso.

Ele está com uma expressão impassível de rei do oceano, então não consigo entender bem no que ele está pensando. Só espero que seja em resolver isso o mais rápido possível.

— Lily e Quince... — Ele olha para cada um de nós e então para trás, na direção da Dosinia, que ainda está na porta. Ela deve estar querendo ver o sermão que vou levar por ter me ligado a um terrestre por acidente.

Quando o papai olha de volta para mim, sinto um embrulho no estômago de que tem alguma coisa errada. Ele está com aquele mesmo olhar distante de quando estava falando sobre a mamãe.

— Sinto muito — diz ele, calmo, mas firme. — Não posso realizar essa separação.

Ao meu lado, o Quince franze a testa, como se não tivesse entendido. Então somos dois.

— Papai! — protesto. Sei que deveria estar me dirigindo a ele como um rei agora, mas ele está agindo como um pai, então é assim que vou tratá-lo. — Como assim? Você não pode nos deixar ligados para sempre. Ele não pode ser meu rei! — De repente, tudo faz sentido. Flutuo mais para perto dele e sussurro: — Isso tem a ver com o meu aniversário? Você não pode me deixar ligada a ele só para não perder meu lugar na sucessão do trono. Eu posso achar alguém melhor!

Aliás, eu até já tinha alguém em mente.

— Não tem a ver com você, Lily — responde ele. Seu olhar vai do Quince para a Dosinia e depois volta para o Quince. A não ser por eles, é como se estivéssemos sozinhos. Esse assunto é só entre o papai e eu. — Nossa conversa sobre a sua mãe me lembrou do quanto a ligação é uma coisa séria. Uma ligação é um presente... uma conexão incomparável em todos os sete mares ou qualquer outro lugar. Eu simplesmente não posso romper uma ligação sem nenhum bom motivo. Ainda mais quando me parece tão claro que você...

— Sem nenhum bom motivo?!? — Começo a nadar em círculos, criando um redemoinho. — Eu tenho tantos motivos que nem sei por onde começar. Você sabia que ele joga bolinhas de papel em mim? E fica me espiando pela janela do banheiro? E que, no ano passado, ele passou uma semana inteira me seguindo na ida e na volta da escola com a moto dele... e ah, é! Ele anda de moto, o que é muito mais perigoso do que um maremóvel! E ele...

— Chega!

O grito imponente do papai ecoa pela sala toda. As testemunhas da minha humilhação ficam paralisadas, temendo a fúria do todo poderoso soberano.

— Minha decisão já foi tomada — decreta ele como se não estivesse aberto a nenhum outro argumento... por mais que eu tenha vários. — Vocês deverão voltar para cá dentro de uma semana e terão a oportunidade para provar que não deveriam continuar ligados pelo resto de suas vidas. Caso eu fique convencido de que vocês de fato não são compatíveis, aceitarei realizar a separação.

— Mas papai... — reclamou. — Você não pode...

— Posso sim — diz ele. — Já está decidido. — Em seguida, seu rosto se entenece, e sei que é meu pai quem está falando, não meu rei. — Só quero que você tenha certeza absoluta de que...

— Mas eu tenho certeza — insisto eu. — O Quince e eu praticamente nos odiamos. Ele não quer continuar ligado a mim tanto quanto eu não quero ficar presa com ele.

Olho para o garoto em questão. Por que ele está tão quieto? Ele não deveria estar pedindo a separação também? Talvez ele esteja confuso demais pela ligação.

— Eu sei que você acredita ter certeza — diz o papai. — Mas tenho minhas dúvidas. Tenho receio de que vocês estejam deixando que outras emoções interfiram na clareza da ligação. Não vou fazer a separação até ter certeza de que é realmente isso o que vocês querem. — Ele me dispara outro imponente olhar real. — Vocês vão ter que conviver com a ligação por uma semana.

E fim de papo.

Sei que a intenção dele é boa. Afinal, ele é meu pai. É meio que o papel dele tomar decisões contra a minha vontade por achar que é melhor para mim. Mas nem por isso eu fico muito contente.

Por outro lado, desde que sejamos separados antes do começo do próximo ciclo lunar, acho que uma semana a mais não vai fazer nenhuma grande diferença na minha vida. Não a longo prazo. Não quando eu estiver passando a eternidade com o *verdadeiro* menino dos meus sonhos.

— Tudo bem, uma semana — concordo. — Por você — e “pela mamãe”, complemento eu, apenas em pensamento.

Em seguida, antes que qualquer um — eu, provavelmente —, tenha tempo de se emocionar, eu me viro, pego o Quince pelo braço e saio rumo às portas.

Enquanto passamos pela Dosinia, ela acena.

— Até semana que vem, Quincinho!

Quando vejo que ele está começando a sorrir, bato ainda mais forte minhas nadadeiras para sair antes que ele consiga responder.

— Calma lá, princesa — diz ele, assim que chegamos ao jardim. — Assim alguém pode até achar que você está com ciúme.

— Vai sonhando — esbravejo. O Quince Fletcher é a última pessoa no mundo pela qual eu poderia sentir ciúme. Eu nem acredito que vou ter que passar uma semana inteira ligada a esse verme marinho.

* * *

Quando o Quince para a moto em frente à garagem da casa dele, meu cabelo já secou e está uma bagunça só. A parte que estava embaixo do capacete ficou praticamente grudada na minha cabeça, e o resto está pulando para todos os lados. Estou parecendo uma obra de arte moderna mal-acabada. Vou levar uma hora inteira só para passar uma escova nesse matagal.

Ele gira a chave e o barulho do motor se silencia.

Solto meus braços dele, desço da garupa e empurro o capacete de volta para ele, pronta para entrar em casa e enfiar minha cabeça embaixo dos travesseiros. Mas o Quince não me deixa escapar tão fácil assim. Ele me pega com uma de suas mãos fortes pelo pulso e me força a parar.

— Vamos com calma, princesa — diz ele, me puxando mais para perto.

Revirando meus olhos para o alto, reparo na posição da Lua. Está tarde. Tarde demais para eu tentar dizer qualquer coisa.

Olho feio para ele.

— Não vou ganhar nem um boa-noite? — pergunta ele, enquanto solto meu pulso. — Acho que eu mereço.

Fico paralisada.

Como ele sempre sabe *exatamente* o que dizer para me irritar? Não sei, é como se ele tivesse um dom especial para pegar no meu pé. Pena que ele não tenha como ganhar dinheiro com isso.

Sei que meu temperamento está mais volátil agora que voltei à terra firme e também porque passei algumas horas nadando em silêncio, cozinhando minha raiva. Mesmo sabendo que em teoria — em *teoria* — nada disso seja culpa do Quince, ele é a minha válvula de escape mais próxima.

— Ah! — digo eu, tentando, mas não conseguindo, esconder minha frustração. — Por que você acha que *merece* um “boa-noite”? Por me beijar contra minha vontade? E duas vezes ainda! Ou por fazer todos os convidados na festa da minha prima acharem que eu estava com você...?

— Ei, eu só estava tentando ajudar. — Ele desce da moto e fica frente a frente comigo.

— Ou não, pior... — digo, ignorando seu comentário e ficando mais irritada. — Será que foi por passar o dia todo de conversinha e pegando na mão da minha prima toda oferecida, enquanto eu estava presa no palácio fedendo à lagosta? — Eu o empurro no peito com as duas mãos. E com força. — Você tem razão! Boa... — outro empurrão — ... noite!

Viro de costas e saio batendo o pé, fazendo uma retirada dramática. Quando já estou quase subindo a escada da varanda, ele me faz parar com uma gargalhada.

— Você ficou mesmo com ciúme, não ficou?

Ciúme? *Ciúme?!?* Até parece. Essa é a coisa mais ridícula que eu já ouvi. Isso é tão absurdo que nem vou me virar para responder.

Ouçó as botas de motoqueiro dele pisando na calçada atrás de mim e ergo os ombros. Se ele encostar a mão em mim...

— Não estou interessado na sua prima, nobre princesa — sussurra ele perto do meu ouvido. — Ela é uma criança. Uma menina divertida para se passar um dia, talvez, mas eu prefiro alguém um pouco mais... profunda.

Por algum motivo, a maior parte do meu mau humor se esvai. Eu não estava com ciúme — pelo amor de Poseidon, é claro que eu *não* quero a atenção do Quince —, mas alguma coisa no que ele disse me acalma.

— A ligação... — murmuro.

Com a confusão de emoções entre nós, o decreto do papai e sim — tenho que admitir —, um pouco de ciúme induzido pela ligação por causa Dosinia, não é à toa que estou me sentindo em uma montanha-russa emocional.

Pela primeira vez, não sei se prefiro aceitar um acordo de paz temporário ou reavivar nossa tensão de sempre. De um jeito ou de outro, talvez por estar realmente exausta depois desse final de semana, acabo decidindo deixar isso para lá por hoje.

— Você vai precisar beber muita água salgada — digo eu baixinho. — Talvez alguns copos por dia.

Um breve silêncio cai entre nós.

— Mais alguma coisa?

Resisto à tentação de me encostar nele. Fico louca só de pensar em como seus braços são fortes, gostosos, protetores e... Pare! É só a ligação!

— Tome banhos de banheira — solto eu. — Toda noite. — Em seguida, só porque não estou acostumada a ser gentil com ele, complemento: — Banhos gelados.

— Gelados? — pergunta ele, com a voz cheia daquele bom humor de sempre.

— Bom, talvez em temperatura ambiente.

— Tudo bem então.

— Fazendo isso, você vai aguentar até o final de semana.

Outro intervalo de silêncio.

— Obrigado.

Sem me virar, subo os quatro degraus da minha varanda. Quando meu pé chega às tábuas pintadas de branco no piso da entrada, o Quince diz:

— Boa noite, Lily.

Ouçó as botas pesadas de couro dele atravessando o gramado entre as nossas casas.

Quando tenho certeza de que ele já está longe o bastante, sussurro:

— Boa noite, Quince.

Para uma segunda-feira, hoje o dia está sendo bem normal. Acordei atrasada com a Prithi lambendo minha orelha, sujei três camisetas diferentes com *gloss* antes de lavar a boca toda e decidir sair sem maquiagem e acabei congelando sem querer meu suco de laranja no copo. Por isso mesmo, quando a Shannen me encontra em frente ao meu armário antes da primeira aula, já estou pronta para bater a cabeça na parede.

— O que aconteceu com você? — pergunta ela.

Bato a porta do meu armário e jogo a minha mochila em cima do ombro, fazendo metade do que estava lá dentro sair voando pelo corredor porque o zíper estava aberto. Que inferno. Depois de pegar todos os meus livros e fichários do chão, eu digo:

— O que *não* aconteceu?

— Estou falando do baile — diz a Shannen. — Você saiu para se encontrar com o Brody na biblioteca e não voltou mais. O que aconteceu? Como foi? Como você voltou para casa? Eu tentei te ligar, mas sua tia disse que você tinha ido passar o final de semana com seu pai.

Começamos a ir até nossa classe.

— O Quince me deu uma carona — confesso eu.

— O Quince? — A Shannen corre até minha frente e se vira, agora andando de costas. — O Quince *Fletcher*?

Como se tivesse outro Quince na escola.

— Uhum...

— Na moto dele?

— Uhum...

— O Quince? — repete ela, sem conseguir acreditar. — *Fletcher*?

— Sim, Shannen — digo eu, irritada. — O Quince. Eu. Na moto dele.

— O que vocês...

— Lily!

Falando no peixe-diabo...

Deixo um grunhido escapar. Sei que não adianta ignorar o Quince para que ele vá embora — na verdade, estou começando a achar que isso só o deixa ainda mais instigado —, mas não consigo pensar em nada para dizer. Eu não estava nem um pouco preparada para enfrentar as inevitáveis perguntas da Shannen. Ainda mais depois dessa manhã que eu tive.

— Esperem aí! — pede ele para a gente.

A Shannen, ainda andando de costas, olha por cima do meu ombro — provavelmente vendo o Quince correndo para nos alcançar.

— O que está rolando? — sussurra ela.

Como se eu conseguisse explicar. Só reviro os olhos para o alto e balanço a cabeça.

— Ei — diz ele assim que chega ao meu lado. — Você saiu antes que eu pudesse te oferecer uma carona para escola.

— Prefiro vir andando — respondo, evitando os olhos arregalados e questionadores da Shannen. — Até um monociclo seria mais seguro do que aquela geringonça.

Tudo bem, talvez tenha sido errado insultar a moto dele. O Quince adora aquela moto mais do que quase qualquer outra coisa no mundo. Ainda assim, acho que subestimei suas habilidades de retaliação.

— Você não parecia estar com muito medo ontem à noite — diz ele com a voz suave e um toque de malícia que a Shannen com certeza não deixou de notar.

Paro no meio do corredor em frente à minha classe de governo norte-americano. Espantada, a Shannen cambaleia alguns passos para trás antes de parar e então fica só observando, boquiaberta, enquanto eu me viro para o Quince.

— Você quer alguma coisa? — pergunto. — Ou só estava tentando deixar minha manhã ainda pior?

Vejo uma fagulha de alguma coisa — tristeza? Talvez compaixão? — iluminar os olhos dele. Quando ele abre a boca, sei que é para se desculpar. Santa cavalinha, essa ligação está me deixando em sintonia demais com os sentimentos dele.

— Deixa para lá — interrompo antes que ele consiga dizer qualquer coisa. — Estou tendo uma manhã terrível. Não queria descontar isso em você.

A Shannen até engasga.

O Quince chega mais perto e, com uma voz baixa que só chega ao meu ouvido, diz:

— Desculpa — viu? Eu tinha razão. — Sei que essa confusão toda não muda nada as coisas entre a gente. — Ele olha para o chão, abaixando as pálpebras até seus cílios loiro-escuros cobrirem seus lindos olhos. — Mas é que estou sentindo um impulso muito forte de ficar perto de você. Para te proteger, ou alguma coisa assim.

— Eu sei — sussurro. — É a ligação. É uma coisa mágica. — Em seguida, enquanto me lembro de que a Shannen está logo atrás de mim, completo às pressas: — A gente conversa melhor depois da escola.

Quase nunca olho o Quince nos olhos quando não estou irritada com ele. Sinto as emoções dele se misturando às minhas, intensificadas pela ligação. É hipnotizante. Ainda mais porque ele também parece estar sentindo a mesma coisa.

Por sorte, ele desvia os olhos para cima dos meus ombros, na direção da Shannen, e quando volta a olhar para mim, já está com seu sorriso impertinente de sempre. Ele balança a cabeça e diz:

— Não, no almoço.

Para não discutir, apenas aceno a cabeça. Ele sai de lado e some em meio ao corredor lotado. Mas eu ainda posso sentir a presença dele.

Santo tubarão branco, preciso desfazer logo essa ligação antes que ela me domine de vez.

— Lily? — diz a Shannen, chegando do meu lado. — O que foi tudo isso? O que aconteceu sexta à noite? Alguma coisa deu errado com o Brody na biblioteca?

— Não — insisto eu. Como não quero que a escola toda escute essa história, puxo a Shannen para dentro da nossa classe. — Não, ele nem apareceu. Mas o Quince, sim.

— E...?

Eu sento na minha carteira, jogando minha mochila no chão com um baque resignado.

— E ele me beijou.

— O quê? — grita ela, se sentando em seu lugar na fileira ao lado. — Meu Deus, e como é que foi? Ele beija bem? Aposto que ele beija bem. Ele parece que beija bem, do tipo que sabe o...

— *Shiu!* — esbravejo, chegando mais perto para que ela se toque e fale mais baixo. — Tanto faz como foi. Prefiro tentar esquecer.

— Então o que foi aquilo lá no corredor agora há pouco? — pergunta ela, observadora como sempre. — E por que você andou na moto dele ontem à noite?

— É complicado — digo. Como é que eu vou explicar essa situação para a Shannen sem contar meu segredo? Eu devia ter me preocupado com isso durante a viagem de volta ontem à noite, mas eu estava atordoada demais para conseguir pensar em qualquer coisa.

— Quê? — Ela se inclina tanto para perto de mim que até parece que vai cair. — Vocês dois estão *ficando* agora?

Eu quase grito, “*NÃO!!! Meu Deus do céu, você ficou maluca?!?*”

Mas depois penso que não tenho nenhum outro jeito de explicar essa situação. E as coisas só vão piorar nos próximos dias. A ligação vai continuar nos deixando cada vez mais próximos. Como eu não posso simplesmente dizer, “Bom, quando ele me beijou, nós fomos unidos instantaneamente por uma ligação marinha mágica que nossa ancestral Cafeira criou para encorajar a fidelidade entre os seres marinhos e combater a solidão nas gélidas águas do vasto oceano”, acho que essa pode ser a melhor explicação que posso dar no momento.

O Quince vai ter que entrar no jogo.

E então, por mais que isso vá contra todos os meus princípios de ódio ao Quince, abaixo a cabeça e murmuro:

— Sim, mais ou menos...

Sou salva de inventar mais alguma explicação pelo sinal, uma prova surpresa e uma aula que exige muitas anotações sobre a Declaração de Direitos. Mas assim que a aula acaba, a Shannen já está com a mochila em cima do ombro e várias outras perguntas na ponta da língua.

— Como foi que isso aconteceu? — pergunta ela, enquanto saímos para o corredor. — Foi legal? Você saiu de novo com ele ontem? Então você desencanou do Brody?

— Não! — esbravejo. — Não, não. É claro que não.

Em vez de fazer anotações, passei a aula preparando minhas respostas para as perguntas que ela iria me fazer. É claro que isso não vai ajudar muito a minha média ponderada que já não está lá uma maravilha, mas vale a pena o sacrifício.

Agora já tenho toda uma história prontinha.

— Foi meio que um mal-entendido. Depois que ele me beijou... — Ignoro o olhar de inveja da Shannen — ... fiquei tão espantada, que só acenei a cabeça. Nem me dei conta do que ele tinha me perguntado até ele me deixar em casa e dizer que então viria me pegar às sete no domingo.

— Mas aí você falou com ele, não falou? — Ela ajeita a mochila em seu ombro. — Por que ele ainda está bancando o possessivo se você já disse que foi tudo só um engano?

— Porque eu, *hm...* não disse nada. — Eu não tinha pensado nessa pergunta totalmente óbvia. Nossa, isso está ficando cada vez mais complicado. Agora me lembro por que não gosto de mentir.

— Mas e aí? — pergunta ela. — Então você está *mesmo* ficando com ele?

Como agora já é tarde demais para escapar, o jeito é entrar na dança.

— Bom, mais ou menos. — Ao ver a expressão de espanto da Shannen, complemento: — Só por um tempo. — Então, lembrando do que o Quince me disse sexta à noite antes de sairmos para o baile, tenho uma ideia: — Só para ver se o Brody fica com ciúme.

— Você está usando o Quince então? — pergunta ela, estreitando seus olhos castanhos.

— Não fale assim. — Em seguida, como a ideia de usar alguém desse jeito, mesmo alguém que eu desprezo como o Quince, me deixa enojada, complemento: — Além do mais, ele meio que entrou nessa comigo. Foi tudo ideia dele — o que não é mentira.

— Ah... — A Shannen parece desapontada. Só não sei se é por eu não estar usando o Quince, ou por não estar ficando com ele de verdade. Em seguida, ela pergunta: — Por quanto tempo vocês estão planejando manter essa farsa?

— Uma semana — solto eu. — Só uma semana. Depois disso, a gente se separa e tudo volta ao normal.

Enfim, eu e o Quince podemos nos dar bem por pelo menos uma semana, certo? Só preciso explicar para ele por que precisei inventar essa história. Ele vai entender. Espero.

* * *

— Mas é claro que não — digo ao Quince no dia seguinte depois da aula. — Eu vou ao campeonato de natação com a Shannen. Você nem foi convidado.

Bato a porta do meu armário e dou as costas para o olhar tempestuoso no rosto dele.

— Este é um país livre — diz ele, vindo atrás de mim. — Eu também posso ir se quiser.

Encolho os ombros como se não me importasse, mas a última coisa que eu quero no mundo é que o Quince vá ao campeonato de natação. Essa é minha chance de falar com o Brody, e não quero que a ligação fique atrapalhando meus pensamentos.

— Além do mais... — diz ele, enfiando as mãos nos bolsos de trás, fazendo sua jaqueta de couro se abrir e sua camiseta se esticar contra o seu peito... mas não que eu tenha reparado em nada, claro. — Se for para fingir que estamos ficando juntos, não posso deixar você passando mal por aí na frente de nenhum outro menino.

Passando mal? Hah! Eu não passo mal. Fico nervosa e me enrolo toda? Claro. Mas já superei toda essa história de passar mal quando vejo o Quince muito tempo atrás. Foi no mês passado, acho.

— Eu não vou ficar passando mal — insisto. — Eu sou a coordenadora do time. Tenho deveres oficiais, tipo preparar a escala dos nossos atletas, marcar os tempos, não deixar que ninguém se atrase...

— Tudo bem — diz o Quince com total sinceridade. — Então eu vou lá para ajudar você com os seus deveres oficiais.

Saímos da escola sob o Sol do fim da tarde. O carro da Shannen está parado na primeira fila, e vejo que ela ainda não chegou. Como tenho que esperar para ir de carona com ela — eu e os carros somos como água e óleo... literalmente —, me viro para o Quince.

— Escute. — Solto minha mochila e cruzo os braços. — Isso de que nós estamos ficando é só uma história que eu inventei, é só para explicar tudo o que não tenho como explicar. Não é real. Não sou sua namorada, nem de brincadeira. Você não tem o direito de ficar sendo ciumento e possessivo.

— Nós podemos até estar fingindo — diz ele, chegando mais perto, com a voz baixa. Como ele ainda consegue ter esse cheiro de creme dental de menta no fim do dia? — Mas para a maioria das pessoas aqui no Maresia, a gente está ficando, sim. E não vou fazer papel de idiota para escola toda com a minha suposta namorada babando por

outro cara.

Posso sentir o orgulho masculino do Quince à minha volta, me envolvendo em uma nuvem de possessividade. Mesmo sabendo que isso é tudo de mentira, a ligação mágica está fazendo nossas emoções, mesmo que falsas, parecerem muito reais. O Quince claramente não consegue perceber a diferença. Mas quem eu quero enganar? Nem eu estou conseguindo perceber a diferença, e cresci com esse tipo de magia à minha volta.

Como eu fui acreditar que a gente conseguiria levar isso sem nenhum problema? Nada é tão simples assim. Ainda mais com encantos marinhos e algumas mentirinhas brancas no meio. E claro, o Quince está aproveitando isso como mais uma chance para atormentar minha vida.

A porta pela qual acabamos de sair se abre, e pelo canto do meu olho, vejo a Courtney e suas duas amiguinhas saindo. Antes que eu consiga resmungar qualquer coisa, sinto o Quince passando o braço em volta da minha cintura e me puxando com força.

— Mas o quê...?

Ele cola a boca na minha antes que eu termine a frase. Surpresa demais para reagir, fico só parada feito uma água-viva molenga entre seus braços. Enquanto a Courtney e suas amigas passam, eu só a escuto dizendo:

— Quanto amor, hein?

As amiguinhas riem do comentário. Por que todos os momentos mais vergonhosos da minha vida têm que acontecer com tantas testemunhas por perto?

O Quince me solta, abrindo um sorriso prepotente, e então me diz:

— Vejo você na piscina.

Em seguida, ele me dá as costas e sai andando até sua moto. Enquanto estou olhando para ele, vendo suas costas cobertas pela jaqueta de couro, a Shannen aparece.

— Você e o Quince estavam... se beijando?

— Sim — digo, querendo pisotear a prepotência dele. — Aquele safado.

— Pois é... — diz a Shannen, com uma voz meio distraída. — Safado...

— Vamos indo. — Pego minha mochila e começo a andar até o carro dela. — Temos que ir para o campeonato.

— Acho que essa semana vai ser interessante — diz ela, destravando o carro com o chaveiro.

Jogamos nossas mochilas no banco de trás e eu então me sento no da frente. É uma pena que ela não saiba nem da metade do que está acontecendo.

Ver o Brody nadando borboleta é como ver uma música em movimento. Uma braçada forte cruza a água. A cabeça se ergue para tomar fôlego. Braços voam para frente em perfeita sincronia. O corpo mergulha adiante com uma poderosa batida das pernas.

Eu poderia passar a vida inteira vendo isso.

Começo a rir pensando que, assim que eu resolver isso com o Quince e fizer as coisas darem certo com o Brody, com sorte vou *mesmo* passar o resto da minha vida vendo isso.

— Qual é a graça, princesa?

Meu momento de alegria evapora. Endireito os ombros e ranjo os dentes.

Além de ter vindo me encontrar, o Quince está sentado bem atrás de mim na arquibancada. Os pelos da minha nuca não param de ficar arrepiados sempre que o sinto por perto. É como se eu estivesse esperando que ele me pegasse e desse um beijo no meu pescoço ou alguma coisa assim.

— Nada — resmungo. Olho para o placar, tentando ver o tempo da parcial do Brody para os cinquenta metros. Enquanto anoto rapidamente os números no livro de registros, me viro de volta para a piscina.

O Brody está na ponta com pelo menos um corpo de vantagem. É claro, o Brody sempre está na ponta. Durante meus três anos como coordenadora da equipe, nunca o vi perder nenhuma prova. Nem no campeonato estadual.

A Shannen chega mais perto de mim pela esquerda e sussurra:

— Courtney se aproximando às três horas.

Firmando os pés na arquibancada à minha frente, viro a cabeça para a direita e vejo a ex do Brody se sentando com suas amiguinhas alguns metros abaixo de nós. Por que ela está aqui? Ela e o Brody já terminaram. Ela não tem mais por que se interessar pela equipe de natação.

Enquanto o Brody parte para os últimos metros da prova, a Courtney pula e grita:

— Vai, Brody!

Ela não é a única, claro. Todos na arquibancada agora estão gritando, “Vai! Vai! Vai!”, toda vez que ele ergue a cabeça da água e talvez possa ouvir alguma coisa.

Ainda assim, fico surpresa ao ver a Courtney torcendo por ele.

— Parece que ela ainda não desistiu dele — diz o Quince, sem nem se dar ao trabalho de falar baixo.

Olho feio para ele, mas então me lembro de que estou tentando fingir que ele nem está aqui e me concentro na prova. O Brody chega em primeiro. Quando seu tempo aparece no placar, anoto os números no meu caderno. Vou para a página dos melhores tempos e comparo seu último resultado. Ele acabou de bater sua melhor marca nos cem metros por dois décimos de segundo. Continuando assim, ele pode até derrubar o recorde estadual.

No entanto, não tenho tempo para me empolgar com isso, porque a prova dos quinhentos metros já está para começar. Comparo minha escala com as posições na piscina para confirmar que os nossos nadadores estão nas raiais dois e sete. Eles sobem nas bases, nosso treinador ergue a buzina de largada e então o alarido ecoa pelo ginásio aquático — por que os seres humanos precisam de um termo tão complicado para uma simples “piscina interna”? — e os nadadores desaparecem.

Enquanto estou fazendo anotações sobre a largada lenta do Jeff Fetzer, sinto alguém parado na minha frente.

Levanto a cabeça e vejo o Brody, com água clorada pingando de seus cachos escuros e uma toalha enrolada na cintura, sorrindo todo ansioso para mim. O cheiro de cloro me deixa enjoada — por mais que não seja letal, essa é uma substância tóxica para os marinhos, então prefiro ficar longe da piscina —, mas acho que consigo aguentar o embrulho no meu estômago pelo Brody.

— E aí?

— Foi seu melhor tempo! — digo eu, empolgada. — Por dois décimos de segundo.

— Legal! — responde o Brody com um sorriso enorme, ainda ofegante pela prova. O nado borboleta é o estilo mais cansativo de todos. Tentei nadar assim com a minha forma terrestre uma vez e quase me afoguei. Bom, não literalmente. Mas, enfim, ele ainda está com o peito ondulando a cada fôlego e com as bochechas vermelhas pelo aumento do fluxo sanguíneo. Ele vai levar alguns minutos para voltar ao normal. E vou poder apreciar cada segundo dessa recuperação.

Ele então olha para cima do meu ombro, e sinto meu sangue gelar. Ele viu o Quince atrás de mim. Este é um momento crítico. Desde que inventei para a Shannen a história de fazer ciúme, essa ideia vem me parecendo cada vez mais interessante. Já que estou presa com o Quince mesmo, posso pelo menos tentar aproveitar isso para alguma coisa. E estou prestes a descobrir se vai funcionar ou não. Qual será a reação do Brody ao ver o Quince comigo? Será que ele vai ficar contente por mim? (Ruim.) Ou indiferente? (O que não seria muito bom também.) Com alguma sorte, talvez ele fique bravo ou dê uma de arrogante ou possessivo. (Todos sinais de ciúme em potencial — ou seja, muito, muito bom!)

No entanto, antes que ele tenha tempo de reagir, o baiacu motoqueiro diz:

— Bela prova, Bennett.

O Brody sorri, pelo visto não tão confuso com o elogio do Quince quanto eu.

— Valeu.

Em seguida, antes que eu possa entender o que está acontecendo, sinto os braços do Quince, com as mangas da jaqueta de couro arregaçadas até seus bíceps malhados, se enrolando em volta do meu peito e dos meus ombros. Por instinto, agarro seu antebraço com minha mão, pronta para tentar me soltar, quando ele diz:

— Sorte sua que não sou do tipo ciumento para me incomodar com toda essa atenção que a Lily dá para você e para equipe.

Posso sentir um sorriso na voz do Quince, mas também uma forte mensagem nas entrelinhas. Ele está avisando o Brody para cair fora.

— Quince... — eu tento dizer, mas o Brody logo me corta.

— A Lily é uma ótima coordenadora — diz ele com um sorriso todo amistoso. Em seguida, ele se vira para mim e vejo um certo... encanto em seu olhar. Como se ele estivesse me vendo de um jeito diferente agora. — Você tem sorte de estar com ela.

Só como um teste, desisto de tentar me soltar do Quince e em vez disso o abraço ainda mais forte. Vejo os olhos do Brody se estreitando alguns milímetros. Quando viro a cabeça para o Quince e a mandíbula do Brody se repuxa, sinto que estou chegando a algum lugar. Ele *ficou* com ciúme por me ver com o Quince!

Fico tão empolgada com isso que relaxo e me encosto no peito do Quince.

— Bom, preciso ir me reabastecer para a próxima prova — diz Brody, parecendo irritado (por me ver com o Quince? Eba!). — A gente se fala depois.

— Até — diz o Quince com desdém.

Enquanto o Brody vai para o vestiário — passando pela Courtney com uma cara de ódio e suas amiguinhas —, eu me viro para o Quince.

— Você viu aquilo?

— Aquilo o quê? — diz o Quince, olhando por cima da minha cabeça para assistir à prova de longa distância que ainda está em seus primeiros cem metros.

Faço uma careta. O que deu nele? Eu me viro para a Shannen e digo:

— Você viu aquilo? O Brody estava morrendo de ciúme!

— Pois é — diz ela, não tão empolgada quanto eu esperava. — Que legal.

Ah, enfim. Talvez ela só esteja sem jeito na frente do Quince. Podemos comemorar depois. Quando me viro de volta para a prova — e percebo que perdi as primeiras duas parciais dos nossos dois nadadores —, não consigo parar de sorrir.

Só depois de toda a prova de seis minutos me dou conta de que ainda estou encostada no Quince, com seus braços em volta de mim. Por algum motivo — deve ser só porque ficar assim é mais confortável do que me apoiar nas arquibancadas sem encosto —, nem tento me afastar. Além disso, quanto mais a gente ficar assim, mais o Brody vai ficar com ciúme e perceber que gosta de mim. Todo mundo vai sair ganhando.

—E parabéns à equipe de natação pelo sucesso de ontem à noite em Parkcrest. O veterano Brody Bennett bateu dois recordes internos e levou quatro fitas azuis para casa. Venham torcer pelos Tartarugas Marinhas na próxima quinta-feira, no campeonato municipal!

Enquanto o vídeo continua, minha mente ainda está focada apenas na imagem do Brody com suas fitas azuis na frente da placa que diz PROIBIDO CORRER EM VOLTA DA PISCINA. Ainda não acredito que o Brody ficou com ciúme do Quince. Afinal, se ele sentiu ciúme, é porque deve gostar de mim, certo?

Nunca estive tão esperançosa quanto ao meu futuro com o Brody — só estou um pouquinho irritada por isso ter acontecido graças à interferência do Quince. Algum dia, quando eu e o Brody já estivermos morando no mar há muito tempo, talvez eu até agradeça aquele baiacu.

— Acorda, Lily — diz a Shannen, acenando com a mão na frente do meu rosto distraído. — Temos que discutir nosso trabalho de história.

— Claro — digo, tentando voltar à realidade, à sala de estudos. Em seguida, a reportagem com o Brody entra no ar e eu me desligo de tudo. Já sei tudo o que ele vai falar de cor, porque fui eu que editei a matéria, mas ainda assim fico extasiada só de ouvir a voz dele.

— Os anuários estarão à venda semana que vem. — Ele mostra uma cópia que a equipe do anuário preparou e folheia as páginas cheias de fotos de como foi nosso ano. — Vocês podem fazer seus pedidos durante o almoço nas suas salas de estudos até a próxima sexta. Não deixe de reservar seu pedacinho da história antes que seja tarde demais!

Enquanto o vejo segurando o livro aberto na página com a foto da equipe de natação, suspiro e relaxo na cadeira. Eu nunca me canso de ouvir o Brody. Ou de olhar para ele. Ou de pensar nele...

— Lily! — A Shannen joga o livro de história dela em cima da minha mesa, me arrancando do meu devaneio.

Com o coração disparado, olho para ela e depois para o livro.

— Tudo bem — digo, me endireitando na cadeira e abrindo o livro no capítulo sobre a Crescente Fértil, uma importante região do Oriente Médio. — Certo. Trabalho de história. Vamos lá.

A Shannen faz uma careta, mas vira a mesa de frente para a minha, querendo começar logo. Fico orgulhosa de mim mesma por conseguir me concentrar no nosso trabalho — que é um resumo, uma análise e uma recriação de uma das leis de Hamurabi — pelo resto do período de estudos. Ela só precisou chamar minha atenção uma única vez. Bom, talvez duas.

Quando o sinal bate, atravessamos o corredor até o ginásio. Odeio educação física. Depois de passar a maior parte da minha vida na água, ter coordenação em terra não é lá muito fácil para mim. Na verdade, eu me dou por contente quando saio da aula sem nenhum tipo de machucado esportivo — marcas vermelhas no braço de jogar vôlei, joelhos ralados por cair no chão em uma corrida, um calombo na cabeça por uma raquetada. A única coisa boa é que educação física é uma das duas aulas que eu faço junto com o Brody. É claro que eu não me saio tão bem na quadra quanto na equipe de jornalismo — nem na aula de trigonometria, aliás —, mas fico feliz só por estar ao lado dele.

Além do mais, o Quince não está aqui para me atrapalhar.

— Acho que vamos começar uma unidade nova hoje — diz Shannen, enquanto passamos pelas portas do vestiário.

— Que bom então — respondo. — Eu já não aguentava mais ter que jogar futebol.

Vestimos nossos uniformes de educação física — um short medonho azul-marinho que me deixa toda pinicando e camisetas largas brancas com o nome MAREZIA em letras azul-claras no peito. Algumas meninas — as com mais curvas do que eu, ou não ex-gordinhas como a Shannen — usam regatas justas do colégio em vez dessas camisetas largas. Se eu usasse uma coisa dessas, só acabaria chamando atenção para os meus já não tão fartos recursos.

— Ué, mas não tem nada aqui — diz Shannen, quando saímos para o ginásio fedorento.

Ela tem razão. O ginásio está estranhamente vazio. As arquibancadas que em geral ocupam os dois lados da quadra estão dobradas contra as paredes. As tabelas de basquete estão no lugar, mas não vejo nenhuma bola ao lado dos nossos professores, que estão no meio da quadra com seus apitos a postos. Os outros poucos alunos que chegaram antes ao ginásio estão só esperando sem fazer nada, tão confusos quando nós duas.

Eu e a Shannen vamos até a parede acolchoada no final da quadra e nos sentamos no chão.

— Será que a aula vai ser lá fora? — comenta ela.

— Quando é assim, em geral um dos professores fica lá esperando — digo.

Mas não hoje. Nossos dois professores — a treinadora de tênis, srta. Bailey, que está sempre ultra-alegre, e um dos técnicos de beisebol, o treinador Pittman, que é exatamente o oposto — estão na quadra, esperando que todos saiam dos vestiários.

O sinal toca e os últimos alunos, incluindo o Brody, chegam ao ginásio.

O técnico Pittman sopra seu apito, enquanto a srta. Bailey bate as mãos, gritando:

— Vamos formar um círculo, pessoal.

Eu e a Shannen nos levantamos com certa relutância e vamos para o centro da quadra, junto com todos os outros. Tento chegar o mais perto que posso do Brody sem dar muito na cara.

— Hoje vamos começar uma nova unidade com brincadeiras de rua — explica a srta. Bailey toda empolgada, como se sua animação pudesse ser contagiante, ignorando o fato de que literalmente todo mundo começa a resmungar — não sei quanto aos outros, mas eu estou resmungando porque não faço ideia do que seja isso. — Essa nossa primeira brincadeira é muito simples. O treinador Pittman e eu vamos escolher um de vocês e...

— Vamos jogar pega-pega estátua — berra o Pittman por cima das instruções da srta. Bailey. Ele nos olha por um instante e então aponta para mim e para o Brody. — Sanderson e Bennet, está com vocês.

Em seguida, ele sopra seu apito e o marenato começa. Os outros alunos saem correndo para os quatro cantos do ginásio.

Está comigo? Está comigo? O que isso quer dizer?

— Vamos lá, Lily — diz o Brody.

— Vamos para onde? — olho para os lados, perdida. — Não sei nem o que eu estou fazendo!

— Você não sabe brincar de pega-pega estátua? — pergunta ele, achando estranho. Quando balanço a cabeça, ele me dá uma aula rápida: — Quando você encosta em alguém, a pessoa tem que ficar parada. Ela só pode voltar a se mexer se outra pessoa encostar nela. Se conseguirmos paralisar todo mundo, nós ganhamos!

— Ah... — digo, sem entender nada. — Tudo bem.

O Brody parece notar que ainda estou confusa e diz:

— Só tente encostar no máximo de pessoas que você conseguir.

Em seguida, ele sai correndo e me larga no meio da quadra ainda sem entender direito essa brincadeira.

Fico olhando enquanto ele persegue um grupo de meninas do primeiro ano que só dá risada em vez de sair correndo. Elas ficam paradas no lugar quando ele encosta nelas. Outra menina, uma do segundo ano, eu acho, vem correndo e encosta nelas, que então voltam a se mexer. Mas antes que elas consigam escapar, o Brody as paralisa de novo e a menina do segundo ano também.

— Vamos, Sanderson — grita o treinador Pittman. — Ou você vai receber falta por hoje.

Isso me faz correr. Minhas notas já estão baixas o bastante e não quero bombar em educação física também. Sem estratégia nenhuma, simplesmente saio correndo atrás de quem está mais perto. Mas todos são muito rápidos e escapam para o outro lado do ginásio, usando algumas das vítimas do Brody como escudo. Enquanto estou tentando achar um caminho em volta — ou através — daquelas meninas paralisadas, o Brody chega por trás e paralisa as minhas presas.

— Boa! Trabalho de equipe, Lily! — diz ele com uma piscadela. Em seguida, ele olha para a minha direita. Eu me viro e vejo a Shannen e a menina do primeiro ano com quem às vezes a gente conversa na aula de educação física. Estou começando a entender a graça dessa brincadeira.

— Não se mexa, Shannen — digo, me aproximando lentamente enquanto elas se afastam. — Não vai doer nada. Eu prometo.

— Nunca! — ela se vira para correr, mas dá de cara com o Brody, que as emboscou rápido como um raio.

— Sinto muito, meninas. — Ele sorri enquanto encosta no ombro de cada uma. Em seguida, ele se vira para mim e diz: — Vamos pegar aqueles outros lá no canto.

Saímos correndo atrás do resto da turma. De alguma forma, sinto que estamos fazendo algo além de só brincar. Estamos nos aproximando — não é nada mágico, mas ainda assim é uma ligação deliciosa. Nunca pensei que a aula de educação física pudesse ser tão legal.

O Brody aparece quando eu e a Shannen estamos saindo do ginásio, indo para a ala de ciências (eu tenho aula de geografia e a Shannen de física). Ainda estou meio ofegante pelo esforço de ficar correndo atrás dos meus colegas pela quadra quando o Brody chega ao meu lado, põe o braço por cima do meu ombro (da minha mochila, na verdade) e diz:

— Nós formamos uma boa equipe, Lily.

Olho com uma cara de “ai meu Deus” para a Shannen.

— Pois é — digo, surpresa por conseguir dizer alguma coisa. Porque afinal, o Brody está praticamente me abraçando! — Uma ótima equipe.

Ele me abraça de lado, como faz com seus amigos da equipe de natação, mas sinto pequenas faíscas saindo dos pontos onde nossos corpos se tocam.

— A gente deveria fazer mais coisas juntos. Ninguém teria nenhuma chance contra nós.

Ele já deve ter se esquecido do meu incidente com a corda de pular e os narizes machucados (sim, no plural), mas eu também não vou dizer nada.

— Claro — digo, tentando disfarçar, por mais que não tenha experiência com isso, porque já aprendi minha lição sobre me empolgar demais depois que o convidei para o baile semana passada. Afinal, veja só no que isso deu (por mais que eu queira esquecer).

Enquanto entramos no corredor da ala de ciências, ergo meu braço também para completar o abraço de amigos que estamos tendo. Mas assim que vejo Quince — ou melhor, assim que *ele* nos vê —, percebo que não devemos estar parecendo apenas amigos para ele. Sinto sua fúria me atingir como um tsunami. Ele está com os olhos ardendo como labaredas e os músculos da mandíbula tão tensionados que parece estar prestes a trincar os dentes. Espero que ele tenha um bom dentista.

— Oi, Lily — esbraveja ele, sem relaxar a mandíbula. Ele disse meu nome, mas está com seus olhos em chamas fixos no Brody. — Oi, Bennett.

Pode ter sido só um cumprimento, mas noto dois sinais de que o Quince está mandando um alerta. Primeiro, ele acertou o sobrenome do Brody. Segundo, ele mais *grunhiu* do que falou.

— Oi, Quince — diz a Shannen, como se nada estivesse acontecendo.

— Oi, Shannen. — O Quince acena a cabeça na direção dela, mas não tira os olhos do Brody.

O Brody, claramente não tão distraído quanto a Shannen, diz:

— É melhor eu ir para aula. O Winslow vai detonar minha média se eu chegar atrasado de novo, e o treinador vai me matar se eu perder minha bolsa.

Em seguida, desafiando o perigo, ele pisca para mim antes de sair pelo corredor.

— Lily...

Antes que o Quince possa terminar, pulo para cima dele. Usando todo o peso do meu corpo, eu o empurro contra os armários. Ele fica piscando, espantado, como se não tivesse entendido o que acabou de acontecer.

— Qual é o seu problema? — esbravejo. — Você não se tocou que eu finalmente estava conseguindo falar com o...

— Lily! — implora Shannen.

— Que foi?! — berro, me virando para ela.

Ela ergue as sobrancelhas e aponta com os olhos para o corredor. Vejo o diretor assistente Lopez conversando com o professor de Física da Shannen duas salas à nossa frente.

Minha Santa Merluza, o que eu estou fazendo? Além de não ter nada a ver comigo, esse tipo de comportamento violento poderia me render uma suspensão, com certeza. Ainda estou forçando o Quince contra os armários com meus braços encostados no peito dele (sim, sei que só estou fazendo isso porque ele está deixando). Essa montanha-russa de emoções, hormônios ou alterações de humor criada pela ligação mágica está acabando comigo. De repente, subjugada pela situação, pelo segredo entre nós e pelas emoções que estão me inundando, deixo minha cabeça cair para frente e me apoio no peito do Quince. Por algum motivo — pela ligação —, eu me sinto melhor só de encostar nele. Como se toda a minha raiva estivesse se esvaindo.

O Quince abaixa a cabeça para perto da minha e sussurra:

— Relaxe, princesa. É tudo parte do jogo, lembra?

Balanço a cabeça.

Isso é um jogo? Está ficando cada vez mais difícil me lembrar das regras.

— Você deveria contar para a Shannen.

— Contar o que para a Shannen? — digo, me afastando.

— Me contar o quê? — pergunta a Shannen ao mesmo tempo.

Ele me olha direto nos olhos e diz:

— A verdade.

— Não posso. — Entro em pânico. De que *verdade* ele está falando? Da única verdade que eu venho escondendo da minha melhor amiga humana? Tento mostrar com os olhos, com a ligação, o quanto fico mal por esconder esse segredo da Shannen, ainda mais quando justo ele, de todas as pessoas no mundo, sabe da verdade. Balanço a cabeça com firmeza. Ele não sabe o quanto esse segredo é importante? Mas é claro que não. Afinal, o segredo não é dele.

— Então eu vou contar — diz ele.

— Não!

— Me contar o *quê*?

— A Lily...

— Não!!

— ... só está fingindo que estamos juntos. — Ele me abre um sorriso seco. — Mas eu não. Eu estou tentando convencê-la a ficar comigo em vez daquele idiota.

Aliviada, afundo meu rosto no peito dele. Por um instante, achei que ele fosse revelar meu segredo no meio do corredor para toda a escola ouvir. Nunca fiquei tão apavorada na vida. Nem na vez em que um tubarão enfurecido invadiu Thalassínia.

Agora, já mais calma, sou invadida por uma melancolia. Me dou conta do que ele disse. Isso foi só parte do jogo também?

— Ah, isso? — diz Shannen. — Isso eu já sabia.

Ela *sabia* disso?

O sinal toca e a Shannen sai correndo para a aula de física, me deixando atordoada para trás.

— Você sabe que eu nunca revelaria o seu segredo — diz ele baixinho, mas como o Quince gentil que conheci em Thalassínia. — Nunca.

Posso sentir que ele está sendo sincero. E que ficou um pouco magoado por eu ter duvidado dele. Talvez ele tenha razão. Eu devia ter confiado. Ele pode ser grosso, irritante e um grande pé na minha barbatana, mas também é um cara honrado. Ele nunca trairia meu reino.

Eu deveria estar muito aliviada — e estou, estou mesmo. Mas... uma parte bem pequenininha (afetada pela culpa) de mim no fundo até queria que ele tivesse contado mesmo toda a verdade sobre mim à Shannen. Porque aí essa parede invisível que existe entre eu e a minha melhor amiga humana deixaria de existir, e eu poderia culpar outra pessoa se ela não aceitasse isso muito bem.

Não consigo agradecer o Quince por uma coisa que eu quase queria que ele não tivesse feito. Em vez disso, me concentro no que causou tudo isso — o Brody — e recorro a um sentimento com o qual me sinto mais confortável para lidar com o Quince: a raiva.

— Por que você sempre tem que estragar tudo quando estou com ele? — Empurro o Quince e me afasto alguns passos dele.

— Não gosto de ver você com ele — diz o Quince, parecendo irritado porque voltei a falar sobre o Brody. — Meu sangue ferve só de pensar que...

— É só a ligação — insisto.

Talvez o Quince ainda estivesse em choque quando expliquei a ele sobre a magia do nosso laço. Até hoje me lembro da primeira vez que o papai me chamou para ter “uma conversa” sobre a ligação. Ele estava todo desconfortável e sem jeito, falando sobre hormônios, compromissos e para eu não deixar que nenhum tritão me convencesse a beijá-lo antes que eu estivesse pronta. Depois de um tempo, fiquei atordoada, e tenho quase certeza de que não entendi mais nada da conversa. Então não seria nada estranho imaginar que os detalhes ainda estejam um pouco confusos para o Quince, ainda mais levando em conta tudo o que aconteceu nos últimos dias.

— É só isso o que está deixando você com ciúme do Brody — explico. — A ligação nos une e intensifica nossas reações emocionais. Ela foi criada para deixar os casais mais apaixonados.

Dou risada só de pensar na hipótese de nós dois apaixonados. É uma ideia tão ridícula que nem consigo imaginar um mundo onde isso poderia acontecer.

— Não acredito nisso — diz o Quince com firmeza. — Não acredito que exista nenhuma magia que possa deixar alguém mais apaixonado. — Ele enfia as mãos nos bolsos da calça e se apoia em um armário, encostando uma de suas botas pesadas de motoqueiro com um baque contra a porta de metal cinzento. Ele me olha bem nos olhos e diz: — O amor já é a magia mais forte do mundo.

Paro de rir na mesma hora. Percebo que ele realmente acredita nisso. Na natureza onipotente do amor. Nunca

imaginei que ele era tão romântico.

Mas ele não conhece meu mundo. Existem forças mágicas de onde venho que ele nunca vai conseguir entender, e o amor não está entre as mais fortes.

— Quince e Lily — diz o sr. Lopez, chegando ao nosso lado. — Vocês dois precisam ir para a aula.

— Sim, senhor — responde o Quince, mas sem sair do lugar.

Agradecida pela bronca, eu me viro e saio correndo para a minha aula de geografia. Estou tão distraída pensando no Quince que mal escuto quando meu professor diz:

— Você está atrasada, Lily. Pegue duas folhas do seu caderno para a nossa prova surpresa.

Minha cabeça ainda está no corredor, com aquela inesperada versão romântica do Quince. Onde ela estava se escondendo nesses últimos três anos?

A Peri está me esperando embaixo da boia de sinalização a uma milha náutica do píer. Já de longe, percebo que ela está louca para ouvir todos os detalhes da minha primeira semana como uma sereia comprometida. Mas acho que ela não vai gostar nem um pouco.

— E aí? — diz ela, nadando até mim. — Como você...?

— Acho que estou ficando maluca.

— Por quê? — Ela junta suas elegantes sobancelhas castanhas. — O que aconteceu?

— O Quince está sendo legal comigo.

Ela cai na gargalhada soltando um monte de bolhas antes de tapar a boca com a mão.

— Mas e o que tem?

— Ele nunca foi legal comigo — reclamo eu. — Ele já foi grosso. Sempre foi irritante. Mas nunca foi legal.

— Não pode ser verdade — diz ela, enquanto nadamos até o leito do mar. — Está na cara que ele é louco por você.

— Pelo menos uma parte você acertou — murmuro com um ar distraído enquanto passo a mão pela areia e vejo um linguado disparando para fora de onde estava escondido. — Louco ele é mesmo.

A Peri se acomoda na água como se estivesse sentada, puxa suas longas madeixas castanhas sobre seu ombro e faz uma trança com toda habilidade usando seus dedos ágeis e elegantes.

— Acho que você não anda enxergando muito bem... — diz ela com um tom muito direto. — Achei o Quince um cara muito legal nesse último final de semana.

— Deve ser a ligação — comento, pegando meu emaranhado loiro também, que por sorte agora está sedoso embaixo d'água, para fazer uma trança. — É isso o que está bagunçando as nossas ideias. É tipo um tsunami de emoções confusas. E ele está assim também. Ele quase arrancou minha cabeça ontem só porque me viu com o Brody.

— Você estava com o Brody?

— Sim! — por que estou falando do Quince quando tenho notícias do Brody? — O treinador Pittman fez a gente jogar pega-pega estátua, e eu e o Brody pegamos todo mundo na quadra, e aí... — Em meio à minha empolgação, acabo enroscando as mãos no cabelo. A Peri vem até mim, tira meus dedos do emaranhado e recomeça a fazer a trança para mim. — ... E aí ele colocou o braço no meu ombro e disse que nós formávamos uma boa equipe. — Eu me viro e olho para ela, puxando meus cabelos para fora de suas mãos. Ignorando sua careta, eu digo: — Não é demais? Só pode ser um bom sinal. Não é?

— Acho que sim — diz ela, me virando de costas de volta para terminar a trança. — Mas os meninos terrestres são mais difíceis de entender do que os marinhos.

— Nem me fale — digo, lembrando do que tinha acontecido na tarde do campeonato de natação. — Sei lá, teve uma hora que eu estava discutindo com o Quince, e aí de repente ele me deu um beijo só porque a ex do Brody estava passando. Aí depois, no campeonato de natação, ele ficou me abraçando e sussurrando coisas no meu ouvido como se a gente estivesse namorando de verdade ou coisa assim.

A Peri fica muito quieta atrás de mim. Ela pega minha trança agora perfeita e a coloca com cuidado em cima do meu ombro. Eu me viro para descobrir por que ela está tão calada e só então me dou conta. Uma imensa água-viva caravela está flutuando bem ao nosso lado.

Nós vivemos em paz com a maior parte dos seres marinhos, mas existem algumas exceções — em maior parte, tubarões, águas-vivas venenosas e baleias orca (nem todas elas são amiguinhas como naquele filme *Free Willy*). Somos tão sensíveis às queimaduras das águas-vivas quanto os seres humanos — ou talvez até mais, porque nossa pele é muito delicada.

Sem dizer nada, pego a mão da Peri e saio nadando com todo cuidado para o outro lado. As águas-vivas não são

predadores muito inteligentes, mas qualquer agitação na água pode provocar um ataque fatal de seus tentáculos.

Eu sei por que a Peri está petrificada. Quando ela tinha seis anos, seu irmãozinho mais novo foi morto em um ataque de águas-vivas. Ela escapou viva, mas muito machucada, e só se recuperou depois de semanas sob os cuidados da equipe médica do palácio. Mas ela nunca conseguiu se livrar das cicatrizes, nem dos pesadelos.

Quando já estamos longe o bastante, eu a pego pelo rosto com as duas mãos.

— Está tudo bem — digo para acalmá-la. — Já estamos bem longe agora. — Ela está com os olhos arregalados e vazios. — Peri? — Chego com meu rosto mais perto do dela. — Peri, acorde.

Pouco a pouco, ela começa a voltar à realidade. Já estive com ela em momentos assim antes. Não sei para onde ela vai quando fica com esse olhar distante, mas sempre consigo trazê-la de volta.

— Eu... eu...

— Está tudo bem — digo, dando um abraço nela, enquanto me esforço para não reparar nas cicatrizes que sinto em seus ombros. Eu as vejo na minha mente com toda clareza como já as vi milhares de vezes com meus próprios olhos. Dezenas de linhas finas, peroladas e quase iridescentes que cobrem a marca marinha acobreada logo abaixo do pescoço dela. Sempre a admirei por nunca ter tentado esconder essas marcas. Acho que eu não conseguiria ser tão forte assim.

Quando a sinto me abraçando de volta, percebo que ela já está melhor.

— De... desculpa — gagueja ela. — Eu queria não entrar em pânico assim. A pior coisa que eu posso fazer é ficar paralisada no caminho dessas coisas.

— Bom... — digo, tentando aliviar o clima. — Mas é só você nunca estar sozinha quando trombar com uma. Eu sempre vou estar aqui para cuidar de você.

Quando ela se inclina para trás, vejo seus olhos reluzindo com o mesmo tom de cobre de suas escamas.

— Você sabe que isso é impossível — diz ela, passando a mão pela trança ainda pendurada sobre o meu ombro. — Mas agradeço mesmo assim. — Ela volta a ficar com aquela expressão meio distante, mas agora é diferente. — Você é uma marinha tão carinhosa, Lily. Você merece ficar com alguém que ame você tanto quanto você ama os seus amigos.

Não consigo evitar e dou risada. Do jeito que a minha vida amorosa está, só rindo para não chorar mesmo. E se eu voltar para casa com os olhos vermelhos e inchados — brilhando ou não —, a tia Rachel vai perceber que não estou bem, então prefiro só dar risada mesmo.

— Eu estou cuidando disso — digo. — Assim que o papai me separar daquele maluco metido a motoqueiro, vou contar tudo para o Brody.

Ela arregala os olhos — agora menos brilhantes.

— Mas não *tudo*, né? — pergunta ela.

Na verdade, eu nem tinha pensado nisso, mas agora acho que essa é a única opção. Faltam só cinco semanas para o meu aniversário e ele já vai ter que ficar sabendo de tudo cedo ou tarde mesmo para ser meu par do mar.

Aceno a cabeça.

— Lily, você não pode fazer isso — argumenta ela. — Se você contar nosso segredo para um terrestre que ainda não ganhou *aqua vide*...

— Eu sei. É arriscado fazer isso antes do Brody começar sua transição para a vida na água. — Solto um suspiro, pensando no Brody abraçado comigo, cruzando a piscina como se tivesse nascido no mar, sorrindo para mim na tela de edição na sala de estudos toda segunda, quarta e sexta-feira. Eu não me canso nunca de pensar no Brody. — Mas ele vale a pena.

A Peri não parece estar muito satisfeita, mas não discute. Ela sabe mais do que ninguém — a não ser pela Shannen — há quanto tempo sou apaixonada pelo Brody. Se o Quince não tivesse estragado tudo, o Brody já estaria comigo.

— Preciso voltar para casa — digo, pensando na minha pilha de lição de casa para amanhã e na Peri voltando sozinha para Thalassínia enquanto escurece. — Você vai conseguir voltar bem?

— Vou, sim — insiste ela.

Eu a abraço mais uma vez, só para garantir.

— Até amanhã à noite.

Com sorte, daqui só mais um dia, minha ligação com o Quince já vai ser só uma memória distante. E o Brody será todinho meu antes da próxima segunda-feira.

—Cheguei, tia Rachel! — grito, enquanto entro correndo pela porta da cozinha depois da aula de sexta. — Vim só deixar minha mochila, porque depois eu o Quince vamos para...

Paro no meio da frase quando vejo a gaivota mensageira empoleirada em cima da geladeira.

A Prithi está no chão logo embaixo, com o rabo serpenteando devagarzinho de um lado para o outro, desafiando em silêncio a gaivota a descer.

A tia Rachel chega, vindo do corredor. Ela aponta com a cabeça para a gaivota e diz:

— Ela está aqui há duas horas já. Não me deixou receber a mensagem.

Reviro os olhos. A mensagem não é particular, ou o papel marinho preso na perna dela seria rosa-claro, em vez de verde. As gaivotas mensageiras são nosso principal meio de comunicação com nossos parentes em terra firme, mas nem sempre são muito confiáveis. Essa aqui deve ter entendido errado algum sinal e acha que está trazendo uma mensagem ultrassecreta.

— Oi, Lily — diz o Quince, entrando na cozinha atrás de mim sem nem bater na porta. — Tive que parar para pôr gasolina agora na volta, mas já estou pronto. — Ele para quando vê a gaivota. — Isso aí em cima da sua geladeira é uma gaivota?

— Uma gaivota mensageira — explico, dando um passo à frente para pegar o papel preso na perna dela. A Prithi finalmente percebe que estou ali e começa a se enroscar como sempre entre os meus calcanhares.

— Boa tarde, Quince — diz a tia Rachel. — Quer comer alguma coisa antes de sair?

— Não, muito obrigado — diz ele com um charme totalmente desnecessário. — Minha mãe sempre me disse para não nadar de barriga cheia.

Os dois riem juntos — deve ser uma piada humana, acho —, enquanto desenrolo a mensagem. Meu coração dispara. Não consigo segurar um gritinho de alegria.

— O que foi? — pergunta o Quince, chegando ao meu lado para ler a mensagem por cima do meu ombro. — “Venha nos encontrar no Esconderijo.” O que é esse Esconderijo?

— É só o meu restaurante favorito no mundo todo!

O papai deve estar querendo comemorar com a gente antes da separação. Fico tão empolgada que até tento abraçar a gaivota mensageira, mas ela grasna e abre suas asas enormes para me afastar. Isso chama a atenção da Prithi, que tenta pular em cima da pobre coitada.

Enquanto vejo a tia Rachel e o Quince tentando separar a briga, jogando a gaivota pela janela e levando a Prithi para a sala, fico apenas sorrindo. Esta noite vai ser um alívio tão grande.

— Você vai adorar — digo, enquanto chegamos nadando à entrada do Esconderijo.

— Por que você diz isso? — pergunta o Quince.

— Porque... — Abro as enormes portas de madeira do lugar, sem conseguir esconder meu sorriso — ... Aqui eles não servem nenhum tipo de sushi!

— Graças a Deus — solta ele, dando risada.

A primeira vez que o papai me trouxe aqui no Esconderijo foi no meu aniversário de doze anos. Lembro de passar pela porta e me encantar ao ver um pedacinho do mundo humano no fundo do mar. A decoração é toda feita com peças tiradas de navios naufragados. As paredes são cobertas com as belas tábuas de um galeão espanhol. Todas as mesas e cadeiras são feitas com a madeira de uma escuna pirata. E todos usam garfos e facas de verdade — não há nenhum palitinho marinho à vista.

Mas a parte que eu mais gosto mesmo é a enorme coluna de vidro que preenche o centro do restaurante. Dentro dessa coluna, fica um verdadeiro pedaço de terra firme, um terrário com grama, um pinheirinho e até — o que é a coisa mais linda — dois passarinhos!

Não sei bem como isso funciona, como eles fazem para abastecer esse espaço com ar fresco e luz do sol, mas é uma obra espetacular de tecnologia marinha.

Enquanto nadamos até o balcão da recepcionista, o Quince parece estar maravilhado.

— Que legal! — diz ele. — Onde eles encontraram todas essas coisas?

— No fundo do mar — digo, encolhendo os ombros. — Os humanos passaram muitos séculos usando o oceano como um lixo.

— Alguns ainda usam — diz o Quince.

É verdade mesmo.

— Nós só limpamos a bagunça que eles fazem.

Antes que a gente consiga entrar em uma discussão ecológica, a recepcionista se aproxima.

— Princesa Lily! — vibra ela, com seus cabelos curtos e azuis como um peixe-papagaio em volta de sua cabeça feito uma au-réola ondulada. — Que bom rever você!

— Oi, Tang — respondo. — Meu pai já chegou?

— Ele está na cabine do capitão.

— Obrigada.

A cabine do capitão é um pequeno salão particular nos fundos do restaurante. As paredes são todas cobertas com milhares de pingentes de cristal tirados dos candelabros de transatlânticos, então parece que você está jantando dentro de um diamante ou de um imenso geodo^[2]. O papai não costuma ligar muito para privacidade, então não sei bem por que ele está fazendo essa pompa toda hoje.

— Venha — digo para o Quince, enquanto saio nadando. — Vamos fazer logo a separação.

Assim que passamos pela cortina de pingentes de cristal que cobre a porta para a cabine do capitão, percebo que alguma coisa estranha está acontecendo. O papai não está sozinho na enorme mesa redonda. Vejo o Badejo e o Garoupa de um lado dele, e a Calíope Ancorana do outro.

— Ah, não — resmungo.

— O que foi? — pergunta o Quince, chegando mais perto. — Alguma coisa errada?

Só balanço a cabeça — porque não quero fazer nenhuma ceninha antes de ter a mais absoluta certeza do que está acontecendo. Mas já imagino. O papai não vai se contentar só com uma sessão burocrática de terapia. Ele vai querer usar o Desafio — um arcaico processo composto de três testes para comprovar a incompatibilidade de um casal. Se não fosse isso, a Calíope e os seus conselheiros não precisariam estar aqui.

— Olá, Lily — diz papai com um sorriso enorme. E então, ainda sorrindo: — Olá, Quince.

— O que é isso, papai? — pergunto, tentando esconder minha irritação.

Como se estivesse sentindo o meu ataque histérico interno, o Quince põe a mão nas minhas costas, acima da cintura.

Sei que é só a ligação acalmando minhas emoções, mas fico grata por esse gesto.

— Pedi para que o Badejo, o Garoupa e a Calíope jantassem conosco — diz o papai, como se não estivesse acontecendo nada.

— Saudações, princesa — diz o Badejo.

O Garoupa sorri.

— Olá, senhor Quince.

O Quince acena a cabeça para eles.

— A Calíope... — digo só para o Quince, porque sei que todos os outros na sala já sabem o que está acontecendo — ... é a conselheira de ligações de Thalassínia.

— A o quê?

Fecho os olhos e respiro fundo.

— Ela é uma terapeuta de casais marinhos.

— É só uma questão de protocolo — diz papai, enquanto um garçom limpa a mesa. — De acordo com as leis de Thalassínia, é preciso comprovar sua devida dedicação ao seu relacionamento antes que uma separação seja realizada.

— Isso é só uma formalidade e você sabe disso — rebato. — Ninguém mais usa a regra da devida dedicação há décadas.

Percebo a mudança no rosto do papai, em seus olhos, muito antes de ele dizer qualquer coisa. Ele não gosta que eu questione suas decisões ou sua autoridade na frente dos súditos.

— Independentemente do que tenha acontecido no passado... — declara ele com sua voz firme — ... estou decidido a usá-la agora. Você é uma princesa de Thalassínia e, por isso mesmo, está sujeita a um exame mais

minucioso do que o resto de seus cidadãos.

— Mas papai...

— Você não está acima da lei, filha. — Seus olhos se enternecem e então ele diz: — E você não tem mais muito tempo sobrando.

— Então é por isso? — digo, levantando da mesa. — Você acha que eu não vou arrumar outra pessoa até o meu aniversário? É só por isso que nós vamos ter que passar por essa besteira?

— Passar pelo quê? — pergunta o Quince.

O papai não o responde.

— Até certo ponto, sim.

— Só para sua informação — esbravejo, enquanto nado em volta da mesa. — Eu já tenho outra pessoa. Se esse baiacu aqui não tivesse estragado tudo me beijando de surpresa, eu e o Brody já poderíamos estar...

— Chega! — O trovejante berro do papai me silencia. Com seu tom firme, ele está dizendo, “Seja qual for sua situação em terra firme, o fato é que você *está* ligada a esse rapaz”. Ele olha para o Quince, com um rápido aceno de cabeça. — Vocês estão sujeitos à lei e às minhas decisões. Vocês terão que passar pelo Desafio antes que eu os conceda a separação. — Em seguida, só para ter certeza de que eu entendi bem, ele complementa: — Desde que vocês comprovem sua incompatibilidade.

— Mas e o Quince? — pergunto, tentando recorrer a qualquer coisa que possa me tirar, ou melhor, *nos* tirar dessa encrenca. — Ele não pode simplesmente sumir por um final de semana inteiro. Enfim, o final de semana passado já foi complicado, mas foi só um dia...

— Já enviei uma gaivota mensageira à sua tia Rachel, pedindo que ela dê alguma explicação à mãe dele. — O papai me olha com uma cara séria. — Vocês não vão escapar do Desafio.

— Desafio? — pergunta o Quince. — Mas que Desafio?

A Calíope por fim se pronuncia.

— É uma coisa muito romântica, na verdade — diz ela, com um olhar apaixonado. — Você e a princesa terão que passar os próximos dois dias em uma ilha deserta, totalmente sozinhos, a não ser por algumas breves visitas de amigos e parentes.

— Deserta? — repete o Quince. — Como assim deserta?

— Só eu, você e uma palmeira — explico.

— Sem nem um macaquinho para animar? — pergunta ele, abrindo um sorriso.

Apesar da minha irritação, acabo sorrindo de volta.

— Talvez uma ou duas gaivotas.

— Isso é sério, Lily — diz o papai. — A Calíope irá visitá-los para avaliar a situação, e eu também.

Solto um longo suspiro enquanto me afundo de volta na cadeira.

— Eu sei.

Se eu e o Quince não provarmos que somos incompatíveis, a Calíope tem o mesmo poder que o papai para nos negar a separação. Não sei por que o papai está insistindo nisso, mas está bem claro que não vamos ter como escapar. Agora que isso já começou, só quero ir logo até o fim.

— Quando vamos começar? — pergunto.

— Agora mesmo — diz a Calíope, empolgada. Ela pega uma mala enorme do chão. — Será um prazer levá-los até a ilha e explicar as regras.

— Vamos lá então — digo, acenando a cabeça.

A “ilha” na verdade é um minúsculo atol, um recife em forma de anel coberto de areia que se ergue da água. Pelo menos a camada de areia é funda o bastante para sustentar um pouco de grama, alguns arbustos e uma solitária palmeira que cresce em um ângulo de quarenta e cinco graus do chão. Bem no meio desse anel, fica uma lagoa azul, como uma piscina particular.

— As regras do Desafio são simples — diz a Calíope. — Durante os próximos dois dias, vocês não poderão deixar os limites desta ilha. Caso precisem de hidratação ou salinização, usem a lagoa azul.

— E para comer? — pergunta o Quince.

Só um menino mesmo para pensar com a barriga agora. A gente acabou de jantar!

— Vocês receberão tudo o que for necessário. Fora isso, vocês até podem ficar em terra, mas eu recomendaria usar a lagoa. — A Calíope parece estar empolgada demais com tudo isso.

Acho que não é sempre que ela pode pôr em prática essa parte de seu cargo. Ainda mais no caso de uma ligação entre uma marinha e um terrestre. Até existem seres humanos em Thalassínia; nós recebemos alguns todos os anos. Mas eles em geral chegam ao reino tão apaixonados pelos seus parceiros marinhos que nem pensam em pedir uma separação. Meu caso é no mínimo singular.

— Vocês passarão por três testes — diz ela, realmente entusiasmada. — Talvez vocês nem percebam que estão passando por um teste, mas suas atitudes estarão sendo avaliadas.

— Que ótimo... — murmuro.

— Então temos que ir bem nesses testes para conseguir a separação? — pergunta o Quince.

— Não há como ir bem ou mal — explica ela. — Seu comportamento ao longo do Desafio será avaliado pelo rei e por eu mesma. No fim das quarenta e oito horas, vou dar o meu parecer, mas é o rei quem tomará a decisão final.

— Tudo bem então — digo, subindo para a areia. — Vamos começar.

Ouçó a Calíope fazendo um “tsc, tsc” para mim. Dá para acreditar?

— Vou deixar vocês a sós então. O primeiro teste será amanhã cedo.

Ela se vira e mergulha no mar, transformando sua tanga de escama em sua barbatana comum enquanto voa pelo ar. Que maravilha. Eu me sento na areia. A última coisa que eu queria neste final de semana era ficar presa em uma ilha idiota com o Quince. Nós já deveríamos estar separados. Eu estava achando que a gente ia só jantar, fazer a separação e depois talvez até comer uns bolinhos de alga de sobremesa. Mas não, agora vamos ter que passar dois dias juntos nesta maldita ilha.

Preciso voltar para o Brody.

O Quince se senta na areia ao meu lado.

— Sei que você está irritada — diz ele, olhando para o horizonte. — Estou sentindo isso. Mas nós só temos que aguentar esses dois dias aqui e depois tudo vai se resolver.

O Quince não parece tão ansioso para fazer a separação quanto eu, mas também deve estar querendo acabar logo com isso para voltar à sua vida normal. Aposto que passar o final de semana em uma ilha deserta também não estava nos planos dele.

— Por mais que isso seja culpa sua até certo ponto... — digo, mas não tão irritada assim; afinal, ele não sabia no que estava se metendo com aquele beijo — ... queria pedir desculpa por ter arrastado você para toda essa confusão. Meu pai está levando isso meio a sério demais.

— Tudo bem — diz ele, encolhendo os ombros. — Sei lá, não é todo dia que um cara como eu pode visitar um reino mágico submarino, cercado por lindas sereias.

Ele chega mais perto de mim e me cutuca com o ombro. Como um amigo.

Ah, claro. Lindas. Mas não eu. Ninguém nunca olhou para mim e pensou, “Nossa, essa Lily Sanderson é uma menina tão linda!”. Nos meus melhores dias, sou só “fofa”. Nos piores, sou uma louca de cabelo desganhado.

— Você não acha que está sendo dura demais com você mesma? — pergunta o Quince.

— Como assim?

— Não sei bem explicar — diz ele, esfregando os pulsos nos joelhos. — Só tive a sensação de que você estava pensando em si mesma de um jeito negativo. Sei que isso parece ridículo...

— Não — eu o interrompo. — Não é ridículo, não. O laço emocional da ligação vai ficando mais forte conforme o tempo passa.

— Ah... — Ele se vira para mim. — Então você *estava* pensando em alguma besteira mesmo?

— Acho que sim — respondo, sem encontrar motivo para mentir.

— Por quê?

— É só que eu... — Me sinto uma tonta por estar falando justo com o Quince sobre isso. Mas com a ligação nos unindo, talvez ele consiga me entender melhor do que qualquer um agora. — Eu sei que não sou bonita. No mar, acho que sou quase aceitável, mas em terra... — mostro meu cabelo já todo encrespado como prova — ... eu só me sinto horrível.

— Por que você não se acha bonita? — diz ele com uma voz tranquila.

— Eu sei que não sou — respondo. — Não como a Courtney ou a Dosinia. Até a Peri tem um estilo meio elegante. Eu sou só... eu.

Eu, com as minhas sardas, pernas finas e boca e olhos grandes demais. Quem conseguiria me achar bonita? Eu pareço um avestruz sardento.

— Você não deveria ficar achando que sabe como as pessoas veem você, Lily. — O Quince me parece estar sendo tão sincero que me viro para ele, enquanto o ouço dizer: — Algumas pessoas veem beleza no caos.

Sem esperar qualquer resposta, ele se levanta e sai andando. Enquanto o vejo indo embora, pergunto:

— Ei, isso é de um poema ou alguma coisa assim?

Antes de mergulhar na lagoa, ele diz:

— Alguma coisa assim.

Fico sentada na praia — olhando para ele e meio que tentando entender o que peixe-diabo está acontecendo —, até sentir a brisa fria da noite. Com o Sol se pondo no horizonte, a temperatura na superfície cai mais de cinco graus. Hora de me preparar para a noite — pelo menos posso aquecer a água da lagoa até ficar morninha. Amanhã teremos que enfrentar os testes. Assim que o papai e a Calíope perceberem que eu e o Quince somos as pessoas mais incompatíveis na história do mundo marinho, vamos fazer a separação e voltar para casa antes que eu tenha que ouvir mais coisas como “algumas pessoas veem beleza no caos”.

Mas por que essa frase ficou na minha cabeça?

— Bom dia, seus dorminhocos. — A voz da Peri atravessa a densa névoa do meu sono. O que a Peri está fazendo no meu quarto? Ela nunca veio aqui na casa da tia Rachel.

— Mas que bonitinho ver vocês aninhados assim, feito duas pérolas numa conchinha!

Eu me levanto de supetão ao ouvir o comentário sarcástico da Dosinia. Eu *sei* que a Dosi não está no meu quarto — ela odeia o mundo humano e não pisaria em terra firme nem por dinheiro.

A primeira coisa da qual eu me lembro é que não estou no meu quarto, e sim na profunda lagoa azul na ilha do Desafio da Calíope. E a segunda é que eu caí no sono ao lado do Quince para que a minha magia reguladora de temperatura o esquentasse também.

Mas nós estávamos um *do lado* do outro. Foi só no meio da noite que sei lá como acabamos ficando *abraçadinhos* assim.

Começando a acordar com meus movimentos, o Quince se espreguiça todo, esticando bem os braços e soltando um bocejo tão alto que mais parece um rugido.

— Bom dia, princesa.

A Peri limpa a garganta com um forte *aham*.

Os olhos do Quince finalmente se abrem. O largo sorriso em seu rosto não mostra nenhum sinal de vergonha — não que ele tenha do que se envergonhar.

— Bom dia, meninas. O que traz vocês a esta bela ilha?

— O Desafio — responde a Peri, sorrindo. — Vou aplicar um dos testes.

Com uma batida forte da minha nadadeira, disparo para longe dele. Lançando um olhar frio para a Dosinia, pergunto:

— E você, por que está aqui?

Ela encolhe os ombros e junta seus lábios reluzentes.

— O tio Náutilo me pediu para ajudar.

Valeu, hein, papai.

Sabendo que devo estar um horror, tento domar meus cachos passando os dedos pelo cabelo. É tão injusto que o Quince consiga acordar com a mesma cara com que foi dormir, só com os olhos inchadinhos e as bochechas rosadas.

— Qual vai ser o teste então? — pergunto à Peri, tentando ignorar o jeito com que a Dosinia está secando o peito do Quince. Acho que eu não devia ter deixado que ele dormisse sem camiseta.

— Vai ser superlegal! — exclama a Peri. — Vocês vão ter que preparar um presente um para o outro.

— Um presente? — pergunto.

— Isso! — diz ela, batendo uma palma. — Eu vou ficar aqui na lagoa e ajudar você a fazer seu presente. E a Dosinia vai ficar com o Quince lá na areia para fazer o dele.

— Tem alguma regra? — pergunta o Quince, provando que está bem acordado e prestando atenção.

— Não — diz a Peri, balançando a cabeça. — Você só tem que fazer alguma coisa à mão. E pensando na Lily.

Mas que besteira. Como é que fazer um presente para o Quince vai provar alguma coisa sobre a nossa incompatibilidade?

Ele, por outro lado, não parece estar achando tão estranho.

— Vamos lá então.

Pegando um forte impulso na plataforma que tinha servido como nossa cama, ele dispara até a superfície. A Dosinia olha bem para mim e diz:

— Aposto que vai ser divertido. — E então dá um sorrisinho e sai nadando atrás dele.

— Como ela consegue ser tão insuportável? — pergunto assim que ela chega à superfície.

— Sei lá — diz a Peri, distraída. — Então, o que você quer fazer?

Olho para os lados na lagoa, mas só vejo o recife cheio de anêmonas com cores brilhantes, gorgônias e outros seres da fauna marinha. Se vou fazer um presente para o Quince, não posso usar nada que vá estragar, como anêmonas ou algas. Em terra, esse tipo de coisa apodreceria em um ou dois dias e acabaria deixando o quarto dele ainda mais fedido do que já deve ser.

— Não faço ideia, Peri — reclamo. — Não tem muita coisa aqui na lagoa.

— Que tal a gente explorar mais um pouco então? — sugere ela. — Eu subo, você desce.

Dou de ombros, mas concordo. Enquanto ela sobe até o alto da lagoa, eu nado até o fundo. Mas que coisa idiota. Nunca vou encontrar nada que o Quince vá...

Antes que eu consiga terminar esse resmungo mental, vejo algo interessante. Uma bolacha-do-mar azul perfeita, com quase sete centímetros de diâmetro. O Quince ficou fascinado com aquela escultura no quarto da estrela-do-mar, então talvez ele goste disso.

Aviso a Peri que encontrei alguma coisa. Sua sombra tremula sobre mim, enquanto ela desce nadando para analisar meu achado.

Talvez eu tenha me enganado.

— Ele vai odiar — resmungo. — Não sei de nada que ele possa querer. Viu? Nós somos totalmente incompatíveis.

— Nunca se sabe — diz a Peri, admirando a bolacha-do-mar. — Talvez ele adore.

Dou de ombros para o comentário. Enfim, tanto faz. Não vou passar o dia todo fazendo um presente idiota para um teste idiota só porque meu pai não quer me conceder uma separação idiota. Encontro alguma coisa para fazer um cordão improvisado com um tipo de alga especial que vá secar e continuar firme assim que chegar à superfície. Em poucos minutos, termino o cordão e penduro a bolacha-do-mar no meio.

Para preservar a cor azul, seguro a bolacha-do-mar entre as mãos e faço um congelamento instantâneo.

— O que você acha? — pergunto, mostrando o colar para a Peri. Na verdade, estou bem orgulhosa da minha criação.

— O que eu acho? — diz ela, olhando para o meu presente e depois para mim. — Acho que não sei por que você odeia tanto esse menino.

Fecho a cara. De onde ela tirou isso? Coloco o colar em volta do pescoço para não o perder.

— Eu não odeio o Quince — admito. — Não de verdade. Às vezes, até que sim, mas ele *nem sempre* é um cara tão ruim mesmo.

— Qual é o problema então? — A Peri chega mais perto, analisando meu rosto. — Por que jogar fora uma ligação bacana assim?

Uma ligação bacana? Não sei bem o que está acontecendo aqui. Afinal, a Peri está do meu lado nessa. Não está? Ela sabe que eu gosto do Brody. Por que ela está me encorajando a ficar com o Quince? Como se ele quisesse ficar

comigo?

— Você sabe bem por que — digo, com minha frustração atenuada pela água, saindo só como uma leve irritação.

— Por causa do Brody... — diz ela, com um ar decepcionado.

— Sim — respondo. — Por causa do Brody. O cara pelo qual eu estou apaixonada há três anos. O cara com o qual eu *deveria* estar ligada.

— Calma, Lily. — A Peri balança a cauda de um lado para o outro com um gesto agitado. — Eu só não entendo como o Brody pode ser tão mais legal do que o Quince. Só me explique.

— O Quince é... — Começo a nadar em círculos, tentando organizar minhas ideias. — Ele é tudo o que eu não quero na vida. Ele é grosso e mandão e adora mexer comigo sempre que pode. Ele é um terrestre com “T” maiúsculo. — Paro de nadar e tento olhar para a Peri, mas o mundo à minha volta continua girando por vários segundos — Você tem noção que ele nem sabia nadar até o final de semana passado?

— E daí? — rebate a Peri. — Agora ele já sabe.

— Você não entende — reclamo. — Meu lugar é na água. O do Brody também. — Respiro fundo e imagino o Brody nadando borboleta, e depois o Quince com aquela moto infernal dele. — O lugar do Quince é em terra firme.

A Peri analisa meu rosto e meus olhos, como se estivesse tentando ler meus pensamentos mais profundos. Se existe alguém capaz disso, é ela. No entanto, não sei bem o que ela viu.

Por fim, ela me abre um sorriso gentil.

— Tenho certeza de que vai dar tudo certo no final.

Claro, comigo e o Brody juntos no fundo do mar, e o Quince são e salvo em terra firme, onde sempre foi o seu lugar.

— Espero que sim — digo, enquanto começamos a subir. — Espero *mesmo*.

Quando chegamos à superfície, não vejo nenhum sinal do Quince ou da Dosinia. O que me preocupa, porque a Calíope disse que nós não podíamos deixar os limites da ilha. Se a Dosinia tiver enganado o Quince para quebrar as regras, vou estrangular aquela menina. A última coisa da qual eu preciso é que este Desafio seja invalidado e a gente tenha que começar tudo de novo ou algo assim.

Só então escuto uma risadinha atrás dos arbustos, na ponta norte da ilha.

— Você é tão habilidoso com as mãos — diz a Dosi, fazendo charminho com sua voz meiga. — Nunca conheci nenhum tritão em Thalassínia que soubesse fazer nada assim.

O riso baixo do Quince chega aos meus ouvidos, mas não consigo ouvir sua resposta.

Solto um grunhido e pulo para a areia, formando minha tanga de escama no meio do ar. Ela nem gosta de terrestres! Por que ela tem que paquerar todo menino que vê pela frente? Sei lá, como ela consegue ser tão avoada assim a ponto de não perceber que esta situação é meio delicada? Será que ela não pode deixar esse instinto paquerador de lado só desta vez?

Bom, pelo jeito não.

— Dosinia! — esbravejo, enquanto atravesso a grama batendo o pé na direção da voz dela. — O que você...?

No entanto, quando chego à clareira da praia, fico sem palavras com o que vejo. O Quince e a Dosinia estão sentados lado a lado, ombro a ombro, olhando para o mar. Ao ouvir meus gritos, os dois se viram para mim. A Dosinia, agora atrás dele, põe os braços em volta da cintura do Quince e se abraça nas costas dele.

Ele nem reage.

— Como você demorou! — diz ela, sorrindo. — O Quincinho já terminou faz um tempão. Aí tive que ficar aqui fazendo alguma coisa para ele... se *distrain*.

Quincinho? Minhas sobrancelhas se erguem... e então mergulham, enquanto faço uma cara feia. Antes que eu perceba o que estou fazendo, vou até eles, pego a Dosi pelo braço e a levanto do chão.

— Suma daqui! — berro, empurrando Dosi para a água. — Você não faz parte deste teste. Ninguém está forçando você a ficar nesta ilha. Vá para casa!

O Quince, que se levantou enquanto eu gritava, pega a Dosi antes que ela caia no chão.

— Calma, Lily! — grita ele.

Sinto meus olhos se enchendo de lágrimas, e nem sei por quê. A ligação está mexendo tanto com as minhas emoções que nem consigo mais pensar direito.

A Dosinia, que nunca soube a hora de parar, sorri e diz:

— Se você quer tanto ficar com ele só para você, por que não continua ligada então?

— Quê?! — esbravejo, olhando feio para ela. — Isso não tem a ver com ele — insisto. — Tem a ver com você. Com o quanto você adora transformar minha vida num inferno. — Dou as costas para ela, pronta para ir embora batendo o pé, mas então me viro de volta. — Aliás, quer saber de uma coisa? Vocês dois têm isso em comum.

Em seguida, saio correndo pela grama até o outro lado da ilha. Que infelizmente não fica muito longe dali. Assim que chego à areia, sento no chão. Com os braços em volta dos joelhos, abaixo a cabeça e tento respirar fundo para segurar o choro.

Qual é o meu problema? Nunca fui sensível assim. Eu nunca perdia a paciência, nem gritava com ninguém — bom, a não ser com o Quince. Mas agora parece que estou me irritando com todo mundo.

Ouçoo passos na grama atrás de mim. Torço para que seja a Peri, minha melhor amiga, vindo para me acalmar. Ninguém me conhece melhor do que ela.

No entanto, os pés que vejo em meio às lágrimas nos meus olhos não têm os dedos delicados com as unhas acobreadas da Peri. São pés masculinos, grandes e descalços.

Solto um suspiro.

— Você não precisava ter falado daquele jeito — diz ele, se sentando na areia ao meu lado.

— Eu sei — respondo, olhando para o céu.

— Ela tem inveja de você.

— Quem? — pergunto, fechando a cara. — A Dosinia? Acho difícil.

O Quince faz um barulho que parece uma risada misturada com um grunhido.

— Às vezes você não entende mesmo como as pessoas são, princesa.

Por que ele acha que sabe de tanta coisa? Ele conhece a Dosi há uma semana... nem isso. Eu quase digo isso para ele... mas percebo que essa frase tão absurda talvez tenha um quê de verdade.

— Do que ela teria inveja? — pergunto. — Ela é a bonita. A paqueradora. A que todos os meninos adoram.

— Não *todos* — diz ele, me abrindo um leve sorriso.

— Não seja convencido — digo. — Ela me trata mal desde muito antes de você aparecer.

— Lily... — diz ele, com uma voz séria. — Você é a princesa. A filha de ouro. Todo o reino vê você como uma esperança para o futuro. Ela é só... sua priminha. Uma princesa reserva.

Nunca tinha pensado assim. Até hoje, eu só sabia que era eu quem sentia inveja dela, do seu anonimato, de como ela se dava bem com os meninos e de como ela tinha uma beleza toda clássica. Ela é tudo o que eu não sou. Nunca imaginei que ela pudesse ter alguma coisa para invejar em mim. Nunca imaginei que eu pudesse causar inveja em alguém.

— Bom, pense nisso — diz Quince enquanto se ergue. Ele estende a mão para me ajudar a levantar. — Mas agora vamos voltar lá para trocar nossos presentes e passar para a segunda parte desse tal Desafio.

Enquanto ponho minha mão pequena, pálida e sardenta entre os dedos fortes e bronzeados do Quince, fico me perguntando como foi que esse menino que sempre me infernizou tanto agora podia estar me deixando tão calma. Pela primeira vez, começo a achar que talvez a gente possa até acabar virando amigos.

Bem depois da Peri e da Dosinia terem ido embora, eu e o Quince ficamos sentados na praia onde tínhamos trocados nossos presentes. Parece que ele gostou bastante do colar — acho que nunca o vi com um sorriso tão sincero —, mas aquilo não foi nada comparado ao presente que ele me deu.

— Nem sei como você teve tempo para fazer tudo isso — repito feito um disco quebrado. É quase um milagre. Balanço a cabeça. — Como você aprendeu a fazer isso?

Na praia à nossa frente, logo acima da linha da maré, o Quince construiu um enorme castelo de areia. Mas não é um castelo de areia qualquer com paredes tortas e torres feitas com baldinhos de praia. Não, é uma réplica em miniatura quase perfeita do palácio real de Thalassínia. Com tudo, até as cortinas na janela do meu quarto.

O Quince encolhe os ombros, como se não fosse grande coisa, mas posso sentir seu orgulho pelo meu encanto.

— Meu pai me levava muito à praia quando eu era criança. Ele gostava de construir castelos de areia, então eu tenho bastante prática.

Não sei muita coisa sobre o pai do Quince a não ser que eles não moram mais juntos. Acho que o Quince o vê uma vez por ano só. Nem consigo imaginar uma situação dessas. Seria horrível se a mamãe ainda estivesse viva, mas fosse só... ausente.

Mas talvez seja melhor do que nada.

— E o seu pai... — arrisco, querendo saber mais sobre a vida do Quince. — Onde ele...

— O colar ficou lindo — diz o Quince de repente, como se essa fosse a sequência lógica da nossa conversa, e não uma tática evasiva, o que está bem claro que é.

Quase digo alguma coisa para forçá-lo a pelo menos ouvir a minha pergunta, mas então noto um olhar distante em seu rosto... e sinto toda a tristeza por trás dessa expressão.

Não sou tão cruel. Em vez disso, digo apenas:

— Comparado ao seu castelo, meu colar parece uma lembrancinha barata de turista.

— Não — insiste o Quince, agora mais tranquilo. Ele pega a bolacha-do-mar de seu peito e analisa o desenho de cinco folhas em sua casca. — Ficou perfeito. É uma coisa única. Você nem vai poder levar meu presente para casa.

— Eu tirei uma fotografia mental — digo eu, sorrindo para o Quince. — Vou me lembrar dele sempre que vir o castelo de verdade.

Quando digo isso, ele se vira para o mar e olha para o horizonte, como se pudesse enxergar o continente daqui. Um silêncio domina o ar, até a brisa para, e sinto uma tristeza incrível — mas essa sensação seria minha ou dele? Fico esperando que ele diga alguma coisa — não sei bem o que, mas estou ansiosa para descobrir —, mas ele só solta um suspiro e me abre um sorriso torto.

Sinto que preciso quebrar esse silêncio.

— Sabe...

— Aí estão vocês, meus queridos — entoa a Calíope. — Achei que tivessem ido embora.

Eu e o Quince nos viramos e a vemos caminhando até nós, vindo do outro lado da ilha.

— Não, senhora — diz o Quince com toda educação, se levantando e me estendendo a mão para me ajudar. — A gente nunca quebraria as regras do Desafio.

A julgar pela alegria no rosto da Calíope, vejo que era justamente isso que ela queria ouvir.

— Excelente — diz ela. — Excelente.

Levanto com a ajuda do Quince e fico limpando a areia da parte de trás da minha tanga de escama.

— Como foi o primeiro teste? — pergunta ela. Em seguida, reparando na escultura de areia atrás de nós, diz: — Nossa, Lily, essa é uma réplica perfeita do seu palácio! Que presente lindo você fez para o Quince!

— Na verdade, senhora — diz o Quince, abaixando a cabeça enquanto suas bochechas ficam com um tom rosado muito fofo. — Esse é o meu presente para Lily.

— Ah... — diz ela, arregalando os olhos. — Minha nossa.

Me sentindo excluída — e totalmente ofuscada pelo presente do Quince —, estico a mão e pego a bolacha-do-mar no peito dele.

— O meu presente foi este aqui.

A Calíope chega mais perto e se inclina para ver melhor o colar.

— Ficou lindo, minha querida — diz ela, sorrindo para mim. — Muito lindo.

— Pois é — concorda o Quince. — Ficou mesmo.

A Calíope dá um passo atrás e nos analisa por um instante. Fico com um mau pressentimento ao ver o olhar desconfiado em seu rosto. Mas em seguida, ela apenas sorri e diz:

— Hora do meu teste. Vamos até a margem oeste para ver o Sol se pôr.

Pouco depois, ela já nos acomodou na areia; o Quince e eu sentados com as pernas cruzadas e virados um para o outro, e a Calíope no meio, ao nosso lado.

— Primeiro, vou explicar as regras do meu teste. — Ela pega uma prancheta da bolsa que trouxe, vira até uma certa página e então começa a ler em voz alta: — Durante a realização do teste “Eu Digo, Você Diz”, os participantes deverão ficar virados um para o outro, sempre olhando um nos olhos do outro ao fazerem cada afirmação, e devem continuar assim até a administradora dar o teste por encerrado. — Ela tira os olhos do papel por tempo suficiente para perguntar: — Entendido?

Nós dois acenamos a cabeça, mas tenho certeza de que o Quince está tão perdido quanto eu.

— Excelente. — Ela coloca a prancheta no chão. — Agora, vamos fazer o seguinte. Primeiro, quero que cada um de vocês diga três coisas positivas sobre o outro. Pode ser um elogio, um incentivo ou só alguma coisa que vocês gostem ou admirem.

Sinto uma onda de pânico me estrangulando. Tenho quase certeza de que é por medo de não ter nada de bom para falar sobre o Quince. Mas uma partezinha de mim diz que é porque na verdade estou preocupada com ele não ter nada de bom para falar sobre mim.

Eu sempre fui muito chata com ele.

— Bom, vamos lá — diz a Calíope, nos analisando de novo. — Quem vai começar?

Eu não, eu não, eu não, eu...

— Lily — por fim declara a Calíope. — Que tal você começar? Diga alguma coisa positiva sobre o Quince.

— Eu, hã... — Não sei o que dizer. Meu cérebro se congela. Fixo meus olhos no Quince e tento bloquear a minha ansiedade que ele parece estar sentindo. Odeio ficar no centro das atenções assim, mesmo que sejam apenas dois pares de olhos esperando minha próxima frase. Finalmente, por puro desespero, acabo soltando a primeira coisa que me vem à mente. — Ele tem olhos bonitos.

Vejo os cantos daqueles olhos lindos se enrugando e solto um suspiro de alívio. Se ele está sorrindo, é porque devo ter dito a coisa certa.

— Muito bem, Lily — diz a Calíope. — Mas quero que você use o nome dele para fazer sua declaração. Não o descaracterize assim, usando um pronome genérico.

Isso me cheira à conversa mole de psicóloga, mas quando olho de novo para ele e digo, “O Quince tem olhos bonitos”, sinto isso no fundo da minha alma.

Talvez a conversa da Calíope não seja tão mole assim.

— Perfeito — diz ela. E então, olhando para Quince, ela diz: — Agora é a sua vez.

— A Lily é uma menina muito leal — diz ele, sem nem parar para pensar.

Até puxo a cabeça para trás, espantada. Eu sou? Acho que nunca tinha pensado nisso, mas tomo mesmo o partido de quem eu gosto. Posso até não me defender muito bem às vezes, mas acabo com qualquer um que erga a voz contra a Peri ou a Shannen, ou o Papai ou a tia Rachel. E fico ainda mais surpresa pelo fato do Quince ter reparado nisso.

— Perfeito — A Calíope acena a cabeça para mim. — Sua vez.

Ainda estou me recuperando do último comentário, mas tento me concentrar o bastante para dizer alguma coisa menos... superficial do que a primeira. Por algum motivo, me lembro de quando nós ficamos na cabine do banheiro depois de ele não ter deixado que eu fosse para cima da Courtney por ter tirado sarro da Shannen. De como ele me segurou com força e me acalmou. Respiro fundo e tento não pensar antes de dizer:

— O Quince pode ser muito gentil.

Ele pisca para mim.

Em seguida, antes que a Calíope tenha tempo de aprovar o que eu disse ou passar a vez para o Quince, ele já emenda:

— A Lily não tem a mínima noção de moda.

— Ei! — esbravejo. — É para ser um *elogio*!

— Sem discussão, Lily — rebate a Calíope. — Isto não é uma conversa.

Mas o Quince a ignora, sem tirar os olhos dos meus, e diz:

— Mas isso *foi* um elogio. Não suporto essas meninas que vivem de modinhas ou metidas a modelo. Gosto de garotas que tenham personalidade e sejam diferentes. Originais. Gosto de você.

Chamar alguém de “diferente” nem sempre é algo positivo, mas ele disse isso como se fosse um grande elogio. Eu até gosto da ideia de ter personalidade e ser diferente. É como se eu fosse uma flor exótica.

Quando já estou me imaginando como uma ave-do-paraíso, a Calíope diz:

— Sua vez, Lily.

Ah, sim. Minha vez. O teste, Lily, o teste. Tento sair da minha fantasia floral e voltar à tarefa de pensar em alguma outra coisa que gosto no Quince.

Ninguém parece estar com pressa, então tenho tempo para organizar minhas ideias. Tento me distanciar da situação e olhar para ele com meus olhos diferentes e cheios de personalidade. Ele está sentado ali, olhando para mim como se estivéssemos sozinhos na ilha. A Calíope poderia muito bem estar no sul do oceano Pacífico para ele.

Isso me dá uma ideia.

Respiro fundo antes de finalmente dizer:

— O Quince não liga para o que os outros acham dele. — Esse é o maior elogio que posso fazer para alguém. Porque eu pelo menos entro *em pânico* só de pensar no que os outros acham de mim. Nossa, como eu queria ser confiante como ele. Mas simplesmente não consigo.

Ele olha para mim como se quisesse responder, comentar alguma coisa sobre o meu elogio. Sinto um conflito de emoções dentro dele. Uma mistura de orgulho, frustração e raiva. Fico confusa. Por que ele ficaria irritado com o meu comentário?

Sentindo uma certa necessidade de me defender, tento explicar:

— Eu só quis dizer que você...

— Eu ligo, sim. — A raiva está lá, subentendida em sua voz. Ele me olha com intensidade. — Às vezes, acho que ligo até demais.

Ele desvia os olhos para o chão entre nós, enquanto arrasta um dedo pela areia, desenhando um redemoinho.

— Olhos no olhos, queridos — diz a Calíope. — Quince, é a sua vez.

Ele não reage de imediato. Durante vários longos segundos, ele continua desenhando espirais com o dedo na areia. Quando ele volta a olhar para mim, toda a sua raiva já sumiu com um piscar de suas pálpebras de cílios grossos.

— A Lily não pensa antes de falar.
Grrr. É claro que penso. Eu só às vezes penso coisas que não deveria dizer em voz alta.
— Ótimo — diz a Calíope, fazendo anotações em sua prancheta. — Agora nós podemos...
— Ei! — reclamo. — Não era para gente dizer coisas positivas? Eu até engoli a história de que não tenho noção de moda, mas como esse seu último comentário pode ter sido um elogio?
— Lily, você não deveria julgar...
— Você não tem nenhuma barreira — interrompe o Quince. — Você é honesta, às vezes até demais, e direta. Muitas pessoas só dizem o que acham que os outros querem ouvir.
Faço uma careta, ainda sem saber se isso foi mesmo um elogio.
Mas a Calíope, pelo visto, não desconfiou de nada.
— Excelente. — Ela está praticamente batendo palmas. — Vamos para a segunda parte deste exercício.
Ah, que ótimo. A primeira parte foi tão bem que mal posso esperar pela segunda.
— Agora que vocês já disseram as coisas que admiram um no outro... — diz ela — ... é hora de fazer o contrário. Quero que vocês digam uma coisa que gostariam de mudar no outro. Mas peço que tentem fazer uma crítica construtiva, e não um ataque. Se quiserem, vocês também podem dizer o que fariam para ajudar a outra pessoa a realizar essa mudança.
Bom, pelo menos isso vai ser fácil. Tenho uma lista maior do que a Estrada de Bimini cheia de coisas que gostaria de mudar no Quince.
— Quince — diz ela. — Que tal você começar desta vez?
Sinto os pelos na minha nuca se arrepiando. Se todos os “elogios” dele me pareceram mais com críticas, estou quase com medo de ouvir uma crítica de verdade.
— Se eu pudesse mudar alguma coisa na Lily... — começa ele. Em seguida, ele fica calado por vários longos segundos, como se estivesse tendo que pensar muito no que vai dizer. Quando já estou começando a me perguntar se é porque ele não sabe qual defeito escolher ou porque não tem nada que queira mudar em mim, ele diz: — Eu queria que a Lily conseguisse ver as pessoas de um jeito menos superficial.
O que ele quer dizer com isso? Como ele sabe como vejo os outros? Eu vejo o Quince com toda a profundidade do mundo. E a Shannen. E o Bro... ah, é isso. Ele está falando do Brody.
Vai entender.
— Isso tem a ver com o Brody? — pergunto eu com firmeza, já imaginando a resposta.
A Calíope me pede silêncio.
— Desenvolva isso, Quince — diz ela. — Por que você acha que isso seria bom?
Ele meio que solta um grunhido antes de responder baixinho:
— Eu às vezes acho que a Lily é... meio egoísta e só vê...
— Como é que é?
— ... o que ela quer ver.
— Egoísta? Egoísta?!? — Levanto do chão com um pulo, sem conseguir ficar parada. — Vou te falar quem é egoísta, senhor “eu beijo meninas de surpresa na biblioteca!”.
— Lily, por favor — diz a Calíope. — Sente-se e vamos discutir isso racionalmente.
— Não foi bem isso o que eu quis dizer, Lily — explica o Quince, que desta vez não vai me acalmar usando meu nome de verdade, enquanto se levanta para ficar cara a cara comigo. — Mas é que você só pensa no Brody há tanto tempo e... — ele passa seus dedos cheios de areia pelo cabelo. — Você nem sabe como ele é de verdade. Você está apaixonada por uma imagem. E sinceramente, isso é meio...
Fico paralisada. Sinto algo de sinistro na pausa que ele faz. E *sinceramente*, estou louca para descobrir seja lá como essa frase vai terminar.
— E então, Quince? — esbravejo. — Isso é meio o quê?
Ele grunhe de novo, enfiando as mãos nos bolsos de trás da calça antes de me olhar bem nos olhos e dizer:
— Superficial.
Por uns bons dez segundos, fico totalmente atordoada. Não consigo formular nenhum pensamento coerente — como se eu estivesse presa em um emaranhado de palavras, sensações e... tristeza. É isso o que me inunda logo em seguida, uma tristeza enorme. É até pior do que quando o Brody não quis ir comigo ao baile. Mil vezes pior.
— Lily, eu...
— Não — digo, interrompendo a desculpa que ele ia dar. Não quero ouvir isso. — Está tudo bem.
A Calíope limpa a garganta.
— Lily? Você poderia...?

— Quer saber a única coisa que eu mudaria no Quince? — digo, invadida por uma onda de tranquilidade. — O fato de ele estar ligado a mim.

Nem preciso ouvir nada para ver que ele está sentindo a mesma tristeza que suas palavras causaram em mim. Eu deveria estar contente — afinal, era o que eu queria. Mas em vez disso, sinto apenas um... vazio.

A Calíope se levanta, toda séria, e começa a juntar suas coisas.

— Acho que já é o bastante.

Ótimo. Espero que isso tenha provado que somos totalmente incompatíveis.

— Tem um cesto com comida para vocês jantarem na lagoa azul — diz ela, enquanto guarda seus papéis, anotações e pranchetas na bolsa. — Acho que seu pai virá amanhã à tarde para realizar o último teste.

— Tudo bem — digo. Apesar de só ter feito o colar e passado alguns minutos falando sobre o Quince hoje, estou totalmente exausta (ele tem esse efeito nas pessoas). O cansaço é mais do que físico. É emocional.

— Boa noite — diz ela, acenando em despedida antes de se virar e mergulhar na água.

Depois que ela vai embora, passamos vários minutos parados em silêncio na praia, enquanto o Sol se põe no horizonte. Por mim, tudo bem. Acho que não temos mais nada para dizer mesmo.

Mas parece que o Quince discorda.

— Posso explicar?

— Acho que você não tem nada para explicar — respondo.

— Tenho sim — insiste ele, entrando na minha frente. — Sei que você se chateou com o que eu disse, mas essa é a última coisa que eu queria.

— O que você queria então? — Sinto as lágrimas ameaçando encher meus olhos, mas me refreio na mesma hora.

— Não sei direito — diz ele, o que não me conforta muito. — É só que... tem tantas coisas que eu gosto em você. Seu jeito generoso, seu sorriso torto e suas zilhões de sardas. — Ele ergue a mão como se quisesse tocar nas minhas sardas, mas logo a abaixa. — Seu cheirinho de limão e coco. Enfim, eu tenho uma lista enorme com esse tipo de coisa. O que eu disse foi só... a *única* coisa que eu acho que gostaria que fosse diferente.

Até cinco minutos atrás, eu achava que não havia nada neste mundo capaz de mudar minha opinião sobre o Quince. Mas ele conseguiu. Enquanto eu tenho uma lista infinita de coisas que não gosto nele, ele tem uma lista infinita de coisas que admira em mim. E só uma que poderia mudar.

Como foi que o Quince conseguiu me deixar assim tão mal só por ter pensado uma besteira dessas se eu estava completamente enfurecida com ele até agora há pouco?

É mais uma vez que fico totalmente intrigada com esse menino.

— Vamos comer — digo, percebendo de repente que estou morta de fome e que um cesto de comida seria muito mais interessante do que continuar esta conversa.

— Claro — diz o Quince, hesitante, mas tentando parecer empolgado. — Estou com tanta fome que acho que até comeria um sushi.

Dou uma risada. Em parte pela piada, mas também pelo ridículo de toda a situação. Afinal, como foi que eu — uma princesa real de Thalassínia — acabei me ligando a um terrestre que mal sabe nadar e odeia sushi? Acho que nunca vi nenhum casal mais incompatível no mundo. O papai tem que entender isso, e se os resultados dos primeiros dois testes ainda não o convenceram, então vou ter que fazer de tudo para que o terceiro deixe isso bem claro.

Vou com o Quince até a lagoa para jantar. Amanhã, a essas horas, já vamos estar de volta em Maresia, e tudo isso já vai ter ficado para trás.

Quando terminamos de jantar o que tinha no cesto — sushi fresquinho de ovas e enguia para mim, e filés de atum grelhados para o Quince —, meu cansaço pareceu evaporar. O sushi me reanimou e, de algum jeito, clareou minhas ideias. Pelo menos o bastante para saber que *não* quero falar sobre todas aquelas coisas que ele disse. Sei muito bem como reconhecer um assunto perigoso.

Em vez de nadar até o fundo da lagoa azul para dormir, subo até a superfície e me deito na areia, olhando para o céu lá no alto. Tantos pontinhos cintilantes de luz. Nem toda a tecnologia do mundo marinho consegue recriar essa beleza tão delicada.

O Quince me segue e se deita ao meu lado com os braços atrás da cabeça.

Passamos vários minutos sem dizer nada. Como se estivéssemos contentes só por estarmos deitados um ao lado do outro, olhando para as estrelas. Depois, antes que eu perceba o que estou fazendo, quebro o silêncio:

— Aquelas coisas que você disse que admira em mim... como você sabia de tudo aquilo?

Percebo que ele fica nervoso. Sinto todos os músculos de seu corpo ficando tensos, como um reflexo de fuga, mas ele logo se força a se acalmar. É a ligação que está me mostrando isso, eu sei. Mas ainda acho muito interessante conseguir sentir as emoções de outra pessoa assim.

— Não sei — diz ele por fim, soltando o ar. — Acho que eu só presto atenção em você.

— Eu... — O que vou responder para uma coisa dessas? — Eu não sabia.

— Bom, ou eu não queria que você soubesse... — Ele se ajeita, virando de lado para mim. — ... Ou era você quem não queria saber.

Resistindo à tentação de me virar de lado também, o que nos deixaria desconfortavelmente cara a cara, digo:

— O que isso quer dizer?

— Que você vive ocupada demais correndo atrás do cara dos seus sonhos para pensar em qualquer outra coisa.

— Que nada a ver! — Viro de lado sem nem me dar conta. — Eu amo o Brody. Por que eu iria perder tempo pensando se meu vizinho pervertido presta ou não atenção em mim? A pessoa que você ama não deveria vir antes de tudo?

O Quince me olha nos olhos com firmeza.

— Você só *acha* que ama o Brody. — Ele crava a mão na areia entre nós, como se precisasse extravasar alguma coisa fisicamente. — Amar alguém não significa ser obcecada pela outra pessoa. Amar é ter uma... conexão especial.

— Obcecada? — rebato, surpresa. — Eu não sou obcecada. Enfim, pelo menos não mais do que qualquer outra menina apaixonada.

— Ah, claro — diz ele, se virando de volta para ficar de costas.

— Além do mais... — digo, me inclinando para cutucá-lo no ombro. — O que você sabe sobre o amor?

Quando ele ri com um jeito todo irônico em relação a si mesmo, percebo que falei o que não devia.

— Ah, Lily... — diz ele, balançando a cabeça. — Eu sei muita coisa, sim. Sei bem como é gostar de alguém e desejar essa pessoa com toda a força da sua alma. Sei o bastante para perceber a diferença entre o que é real e o que só existe nas minhas fantasias.

Ele vira a cabeça só um pouco para mim, e eu pergunto sem nem pensar direito:

— Ti... tipo o quê?

— Tipo quando vejo a menina que eu amo chorando e meu coração se despedaça, e eu só penso em fazer alguma coisa para que ela se esqueça do que a deixou triste — diz ele com o rosto vazio, sem nenhuma expressão. Mas suas palavras, e todas as suas emoções ocultas que estão me bombardeado através da ligação, deixam bem claro o que ele está sentindo. — Isso é real.

— E o que é fantasia? — pergunto, com uma voz mais fraca do que um sussurro.

— Achar que ela poderia sentir a mesma coisa por mim.

Quando ele se levanta para sentar, luto contra o impulso de fazer o mesmo. Minha mão coça para pegá-lo pelo bíceps e puxá-lo de volta para a areia e... sei lá mais o quê. Mas isso me levaria para águas totalmente diferentes, nas quais não estou preparada para navegar.

Fico ali deitada, olhando para as costas largas dele, em silhueta contra a luz das estrelas.

— Acho que vou dormir aqui na areia hoje — diz ele, ficando de pé.

Sinto meu corpo grudado no chão, sem conseguir me mexer, falar ou fazer qualquer coisa.

Ele para, como se estivesse esperando uma resposta minha. Em seguida, vendo que não vou dizer nada, ele complementa:

— Vou estar ali debaixo da palmeira se você precisar de mim.

— Quince! — Não sei bem o que, mas preciso dizer alguma coisa. Eu me levanto correndo e junto toda a minha coragem. — Por que você nunca falou com ela? Com essa menina de quem você gosta. Por que você nunca contou para ela como você se sente?

Seus ombros ficam tensos, mas então relaxam. O Quince faz muito isso. Ele deixa a tensão tomar conta de seu corpo e depois a libera. Deve ser assim que ele se mantém sempre tão calmo e eu nunca consigo irritá-lo como ele faz comigo. Ele não luta contra as emoções, apenas as processa.

— Porque... — diz ele com a voz cheia de uma tristeza resignada — ... ela não quer saber.

Nesse momento eu finalmente percebo que ele está falando de mim. Eu antes poderia até ter desconfiado, suposto e imaginado, mas assim que ele diz isso, tenho a total e absoluta certeza de que esse “ela” de quem ele está falando sou eu.

E me sinto a maior covarde do mundo por deixá-lo ir embora sem dizer nada.

* * *

Só consegui cair no sono pouco antes de o Sol nascer, depois de passar horas e horas me revirando nas águas calmas da lagoa azul antes de finalmente sucumbir à exaustão na plataforma onde eu e o Quince tínhamos dormido juntos na noite passada. Então eu só tinha dormido uma ou duas horas no máximo quando senti alguém me sacudindo para acordar.

— Lily — diz o Quince, com uma voz sussurrada cheia de tensão. — Acorde.

Pisco os olhos contra a luz do amanhecer que desce pela água.

— Hã?

— *Shiu...* — Ele ergue um dedo em frente aos lábios e então me chama com um gesto antes de descer batendo as pernas até as profundezas da lagoa.

Ainda grogue de sono, eu o sigo. Quando chego ao leito do mar, pergunto:

— O que você...?

Mas ele tapa minha boca com a mão antes que eu possa terminar. E então, antes que eu crie coragem para mordê-lo, uma sombra passa sobre nós.

Uma sombra humana.

— Ah, não — sussurro eu. — O que eles estão fazendo aqui?

— Pescando — diz ele. — Acordei com o barulho do motor. Fiquei de olho até ver que eles estavam com equipamentos de pesca e não de mergulho. Não vai ter problema se a gente ficar aqui. — Ele olha lá para o alto, nervoso. — Pelo menos não até o Sol ficar a pino.

Ele tem razão. Enquanto o Sol estiver batendo na água em algum ângulo, vamos ter sombras aqui embaixo para nos escondermos. Mas ao meio-dia, qualquer um olhando lá do alto poderá nos ver através da água cristalina.

— A maioria dos turistas só pesca de manhã — digo eu. — Talvez eles acabem logo.

Além do mais, não é como se a lagoa fosse infestada de peixes. A maioria dos seres vivos no mar é inteligente o bastante para saber que um lugar fechado assim não é seguro. Fora isso, é difícil entrar na lagoa, a não ser durante marés muito altas ou tempestades violentas.

— Acho que vamos ter que passar um tempo aqui — diz o Quince, colado à parede.

— É, acho que sim. — Alguma coisa em seu jeito distante, no sentido físico e emocional, me faz lembrar da noite passada.

— Olha Quince, sobre a conversa de ontem...

— Deixa para lá — diz ele antes que eu consiga terminar. — Eu e você dissemos coisas que não deveríamos. Foi só um dia longo e complicado para nós dois. Tudo bem?

— Ah... — Não sei bem por que estou desapontada. — Tudo bem.

Tento me consolar pensando que é por causa da ligação e que o carinho que estou sentindo pelo Quince é só um truque dessa magia marinha. Mas eu sei, isso não é bem verdade.

Vou ter que pensar melhor nisso... *assim* que não estivermos mais em perigo.

Nos acomodamos junto à parede, esperando que as sombras lá em cima desapareçam.

Duas horas depois, começo a ficar nervosa. Porque enfim, e se eles não forem embora até o meio-dia? E se eles virem algum de nós? Já seria difícil explicar a existência de uma menina com barbatanas verdes e douradas no lugar das pernas, mas imagine então um menino humano capaz de passar duras horas embaixo d'água! Seria um maremoto e tanto.

Como se estivesse lendo meus pensamentos, o Quince diz:

— Vamos ter que fazer alguma coisa. Não podemos só ficar parados aqui esperando até os últimos centímetros de sombra sumirem.

— Concordo — digo. — Mas vamos fazer o quê?

— Não sei. — Ele esfrega as têmporas, como se estivesse se esforçando muito, mas sem ter nenhuma ideia. — Temos que desviar a atenção deles para longe da lagoa, mas não sei como vamos fazer isso estando presos aqui embaixo.

— Se a gente pelo menos conseguisse sair para o mar, eu poderia criar alguma distração para que eles fossem embora — digo.

— Mas aí eles nos veriam — rebate o Quince. — Não temos como subir à superfície sem sermos vistos. A água está clara como o dia lá em cima.

— A gente só precisaria confundir a visão deles por alguns segundos — digo, tentando pensar em algo que possa nos esconder. — Só por tempo o bastante para eu mergulhar para o outro lado.

— Ah, claro — diz o Quince, rindo. — Um nevoeiro viria bem a calhar agora.

Um nevoeiro. Isso me lembra de uma coisa que o papai me ensinou só por garantia quando eu era criança, um mecanismo de defesa para situações como esta.

— Você é um gênio! — Vibro, abraçando-o pelo pescoço. — Um nevoeiro!

— O quê? — pergunta ele, puxando a cabeça para trás. — Você andou vendo a previsão do tempo?

— Não, bobo. — Pela primeira vez em muito tempo, sinto que estou no controle da situação. — Eu *controlo* a previsão do tempo. — Ele faz uma careta de confusão, mas não tenho tempo agora para explicar. O Sol está subindo rápido no céu e consumindo nossas últimas sombras. — Olha, eu posso alterar a temperatura na superfície da água e criar uma névoa bem densa. Não vai durar muito. Uns dez, quinze segundos no máximo.

— Tudo bem — diz ele. — Acho que já é o bastante. Mas e depois?

— Bom, acho que um pescador só sai de onde está quando é atraído por um peixe maior para outras águas — explico.

— E esse peixe seria...?

— Eu.

— Nem pensar — rebate ele. — Não vou deixar que você corra o risco de eles te verem. Ou, Deus me livre... — Ele faz uma careta — ... te *pegarem*.

Vejo um temor muito sincero nos olhos dele. Agora que aquela tranquilidade inabalável de sempre dele por fim ruiu, estou ocupada demais tentando acalmar seus medos. Mas eu já escapei de muitos pescadores várias vezes antes. Eles já devem estar quase cegos pelo Sol e meio bêbados a esta altura de qualquer jeito. Pego as bochechas do Quince entre as mãos e tento dizer a ele que vai dar tudo certo.

— Eles não vão ver nada além da minha barbatana.

Ele reluta um pouco, dividido entre o que imagino ser sua confiança em mim e seu desejo de me proteger. É assustador o quanto estou ficando boa em sentir as emoções do Quince. É uma pena que a separação vá acabar com isso.

Ele por fim cobre minhas mãos com as dele.

— Então me diga o que eu preciso fazer.

— Fique aqui.

— Você está brincando? — rebate ele. — Não vou deixar você subir lá sozinha para arriscar sua vida e...

— Eu vou tomar cuidado — insisto. Quando ele parece estar prestes a dizer mais alguma coisa, eu completo: — Você só iria me atrapalhar.

Sei que esse comentário o magoa. Ele gosta de ser o herói, o príncipe do cavalo branco. Se perceber impotente assim deve ser algo totalmente estranho para um cara forte como o Quince. Mas desta vez, ele vai ter que deixar

outra pessoa salvar o dia.

Quando percebo sua hesitação, pergunto:

— Confia em mim?

Ele respira fundo e acena a cabeça.

Em seguida, antes que possamos dizer qualquer outra coisa — ou mudar de ideia —, subo nadando até a borda das sombras e me concentro na superfície. Se eu conseguir deixar a água abaixo do ponto de condensação, isso deverá criar uma nuvem instantânea de névoa sobre a lagoa que irá se espalhar por toda a ilha. Como eu disse, não vai durar muito. Mas já deve ser o bastante.

Concentro todas as minhas energias para resfriar a água na superfície.

Quando os raios dourados do Sol ganham um tom cinzento e turvo, entro em ação. Enquanto saio da água sob minha forma terrestre do outro lado da lagoa, ouço um dos pescadores dizendo:

— De onde é que veio isso?

Corro até a praia e então mergulho enquanto me transformo ao mesmo tempo. Em seguida, batendo minhas nadadeiras com toda a minha força — porque assim que essa névoa se dissipar, eles com certeza vão olhar para a lagoa e talvez vejam os contornos de um rapaz lá no fundo —, nado até o barco dos pescadores. São os trinta segundos mais longos da minha vida.

Espiando por cima da proa, eu os vejo em meio à névoa cada vez mais fina, começando a ir em direção à lagoa. Bato minha nadadeira contra a água, fazendo um baque alto o bastante para ser ouvido do outro lado da ilha. E dá certo. Os dois homens — turistas ridículos com bermudas largas e camisas floridas gritantes (e a Courtney acha que *eu* tenho mau gosto?) — se viram na direção do barulho. Me afasto um pouco do barco antes de mergulhar de volta, jogando minha barbatana para fora d'água antes de afundar. Assim que chego ao fundo, fico paralisada. Ouço a voz de um dos homens abafada pela água.

— Você viu aquele ali?

— Minha nossa! — vibra o outro. — Esse deve até valer um recorde!

Nado um pouco mais para longe e bato a nadadeira na água de novo. Eles percebem, e então os ouço ligando o motor do barco.

Está dando certo!

Enquanto o barco vem na minha direção, começo a nadar rápido, encaixando mais alguns mergulhos no trajeto para continuar o espetáculo. Em seguida, quando me dou por contente e eles já estão longe o bastante da ilha, nado até o fundo e os vejo passando direto para o outro lado.

Fico esperando alguns minutos, só para garantir que não vou atrair a atenção deles de novo, antes de voltar para a ilha. Nado até o outro lado, para ficar escondida atrás da grama e dos arbustos e o mais longe possível do barco dos pescadores.

Agora que a ameaça já passou, sinto os efeitos da descarga de adrenalina e fico imaginando tudo o que *poderia* ter acontecido.

Quando chego à praia, minhas pernas estão tremendo tanto que mal consigo ficar de pé. Na margem da lagoa, eu mais caio do que mergulho na água.

Sinto o Quince me abraçando antes mesmo de me transformar por completo.

— Você está bem? — pergunta ele. — Eles não viram você?

— Não — consigo dizer, ainda ofegante de tanto pânico. — Deu tudo certo. — Como se não estivesse contente em ouvir minha resposta, o Quince me solta e me analisa de cima a baixo. Só para garantir que não estou com nenhum anzol preso na minha barbatana ou coisa assim. — Eu consegui! — comemoro, ainda eletrizada pela mistura de emoção e medo. — Eu...

Sinto a boca do Quince na minha de repente.

Ele me pega pela cintura, e eu o pego pelo pescoço. É pelo medo, eu sei que é pelo medo. E pela ligação. E pela adrenalina. Aquela resposta emocional de “nossa, cheguei pertinho da morte e estou muito, muito, *muito* feliz por ainda estar viva”. Um turbilhão de ansiedade, alívio e alegria rodopia entre nós até eu já não saber mais se todas aquelas emoções são minhas ou dele. Eu *não podia* estar beijando o Quince agora.

A intensidade urgente de seu beijo me diz que ele está sentindo a mesma coisa.

Mas antes que meu corpo possa se acalmar, outra sombra desponta sobre nós. E para.

Meu coração quase explode no peito.

— Ora, ora, ora — diz a voz do papai lá do alto. — Acho que o Desafio acabou.

Ah, não! Eu me solto e encaro o Quince com os olhos arregalados. A boca dele está inchada e vermelha como a minha também deve estar. Nem adianta torcer para que o papai não tenha visto o que acabou de acontecer porque as

evidências ainda estão bem claras. Só consigo pensar: “*ah, não!*”.

— Papai... — digo, me afastando o máximo que posso do Quince. — Achei que você só fosse vir de tarde.

Ele me olha com uma expressão indecifrável.

— Mas agora *é* de tarde.

— Ah... — solto eu.

O papai olha para o Quince, que nem tem a decência de parecer envergonhado. Na verdade, ele só endireita as costas e diz:

— Minhas desculpas, senhor. Sua alteza.

Eles trocam um olhar todo presunçoso de cumplicidade masculina, e fico com vontade de jogar uma concha gigante na cabeça dele. Na cabeça dos dois, aliás.

— Foi só um erro — tento explicar. — É que apareceu um barco com pescadores aqui, e nós ficamos presos na lagoa, aí fiz um nevoeiro, bem como você me ensinou, despistei os caras e depois voltei correndo e fiquei com as pernas tremendo, mas aí o Quince estava aqui... — Disparo um olhar fulminante para ele, achando que de algum jeito a culpa é dele. Respiro fundo e consigo controlar a minha ensandecida torrente verborrágica. — Nossas emoções só ficaram mais intensas pelo medo de sermos pegos. Foi só o pânico. — Os dois me olham com expressões vazias idênticas. — Foi só isso.

É claro que eu não beijaria o Quince de propósito por nenhum outro motivo.

Não é?

Esse último pensamento deve ter ficado claro como o dia no meu rosto porque o Quince abaixa a cabeça e então nada rumo à superfície. Eu não deveria ficar mal — só disse a verdade —, mas parte de mim quer sair nadando atrás dele para pedir desculpa. Fico péssima ao ver que ele se magoou.

— Lily — diz o papai, descendo até mim.

Desvio os olhos da superfície e me viro para ele. Como um bote salva-vidas murcho, sinto toda a minha ansiedade e adrenalina se esvaindo.

— Foi só um erro, papai — explico, agora com calma. — Só um erro.

Não foi?

— Foi? — pergunta o papai, repetindo minha própria pergunta. Mas em vez de usar seu tom imponente e autoritário, ele só parece estar tão confuso quanto eu. — Será que foi mesmo tudo um erro, Lily? Tudo isso?

— É claro — digo. Mas meu protesto sai só como um sussurro.

— No começo, até achei que sim... — O papai balança a cabeça com uma incerteza que não tem nada a ver com ele. — Mas agora, depois deste final de semana... e do outro...

— Não mudou nada, papai — digo, nadando mais para perto e implorando com os olhos. — Eu prometo.

— Eu sei. Mas ainda tenho a impressão de que você não está vendo as coisas com a devida clareza. É que eu vejo todos os sinais... — E então, como se tivesse acabado de pensar na coisa mais engraçada do mundo, ele dá risada e me puxa com carinho para um abraço. — Ah, como eu queria que sua mãe estivesse aqui — diz ele. — Ela tinha muito mais experiência com esse tipo de assunto.

Por mais que minha reação seja insistir que a mamãe também acharia essa ligação uma coisa ridícula, uma partezinha de mim se recusa a falar por ela. Eu nunca nem a conheci. Como vou saber o que ela diria?

— Deixe-me conversar alguns minutos com o Quince — diz o papai. — Ele também deveria ter o direito de opinar sobre esse assunto.

Enquanto o papai sobe à superfície para pedir a opinião do Quince — que ótimo, agora estou me sentindo culpada por nunca ter levado isso em consideração —, flutuo até a parede da lagoa. Posso até imaginar como está sendo a conversa. O papai vai perguntar o que o Quince quer fazer, e ele vai dizer que tem uma ridícula paixão inabalável por mim, e o papai vai achar que nós fomos feitos um para o outro. Mas vai saber... talvez eu esteja me superestimando. Talvez nem o Quince queira ficar preso a uma sereia de qualquer jeito. Talvez ele não queira ser condenado a passar o resto da vida sempre sob a forma que eu estiver manifestando — que logo será apenas marinha —, porque é isso o que acontece quando a ligação é formalizada.

Será que eu cheguei a comentar sobre esse pequeno problema com ele? Não, porque nunca achei que isso seria importante. Nunca imaginei que a ideia de oficializar nossa ligação pudesse ser levada minimamente a sério. Bom, então nós precisamos conversar agora para que ele saiba do que precisaria abrir mão para ficar comigo.

Empolgada, nado até a superfície. Enquanto salto para fora da água, me transformando no meio do ar e torcendo para trazer o Quince para o meu lado, ouço o papai dizendo:

— Uma semana, meu jovem. Você tem uma semana para tentar fazê-la mudar de ideia.

— Não! — grito eu, enquanto caio na areia com os dois pés e corro até eles. — Não! Nós temos que contar para o

Quince a coisa da forma física, que se a ligação não for rompida, ele vai ter que estar sempre sob a mesma forma que eu, e que assim que eu assumir meu lugar na corte, quase não vou mais usar minha forma terrestre...

— Eu sei.

— O quê? — digo eu, me virando para o Quince. — Você sabe do quê?

— Das regras — diz ele, encolhendo os ombros. — Que vou ter que ficar preso no mar junto com você na maior parte do tempo.

Viu? “Preso.” Ele não quer ser um tritão.

— Então por que não acabamos logo com isso? — esbravejo, empurrando-o pelos ombros com toda a minha força. — Você é maluco?

Ele olha para mim com uma intensidade inabalável.

— Provavelmente.

— Papai, você precisa explicar para ele...

— Uma semana — diz papai. — Vocês podem esperar mais uma semana. Quero que vocês tenham certeza absoluta do que querem. Depois desse tempo, vocês me darão sua decisão final, com a qual me comprometo a concordar. — Mas ele não parece estar lá muito contente com isso. — Caso vocês decidam se separar, realizarei a cerimônia na primeira noite de lua nova, na semana que vem. Esse será o momento perfeito para uma separação mais precisa, só para garantir.

Em seguida, enquanto estou ali, boquiaberta e sem conseguir entender como isso pode estar acontecendo — de novo! —, papai me dá um abraço, beija minha cabeça e então desaparece mar adentro.

Meu espanto leva um bom tempo até se transformar em raiva. Na mais pura fúria. Contra o Quince.

— Você! — urro eu. — Eu... isto... nós... — Quando percebo que não vou conseguir dizer nada, não tenho outra escolha a não ser gritar: — *Aaargh!*

Isso não pode estar acontecendo.

Não troco nem uma palavra com o Quince durante a viagem de volta até Maresia. Nem no caminho até nossa rua. Nem quando o deixo em frente à sua garagem.

Mas quando me segue até minha cozinha, todos os pensamentos, palavras e acusações que estavam borbulhando dentro de mim finalmente explodem.

— O que você disse para ele? — esbravejo.

— Lily...

— Você disse que era gamado por mim, não disse? — acuso. — Que passou os últimos três anos apaixonado em segredo por mim e agora não conseguiria mais viver sem mim?

— Olha, isso não é justo...

— Lily — diz tia Rachel do andar de cima. — É você, querida?

— Sim! — grito para o alto. Em seguida, me viro para o Quince: — O que você disse?

Ele parece estar enfurecido, parado em frente à geladeira, com os músculos do rosto tensos, as mãos fechadas ao lado do corpo e os bíceps pulsando de raiva. Eu quase dou risada. É a primeira vez na vida que o vejo bravo assim de verdade. Isso me deixa até um pouco excitada.

— Eu só disse a verdade — diz ele.

— E qual é a verdade? — retruco, cruzando os braços. — Acho que eu já nem sei mais!

— Eu expliquei para ele... — diz o Quince, vindo até mim — ... que você não me suporta.

Por que isso me dá uma pontadinha no peito? Talvez seja porque não é totalmente verdade. E por não ser totalmente justo. Mas não estou preparada para admitir nada disso.

Santa cavalinha, como a ligação é uma coisa confusa e complicada.

— E daí? — cutuco.

— E que eu...

— Como foi sua viagem? — A tia Rachel entra na cozinha, logo atrás da Prithi, que se aninha aos meus pés. — Deu tudo certo com a separação?

Quase solto um grunhido de frustração. Não porque o Quince estava prestes a me dizer pela primeira vez como realmente se sente, porque eu não ligo para isso, lembra? Mas só porque... bom, porque sim.

— Na verdade não deu em *nada*.

— Não entendi — diz ela, puxando uma das cadeiras da mesa da cozinha para se sentar. — Vocês não iam desfazer a ligação?

— É uma longa história, tia Rachel. — Longa demais para eu explicar agora. Sinto uma dor de cabeça martelar minha testa de repente, bem entre os olhos. Aperto a ponta do nariz, na esperança de que uma massagem faça a dor passar. A Prithi ronrona entre os meus calcanhares, como se estivesse tentando ajudar. — Não tenho mais energia para falar disso hoje.

Mas não que o Quince consiga se tocar.

— Lily, eu...

— Vou tomar um banho — digo. — E é melhor que você já tenha ido embora quando eu sair.

Nem espero para ver se ele ficou magoado, triste, irritado ou bravo. Eu estou sentindo todas essas coisas, então é justo que ele também esteja. Pelo menos um belo banho com sais de limão vai acalmar um pouco do meu *grrrr*.

Quando a água já está quase pronta, com uma deliciosa espuma branca amontoada na borda da banheira, a tia Rachel bate na porta.

— Tudo bem com você, minha querida? — pergunta ela com aquela voz maternal que só usa quando está muito preocupada comigo.

Sempre fico me perguntando se minha mãe usaria essa mesma voz.

— Tudo, tia Rachel. — Eu me sento na borda da banheira e me inclino para passar a mão pela água, deixando sua energia tranquila impregnar minha pele. — Foi só... uma semana difícil.

Ouçó a porta ranger, e então a Prithi entra correndo antes da tia Rachel enfiar a cabeça pela abertura. Enquanto a Prithi passa sua linguinha áspera pelos meus dedos dos pés, a tia Rachel entra e se encosta no batente da porta.

— Você quer conversar? — pergunta ela.

— Não — digo, mas então acabo continuando: — Só estou muito confusa. Sei lá, eu sou apaixonada pelo Brody... desde sempre, quase há tanto tempo quanto odeio o Quince. E eu sempre achei que aquele baiacu me odiava também. Mas agora parece que ele não me odeia e talvez até... — tento não engasgar com as palavras — ... esteja *apaixonado* por mim. Nunca daria certo, tenho certeza. Mas ele não quer aceitar isso. Ele convenceu o papai a esperar mais uma semana, mas ele já estava meio indeciso mesmo, porque quer que eu descubra o que realmente quero. — Como se eu já não soubesse. — E agora estou presa com o Quince até o *próximo final* de semana, justo agora que só faltam cinco semanas para o meu aniversário. Eu só tenho mais cinco semanas para fazer o Brody se apaixonar por mim e aceitar a ligação, ou vou perder meu direito ao trono para sempre.

Pronto. Conteí tudo. *Tudo*.

Respiro fundo e solto o ar, sentindo minha ansiedade sair junto com meu fôlego pesado. De alguma forma, por mais que eu não tenha feito nada além de desabafar, fico me sentindo um milhão de vezes melhor. Como se eu tivesse acabado de passar metade do meu fardo para a tia Rachel. Só espero que ela não fique chateada.

Ela sorri enquanto coloca as mãos na cintura, com sua saia comprida das cores do arco-íris descendo quase até o chão como um bolo enfeitado.

— Parece que você já sabe o que fazer então.

— Sei, sim — insisto eu. — Quero só aguentar esta semana, fazer a separação e me ligar ao Brody o quanto antes — parece tão simples. Três passos fáceis. — E nunca mais ter que falar com o Quince de novo.

— É isso mesmo o que você quer?

— É claro — respondo eu, sem hesitar.

Mas então, me bate uma dúvida. Começo a me lembrar dos momentos nesses últimos dias em que o Quince foi quase suportável (tudo bem, mais do que suportável). De quando ele foi gentil, prestativo, atencioso e até divertido. De quando ele não parecia estar querendo só infernizar minha vida. De quando ele agiu quase como um amigo de verdade.

Mas esses momentos foram poucos. E agora já é tarde demais.

— Então tudo bem — diz tia Rachel, saindo e falando com uma voz como se estivesse me mimando. — Espero que você consiga o que quer.

Eu também, penso, enquanto ela vai embora e me deixa sozinha. Eu também.

— *Miau!* — diz a Prithi.

Pelo menos ela concorda comigo.

Tiro a roupa rapidamente e mergulho na banheira. Quando já estou quase terminando minha transformação, o telefone toca.

— Eu atendo! — grito. — Deve ser a Shannen.

Eu disse a ela que voltaria para casa domingo à noite, então ela deve estar me ligando para saber como foi minha visita à casa do meu pai. E claro, ela acha que ele mora em Fort Lauderdale.

— Oi, Shan — digo, encaixando o telefone no meu pescoço. — Eu estava para...

— Não é a Shannen.

Ai, meu Deus!

Aimeudeus.

Aimeudeusaimeudeusaimeudeus.

Meu coração dispara a uma velocidade que nem sais de banho de limão poderiam acalmar.

— Brody?

— Oi, Lily — diz ele, com aquela deliciosa voz suave que eu não ouvia desde sexta-feira. — Você tem um minutinho?

Para você, tenho minha vida inteira.

É óbvio que eu não digo isso. Eu nem chego a *pensar* em dizer isso. Mas é o que eu sinto.

— Claro — digo, tentando parecer tranquila, como se isso fosse possível para mim. — Do que você precisa?

Porque *eu* estou precisando de um calmante.

— Eu estava com uma dúvida na lição de casa de trigonometria — diz ele, soltando uma risadinha nervosa... justo o Brody? Nervoso? — Mas na verdade... — continua ele — ... era só uma desculpa esfarrapada para te ligar. Eu só

queria conversar com você.

Só por um milagre — e por estar segurando com todas as minhas forças — não deixo o fone cair na água. Minha primeira reação é pensar, “*Por quê?* Por que, depois de todos esses anos, ele está me ligando agora assim de repente?”. Mas eu logo deixo as minhas dúvidas de lado. Quem sou eu para questionar minha sorte — ainda mais depois da semana que eu tive? Ainda mais agora que o Quince não está por perto para estragar tudo?

Calma, Lily. Só porque ele quer conversar com você, não quer dizer que ele quer *conversar* com você. Fique calma.

— Ah... — digo, enrolando minha cauda como se não fosse nada. — Sobre o quê?

Depois de hesitar um pouco, ele diz:

— Sobre o baile da semana passada. Sobre você ter me convidado e eu ter... dito não.

— Ah... — Não estou em condições de dizer mais nada além dessa sílaba no momento.

— Eu só queria dizer que... — *bip-bip* — ... eu me arrependo. De ter dito não, digo.

Bip-bip.

— *Hm...* — digo eu com muito esforço. — Você pode esperar um segundo? Estou com outra ligação na linha.

Bip-bip.

— Claro.

Passo para a outra ligação, grata pelo tempo para organizar minhas ideias e sabendo que a Shannen irá ajudar a ficar mais calma e pensar no que dizer nesta situação.

— Oi, Shan — digo. — Você não imagina quem...

— Não é a Shannen.

Filho de um peixe-espada! Por que isso está acontecendo comigo? Sabe, sempre que estou quase conseguindo algum avanço com o Brody — *sempre!* —, ele tem que meter aquele narigão de motoqueiro onde não é chamado! Bom, enfim, você entendeu o que eu quis dizer.

— Que foi? — esbravejo. — Não posso falar com você agora. Estou com...

— Eu só queria pedir desculpa — me interrompe ele. — Sinto muito pelo rumo que as coisas tomaram.

— Tudo bem — digo, ansiosa para desligar. — Você está desculpado. Tchau.

— Espera! — É o desespero na voz dele o que me impede de voltar para a ligação do Brody. Ele espera o suficiente para ter certeza de que ainda estou ouvindo antes de dizer: — Eu queria que as coisas não tivessem acabado assim. Queria ter feito tudo certo. Desde o começo.

Solto um suspiro e me afundo, encostada na borda da banheira.

— Eu também. — E então, por não estar totalmente caída pelo seu lado charmoso, completo: — Mas agora já é meio tarde para isso.

— Eu sei.

— Olha, estou com o Brody na outra linha. — Esse barulho é o Quince rangendo os dentes? — A gente conversa melhor amanhã, tá?

— Tudo bem — diz ele, com um ar resignado, mas então complementa: — Sabe, Lily, eu só não acho que ele seja bom o bastante para você.

— E você é? — rebato.

— Não — diz ele. — Não sou.

Em seguida, ele desliga. Por que eu nunca posso dar a última palavra? Bom, tanto faz. Isso não importa também. Estou com o Brody — meu *verdadeiro* futuro — me esperando na outra linha. Não estou nem aí para o que um moleque terrestre metido a motoqueiro da jaqueta de couro tem a dizer sobre a situação.

Volto para a outra linha.

— Oi, Brody — digo. — Desculpa ter demorado, eu...

Um decepçionante tom de discagem interrompe meu pedido de desculpa.

Bato o fone de volta na base, me perguntando, mais uma vez, como o Quince consegue estragar tudo na minha vida.

Segunda-feira, na aula de trigonometria, o sr. Kingsley nos divide em duplas para estudar tangentes. Por uma grande obra do destino ou da sorte, ou das duas coisas, acabo caindo com o Brody.

O Quince fica com a Tiffany (vulgo: amiguinha da Courtney).

Finalmente vou ter uma aula toda sem interrupções — a não ser por um ou outro comentário ou sermão do sr. Kingsley — para ficar pertinho do Brody.

— Desculpa por...

— Desculpa, eu tive que...

Nós dois rimos por termos falado ao mesmo tempo.

Ele sorri e diz:

— Fala você primeiro.

— Só queria pedir desculpa por ter deixado você esperando tanto tempo no telefone ontem à noite. — Olho para o culpado pela interrupção, que, mesmo debruçado sobre o livro com a Tiffany e pelo menos parecendo atento ao texto, está de algum jeito me observando sem olhar para mim. Ele está lendo sobre tangentes, mas sei que no fundo está concentrado em mim. Isso graças à ligação. — Foi difícil me livrar da pessoa na outra linha.

— Ah, que engraçado — diz o Brody, inclinando-se mais para perto sobre nossas carteiras agrupadas. Sinto o braço direito dele encostando no meu. — Eu ia pedir desculpa por ter desligado. Precisei ir ajudar meu pai com a louça, senão ele ia me deixar um mês de castigo.

Forço uma risada, mas no fundo só consigo pensar em como os pelinhos encaracolados do antebraço dele estão fazendo cócegas na minha pele. Esse é o nosso maior momento de intimidade até hoje, com certeza. Um calor inunda meu corpo, irradiando a partir do meu coração. Sinto minhas bochechas ficando quentes e...

Ergo a cabeça e vejo os olhos ardentes do Quince fixos em mim.

É bem a cara dele. É *bem* a cara dele querer estragar este momento só *olhando* para mim.

Mas tudo bem. Eu posso jogar sujo também.

— Então, Brody... — digo, chegando mais perto, fazendo de tudo para que o Quince me veja pondo os dedos no pulso do Brody. — Sobre o que mais você queria conversar comigo ontem?

Tenho que me esforçar para conter minha alegria quando vejo todos os músculos do Quince ficando tensos, um por um. Primeiro os da mandíbula, depois dos ombros e então dos braços. Fico me sentindo muito poderosa por ver que posso provocar nele tanto... ciúme.

Hah! Passei todo esse tempo usando o Quince para deixar o Brody com ciúme, e parece que estou deixando o Quince com ciúme por tabela também. É um bônus.

— Eu só queria perguntar uma coisa — diz o Brody.

— Pode perguntar agora.

Ele me olha com seus lindos olhos castanho-dourados e pergunta:

— Você está ficando mesmo com o Fletcher?

— Nós... — minha boca trava. Não quero falar sobre o Quince *agora*. Não agora que eu e o Brody *finalmente* estamos tendo um momento juntos. Então, em vez de complicar as coisas ainda mais, eu simplesmente digo: — Não, não estamos.

Chega dessa palhaçada. Já cansei de fazer esse papel de namorada de mentirinha.

O Brody se inclina para trás — se afastando de mim — e sorri.

— Legal. — Ele coloca os braços atrás da cabeça. — Porque você não deveria estar perdendo seu tempo com aquele fracassado mesmo.

Olho de relance para o fracassado em questão, fingindo com todo afinco que está prestando atenção no livro. E bota fingindo nisso.

Não sei bem por que, mas o comentário do Brody me irrita. O Quince pode ser várias coisas — um baiacu, um motoqueiro, grosso, chato, arrogante —, mas não é um fracassado. Só porque ele não é um âncora da equipe de jornalismo ou um astro do time de natação, isso não quer dizer que ele valha menos do que qualquer outra pessoa.

Espera aí. Por que eu estou defendendo o Quince? (Ainda que só na minha própria cabeça.)

— É melhor gente começar — digo, pegando meu livro e abrindo na página que o professor pediu. — Já perdemos metade da aula.

Enquanto começamos a perder a outra metade correndo para terminar todos os problemas do livro, não consigo me concentrar na matéria — como sempre —, e fico só pensando no Brody. Mas não são pensamentos de paixão platônica realizada. Na verdade, fico me perguntando por que ele de repente está mostrando tanto interesse em mim. Por que justo agora? Será que me ver com o Quince o levou a perceber que gostava de mim? Ou será que isso não tem nada a ver comigo? Quando por fim o sinal bate, o Brody se levanta apressado, dizendo que me vê depois da escola, nas filmagens para a equipe de jornalismo.

Ainda estou fechando minha mochila quando sinto a presença *dele* ao meu lado.

Finjo que ele não está ali.

— Você e o seu *parceiro* terminaram todos os exercícios? — pergunta ele. Essa pergunta é simples, mas seu tom de voz, não.

— Sim — digo, colocando a mochila no ombro enquanto me levanto. O Quince está bem ao lado da minha

carteira, então acabamos ficando cara a cara — ou então, como ele é bem maior do que eu, cara a peito.

— Dá licença — insisto, junto com um empurrão.

— O que foi? — pergunta ele, meio em tom de brincadeira. — Problemas no paraíso?

— Não — rebato. — Está tudo perfeito.

Eu o empurro com mais força, finalmente o tirando do meu caminho. Mas antes que eu possa chegar à porta, ele entra na minha frente, bloqueando a passagem.

Em vez de gastar minha saliva, só faço uma cara feia.

— Você é uma boba, sabia? — diz ele, com um ar todo superior e prepotente. — Você não faz o tipo dele.

— Ah, é? — Tento parecer sarcástica, mas ele pisou forte em um calo meu. Como se eu não tivesse passado esses últimos três anos encanando com isso. — Então por que ele me ligou ontem à noite? Por que ele está prestando atenção em mim e me paquerando?

Por mais que eu só quisesse jogar isso na cara do Quince, outra parte de mim (mais cética) também queria alguma resposta para as minhas dúvidas sobre o repentino interesse do Brody.

— Porque... — diz o Quince, se inclinando para frente até eu dar um passo atrás — ... ele é um moleque mimado que não gosta de ver outras pessoas mexendo nos brinquedos dele.

— Brinquedos? — esbravejo. Nunca quis tanto dar um tapa em alguém na minha vida. — Como você tem a cara de pau de me dizer isso? Eu não sou um brinquedo dele!

— Isso é o que você pensa — bufa o Quince. — E agora que eu estou em campo, ele se viu na obrigação de entrar no jogo só para não perder você para mim.

— Me perder para... — Sinto meu frágil controle se esvaindo e fecho meus punhos para conter a onda de fúria. Acho que vou precisar de um banho bem demorado hoje à noite para acalmar toda essa raiva. — Você acha que isso tem a ver com você? Nunca achei que você fosse tão egocêntrico. Você só está com ciúme.

Ele não nega minha acusação, só fica calado e me encara com uma expressão questionadora. Em seguida, quando eu quase já não estou mais aguentando, ele diz:

— Ele nunca vai aceitar quem você é. Não depois que você contar toda a verdade para ele.

— Não é verdade — insisto, falando baixo para que ninguém me escute. — Ele vai me aceitar, sim. Ele vai adorar saber que o meu lugar é na água, como o dele.

— Meu Deus! — berra o Quince. — Como você se ilude! Ele é só um babaca superficial de cabeça pequena e metido a garotão popular do colégio! Ele vai ver você como uma aberração, não como um tesouro.

Sinto cada uma dessas palavras depreciativas como um tapa na cara.

— Não é verdade — repito, rangendo os dentes, tanto para mim quanto para o Quince. — Ele é muito mais maduro do que você imagina. Assim que eu contar para ele, nós vamos...

— O que você está esperando então?

— Quê? — pergunto, confusa com a interrupção.

— Por que você ainda não contou? — Ele dá um passo atrás, finalmente abrindo um pouco de espaço para eu respirar, e enfia as mãos nos bolsos da calça. — Se você é tão apaixonada assim por ele há três anos, por que nunca contou nada para ele?

— Porque eu...

— Porque você mesma sabe a verdade — diz ele, sem me deixar terminar de novo. — Você nunca contou nada para ele, sobre sua história ou sobre o seu amor, porque no fundo do seu coração, você sabe que isso acabaria com toda a sua fantasia.

Ele me dá as costas e sai andando, indo para o corredor, mas a raiva borbulhando dentro de mim por ter ouvido essa asneira que ele disse explode.

— Você vai ver! Vou contar toda a verdade e ele vai se apaixonar por mim, e vou me ligar a ele antes que o papai consiga terminar a última frase do nosso ritual de separação!

Ele não para, nem olha para trás, apenas ergue a mão sobre o ombro e diz:

— Só acredito vendo.

Aaargh! Como esse menino me dá ódio! Vou mostrar para ele. Vou contar tudo para o Brody e ele vai achar meu segredo a coisa mais legal do mundo e depois confessar que no fundo sempre foi apaixonado por mim também. Vou me separar do Quince e me preparar para viver meu futuro. Com o Brody. Em Thalassínia.

Vou contar tudo para ele. Depois do campeonato municipal de natação na quinta à noite.

O que poderia ser mais perfeito do que isso?

A semana que na minha cabeça iria levar uma eternidade para passar — como na vez em que eu e a Peri ficamos sentadas em frente ao escritório do papai esperando nosso castigo por termos escapado para passar um dia em um parque de diversões em terra —, na verdade acaba voando mais rápido do que eu poderia imaginar. Antes que eu perceba, já estou sentada nas arquibancadas do ginásio aquático, com o livro de registros da equipe de natação aberto no meu colo, enquanto vejo o Brody disputando o campeonato municipal.

Ainda estou determinada a falar com ele, como a adrenalina que inunda minhas veias pode comprovar. Estou me sentindo com uma mistura de medo e empolgação e, para ser sincera, um mal-estar terrível. Mas agora seria a melhor hora para contar tudo e — não que eu vá admitir para *ele* — o Quince tem razão. Eu venho me esquivando de lutar pelo meu sonho há tempo demais.

— Você parece estar meio estressada — diz Shannen. — Está tudo bem?

Sem conseguir tirar os olhos da piscina, começo a dizer:

— Sim, eu só... — Mas alguma coisa me detém. Estou prestes a contar para o Brody toda a verdade, mas e quanto à Shannen? Ela é a minha melhor amiga humana. Não me parece muito certo contar para o Brody, mas não para ela. Se não posso nem confiar na minha melhor amiga, como vou falar sobre isso com o meu futuro par do mar?

Além do mais, vai ser bom para treinar.

Entrego o livro de registros para a assistente do primeiro ano e me levanto.

— A gente pode conversar lá fora um pouco?

A Shannen parece ficar confusa, mas encolhe os ombros e me segue. Nós saímos pela porta dos fundos — passando pelo Quince, que já está de cara fechada na última fileira das arquibancadas — e chegamos à escada que desce para o estacionamento. A noite está fria com a brisa que vem do mar assoviando pelas folhas das palmeiras sobre nós.

Respiro fundo para me preparar.

— Shannen, preciso contar uma coisa para você. — Desço até o estacionamento, cruzando bem os braços para não passar o tempo todo sem saber o que fazer com as mãos. A Shannen se acomoda no último degrau, e então me sento ao lado dela para poder falar mais baixo. — É uma coisa que eu nunca contei para mais ninguém — em seguida, me arrependo. — A não ser para o Quince.

Mas isso quase não conta, porque eu na verdade só não tive escolha.

— Tudo bem. — Ela parece estar um pouco desconfiada, como se eu talvez fosse uma pessoa aberta demais para ter algum segredo picante.

Mas mal sabe ela.

— Antes de vir para Maresia... — explico, apertando meus braços ainda mais em volta do meu corpo — ... eu não morava em Fort Lauderdale.

A tia Rachel e eu inventamos essa história quando me mudei para cá. Nós achamos que seria melhor usar algo o mais próximo possível da realidade — e não podíamos só dizer que meu pai já tinha morrido porque, bom, primeiro por que seria *errado*, mas também porque eu poderia comentar sem querer sobre as minhas visitas a ele ou alguma coisa assim, e aí ficaria muito difícil explicar.

— Ah... — diz ela, e então fica com uma expressão de espanto. — Você não é do interior, é?

Acabo soltando uma risada.

— Não, não sou do interior. — Respiro fundo, fecho meus olhos e então digo: — Sou de Thalassínia.

— Onde fica isso? — pergunta ela. — Fora do estado?

— Fica a uns setenta quilômetros ao leste daqui.

— Ao leste? — repete ela, confusa. Percebo pelo seu tom de voz que isso parece não fazer sentido. — Mas a única coisa que tem a setenta quilômetros ao leste de Maresia é o...

— O mar. — Pronta para enfrentar seu espanto, eu me viro para ela e digo: — Thalassínia é um reino marinho. Eu sou uma sereia.

Ela olha para o estacionamento, estreitando os olhos como se estivesse juntando as peças de um quebra-cabeça mental. A Shannen é muito esperta, então aposto que não deve estar sendo muito difícil para ela. Juntando os lábios com um ar pensativo, ela diz:

— Então você é uma sereia?

— Aham.

Em seguida, ela vira seus olhos castanhos para mim, me olhando de cima a baixo, como se pudesse nunca ter reparado que eu tinha escamas, guelras ou coisa assim.

— Bom, faz sentido — por fim diz ela. — Você tem mesmo uma obsessão por coisas ligadas ao oceano. Mas fico surpresa por você gostar tanto de sushi. Achei que as sereias fossem amigas dos peixes.

— Só nos desenhos animados — digo, dando risada. Só a Shannen mesmo para tentar ser racional ao descobrir que sou uma criatura mítica.

Ela fica em silêncio, olhando para a calçada. É nessa hora que começo a me preocupar. E se ela estiver pirando? E se ela achar que eu sou uma aberração da natureza e nunca mais quiser falar comigo de novo? Talvez eu tenha acabado de perder a minha melhor amiga humana só por contar a ela a verdade sobre mim. E se a Shannen, que tem sido como uma irmã para mim durante esses três anos, não consegue aceitar esse fato, como será que o Brody vai reagir? E se o Quince tiver razão, e o Brody nunca...

— Você não confia em mim — por fim diz ela, parando minha enlouquecida bola de neve mental.

— É claro que confio — insisto. — Confio, sim! É por isso que estou te contando isso.

— Mas você não contou antes — rebate ela. — Só hoje. — Ela me olha com uma expressão ofendida que me dá vontade de chorar. — Por quê? Por que você não me contou? E por que está me contando agora?

— Eu queria ter contado, Shan — insisto. — Juro que queria. Mas nós temos que tomar cuidado com essas coisas. As leis são absurdamente rígidas. Nós já tivemos alguns incidentes, no século dezoito, quando o mar era infestado de piratas. Nosso mundo quase virou manchete de jornal naquela época. — Pego a mão da Shannen e a aperto para tentar confortá-la. — Eu confio em você, mas a segurança do meu reino vem em primeiro lugar.

— Então por que você está me contando isso agora? — pergunta ela.

— Porque... eu precisava contar para você antes de... — O medo volta a dar um nó na minha garganta, mas engulo tudo. Por que depois de três anos esperando por esta noite, eu agora estou tão cheia de dúvidas e medos? — Antes de contar para o Brody.

— Você vai contar para ele? — pergunta ela, surpresa. — Hoje?

Aceno a cabeça, esperando que ela solte um gritinho de empolgação. Orgulhosa por eu estar finalmente — *finalmente!* — tomando uma atitude.

Mas em vez disso, ela parece estar preocupada.

— Você tem certeza? — pergunta ela. — Você confia tanto nele assim? A ponto de pôr em jogo a segurança do seu reino?

Sinto todo o ar saindo dos meus pulmões. Ela acabou de dar voz a todas as dúvidas que eu estava tentando ignorar. Eu confio nele? Parte de mim, a parte que está apaixonada por ele há três anos, está gritando, “Sim!”. Mas o resto de mim, a parte que tem noção de que tudo isso aconteceu de longe e com pouquíssimos momentos de experiência pessoal, sussurra baixinho, “Não”.

E não é como se eu pudesse voltar atrás depois de falar com ele — pelo menos não sem um desagradável ritual para apagar as memórias dele.

— Talvez — digo, admitindo minha confusão. — Talvez você esteja certa. Não posso deixar que o Quince me force a fazer uma besteira. Isso é mais importante do que provar que ele está errado. Não vou contar para o Brody que sou uma sereia, mas vou dizer *sim* o quanto eu o amo.

Mas... nem isso me parece certo. Não é certo chamar o que eu sinto pelo Brody de amor. Isso seria muito...

— Como assim, Lily?! Você é uma sereia?

Ah, não! Sinto meus olhos se arregalando ao ouvir a voz do Brody. Eu não escutei a porta se abrindo atrás de nós — eu estava concentrada demais na Shannen e nas perguntas dela.

— Ai meu Deus... — murmura ela tão baixo que mal consigo ouvir. Olho para ela com uma expressão de pânico, implorando por ajuda, mas tudo o que ela consegue fazer é me olhar com uma cara espantada de compaixão. — Bom... — diz ela, se levantando. — Acho que vou deixar vocês dois a sós um pouco.

Me levanto com um pulo ao lado dela, torcendo para que ela fique.

— Vou estar lá dentro se você precisar de mim — sussurra ela chegando mais para perto de mim, e então sobe

correndo a escada e some entre as portas de metal cinzento.

Meu estômago é atacado por um maremoto. É neste instante, neste momento de mais puro pânico, que percebo o quanto eu estava errada sobre o Brody. O quanto — o Quince tinha razão — eu vinha me iludindo. Eu passei todo esse tempo vivendo em um mundo de fantasias, onde o Brody ficava a salvo longe da realidade. Só na minha imaginação ele era o menino perfeito para mim. Se essa fantasia fosse real, eu não estaria absolutamente apavorada como estou agora.

— Brody, eu...

— Essa é a coisa mais legal do mundo! — exclama ele, olhando para o meu corpo enquanto desce até mim. Seus olhos se demoram nos meus peitos. — Você usa biquínis de casca de coco?

Minha primeira reação é de repulsa. Enfim, claro, *algumas* sereias até usam alguns biquínis minúsculos de conchinhas — *cof*, Dosinia, *cof* —, mas não é uma coisa lá de muito bom gosto. Meu segundo sentimento é uma enorme decepção. Ele me ouviu dizendo que o amava — ou pelo menos que eu acreditava nisso —, e obviamente não deu a mínima. Ele não se importa *comigo*.

E agora ele sabe o segredo do meu reino.

Preciso dar um jeito nele (mas calma, não ao estilo da máfia — lembre-se, os marinhos são um povo pacífico). E se eu conseguir resolver isso sem recorrer a um ritual para apagar a memória dele, melhor ainda. Porque sério, a última coisa da qual eu preciso agora é ficar uma semana inteira com uma enxaqueca de matar.

Deixando o medo, a vergonha e a humilhação de lado, começo a dar risada, tentando fingir que foi tudo uma brincadeira.

— Você achou que era sério? — pergunto, rindo como se fosse a coisa mais engraçada do mundo. — Era só brincadeira. Eu estava só zoando a Shannen.

No começo, o Brody fica confuso, como se não soubesse direito como poderia ter entendido errado a situação. Em seguida, ele balança a cabeça e sorri.

— Sei, sei... — diz ele, cruzando os braços. — Você nunca zoaria sua melhor amiga assim, Lily. Você é boazinha demais.

É incrível o quanto a sua vida pode mudar em um só instante. Até uma hora atrás, eu teria feito qualquer coisa para estar assim com o Brody, perto o bastante para sentir seu calor, com ele prestando atenção só em mim e finalmente sabendo de todos os meus segredos. Mas agora? Nunca me senti tão apavorada — por mim, pelo meu reino — na vida. Nem quando tive que levar aqueles pescadores para longe do Quince.

O Quince! De repente, me lembro daquele momento na praia quando eu lhe contei a verdade, quando ele jogou a cabeça para trás e caiu na gargalhada. Eu não senti medo, nem vergonha, só um pouco de alívio por finalmente estar contando para *alguma pessoa* o meu segredo. Quem imaginaria duas semanas atrás que eu iria me arrepender de contar tudo para o Brody, mas não para o Quince?

Meu subconsciente devia saber que ele merecia confiança esse tempo todo.

Como se eu tivesse o invocado com um encantamento, a porta no alto da escada se abre e o Quince aparece no meio do batente com sua fiel jaqueta de couro.

Eu praticamente amoleço de tanto alívio... até sentir a fúria borbulhando em seu sangue. Ele sentiu meu medo e agora está pronto para me proteger. Custe o que custar.

Isso não vai acabar bem.

— Algum problema? — pergunta ele com firmeza, sem sair do lugar. Mesmo sem o Quince nem se mexer, o Brody dá um passo atrás. — Você está incomodando a minha namorada, Bennet?

— Sua namorada? — repete o Brody. — Não foi isso o que ela disse.

— Eu menti. Eu estou com ele — confesso, desesperada para não deixar que essa situação vire um tsunami contra mim. Em seguida, olho para o Quince e digo: — E ele está comigo.

Mesmo nunca tendo pensado desse jeito, assim que digo isso, percebo que é a verdade. Esse sentimento vem crescendo e borbulhando dentro de mim desde a primeira noite que ele me beijou.

Talvez até antes.

— Ele sabe que você é metade peixe? — pergunta o Brody para mim. E então se vira para o Quince e diz: — Você sabia que sua namorada é uma...

Antes que ele consiga terminar, o Quince o acerta bem no queixo. Não sei como ele desceu a escada tão depressa — só Deus sabe o quanto o Quince é um cara meio devagar —, mas num piscar de olhos, ele já tinha saído da porta lá no alto e estava jogando o Brody contra o chão.

Uma luz forte ilumina a cena. Pneus cantam contra o asfalto. O carro da Shannen para em frente à briga, e a porta do passageiro se abre com tudo.

— Venha, Lily! — grita ela. — Vamos embora daqui.

Olho para o Quince, que está forçando o Brody contra o chão, completamente indefeso sob seus joelhos. O Quince olha para mim e acena a cabeça:

— Vá para casa. — Ele bate a cabeça do Brody contra o concreto. — Eu passo lá depois.

Fico tentada a acenar a cabeça e pedir para que o Quince dê uma bela surra no Brody só para que eu não precise lidar com as consequências da minha revelação acidental. Mas se tem uma coisa que aprendi com todo esse fiasco da minha ligação com o Quince, foi que preciso começar assumir o controle da minha vida. Já vou fazer dezoito anos, eu sou quase uma adulta, tanto no meu mundo, quanto neste. Não posso deixar que os outros resolvam meus problemas para mim.

— Não! — grito eu, pulando em cima do Quince. — Isso não vai melhorar nada!

O Quince me deixa tirá-lo de cima do Brody.

— Olha, eu pelo menos estou me sentindo bem melhor, viu?

— Eu sei. — Porque estou sentindo a descarga de satisfação que ele teve quando acertou o soco na cara do Brody.

— Mas a não ser que você esteja pensando em matar o Brody...

— Eu bem que poderia.

— É claro que não — digo, soltando os ombros dele.

— Ele não devia ter ficado sabendo — diz o Quince.

O Brody, que está sentado no chão, gemendo enquanto limpa um fio de sangue no canto da boca, resmunga:

— Droga, Fletcher. O que deu em você?

O Quince o ignora.

— Não podemos confiar nele para guardar seu segredo.

Sinto um aperto no coração quando ele diz “*seu segredo*”, como se não fosse nosso agora.

Mas não tenho tempo para explorar esse sentimento agora.

— Eu sei — repito. — Mas dar uma surra nele não vai resolver isso. — E mesmo sabendo o quanto ele odeia se sentir impotente, sou forçada a dizer: — Você não pode fazer nada para que ele se esqueça do que eu disse.

O Quince ajeita sua jaqueta de volta. Em seguida, como se finalmente tivesse entendido as minhas palavras, ele me pergunta:

— Mas você pode?

Quando aceno a cabeça, ele fecha a cara com uma expressão preocupada.

Sinto um impulso para confortá-lo e digo:

— Mas eu nunca faria isso com você — explico. — Eu não preciso.

Porque eu confio em você.

Nem preciso ler seus pensamentos para saber que ele entendeu o que eu quis dizer.

— Mas você precisa ir embora primeiro — digo. Já vai ser difícil explicar tudo isso sem a mão ensanguentada do Quince do meu lado para levantar mais perguntas. — Eu vou ficar bem.

Ele acena a cabeça, deixa o Brody para trás e passa pelo carro ainda ligado da Shannen, indo até onde sua moto está estacionada ao lado da parede do ginásio aquático. Segundos depois, ouço o ronco do seu motor, um som que está se tornando um dos meus favoritos.

— Brody — eu começo a dizer assim que o barulho da moto se perde ao longe. — Nós precisamos conversar...

— Acho que ele deslocou minha mandíbula — diz Brody, mexendo o queixo de um lado para o outro. — O maquiador vai ter trabalho comigo antes das filmagens na semana que vem.

— Nós precisamos conversar. — Eu me abaixo de frente para ele, tentando não me irritar com o quanto ele é superficial. Acho que essa é outra coisa sobre a qual o Quince tinha razão. Mais uma para a lista. — Primeiro, vamos sair do chão.

Ele resmunga, mas me estende o braço, me pedindo ajuda para levantar.

Assim que ele fica de pé — passando a mão sem parar no canto da boca, como se estivesse fascinado pela sensação de estar com o lábio sangrando —, coloco minhas mãos em seus ombros.

— Brody — digo com firmeza. — Olhe para mim.

Eu nunca fiz esse ritual de esquecimento antes — nunca precisei. Mas todo ser marinho no oceano precisa aprender a realizá-lo, só como garantia caso algo assim aconteça. O primeiro passo é olhar nos olhos da outra pessoa, criando e depois mantendo uma conexão visual.

Quando os olhos castanho-dourados do Brody se fixam nos meus, atraídos pelo brilho hipnótico da minha magia, respiro fundo e recito as palavras do feitiço dentro da minha cabeça.

*O que foi visto agora será esquecido,
Desse segredo, você não irá se lembrar.
São memórias de um mundo proibido,
Que novas lembranças tomem seu lugar.*

Assim que termino a última frase mental, o Brody pisca várias vezes e balança a cabeça. Seu rosto é tomado por uma expressão confusa, como se ele estivesse totalmente perdido.

Quase fico me sentindo mal por ver justo o Brody, o menino que sempre me pareceu tão à vontade em qualquer situação, agora totalmente desorientado... por minha causa. Bom, também não é como se eu tivesse alguma outra escolha. Eu não podia deixar que ele fosse embora sabendo o meu segredo. Não tenho ideia do que ele poderia fazer com essa informação. Até onde eu sei, meu reino e eu poderíamos acabar virando uma matéria especial na próxima edição do jornal do colégio.

— Lily?

Respirando fundo, começo a inventar uma história para explicar a situação.

— Você está bem, Brody? — pergunto, fingindo estar preocupada. — Você caiu muito feio da escada.

Ele olha para a escada por cima do meu ombro, tentando juntar as peças do quebra-cabeça. Tentando preencher as lacunas em suas memórias.

— Eu cáí?

— Sim — diz Shannen, descendo do carro e vindo me ajudar... como adoro essa menina! — Você veio perguntar alguma coisa sobre a sua próxima prova para a Lily e...

— ... tropeçou e caiu de cara na calçada — termino eu.

Enquanto Brody balança a cabeça, eu e a Shannen trocamos um olhar. Ela parece estar muito orgulhosa de si mesma... e de mim. Eu também estou muito orgulhosa de mim.

— Vamos voltar lá para dentro — sugiro, chegando mais perto e pondo o braço em volta da cintura dele para ajudá-lo. — O treinador vai saber o que fazer.

— Ah... tudo bem — murmura o Brody. — Claro, ele vai me ajudar.

Enquanto subo a escada com o Brody, olho por cima do meu ombro e digo para a Shannen:

— Eu já volto.

Já estou começando a sentir uma dor de cabeça bem em cima do meu olho esquerdo. Se eu continuar aqui até o final do torneio, vou passar uma semana inteira de cama. Não, vou só deixar o Brody com o treinador e depois voltar para casa para tomar uma dose dupla de aspirina e tirar uma longa soneca no meu quarto escuro.

O Quince vai ter que esperar até amanhã.

A enxaqueca ainda estava terrível na manhã seguinte, então não fui à escola. Mas lá pela tarde, ela já tinha virado só uma dorzinha de cabeça, e como vamos voltar hoje à noite para Thalassínia, estou sentada em frente de casa, esperando o Quince, quando ouço o ronco da moto dele chegando.

Deixo de lado os pensamentos melancólicos que me acompanharam o dia todo e me esforço para abrir um sorriso contente. Enquanto ele para a moto entre as nossas casas, acho que finalmente consigo encenar uma cara de felicidade.

Mas o Quince claramente não se deixa enganar.

— Você não foi à escola — diz ele, subindo a escadinha da varanda para se sentar ao meu lado. — Tudo bem com você?

— Claro — digo, fingindo que é verdade.

Ele vira seus olhos brilhantes para mim.

— É sério, Lily. Está tudo bem com você?

A sinceridade dele derruba minha fachada. Não estou nada bem, o que eu quero é gritar. Não estou bem porque estou triste e confusa e não sei mais o que fazer.

Mas isso é só a emoção falando — ou pensando. A realidade é mais complicada.

— Estou decepcionada comigo mesma — digo, por fim. — Desperdicei todos esses anos apaixonada pelo Brody... e era só uma fantasia. Bem como você falou.

— Bom, você tinha que perceber isso sozinha. — Ele coloca o braço sobre meu ombro e me abraça de lado. E por mais que ele seja a maior causa de confusão na minha vida neste momento, eu não tento impedir. Pelo menos ele não está dizendo, “eu bem que avisei”.

Na verdade, eu mesma digo isso.

— Você bem que me avisou — admito. — Você disse que a minha imagem do Brody não era real, e você tinha razão. Eu só estava cega demais para perceber isso.

Ele ri um pouco.

— Você estava cega demais para perceber várias coisas, princesa.

É gostoso quando ele me chama de princesa — em vez de *nobre princesa* ou, pior ainda, Lily. Um parece muito sarcástico, e o outro, íntimo demais. Mas esse apelidinho irônico me conforta.

Abaixo a cabeça, olhando para o lado, e vejo sua mão esquerda — com os nós dos dedos cobertos de cascas de ferida — apoiada no degrau. Meu santo tubarão, como eu fui me esquecer da briga? Acho que estava concentrada demais nos meus próprios problemas.

— Você quebrou alguma coisa?

Ele me olha com uma cara confusa, e quando aponto para sua mão ferida, ele franze a testa.

— Não. Talvez aquele idiota precise de umas compressas de gelo, mas nada muito sério.

Não consigo me segurar e dou risada pelo Quince ter achado que eu estava perguntando do Brody. Me inclino sobre seu corpo e pego sua mão para ver melhor. Enquanto passo os dedos pelas partes machucadas, com cuidado para não causar mais dor, digo:

— Estou perguntando de você, seu baiacu. Dos seus ossos.

Sinto a mão dele tremendo um pouco na minha. De alguma forma, isso me abala mais do que qualquer outra coisa. Para mim, lidar com a perda da minha fantasia do Brody é muito mais fácil do que enfrentar o Quince trêmulo na vida real.

— Não — murmura ele. — Eu bati fraco. — Em seguida, com seu bom humor de sempre, ele complementa: — O diretor Brown já me vê como se eu fosse um marginal. Não quero reforçar essas ideias nele.

Ergo a cabeça, pronta para discutir, quando reparo em um pequeno volume sob sua camiseta cinza. Pondo os dedos bem no meio do peito dele, fico surpresa, mas nem tanto, ao sentir um objeto na forma de uma bolacha-do-mar. Meus olhos continuam sua jornada até o rosto dele.

— Você está com ela.

Nós dois percebemos que isso não é uma pergunta, e que parecemos ter perdido a respiração. Os olhos dele são inundados por um tsunami de emoções — medo, raiva, tristeza, confiança, amor. Amor. Fecho meus olhos quando reparo nessa última.

— Claro, sempre estou — sussurra ele.

Era o que eu temia.

A confusão volta a me invadir, jogando todos os meus outros pensamentos para fora. Eu me afasto, olhando para as minhas mãos espremidas no meu colo. Não estou pronta para isso, não estou pronta para ele. Não pode ser.

— Quince, eu...

— Eu entendo, Lily — diz ele, usando meu nome para dar mais peso às palavras. — Entendo mesmo. Você passou por muita coisa nessas últimas duas semanas. Sei que você vai precisar de um tempo para assimilar tudo.

Sinto como se isso devesse me deixar aliviada, mas não deixa. Mesmo assim, eu digo:

— Obrigada.

— Mas... — diz ele, voltando a usar sua voz forte e imponente — ... isso não muda o que eu sinto por você. O que eu sempre senti. Eu gosto de você, Lily. Eu...

— Pare! — Não posso ouvir o que ele vai dizer. Minha cabeça já está bagunçada o bastante sem os sentimentos dele para complicar ainda mais. Mas quando imagino a tristeza em seus olhos... olhos que não tenho como encarar agora... complemento: — Desculpa.

— Tudo bem — insiste ele. — Eu nem preciso dizer nada. Você já sabe mesmo.

Sim, eu sei. E isso só deixa tudo um milhão de vezes pior.

— Vamos voltar para Thalassínia, então? — pergunto, sentindo a necessidade de fazer alguma coisa para me livrar dessa confusão, dessa angústia no meu peito.

Quando finalmente me viro para o Quince, vejo que ele está me olhando. Seus sentimentos estão muito bem mascarados, então não consigo imaginar o que ele vai fazer até que por fim diz:

— Claro. Só preciso ir avisar minha mãe que vou sair.

Enquanto o vejo atravessando o jardim entre as nossas casas, fico pensando que deveria estar mais aliviada. Todo o caos criado por essa ligação, essa bagunça de feitiços, emoções e expectativas da corte real, finalmente está chegando ao fim.

Com sorte, espero já ter decidido o que fazer quando chegarmos a Thalassínia.

Chegando perto de Thalassínia, me bate o desespero. Ainda não tomei minha decisão, e preciso de mais tempo para pensar. Com todas as minhas emoções borbulhando agora, não é como se pensar fosse me ajudar muito, mas não custa tentar. Então faço uma coisa que nunca fiz antes. Levo alguém para o meu lugar secreto.

Como falta cada vez menos para o verão, o mar ainda está inundado pela luz do sol, enquanto nadamos até meu retiro sagrado. Meu refúgio pessoal.

O Quince parece sentir a importância deste lugar, porque não diz nada, apenas olha para os lados, admirando a vasta gama de cores, texturas e contrastes que se espalha pelo meu lugarzinho. Em seguida, como se já soubesse como passo meu tempo aqui, ele se vira de costas na água e fica olhando com um ar pensativo para o céu. Para o mundo acima da superfície.

O mundo ao qual ele pertence. E eu não.

Flutuo até o lado dele, pensando nisso. Essa é uma coisa na qual eu sempre acreditei, mesmo depois de descobrir que minha mãe era humana e eu tinha parte da família em terra firme. Eu sou uma princesa de Thalassínia, e meu lugar é no fundo do oceano. Abaixo da superfície.

Um barquinho pesqueiro passa lá no alto, com seu casco vermelho brilhante reluzindo como uma placa de “PARE” com a luz refletida no recife aqui embaixo. Sinto o Quince ficar tenso, talvez se lembrando do nosso último encontro com um barco desses, mas coloco a mão em seu braço para confortá-lo.

— Está tudo bem — digo. — Muitos barcos pesqueiros passam por esta rota entre Bimini e Nassau. Mas eles nunca param para pescar aqui.

— Ah... — diz ele, com um tom cheio de ironia. Como se estivesse se sentindo bobo por ter se preocupado.

— Mas é sempre bom ficar atento — digo, em maior parte só para deixá-lo melhor. — Nunca se sabe quando a maré pode mudar.

Ficamos boiando em silêncio, vendo o barco vermelho sumir de vista e um amarelo aparecer logo em seguida, depois um turquesa, outro magenta e um verde bem, bem reluzente. É um desfile com as cores do arco-íris.

— O mar é tão colorido — diz ele, com a voz cheia de admiração. — Fico me sentindo até meio deslocado aqui com esta minha calça cinza.

Algo nesse comentário dá um nó no meu coração, mas ignoro esse sentimento sinistro.

— Os seus olhos... — digo, imaginando-os. — Eles são da cor do mar. Eles sempre me lembraram de casa.

Esses olhos são as únicas partes do Quince que parecem pertencer ao oceano. Todo o resto — desde o loiro acastanhado de seus cabelos até seus impressionantes músculos e calos ásperos conquistados com horas e horas de trabalho em sua moto e na madeireira — grita por terra. Ele — eu começo a ficar nervosa, piscando sem parar — foi feito para viver em terra firme.

— O que foi? — pergunta ele, como se tivesse lido meus pensamentos.

— Nada — insisto. — É só que...

Ele flutua mais para cima, para poder ver meu rosto.

— Seus olhos... — diz ele com um tom de espanto. — Eles estão brilhando. Reluzindo como se fossem pintados com diamantes bem pequeninhos.

Ah, não. Bom, não tenho como enxugar lágrimas que não existem, então mudo de assunto.

— Este é o meu lugar secreto. — Eu me forço a parar de piscar tanto. — O meu lugar favorito de Thalassínia. De todo o oceano.

Ele faz uma cara feia por um instante, como se não estivesse engolindo minha distração, mas pelo visto decide deixar passar. Virando-se de volta para o alto, ele diz:

— Dá para ver por quê. É lindo aqui.

Em seguida, não sei por que, sem nem pensar nas palavras antes que elas saiam da minha boca, eu digo:

— Nunca mostrei este lugar para ninguém antes.

Ele fica paralisado, olhando para a superfície.

— Ninguém? — Balanço a cabeça, por mais que ele não possa me ver. — Mas... — percebo seu deleite antes mesmo que ele termine de falar — ... mas que honra.

É um momento de uma doçura tão dolorosa que quase não tenho coragem de cortá-lo. Como eu queria poder só ficar aqui, neste mundo entre mundos, sem obrigações reais, motos ou memórias ruins. Mas não posso. Tudo isso precisa acabar.

— Que bom que você gostou — digo baixinho. — Porque depois de hoje à noite, você nunca mais vai poder voltar aqui.

E com isso, selo nossos destinos. Minha decisão está tomada.

Apesar dos meus sentimentos confusos pelo Quince — não que eu possa confiar nas minhas emoções agora — e dos sentimentos cada vez mais fortes que ele claramente tem por mim, decidi ir até o fim com a separação. Acho que não tenho outra escolha.

— Pense no que você está fazendo, Lily — implora o Quince.

Estamos sentados em frente ao escritório do papai, esperando que sua equipe se prepare para o ritual. O papai ficou chateado quando anunciei minha decisão, mas não discutiu. Talvez ele tenha percebido que seria impossível me fazer mudar de ideia.

O Quince, por outro lado, ainda acha que pode me convencer.

— Você sabe o quanto eu gosto de você — diz ele. — E acho que você está começando a sentir o mesmo por mim.

— Isso não importa — insisto.

— É claro que importa. — Ele dá um soco no banco de pedra-pomes polida, e provavelmente fica frustrado ao perceber que a água amortece sua força. — Lily, eu amo você.

— Não...

— Eu sei que você não quer ouvir isso, mas eu quero falar. — Ele nada todo desengonçado até a minha frente, pondo as mãos nos meus ombros, como se eu pudesse perceber o quanto estou sendo boba só de olhar para ele.

Mas olhar nos olhos do Quince só reforça minha decisão. Porque eles estão cheios de uma certeza que não sei se algum dia eu vou ter.

Até ontem, eu estava pirando a barbatana pelo Brody, e veja só no que isso deu. Eu tinha me iludido, confundido uma paixonite com amor verdadeiro. Eu estava pronta para passar o resto da minha vida com um menino que eu mal conhecia.

Como vou saber se esse turbilhão de sentimentos que tenho pelo Quince é mais verdadeiro? Ou menos fantasioso? Eles podem ser reais. Mas também podem ser só sintomas da ligação, ou uma reação ao que aconteceu com o Brody, ou só o resultado de todo esse tempo que passamos juntos.

E mesmo que eles *sejam* reais e verdadeiros, como eu posso permitir que ele sacrifique tudo o que conhece no mundo — seus amigos, sua família, sua moto, seu futuro — para passar o resto da vida comigo no oceano?

— Lily, você não pode simplesmente jogar isso...

— Eu preciso — interrompo. — Nós precisamos fazer isso. Seja racional, Quince. Se nós não nos separarmos, no começo do próximo ciclo lunar, a ligação será completada e você se tornará um marinho. Sua forma terrestre, suas pernas, tudo em você vai depender de mim para sempre.

— Eu sei disso. Sua prima me explicou todo o esquema. — Ele revira os olhos com desdém. — Provavelmente achando que isso iria me assustar.

— Você nunca mais poderia andar em terra firme sem mim.

— E daí?

— Quando eu assumir o trono, vou ter que passar quase o tempo todo em Thalassínia — explico, tentando fazer com que ele entenda. — Pense nisso. Pense em como seria ficar preso no oceano pela maior parte da sua vida. Sem poder andar com a sua moto quando você quisesse. Sem poder correr, dançar, subir numa...

— Eu não danço. — Ele ainda não está entendendo. — Lily, passei três anos sonhando com você. Não quero perder esta chance. Ainda mais agora que vi como as coisas podem ser entre nós.

Aaargh! Como ele é teimoso.

— Mas e a sua mãe? — pergunto. — Quem iria ao mercado para ela, ou levaria o lixo para fora, ou consertaria aquele carro velho quando ela estivesse atrasada para o trabalho? — Ele faz todas essas coisas, sei disso. Acho que andei sim prestando atenção nele no final das contas também.

A ideia de abandonar a própria mãe finalmente faz com que ele pare para pensar. Ótimo! Ele só precisa se lembrar de mais coisas assim. Mas em seguida, ele balança a cabeça.

— A gente pode resolver isso depois. Estou disposto a fazer todos esses sacrifícios. Por que você não entende isso?

— Você pode até estar — grito, extravasando minhas emoções. — Mas eu não.

— Olha...

Eu preciso dizer alguma coisa para que ele entenda isso. A verdade não vai funcionar.

Não posso dizer que tenho medo de que ele sacrifique toda a sua vida para ficar comigo... e depois se arrependa. Se eu disser isso, ele pode perceber que meus sentimentos por ele estão ficando mais fortes e vai usar isso para embasar seu argumento. Se o Quince descobrir que eu sequer estou *desconfiada* de que posso estar me apaixonando por ele — e se eu estiver errada como estava com o Brody? —, nunca mais vai desistir de mim.

E não posso deixar que isso aconteça.

Somos de dois mundos diferentes. O lugar dele é em terra firme. O meu é no mar.

Então, digo a única coisa que poderia fazê-lo desistir:

— Eu não estou a fim de passar o resto da minha vida com você. — Encolho os ombros para me livrar das mãos dele e cruzo os braços. — Não quero você por aqui.

Vejo a tristeza em seus olhos por um instante antes de ele se fechar. Seus olhos, seu rosto todo, ficam vazios.

Ele não diz nada, só flutua um pouco para longe.

A porta do escritório do papai se abre e o Manguezal nada para fora.

— Sua alteza está pronta para começar.

O Quince entra com ele no escritório e me deixa sozinha no corredor. Aproveito esse tempo para me acalmar, respirando fundo e lutando contra a vontade de chorar. É o que precisa ser feito.

E o motivo pelo qual eu preciso fazer isso é o mesmo que torna tudo tão, tão mais difícil.

— Certeza, então? — pergunta o papai.

A pergunta supostamente é para nós dois, mas o Quince não responde. Todos nós sabemos que o papai na verdade só está perguntando para mim. Só aceno a cabeça, sem confiar na minha voz. Pelo olhar triste no rosto do papai, percebo que meus olhos devem estar brilhando. Não tenho mais como segurar.

O papai chama seus guardas, e eles se posicionam um de cada lado do Quince.

— Então, com o poder investido em mim pelo grande deus dos mares, Poseidon... — diz ele, segurando seu tridente com a mão direita — ... declaro esta ligação... irrevogavelmente rompida.

Sinto uma faísca elétrica arrepiar minha pele. É como se todas as minhas emoções estivessem sendo drenadas do meu corpo de uma só vez.

O Agulhão, à esquerda do Quince, o pega pelo braço e diz:

— Respire fundo, filho.

Ele obedece — seu último fôlego de água —, e o Agulhão e o Craca saem nadando pela janela aberta atrás da mesa do papai, arrastando o corpo apenas humano do Quince. Assim que eles somem, disparo até a janela, me inclino para fora e fico olhando, com um vazio no peito, enquanto eles levam o Quince às pressas até a superfície.

Como a decisão certa pode estar me parecendo, assim de repente, tão errada?

— Ainda não é tarde demais — diz o papai. — Enquanto ele não chegar à superfície, posso chamá-lo de volta.

— Não — sussurro, com a garganta fechada. Não seria justo. Não vou deixar as minhas emoções egoístas, e pouco confiáveis, roubarem o futuro do Quince.

— Você é muito forte, filha — diz ele, me puxando para um abraço.

Com a cabeça encostada no ombro do papai, não me sinto tão forte. Na verdade, me sinto o mais longe disso possível.

Me sinto uma covarde.

Próximo! — diz o papai para o Manguezal.

O secretário real sai em busca das próximas pessoas interessadas em ter uma audiência com o rei. E — o papai estica o braço e pega minha mão — com a princesa.

— Estou muito feliz por você ter decidido voltar para casa — diz ele pela milionésima vez desde que voltei em definitivo para Thalassínia no começo da semana. — Nem sei dizer o quanto senti sua falta.

Forço um sorriso e tento ignorar a parte de mim que não queria ter dado adeus à tia Rachel no final de semana. Passei só algumas horas em terra firme após a separação, até perceber claramente que eu não tinha mais como continuar lá. Ficar tão perto do Quince, sentindo um oceano inteiro nos separando, seria doloroso demais depois de tudo pelo que nós passamos. Foi há só quatro dias, mas parece que já faz uma eternidade.

Antes que eu precise dizer qualquer coisa para o papai, o Manguezal anuncia os nomes dos próximos visitantes — dois latifundiários marinhos que estão tendo uma disputa sobre a demarcação de suas propriedades.

Entro no piloto automático.

Eu já devia ter imaginado que não conseguiria voltar a Maresia depois da separação.

Por mais que eu sinta falta da tia Rachel e da Shannen, havia pressão demais sobre mim por lá. Sentimentos demais. Tristeza demais. Era demais... simplesmente demais.

Além disso, meu lugar é no oceano, no trono, então por que perder tempo em terra firme? Eu só estava adiando o resto da minha vida. Preciso ficar aqui em Thalassínia, conhecer um par do mar adequado — e não humano — até o meu aniversário que é daqui a três semanas e me preparar para o meu futuro como rainha.

É o meu dever.

— Muito bem, senhores — diz o papai. — Espero não ouvir mais nada sobre essas disputas mesquinhas por mais nenhum centímetro do leito marinho. Entendido?

Os dois acenam a cabeça com vigor e saem nadando do salão real.

O papai é tão bom nisso. Sei que ele tem praticamente uma vida inteira de experiência, mas por algum motivo, acho que nunca vou ser uma governante tão forte. E para piorar tudo, por mais que eu esteja no trono da rainha — o trono da minha mãe — e olhando para o requintado salão real, eu só consigo pensar na terra firme. Tudo em Thalassínia me lembra de alguma coisa em terra firme. Do Quince.

Eu estava esperando neste salão, bem aqui no trono da mamãe, quando o Quince voltou do passeio com a Dosinia. Quando eles chegaram, de mãos dadas e rindo, fiquei tão irritada que poderia ter estrangulado aqueles dois. Acho que todo mundo, menos eu, percebeu que foi por ciúme.

Sinto as lágrimas se formando nos cantos dos meus olhos. Preciso sair daqui antes que eu comece a brilhar. O papai acha que eu estou adorando estar aqui, em casa, ao seu lado. Não quero decepcioná-lo. Não quero que ele saiba que só estou tentando me esquecer de tudo.

Mas não está dando certo. É como se a ligação ainda estivesse me prendendo ao Quince.

— Posso me retirar um pouco? — pergunto, com mais pompa do que o comum por causa do ambiente. Piscando sem parar na esperança de conter o brilho, nem espero que o papai me dê sua permissão. Assim que o vejo começando a acenar a cabeça, disparo rumo à porta.

Sem nenhum rumo específico, atravesso o corredor e saio nadando pelas portas do palácio. Quando cruzo o jardim, me lembro do Quince tentando andar de maremóvel — sem muito sucesso. Ele estava com uma cara empolgada como a de um garotinho abrindo os presentes na manhã de Natal. Na minha memória, ele se vira para mim com seus lindos olhos azuis e sorri.

Meus olhos provavelmente devem estar brilhando mais do que o Sol agora.

Evitando o portão do palácio — e os olhares desconfiados dos guardas —, nado até a parede lateral, passando sobre ela e chegando à relativa privacidade do espaço fora dos limites do palácio.

Por que a escolha certa está se mostrando tão difícil? Depois de rompida a ligação, deixando o Quince livre para viver sua vida em terra firme, eu deveria ter conseguido voltar ao normal — ou pelo menos algo perto disso. Será que a separação não funcionou? Talvez nosso laço mágico ainda não tenha sido rompido por completo e é por isso que não consigo parar de pensar nele. Não consigo parar de sentir a presença do Quince, e sua ausência também.

Antes que eu perceba para onde estou indo, me vejo batendo na porta da casa da Peri.

A mãe dela atende, olha para mim e me puxa para um abraço.

— Minha pobre menina.

— Desculpa... *sniff*... sra. Caramujo... *sniff*... eu não sabia mais para onde ir.

— Não se preocupe — diz ela, passando as mãos nas minhas costas. Virando a cabeça para o andar de cima, ela grita: — Peri! A Lily está aqui!

Ainda estou chorando no ombro da sra. Caramujo quando a Peri desce flutuando.

— Oi, Lily, eu...

Nem imagino o quanto eu devo estar um caco. Com os olhos brilhando, cheios de lágrimas, abraçada em desespero à mãe dela e fungando feito um alevim doente. Como prova do meu estado deprimente, nem fico envergonhada pela minha desconsolada crise de choro.

— Ah, Lily — diz ela, chegando mais perto e colocando a mão nas minhas costas para me acalmar também. — O que aconteceu?

Olho para ela, me sentindo péssima, desesperada e muito, muito triste.

— É a ligação — choro eu. — O papai não a rompeu direito.

Só pode ser isso, não é? Deve ser por isso que não consigo tirar o Quince da minha cabeça, mesmo depois de dias já separados. Deve ser por isso que ainda sinto parte dele no meu coração.

— Não, Lily... — diz a Peri com todo carinho. — Não é a ligação.

— *Sniff*... foi o que o Quince falou.

— Mamãe, você pode fazer um pudim de alga-doce para a Lily? — E então, ela se vira para mim e diz: — Vamos conversar lá na sala.

A Peri me leva para a sala, enquanto a mãe dela nada até a cozinha. Pudim de alga-doce é o equivalente a chocolate no fundo do mar. Mas acho que nem uma montanha disso conseguiria fazer essa angústia passar.

Quando a mãe dela já está longe, a Peri me diz:

— Me diga que você não gosta dele.

— O quê? — Olho para ela, espantada. Que tipo de pergunta é essa? Bom, tudo bem, não é uma pergunta, mas é um pedido estranho.

— Lily. — Ela coloca a mão sobre a minha. — Eu conheço você há mais tempo do que quase qualquer um. — Aceno a cabeça e dou uma fungada. Nós duas somos melhores amigas desde sempre mesmo. — Então isso quer dizer que eu conheço você melhor do que qualquer um. — O que deve ser verdade também. — Então, lembre-se disso e me escute bem quando digo que nunca vi você tão perturbada em toda sua vida.

— Isso é só porque ele gostava de mexer comigo — digo, defensiva. Mas sei que é um argumento fraco.

A Peri revira os olhos.

— Olha, você não é uma sereia de muita iniciativa — diz ela. — Você abaixa a cabeça para as pessoas mais do que devia e em geral não faz nada a não ser deixar seus problemas crescerem. Você sempre segue pelo caminho mais seguro. Sei lá, você não passou três anos pirando pelo tal do Brody sem nunca ter feito nada?

— Eu estava... — Tento me defender, querendo explicar que eu estava esperando o momento certo, mas então me lembro de que isso não importa mais. O Brody era só uma fantasia.

— O Quince podia mexer com você — diz ela. — Mas quando ele está por perto, você... sei lá, você fica mais intensa. Você parte para cima dele em vez de fugir como faz com os outros. Você não abaixa a cabeça para ele.

Fico pensando nisso. É verdade mesmo, eu não engulo nenhum desaforo do Quince. Nunca. Se ele me ataca, eu ataco de volta.

Eu não sou assim com os outros. Não que eu seja uma mosca morta, mas só não vejo por que transformar nada em um grande conflito. Mas com o Quince, estou sempre pronta para a briga.

Sempre achei que isso fosse só um traço da minha personalidade que vinha à tona quando eu estava longe do efeito tranquilizante da água, mas talvez seja mais do que isso. Talvez seja o Quince que faz meu sangue ferver.

Mas será que isso é bom?

— O que você quer dizer, Peri? — Balanço a cabeça. — Que ele traz à tona o pior de mim?

Ela balança a cabeça devagar, sorrindo.

— Não, acho que ele traz à tona o seu *melhor*.

Qual é o meu melhor? Como assim? O que tem de tão bom em ser uma pessoa agressiva e confrontadora? Eu prefiro levar uma vida tranquila a bater de frente com as coisas. Eu faço de tudo para evitar qualquer tipo de conflito.

Mas talvez isso seja uma coisa ruim.

Penso no papai, conciliando sem hesitar os latifundiários marinhos com toda sua autoridade e a medida certa de força soberana para que eles repensassem se deveriam mesmo levar sua disputa mesquinha aos cuidados do rei. É isso o que faz dele um líder tão poderoso. Ele é confiante em suas decisões e sabe se impor.

Eu não sou assim com ninguém.

Ou melhor, com ninguém a não ser o Quince.

Só então me dou conta. A Peri tem razão até certo ponto. O Quince desperta em mim uma intensidade que me ajuda a enfrentá-lo. Com o Brody — antes de eu perceber que ele era só uma fantasia minha —, eu vivia com medo de dizer alguma coisa errada, alguma coisa que o fizesse rir de mim ou me ridicularizar. Com o Quince, eu nunca senti esse medo.

Com o Quince, eu não me sinto inferior... me sinto de igual para igual.

Com o Quince, eu não preciso agir como se fosse outra pessoa a não ser eu mesma. Ele me deixa bem em ser quem eu sou. É por isso que ele é o par do mar perfeito para mim. Bom, por isso e pelo fato de que eu estou perdidamente apaixonada por ele.

— Peri, eu...

— Eu sei — diz ela, me empurrando com carinho. — Você tem que ir.

— A gente se vê — insisto.

— Sei, sei... — diz ela, enquanto eu disparo porta afora.

Estou ocupada demais pensando no que o papai vai dizer quando eu contar para ele que vou voltar para Maresia. Ele vai ficar tão decepcionado.

— Fiquei pensando mesmo em quanto tempo isso iria levar — diz o papai, olhando para um calendário em cima da mesa dele. — Eu tinha apostado dez estrelas-do-mar com o Manguéal que você acabaria desistindo em dois dias.

— Quê? — Eu estava esperando um ataque de fúria soberana, um ou dois murros na mesa. Talvez até um decreto real. Mas não uma aposta entre os membros da corte.

— Lily — diz ele, olhando para mim com todo o amor que sempre me mostrou. — Eu não sou cego. Eu sei o quanto você gosta daquele rapaz.

— Eu... — No começo, fico um pouco envergonhada em confessar tudo para o meu pai, mas então percebo que não há por que mentir. Ainda mais porque é justamente por isso que vim falar com ele. — Eu gosto mesmo, papai — admito. — Eu amo o Quince.

— É isso o que você nunca entendeu sobre a ligação — diz ele. — Ela não cria sentimentos que já não existam. Ela pode revelar emoções para as quais você ainda não estava pronta, mas não pode forçar ninguém a se apaixonar. Isso você fez sozinha.

— Por que você não disse me nada? — reclamo eu. — Você poderia ter evitado todo esse sofrimento para mim... para *nós dois*, aliás.

— E teria adiantado? — pergunta ele, sabiamente. — Você não estava pronta para ouvir a verdade, de mim ou do Quince. — Ele sorri. — Além do mais, eu queria que você mesma decidisse o que seria melhor. Para o seu amor e para a sua vida.

Minha vida. Pois é, minha vida com certeza vai mudar. Se eu voltar para o Quince, vou ter um futuro muito diferente daquele que sempre imaginei. Agora que a ligação foi desfeita, ele nunca mais poderá se tornar um marinho. E não é como se um terrestre pudesse simplesmente comprar um ingresso para Thalassínia. Ele não tem mais como viver no mar.

O que quer dizer que eu também não.

O que quer dizer que não vou poder continuar ao lado do papai na corte, nem me preparar para assumir o trono. Não é justo que Thalassínia tenha uma princesa ausente.

Para a minha surpresa, isso não me deixa tão triste quando eu imaginava. Na verdade, me sinto até meio... aliviada.

— Papai, eu... eu vou voltar para terra firme. E para ficar.

— Eu sei. — Ele balança a cabeça, abrindo um sorriso triste. — Só queria que você tivesse entendido isso antes da separação. — Em seguida, ele ri um pouco. — Mas eu sempre soube que seus sonhos eram muito maiores do que este palácio. Seu lugar na verdade nunca foi no oceano, não é?

— Talvez não — digo, por mais que seja estranho admitir. É engraçado ver como o lugar que você sempre considerou como sua casa talvez não seja aquele onde você vai passar seu futuro.

— Você sempre puxou mais a sua mãe — diz ele. — Ela tentou me convencer uma vez a me mudar para a terra firme, dizendo que nunca conseguiria se sentir em casa em um mundo onde podia sair boiando sozinha à noite.

— E você quis? — pergunto. — Se mudar, digo.

— É claro. Eu amava sua mãe mais do que tudo no mundo, até você nascer. — Essa é uma declaração tão linda que nado por cima da mesa e me abraço contra o peito dele. — Mas, quando nós nos conhecemos, seu avô já tinha falecido, e eu já estava no trono. — Ele me aperta mais forte. — Eu não podia abandonar meu reino.

Primeiro o dever, depois o coração. E eu estou prestes a fazer exatamente o contrário?

— Mas e eu? — pergunto. — Thalassínia vai perder sua herdeira se eu não me ligar a alguém até meu aniversário. E não é como se eu pudesse me ligar a outra pessoa, sabendo que amo o Quince.

— Primeiro de tudo... — diz o papai — ... ainda quero viver mais muitos anos, então Thalassínia terá bastante tempo para encontrar um novo sucessor, caso essa seja mesmo sua decisão final. Talvez nós possamos encontrar uma brecha na lei que exige que você esteja ligada a alguém antes de completar dezoito anos para assumir o trono.

Abro um sorriso. Sempre me incomodei com a ideia de assumir o trono só quando o papai morresse. Era como se eu fosse tirar a coroa dele, justo quando ele estivesse sendo tirado de mim. Mas nunca me permiti pensar no que faria se eu não fosse a princesa real. Talvez o destino tenha alguma outra coisa reservada para mim.

— E segundo... — continua ele, alheio aos meus pensamentos tristes, espero — ... nem sua mãe, nem eu *nunca* iríamos querer que seus deveres reais viessem antes de algo como o amor da sua vida. Nós queremos mais do que isso para você.

É por isso que ele sempre agiu mais como um pai do que um rei. O que mais uma princesa poderia pedir?

— Eu te amo, papai.

— Eu também te amo, filha. — Ele me aperta uma última vez antes de me soltar. — Mas agora vá logo atrás do Quince. Já estou cansado de ver esses seus olhinhos brilhando o tempo todo. E na próxima vez que vier me visitar, quero ver você mais feliz do que nunca.

Esse sim é um decreto real que vou ter todo o prazer em cumprir.

Quando o ronco da moto do Quince ecoa pela vizinhança, estou sentada na varanda da casa dele. A tia Rachel deve estar me espiando pela janela da sala — eu nunca a vi tão empolgada quando entrei pela porta da cozinha. Depois de doze minutos de sorrisos, abraços e lágrimas de alegria — e da Prithi lambendo meus dedos dos pés toda feliz —, contei para ela por que tinha decidido voltar. Ela então logo me empurrou para fora e me disse para ficar esperando o Quince voltar da escola.

Eu amo a tia Rachel, mas ela às vezes é meio mandona.

O Quince nem me vê quando chega com sua moto na entrada, indo para os fundos. Mas ao passar pela varanda, ele se vira e arregala os olhos para mim.

Mas ele não freia. Em um piscar de olhos, ele some de vista e escuto o barulho de uma moto se arrebrandando contra alguma coisa — provavelmente as duas latas de lixo que a Prithi vive revirando atrás de comida.

Levanto correndo, mas antes que eu consiga sair do lugar, o Quince já está ali — bem na minha frente — e tudo o que posso fazer é jogar meus braços em volta do seu pescoço e dar um beijo apaixonado nele.

O olhar intenso no rosto dele me espanta.

— Lily? — pergunta ele, como se não conseguisse acreditar. Faz só uma semana. Mas eu sei como ele se sente.

Meio envergonhada, agora que preciso falar alguma coisa, só aceno feito uma besta e digo:

— Oi!

Ah, perfeito, Lily. Perfeito.

— O que você...? — Ele balança a cabeça. — Achei que você fosse ficar lá. Sua tia me disse que...

— Eu voltei. — Não consigo tirar os olhos, nem as mãos, dele. Todo o vazio que eu vinha sentindo nesses últimos dias é inundado por ele. Pela sua força, seu carinho e pelos seus olhos azuis enormes da cor do Caribe que sempre me lembraram de casa. Assim como *ele* sempre vai fazer eu me sentir em casa. — Eu decidi voltar.

Mas em vez de alegre, ele parece estar... desconfiado.

— Por quê?

— *Por quê?* — repito.

— Por que você voltou? — Ele está totalmente defensivo. — O que fez você mudar de ideia?

Acho que finalmente chegou o momento. É a hora da verdade.

Literalmente.

Mas a verdade é uma coisa assustadora. Ainda mais quando ela deixa você tão vulnerável.

— Senti falta de usar *gloss* — brinco. Assim que digo isso, me arrependo. Agora não é hora de fazer piada. Além de ficar me sentindo mal, vejo o Quince desviar seus olhos já defensivos para o lado. Mas não vou deixar que ele escape. — Brincadeira — confesso. Ele faz uma careta, confuso. — Foi por você — admito, sentindo cada músculo do meu coração entrando em pânico com essa frase. — Eu voltei por sua causa.

— Ah, é? — pergunta ele, com sua expressão confusa se transformando em um sorriso que enrugou o canto de seus olhos.

Torcendo para não desmaiar antes de terminar a frase, eu digo:

— Eu te amo, Quince. Eu não queria ficar longe de você. Eu não ia conseguir.

— Uhuuu! — grita ele, me erguendo do chão para dar uma girada. — Eu sabia!

Antes que eu possa mostrar minha surpresa — é claro que ele *não* sabia! —, ele me põe no chão e pega meu rosto entre as mãos. Ele está vindo para me beijar quando então se afasta.

— Ei, eu não vou ativar nenhuma outra ligação mágica maluca, vou? — Mas depois, como se tivesse se dado conta do que disse, ele completa: — Não que eu tenha nada contra. Eu só quero ter certeza do que estou fazendo agora.

— Não — digo, tentando balançar a cabeça. — Chega disso. Você está imune à magia marinha agora.

— Tudo bem — diz ele, e então termina o que começou.

A boca dele é tão gostosa, quentinha e... perfeita. Sem estar escondida atrás do encanto da ligação — e com meus sentimentos totalmente expostos —, consigo perceber a verdadeira magia do nosso beijo. O Quince disse uma vez que o amor é a magia mais poderosa do mundo. Agora eu vejo que ele tinha razão.

Quando ele se afasta, seus olhos estão brilhando com todo o amor que eu sei que ele sente por mim. Meus olhos com certeza também devem estar brilhando, porque posso sentir as lágrimas de alegria escorrendo pelas minhas bochechas.

Passamos vários minutos só sorrindo um para o outro. Sei que devemos estar parecendo dois adolescentes idiotas apaixonados — para a tia Rachel ou qualquer outra pessoa que esteja vendo —, mas nós sabemos que não é assim. Não tem nada de idiota nisso.

— Agora que você voltou... — diz o Quince, pondo o braço em volta dos meus ombros e me levando até a garagem — ... vou ensinar você a andar na Princesa.

— Que Princesa?

— A minha moto.

Caio na gargalhada.

— Você chama sua moto de Princesa?

— O que tem? — brinca ele. — Eu chamo todas as minhas coisas favoritas de princesa.

Olho para a Princesa, caída de lado entre as duas latas e um monte de lixo, e faço uma careta.

— Você está maluco se acha que vou andar nessa coisa aí — digo.

— É mais seguro do que um marmóvel — rebate ele.

É um bom argumento.

— Tudo bem — digo, tentando ser diplomática. — Vou aprender a andar na Princesa com uma condição.

— Diga.

— Quero usar um capacete rosa.

Ele grunhe, como se fosse a maior imposição do mundo, mas por fim diz:

— Tudo bem, mas nada de fitinhas nas manoplas. Ela nunca aguentaria essa humilhação.

— Fechado — digo, apertando a mão dele antes de começarmos a tirar a moto do meio daquela bagunça.

Aposto que posso renegociar isso das fitinhas depois.

 Epílogo

Dosinia Sanderson entrou pela porta aberta do escritório do rei com seu coração disparado, mesmo sabendo que a guarda real já havia se retirado quando seu tio Náutilo encerrou o expediente algumas horas atrás.

Ainda assim, o perigo a eletrizava. Não era o medo de ser pega — ela estava disposta a enfrentar qualquer consequência imposta pelo rei —, mas a empolgação pelo que ela estava prestes a fazer. Ela já havia aprontado altas peripécias ao longo dos seus dezesseis anos, mas esta era de longe a mais ousada.

Como já tinha passado por ali mesmo a contragosto várias vezes antes, ela nem se deu ao trabalho de bisbilhotar nada. Os pergaminhos antigos e os mosaicos com retratos de seus ancestrais eram tão empolgantes — e tão úteis — quanto a areia do mar para ela. Em vez disso, ela foi direto ao que queria. Apoiado em um suporte atrás da mesa do rei, como uma hidra esperando que uma corrente marítima a levasse para uma nova casa, estava o tridente real. Ele parecia comum, inútil. Mas nas mãos de um marinho com descendência real, ele podia ter grandes poderes.

E Dosi por acaso era uma marinha de descendência real.

Ao fechar a mão em volta do cabo, ela sentiu um leve choque, uma descarga que percorreu seu pulso e seu antebraço. Era uma magia antiga. Finalmente, pensou enquanto nadava de volta por onde tinha entrado, ela se vingaria dos responsáveis pela morte de seus pais: os seres humanos.

Notas

[1] Formação geológica localizada nas Bahamas que forma uma estrutura quase reta, com blocos retangulares, que deu origem a teorias de que ela seria uma estrada da mítica cidade de Atlântida. (N.T.)

[2] Caverna rochosa revestida de cristais. (N.E.)

Para Sarah, por ter me levado com ela.



TERA LYNN CHILDS é uma espécie recém-descoberta de peixe-escritora que sempre sonhou em ser uma sereia, mas o mais perto que chegou disso foi disputar campeonatos de natação. Ela gosta de passar o máximo de tempo possível dentro d'água (até car com todas as pontas dos dedos enrugadas) na vã esperança de que algum dia suas pernas se transformem em nadadeiras com um passe de mágica. Quando está presa em terra firme, a Authora neo pode ser encontrada escrevendo em cafés por todas as partes dos Estados Unidos, procurando coisas bacanas de sereias no site Etsy e passando tempo demais na internet.

Veja a Authora neo em seu hábitat natural no site www.teralynnychilds.com.

© No fundo do amor, Tera Lynn Childs
Título original: Forgive My Fins
Tradução: Otávio Albuquerque
Fotos da capa © 2010 Leslie Ann O'Dell
Design da capa por Heidi North
1ª edição 2012

ISBN 978-85-16-07626-9

Reprodução proibida.

Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Todos os direitos reservados.

Editora Moderna Ltda.

Rua Padre Adelino, 758 - Belenzinho

São Paulo - SP - Brasil - CEP 03303-904

Atendimento: tel. (11) 2790 1258 e fax (11) 2790 1393

www.editoraid.com.br

DE ACORDO COM AS
NOVAS
NORMAS
ORTOGRAFICAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Childs, Tera Lynn
No fundo do amor [livro eletrônico] / Tera Lynn
Childs ; tradução de Otávio Albuquerque. --
São Paulo : Moderna, 2012.
1,1 Mb ; ePUB

Título original: Forgive my fins.
ISBN 978-85-16-07626-9

1. Ficção norte-americana I. Título.

12-07431

CDD-813

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813